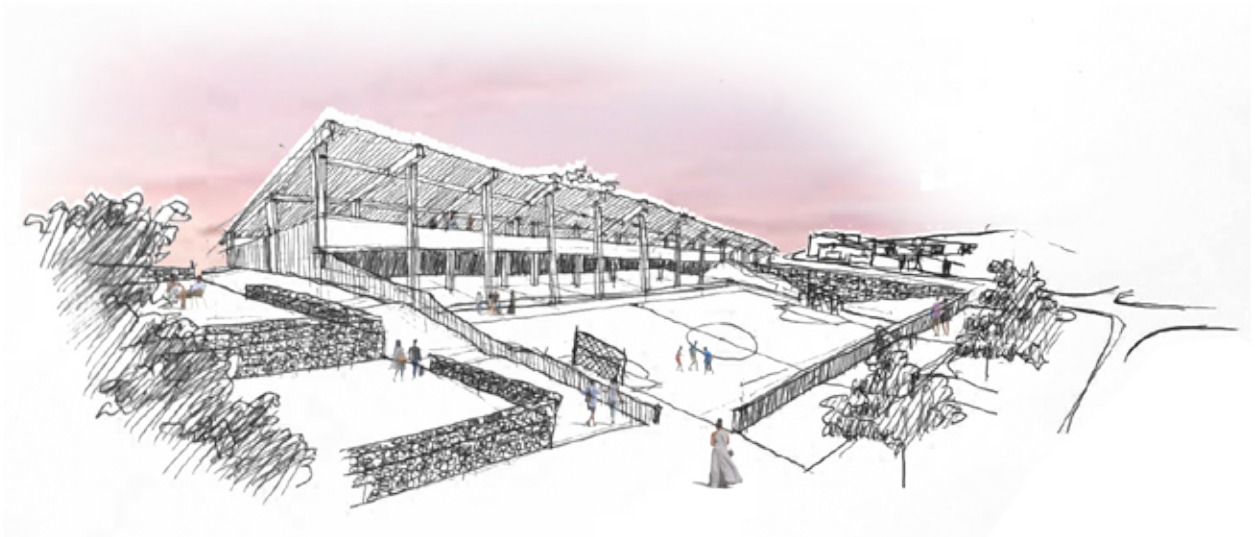


A CASA DO BAIRO

Estruturas de Potencialização do Sentimento Comunitário em Contextos de Precariedade

Sara Isabel Rodrigues de Melo Cruz



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientação: Professor Doutor José Alberto Abreu Lage

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, 2018

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor doutor Alberto Lage, pelo interesse, disponibilidade, entusiasmo e amizade demonstrados desde a primeira conversa pelo *Skype* até ao último momento deste longo percurso.

Aos vários arquitetos, aqueles que ao longo do trabalho serão mencionados e aqueles que ajudaram de forma mais indireta, com especial atenção aos arquitetos Tiago Mota Saraiva, pelo tempo concedido, e Nuno Lobo pelos imensos contributos que deram o empurrão inicial à investigação. Esta dissertação não seria a mesma sem a colaboração de todos.

À Kesia que, para além dos vários conhecimentos transmitidos, foi também uma amiga ao longo deste percurso.

Aos meus amigos de Valparaíso, por terem enriquecido ainda mais a minha experiência.

Aos meus amigos da faculdade, aqueles que foram mais que colegas e que partilharam comigo este percurso, sempre com humor e emoção.

Aos meus amigos de Cabo Verde no Porto, a minha “comunidade”, pelos momentos de convívio, descontração e troca de ideias.

À Sara, por ter escolhido ser comissária de bordo e me ter levado a Cabo Verde no início deste trabalho, e ao pai da Sara, por ter disponibilizado a visita completa aos bairros em questão.

Às minhas colegas de casa, pela imensa motivação e amizade, não seria o mesmo sem vocês.

E, mais importante, à minha família, a minha mãe e o meu irmão, por tudo o que fizeram e fazem por mim, por acreditarem sempre e por serem o pilar da minha formação académica e pessoal.

ABSTRACT

The main purpose of the following thesis is to understand the opportunities of intervention in contexts of precariousness, basing the study in community life supporting punctual structures. Interest comes from personal experience, having lived in countries highly marked by social stratification, and a concern about the consequent impacts in cities of low or medium development countries, where there is a scarcity and unbalanced distribution of resources.

Thereby, is introduced the case of *Cidade da Praia*, capital city of Cape Verde archipelago and an active laboratory in questions regarding social precariousness and urban segregation. A first observation of the city map allowed to launch two statements that became the foundation of the investigation. Almost straightaway is possible to verify that the main streets that give access to the city are surrounded by illegal based settlements that surpass the formal urban fabric in percentage. Simultaneously, several of these settlements, currently recognized as part of the urban territory in the City's Master plan, are punctually marked by synthetic grass football fields which, due to their color, generate a contrast situation regarding the surrounding territory dryness.

Understanding that irregularity is not a synonym to precariousness, we can verify that in areas where the consciousness of belonging and community is maintained, it is possible to invest in a variety of suitable solutions for the needs and expectations of the affected population. As an endeavor to apply these ideas, it is proposed a reflection about the capeverdean lifestyle and local construction identity, presenting a project for the building of a new synthetic grass football field in one of the poorest neighborhoods of the city, presently unprovided of any sort of public infrastructure. The new building intents to explore the opportunities of community conscience potentialization through architectural intervention and its construction must be associated to processes of empowerment of the local population and stimulation of dialogue between different parcels in order to launch the foundations to the possibility of a larger scale urban requalification.

Keywords: participation, community, *Cidade da Praia*, slums, urban requalification, public space, football.

RESUMO

O principal objetivo da seguinte dissertação é compreender as oportunidades de intervenção em contextos de precariedade, apoiando o estudo em estruturas pontuais de apoio à vida em comunidade. O interesse parte da experiência pessoal, tendo vivido em países fortemente marcados pela estratificação social e da preocupação com os impactos causados nas cidades de países em desenvolvimento ou de desenvolvimento médio, onde os recursos são mais escassos e distribuídos de forma mais desequilibrada.

Desse modo, apresenta-se o caso Cidade da Praia, capital do arquipélago de Cabo Verde e um laboratório ativo nas questões da precariedade social e segregação urbana. Uma primeira observação do mapa da cidade permitiu lançar duas constatações que se tornaram a base da investigação. Quase imediatamente, é possível verificar que as vias principais de acesso à cidade estão rodeadas por assentamentos de génese ilegal que ultrapassam as percentagens de tecido urbano formal. Simultaneamente, vários destes assentamentos, que atualmente são reconhecidos no Plano Diretor Municipal como parte do território urbano, estão marcados pontualmente por campos de futebol de relvado sintético que, devido à sua cor, criam uma situação de contraste em relação à aridez do território envolvente.

Compreendendo que irregularidade não é um sinónimo de precariedade, verifica-se que em áreas onde se mantém um sentimento de pertença e de comunidade é possível investir numa variedade de soluções proporcionais às necessidades e expectativas da população afetada. Numa tentativa de aplicação dessas ideias, propõe-se uma reflexão sobre o modo de vida cabo-verdiano e a identidade construtiva local, e apresenta-se um projeto para a construção de uma estrutura associada a um novo campo de futebol de relvado sintético num dos bairros mais pobres da cidade, que se encontra atualmente desprovido de qualquer tipo de infraestrutura pública. O novo equipamento pretende explorar as oportunidades de potencialização do sentimento comunitário através da intervenção arquitetónica e a sua construção deverá ser associada a um processo de capacitação da população local e de estimulação do diálogo entre as diferentes partes, de modo a lançar as bases para a possibilidade de uma requalificação urbana de maior envergadura.

Palavras-chave: participação, comunidade, Cidade da Praia, bairros precários, requalificação urbana, espaço público, futebol.

SUMÁRIO

Introdução	23
-------------------------	----

Prefácio - A Formação de um Pensamento	31
---	----

Relatos na 1ª Pessoa:

Crescer e voltar à Cidade da Praia

De mãos sujas na Patagónia Chilena

Um estágio não convencional

I Parte

1. A Exposição de um Problema

1.1. Sobre uma arquitetura “mais social”:	45
1.1.1. Durante os primeiros anos da História	45
1.1.2. Durante o Período Moderno	51
1.2.3. (Durante) A Contemporaneidade	63
1.2. A problemática da urbanização nos países em desenvolvimento	67
1.2.1. Conceito de <i>slum</i>	73
1.2.2. Entre a <i>erradicação</i> e a <i>radicação</i> : um processo de sensibilização	81

2. O Reconhecimento de uma Estratégia

2.1. O conceito aberto de participação	89
2.2. O Homem como ser social: compreender <i>comunidade</i>	103
2.3. Da eleição de casos de estudo	113
2.3.1. Sobre a <i>Cozinha Comunitária das Terras da Costa</i> , Portugal (<i>Ateliernob + Coletivo Warehouse, 2014</i>)	117
2.3.2. Sobre o CBF – <i>Centre pour le Bien-être des Femmes</i> , Burkina Faso (<i>FARE Studio, 2013</i>)	127
2.3.3. Sobre a <i>Escola de Chuquibambilla</i> , Perú (<i>AMA - Afonso Maccaglia Architecture + Bosch Arquitectos, 2013</i>)	135

II Parte

1. A Identificação de um Objeto

1.1. História e Herança: Introdução à Cidade da Praia, Cabo Verde	147
1.1.1 Compreensão da cidade atual através do seu processo de formação	151
1.1.2. Tecido urbano e morfologias de malha	159
1.2. Informalidade, Clandestinidade e Precariedade: A Cidade e os seus Bairros	167
1.2.1. Caracterização dos bairros precários	169
1.2.2. Entre <i>realojar</i> e <i>requalificar</i> : Comparação de intervenções locais	181
1.2.3. Reflexão sobre as peculiaridades e oportunidades de intervenção	201

2. A Tradução de uma Ideia

2.1. A Casa: Dinâmicas de apropriação habitacional em Santiago	211
2.2. O Bairro: Elementos geradores de Identidade Coletiva	223
2.3. A Casa do Bairro: Proposta de intervenção	229
2.3.1. O Terreno	229
2.3.2. Primeiras considerações	237
2.3.3. A proposta	243
Desenhos de proposta	251

Considerações Finais	263
-----------------------------------	-----

Bibliografia	272
---------------------------	-----

Créditos de Imagem	279
---------------------------------	-----

Apêndices	287
------------------------	-----

ÍNDICE DE IMAGENS

1. Futebol: Urban Euphoria in Brazil (Leonardo Finotti, 2014).
2. Construção em madeira no sul do Chile: *Mirador de Los Cuatro Horizontes*.
3. Projetos do coletivo *Basurama*.
4. Manila, Filipinas (Bernhard Lang, 2017).
5. A construção da cabana primitiva, segundo Vitruvius.
6. A escala do monumental: elevação poente da Acrópole de Atenas.
7. A aproximação à escala humana e à vida em comunidade: vista interior de termas romanas.
8. Convivência e heterogeneidade no espaço público: praça medieval retratada por Pieter Brueghel (*Battle of Carnival and Lent*).
9. Densidade urbana pós revolução industrial: Londres, século XIX.
10. Planta da *Cité Industrielle* de Tony Garnier.
11. Racionalização da cidade: vista de um bairro habitacional da *Cité Industrielle* de Tony Garnier.
12. Ilustração de Stedman Whitwell das ideias propostas por Robert Owen (*The Town of New Harmony as envisioned by Owen*)
13. Planta e corte do Familistério de Jean Baptiste Godin.
14. Vista do Falanstério como imaginado por Charles Fourier.
15. Do modelo experimental à proposta urbana: planta da Cidade Ideal de Ledoux.
16. Cidades-jardim: diagrama de Howard.
17. Plano urbanístico em paisagem americana: *Broadacre City* de Frank Lloyd Wright.
18. Planta da *Ville Radieuse* de Le Corbusier.
19. Vista da *Ville Radieuse* de Le Corbusier.
20. Vivenda VS Apartamento: comparação entre habitação unifamiliar e bloco coletivo.
21. Alterações dos modos de vida durante o século XX.
22. A distribuição de blocos habitacionais no território no período pós-guerra: vistas aéreas de Amsterdão.
23. Plano Voisin para Paris de Le Corbusier.
24. Estudo e apropriação à realidade local durante o processo de planeamento: planta de Chandigarh de Le Corbusier.
25. Associação de moradores 18 de Maio.
26. Cartazes SAAL.
27. O processo participativo ilustrado por Yona Friedman.
28. *New Gourn Village*, Hassan Fathy, Egipto, 1946.

29. SAAL Bouça, Siza Vieira, Portugal, 1976.
30. Monterey, Elemental, México, 2010.
31. Explosão demográfica e densidade urbana: fotografia de bairro habitacional em construção em Shenzhen, China (3 milhões de habitantes).
32. Crescimento populacional exponencial: gráfico de previsões globais até 2030.
33. Vista aérea de Daca, Bangladesh. (7 milhões de habitantes).
34. Detalhe de um bairro precário de Daca.
35. Vista aérea de Kinshasa, República Democrática do Congo (9 milhões de habitantes).
36. Detalhe de um bairro precário de Kinshasa.
37. Vista aérea de Lagos, Nigéria (8 milhões de habitantes).
38. Detalhe de um bairro precário de Lagos.
39. Vista aérea de São Paulo, Brasil (12 milhões de habitantes).
40. Detalhe de um dos bairros do centro económico de São Paulo.
41. Vista aérea da Cidade do México, México (8 milhões de habitantes).
42. Detalhe de um dos bairros do centro económico da Cidade do México.
43. Distribuição mundial de habitantes a viver em *slums* por região: gráfico da Un-Habitat de 2001.
44. Vista aérea da favela de Dharavi, Mumbai.
45. Detalhe da favela de Dharavi, Mumbai.
46. Privação à água e saneamento em contextos de precariedade: criança transporta recipientes plásticos com água em Dharavi, Mumbai.
47. Superlotação/Densidade: vista de uma área urbanizada do Cairo, Egipto (9 milhões de habitantes).
48. Durabilidade das construções: vista de uma das maiores favelas do continente africano, Kibera, em Nairóbi, Quênia (3 milhões de habitantes).
49. A vida em Kibera, Nairóbi: Fotos do projeto *Power of Hope Kibera*, Maureen Ruddy Burkhart, 2013.
50. Rue Saint-Julien-Le-Pauvre.
51. Rue des Tanneries.
52. *Slum upgrading*: requalificação de uma favela no Paquistão (substituição de estruturas efémeras, “barracas”, por construções de carácter permanente).
53. *Slum upgrading* e o processo participativo: *Participatory Slum Upgrading Programme* (PSUP), Un-Habitat.
- 54. Aranya Low Cost Housing, Índia.**
55. Capa do livro *Architecture & Participation*, vários autores, edição de 2005.
56. Capa do livro *L'Architettura della partecipazione*, Giancarlo De Carlo, edição de 2013.
57. Capa do livro *Housing by people*, John Turner, edição de 1973.

58. Capa do livro *The nightmare of participation*, Markus Miessen, edição de 2011.
59. O processo participativo na arquitetura: reflexão sobre o papel do arquiteto, cliente e utilizador.
60. Participantes e intervenientes no processo participativo: esquemas de John Turner.
61. Os níveis do processo participativo: *Ladder of Participation* de Arnstein, 1969.
62. Manifestação de estudantes na abertura da Trienal de Milão de 1968 (Giancarlo De Carlo ao centro).
63. Votação com estudantes de arquitetura na Universidade Técnica de Delft, 1969.
64. *Incremental Housing*, Charles Correa.
65. Laços comunitários: habitação de baixo custo em Indore, Índia.
66. Postal turístico com a imagem do *Golden Gate*, São Francisco.
67. Postal turístico com a imagem do *Empire State Building*, Nova Iorque.
68. Adeptos portugueses no campeonato mundial de futebol de 2018.
69. Cultura em arquitetura: *Museum of Simple Technology*, Yona Friedman, Índia, 1982.
70. Residência desenhada por Hassan Fathy, Cairo, Egipto.
71. Projeto de habitação social, CRAterre, Maiote, União das Comores.
72. Centro de alfabetização, ADAUA, Nouakchott, Mauritânia.
73. Projeto de habitação social, ADAUA, Nouakchott, Mauritânia.
74. Vista aérea de Brasília, Brasil.
75. Detalhe de um dos setores de Brasília.
76. Vista aérea de Miconos, Grécia.
77. Detalhe do centro de Miconos, Grécia.
78. *Sociologia de fachadas*, Lars Lerup.
79. Capa do livro *Architecture for the poor*, Hassan Fathy, edição de 1973.
80. Capa do livro *The Architecture of empowerment*, Ismail Serageldin, edição de 1997.
81. Vista aérea e localização da Cozinha Comunitária das Terras da Costa.
82. Arquitetura comunitária em Portugal: planta e alçados da Cozinha Comunitária das Terras da Costa, (Ateliernob e Coletivo Warehouse, 2014).
83. Vistas da Cozinha Comunitária das Terras da Costa (Ateliernob e Coletivo Warehouse, 2014).
84. Contexto envolvente da Cozinha Comunitária das Terras da Costa (Ateliernob e Coletivo Warehouse, 2014).
85. Esquema da estrutura do módulo de madeira da Cozinha Comunitária das Terras da Costa (Ateliernob e Coletivo Warehouse, 2014).
86. Arquitetura comunitária em Portugal: processo e trabalho com a comunidade.
87. Cartaz promocional da exposição “Tanto Mar: Portugueses fora de Portugal”.

88. As quatro intenções fulcrais: sustentabilidade, autoconstrução assistida, impacto social/revitalização urbana e trabalho com a comunidade.
89. Vista aérea e localização do *Centre pour le bien-être des femmes*.
90. Projeto de referência: planta e alçados do *Centre pour le bien-être des femmes* (FARE Studio, 2013).
91. Inauguração do *Centre pour le bien-être des femmes* (FARE Studio, 2013).
92. Autoconstrução assistida: população local encarregue do tratamento da terra para a realização dos blocos construtivos.
93. Vista do *Centre pour le bien-être des femmes* (FARE Studio, 2013).
94. Vista do *Centre pour le bien-être des femmes* (FARE Studio, 2013).
95. Insolação e ventilação natural: esquemas explicativos do sistema de cobertura dupla.
96. População local a trabalhar em conjunto para erguer a estrutura metálica da cobertura.
97. Construção de paredes com blocos feitos com materiais locais.
98. Escavação para fundações.
99. Vista aérea de Ouagadougou.
100. Vista aérea e localização da Escola de Chuquibambilla.
101. Projeto de referência: planta e alçados da Escola de Chuquibambilla (Ama e Bosch Arquitectos, 2013).
102. Trabalho com a comunidade: mulheres e crianças em convívio a construir mobiliário para a escola.
103. Aplicação de materiais e técnicas vernaculares: detalhe da cobertura.
104. Aplicação de materiais contemporâneos: detalhe de uma parede de blocos de cimento.
105. Sistemas passivos de controlo climático: corte construtivo da Escola de Chuquibambilla (Ama e Bosch Arquitectos, 2013).
106. Autoconstrução assistida: envolvimento da comunidade local no processo construtivo.
107. Aplicação de materiais contemporâneos: estrutura em betão.
108. O processo construtivo: cobertura em estrutura de madeira apoiada em paredes de blocos de cimento.
109. Conjugação de técnicas e materiais: vista da fachada da residência de estudantes da Escola de Chuquibambilla (Ama e Bosch Arquitectos, 2013).
110. Estruturas de potencialização do sentimento comunitário em contextos de precariedade: comparação dos projetos de referência em relação às quatro intenções fulcrais estabelecidas.
111. Cidade da Praia, Cabo Verde.
112. Localização do arquipélago de Cabo Verde
113. Apropriação de modelos árabes e manipulação da imagem de “exótico”: vista do *Hotel Riu Karamboa*, ilha do Sal.
114. Apropriação de modelos ocidentais e manipulação da imagem de “luxo”: projeto para o novo casino da

Cidade da Praia (em construção).

115. Contrastes urbanos: panorama da realidade atual da Cidade da Praia.

116. Planta da Cidade da Praia.

117. Carta da baía da Ribeira Grande, 1747.

118. Vista da baía da Ribeira Grande (1635) com estrutura urbana a destaque.

119. Carta da baía da Praia, 1902.

120. Vista da baía da Praia (1841) com estrutura urbana a destaque.

121. Esquema com base na Carta do Porto da Praia de 1886.

122. Esquema com base na Carta do Porto da Praia de 1946.

123. Estrutura urbana do Plateau, cidade colonial planeada.

124. Estrutura urbana do Paiol, linear e em seguimento da topografia natural do terreno.

125. Estrutura urbana de Lém Ferreira, agrupamento circular por densificação.

126. Evolução da mancha urbana da Cidade da Praia.

127. Categorização em planta dos bairros de classe A, B e C.

128. Pormenor de um bairro de classe A (Palmarejo).

129. Pormenor de um bairro de classe B (Achadinha).

130. Pormenor de um bairro de classe C (Terra Branca).

131. Localização dos bairros de classe A.

132. Bairros de classe A.

133. Localização dos bairros de classe B.

134. Bairros de classe B.

135. Localização dos bairros de classe C.

136. Bairros de classe C.

137. Vista do bairro de Safende, Cidade da Praia.

138. Ocupação de encostas: vista do bairro de Safende.

139. Vista do Monte Pensamento (ao fundo).

140. Vista do Alto da Glória.

141. Ocupação de encostas: vista do bairro de Safende.

142. Acumulação de lixo e escombros ao redor de habitações: vista do bairro de Achada Mato.

143. Distribuição de construções em terreno irregular: vista do Alto da Glória.

144. Elementos de transição entre o público e o privado: moradores do bairro de Safende conversam através do muro de separação das casas.

145. Relações de vizinhança: moradores do bairro de Safende em conversa na rua.

146. Fase inicial do *quarto de casa*: habitação precária no Alto da Glória.
147. Fase intermédia do *quarto de casa*: habitação precária no Alto da Glória.
148. Fase avançada do *quarto de casa*: habitação em consolidação no Alto da Glória.
149. Fases evolutivas do *quarto de casa*: plantas esquemáticas.
150. Exteriorização de atividades domésticas: corda com roupas a secar nas proximidades de uma habitação no bairro de Achada Mato.
151. Escassez de água canalizada: moradores transportam recipientes com água.
152. Panorama habitacional na Cidade da Praia, com base no Censo de 2010.
153. Localização dos blocos habitacionais Habitar CV.
154. Blocos habitacionais na Cidade da Praia: *Habitar CV*.
155. *Habitar CV* em Achada Palha de Sé.
156. *Habitar CV* em Achada Limpo.
157. *Habitar CV* em São Pedro Latada.
158. Notícia em destaque no jornal nacional *A Semana*, 2014.
159. *Habitar CV* (conjunto Palmeira, ilha do Sal, 2012).
160. Desenho desatento do espaço exterior coletivo: vista do conjunto habitacional de Achada Limpo.
161. A importância da sombra no espaço exterior: fotomontagem sobre vista do conjunto habitacional de Achada Limpo.
162. Requalificação de bairros precários: planta da área de intervenção do projeto *Para a Integração dos bairros informais da Cidade da Praia*.
163. Projeto *Para a Integração dos bairros informais da Cidade da Praia*: técnicos e moradores em discussão ao redor de planos de intervenção.
164. Mapa das principais linhas de água da Cidade da Praia.
165. Projeto piloto de requalificação urbana da Belavista e requalificação de encostas do projeto *Para a Integração dos bairros informais da Cidade da Praia*: localização das áreas de intervenção.
166. Plantas da intervenção piloto de requalificação urbana da Belavista.
167. Detalhes de muros de suporte e acessos públicos do projeto de requalificação urbana da Belavista.
168. Reorganização urbanística da encosta de Ponta d'Água/Castelão do projeto *Para a Integração dos bairros informais da Cidade da Praia*.
169. Reorganização urbanística da encosta de Safende/Monteagarro do projeto *Para a Integração dos bairros informais da Cidade da Praia*.
170. Apropriação de uma habitação inacabada em Cabo Verde.
171. Génese informal em bairros de classe alta: vista aérea de Cova Minhoto.

172. Habitação isolada em Cova Minhoto.
173. Habitação precária de carácter permanente: vista do bairro de Alto da Glória.
174. Distribuição irregular de habitações no terreno: vista do bairro de Alto da Glória.
175. Regularização do campo de futebol: campo de Ponta d'Água.
176. O desporto como uma das principais áreas de investimento na Cidade da Praia: campo de Safende.
177. Mobilidade e circulação como uma das principais áreas de investimento na Cidade da Praia: estrada da Gamboa.
178. Alto da Glória, Praia, Cabo Verde.
179. Arquitetura colonial em Cabo Verde: praça Alexandre Albuquerque (Plateau), Cidade da Praia.
180. Tipologias habitacionais tradicionais na ilha de Santiago: interpretação baseada em registos escritos.
181. Casa popular tradicional em contexto rural: habitação vernacular na Cidade Velha.
182. Apropriação do modelo popular em contexto urbano: habitação unifamiliar em Ponta D'Água.
183. Evolução do modelo popular com a aplicação de técnicas construtivas contemporâneas: habitação unifamiliar em Safende.
184. Siza Vieira em Cabo Verde: imagens do filme *Siza Vieira, o Arquiteto e a Cidade Velha* (2003).
185. Planta da Pousada de São Pedro, Cidade Velha, 2005.
186. Alçados de um dos blocos da Pousada de São Pedro.
187. Vista aérea e localização da Pousada de São Pedro.
188. Vista da Pousada de São Pedro.
189. Vista aérea da Cidade da Praia.
190. Arquitetura religiosa na Cidade da Praia: Capela de Santo António (Achada Santo António).
191. Equipamento de ensino público: Liceu Domingos Ramos (Plateau).
192. Equipamento de ensino superior público: Universidade Jean Piaget (Palmarejo Grande).
193. Campo de futebol de relvado sintético: Campo de Castelão.
194. Equipamentos da Cidade da Praia, escala 1:25 000.
195. Localização dos campos de futebol da Cidade da Praia.
196. Comparação dos campos de futebol da Cidade da Praia: estudo das diferentes dimensões.
197. Vista de 15 de março de 2014.
198. Vista de 5 de outubro de 2014.
199. Comparação dos campos de futebol da Cidade da Praia: categorização segundo orientação, acessibilidade, contexto urbano envolvente e estruturas de apoio encontradas.
200. Zonas urbanas da Cidade da Praia.
201. Distribuição dos agrupamentos de bairros: zona urbana da Praia Ocidental.

202. Equipamentos da Terra Branca, escala 1:10 000.
203. Vazio central no Alto da Glória, com indícios de apropriação espontânea: duas estruturas frágeis em forma de baliza encerram os limites do terreno.
204. Fim da via principal de ligação entre o Alto da Glória e Terra Branca.
205. Serviços públicos: barbearia no Alto da Glória.
206. Capela no Alto da Glória.
207. Fichas de bairros de classe C: Alto da Glória (Terra Branca)
208. Situação atual: Bairro de Terra Branca de Cima - Escala 1:7500.
209. Programa de Requalificação Urbana e Ambiental (PRUA): Bairro de Terra Branca de Cima com destaque das áreas destinadas a espaços de caráter público - Escala 1:7500.
210. Desenhos de processo: primeiros esboços.
211. As construções da *Cidade Aberta*: desenhos de observação do espaço.
212. Fotos do processo construtivo.
213. Foto panorâmica da envolvente e do resultado final.
214. Cheios e vazios: esquemas conceituais à mesma escala do espaço de pátio nos casos de estudo anteriormente apresentados.
215. Estudo de vias.
216. Desenhos de processo: a proposta final.
217. Desenhos de processo: estudo do muro em gabião e do sistema de recolha e armazenamento de água.
218. Hospedería de La Entrada, Ciudad Abierta, Chile.
219. Escola primária em Gando, Burkina Faso, Francis Kéré.
220. Steilneset Memorial, Noruega, Peter Zumthor.
221. Zinc Museum, Noruega, Peter Zumthor.
222. Desenhos de processo da experiência da *Cidade Aberta*: estudo de cofragens e armações autoproduzidas para pilares e vigas de betão.
223. Desenhos de processo da experiência da *Cidade Aberta*: estudo das fundações e compreensão do processo de construção.
224. Cidade da Praia: Habitação precária no Alto da Glória; *Mundo é tristi* (O mundo é triste), 2018.
225. Cidade Aberta: Montagem de andaimes, 2017.
226. Madrid: Estudantes participam numa atividade de requalificação de um pátio escolar, organizada pelo coletivo *Basurama*, 2017.
227. Empower Shack / Urban Think Tank (Cidade do Cabo, África do Sul).

ÍNDICE DE APÊNDICES

APÊNDICE I: Projeto <i>Bershka, Basurama</i> .	283
APÊNDICE II: Ficha de bairro de classe C (Achada Eugénio Lima).	285
APÊNDICE III: Ficha de bairro de classe C (Achada Mato).	287
APÊNDICE IV: Ficha de bairro de classe C (Belavista).	289
APÊNDICE V: Ficha de bairro de classe C (Coqueiro/Castelão).	291
APÊNDICE VI: Ficha de bairro de classe C (Pensamento).	293
APÊNDICE VII: Ficha de bairro de classe C (Safende).	295
APÊNDICE VIII: Ficha de bairro de classe C (São Pedro Latada).	297
APÊNDICE IX: Ficha de bairro de classe C (Tira Chapéu).	299
APÊNDICE X: Visita à Cidade da Praia, Março de 2018	301

LISTA DE ACRÓNIMOS

AIDOS - Associazione Italiana Donne per lo Sviluppo

CIAM - Congresso Internacional de Arquitetura moderna

CITI-HABITAT - Centro de Investigação e Tecnologia Intermediária para a Habitação

ENA - Encontro Nacional de Arquitetos

FIFA - Fédération Internationale de Football Association

FMI - Fundo Monetário Internacional

INE - Instituto Nacional de Estatísticas

ONG - Organização não governamental

PDM - Plano Diretor Municipal

SAAL - Serviço de Apoio Ambulatório Local

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UN-HABITAT - United Nations Human Settlements Programme

ZDTI - Zona de Desenvolvimento Turístico Integral

INTRODUÇÃO



1. Futebol: Urban Euphoria in Brazil (Leonardo Finotti, 2014).

A apropriação do espaço é o reflexo de processos de adaptação à envolvente, de acordo com as necessidades detetadas e com os recursos disponíveis, assim, refletir sobre a arquitetura é refletir sobre a sociedade. A obra arquitetónica é a materialização da procura de respostas às dinâmicas, problemas e aspirações identificadas como parte da nossa realidade e, a arquitetura, o produto condicionado de longos sistemas políticos, sociais, económicos, culturais. O arquiteto é o seu agente. A arquitetura é intemporal, presente tanto na leveza da cabana primitiva, como na força do arranha-céus. Por sua vez, e a provocação que aqui se propõe, o arquiteto não é uma personagem presente em toda a produção arquitetónica, questionando assim o seu papel e importância, tanto como o verdadeiro significado de arquitetura.

Problemática

Em 1964, Bernard Rudofsky apresenta no Museu de Arte Moderna em Nova Iorque uma exposição intitulada *Architecture Without Architects* (Arquitetura sem Arquitetos), onde é celebrada a beleza humilde da construção vernacular. Historicamente, o conceito de arquitetura nasce com os primeiros monumentos, estabelecendo assim uma cultura de privilégio e exclusão no que diz respeito à sua prática, no entanto, Rudofsky afasta-se desta ideia de “arquitetura formal”, ligando a sua génese à construção dos primeiros abrigos e à habitação do homem comum. As relações básicas procuradas na criação da obra arquitetónica, como a relação com o contexto envolvente, o respeito pela paisagem pré-existente, a transição entre o público e o privado, terão sido conceitos introduzidos previamente à aceitação da arquitetura como o ofício exclusivo do arquiteto. Ou seja, teria havido arquitetura, antes de ter havido arquiteto.

Do mesmo modo, note-se, por exemplo, o período seguinte ao fim do milénio, quando os países em desenvolvimento foram atingidos por uma grave explosão demográfica. Esse fator, juntamente com o registo de movimentos migratórios cada vez mais acentuados em direção a contextos urbanos, geraram processos espontâneos de apropriação territorial exteriores às lógicas de urbanização planeada. Sendo a oferta habitacional encontrada nestes países, em regra geral, inacessível à maioria das populações locais e baseada em padrões ocidentais, notou-se uma impossibilidade por parte das classes mais baixas em adquirir habitação através do mercado legal, desenvolvendo assim uma cultura de informalidade, onde cada indivíduo constrói o seu próprio abrigo. Este fenómeno resultou numa situação paradoxal, entre o *trágico*, devido aos cenários de precariedade gerados pelos momentos de

urbanização espontânea e informal, e o *poético*, encontrado nos momentos de perseverança traduzidos em processos de adaptação, inovação e invenção de espacialidades e ambiências sociais.

Consequentemente, o ritmo de crescimento territorial destas cidades não foi acompanhado por processos de infraestruturação capazes de dar resposta aos novos bairros e áreas clandestinas que, progressivamente, passaram a fazer parte da realidade urbana local, registando-se atualmente um terço da população urbana mundial a viver em assentamentos informais. Assim, enquanto *produção e desenvolvimento* eram os paradigmas a considerar no século XX, a *escassez* passa a ser a palavra-chave no século XXI. Este panorama global levou à reflexão sobre as oportunidades reservadas ao arquiteto no jogo da informalidade e o papel da arquitetura no contexto contemporâneo .

Consequentemente, ocorre uma redução em grande escala do número de encomendas públicas, limitando o campo de intervenção do arquiteto e revelando a necessidade de descartar um pretense determinismo ao qual a profissão se encontrava associada. A criação de novas condições encontrou solução na legitimização da dimensão social da profissão, estabelecendo assim um percurso de elevação da arquitetura como um agente ativo no debate sobre a melhoria das condições de vida do homem comum.

A multidisciplinariedade da problemática cruza-se com as ideias defensoras que o arquiteto tem à sua disposição ferramentas que lhe permite combater o fenómeno da pobreza quando aplicadas corretamente. Tais ferramentas estarão distribuídas num largo espectro que varia entre mecanismos de gestão do acesso à terra e processos de intervenção de reforço de identidade individual e/ou coletiva. A ideia de reforço de identidade, através da afirmação pessoal ou da promoção da interação social, são a base deste trabalho.

Relatando a sua experiência na Índia, Hassan Fathy conta a história de algumas aldeias rurais onde o processo de reabilitação trouxe água canalizada às habitações pré-existentes. Curiosamente, verificou-se que as mulheres destas aldeias preferiram continuar a ir buscar água ao rio e a transportar recipientes pesados na cabeça, recusando o simples processo de abrir uma torneira para adquirir o bem essencial. Percebeu-se assim que esse procedimento de caminhar até ao rio em busca de água era o único momento do dia em que estas mulheres

eram livres para sair de casa e serem admiradas por pretendentes e futuros maridos. A mulher que ficasse na cozinha a tirar água da torneira não se casaria. Ao substituir um procedimento da vida tradicional por uma rede de água canalizada moderna, passou a ser fundamental a criação de um novo elemento capaz de desempenhar a mesma “função social” que o processo de ir buscar água ao rio representava. Numa fase embrionária do trabalho, esta pequena história demonstrou a importância de conhecer a realidade e identidade local, identificar as especificidades que caracterizam o contexto e planejar corretamente as intervenções que condicionam certas funções sociais.

Sobre a sua experiência num bairro no Rio de Janeiro, Carlos Nelson sublinha a importância da dimensão simbólica da intervenção. Para além da materialidade dos espaços, o autor defende que existem códigos culturais que viabilizam a leitura e apropriação dos lugares, fazendo com que tudo nos pareça lógico no interior da nossa sociedade através de uma rede de regras, dados e limites que definem um sistema de valores. Neste caso, o usuário tem uma perspetiva mais real e correta do que o planeador e reconhece-se o valor da sua opinião. De uma maneira muito simples, o que conclui Carlos Nelson é que o planeamento de espaços de lazer e de revitalização social não é o desenho de campos de futebol, ciclovias ou áreas verdes. O que define a viabilidade do meio urbano é a liberdade de poder jogar à bola, andar de bicicleta ou passear à sombra.

Estrutura e
Objetivos

Com estes fatores em mente, pareceu pertinente a estruturação do seguinte trabalho em duas partes principais. A primeira parte corresponde à criação de uma base teórica, onde são explorados os conceitos-chave da dissertação e está dividida em dois capítulos:

A Exposição de um Problema e O Reconhecimento de uma Estratégia.

O primeiro capítulo é o enquadramento no tempo e no espaço da problemática. Do ponto de vista temporal, procura estabelecer uma linha de pensamento contínua capaz de esclarecer o surgimento e desenvolvimento do tópico da arquitetura social no quadro geral de debates sobre a disciplina. Do ponto de vista espacial, apela à urgência do tema no panorama global atual, através da apresentação de dados referentes à problemática da urbanização nos países em desenvolvimento.

Estes momentos iniciais permitiram uma eleição consciente de uma estratégia, assim exposta no segundo capítulo que destaca dois conceitos principais. Como primeiro ponto

propõe-se uma reflexão sobre o conceito de *participação*, criando um debate ao redor do tema e desvendando os vários níveis do processo participativo. De forma a complementar as ideias apresentadas, desenvolve-se de seguida um breve estudo da questão do ponto de vista social, onde o objetivo principal é o esclarecimento do conceito de *comunidade*. No fim, como conclusão da primeira parte, apresentam-se três casos de estudo sob o pretexto de culminar as ideias teóricas apresentadas do ponto de vista arquitetónico.

A segunda parte é o momento mais pessoal do trabalho e é onde são aplicadas as noções aprendidas. Com o objetivo de traduzir as informações obtidas a um processo prático de desenho, seleciona-se o caso da Cidade da Praia, Cabo Verde, como laboratório. Assim, divide-se novamente o estudo em dois capítulos: *A Identificação de um Objeto* e *A Tradução de uma Ideia*.

O primeiro capítulo é a apresentação do objeto e sublinha a importância do reconhecimento territorial, arquitetónico, social e cultural, dividindo o estudo em dois momentos principais. O primeiro momento é a análise da consolidação urbana do objeto, com foco na compreensão da génese da segregação social e espacial que marcam a cidade. Desse modo, foi necessário recuar até ao período colonial e analisar brevemente as heranças territoriais que prevaleceram até à atualidade. Esse estudo serve como introdução à investigação da consequente definição dos momentos de informalidade que se encontram na Cidade da Praia, desenvolvida no segundo momento do primeiro capítulo da segunda parte do trabalho.

O segundo capítulo, da ideia traduzida, refere-se a um processo de experimentação pessoal e de projeto, apoiando-se na vida em comunidade e no valor de identidade cultural e coletiva em contextos de precariedade através da materialização do sentimento de pertença. Esse desejo de materialização obrigou a um estudo da realidade construtiva em Cabo Verde. Como tal, foca-se na construção da habitação e faz-se também referência à experiência do arquiteto Álvaro Siza no arquipélago, no início do milénio.

No final, uma observação atenta do panorama atual dos bairros precários da cidade e das linhas de investimentos aplicados, permitiu identificar uma oportunidade de projeto. Assim, é proposta uma nova estrutura associada ao exemplo prático do *campo de futebol* que, na sua dupla função como campo e como espaço público, é aqui destacado como uma estrutura de potencialização do sentimento comunitário em contextos de precariedade.

Metodologia

Por fim, destaca-se a importância de fontes determinantes no desenvolvimento desta dissertação. A motivação inicial parte da leitura do trabalho *Do “Quarto de Casa” ao Bairro: (Re)qualificação dos bairros precários da Cidade da Praia* (Kesia Lima), onde foi vista pela primeira vez uma oportunidade de tema. Posteriormente, apoiou-se o estudo na tese de doutoramento *Entre Remediar e Solucionar* (Ana Silva Fernandes), onde foram estabelecidos os primeiros conceitos-base, como *pobreza e disparidade, desenvolvimento e subdesenvolvimento, informalidade, estrutura e capacitação*.

Referem-se ainda algumas publicações fundamentais para uma correta fundamentação do contexto teórico e histórico: *Housing by People*, John Turner; *Architecture for the Poor*, Hassan Fathy; *Architecture Without Architects*, Bernard Rudofsky; *Building the Unfinished*, Lars Lerup; *Architecture and Participation*, editado por Peter Blundell Jones, Doina Petrescu e Jeremy Till; *Planet of Slums*, Mike Davis; e *Quando a Rua vira Casa*, Carlos Nelson dos Santos.

O trabalho baseou-se nos dados fornecidos pelo *Perfil Urbano da Cidade da Praia, Ilha de Santiago, República de Cabo Verde*, lançado pela UN-HABITAT em parceria com o Ministério do Ambiente, Habitação e Ordenamento de Território de Cabo Verde, assim como no *Plano Diretor Municipal (PDM)* da Cidade da Praia, para criar uma base de informações sobre o objeto de estudo. Igualmente importante para a pesquisa foi a viagem realizada em março de 2018, que permitiu criar um arquivo fotográfico pessoal e uma visão única sobre a realidade vivida nesta pequena cidade no meio do Oceano Atlântico.

P R E F Á C I O

A Formação de um Pensamento

RELATOS NA PRIMEIRA PESSOA

Crescer e voltar a Cabo Verde

Crescer em Cabo Verde implicou saber sujar as mãos, esfolar os pés e conhecer a textura da terra. Confessa-me hoje a minha mãe, o receio que ela tinha todos os dias, durante as férias de verão, quando eu chegava a casa depois de um dia inteiro a brincar na rua: *se não fossem os joelhos eram os cotovelos, ou a testa, ou algum dente*. Independentemente das várias cicatrizes, a felicidade residia em estar fora de casa, ser criança e ser livre.

Com o passar dos anos, a rua foi perdendo interesse. Troquei os saltos à corda na praça pelos jogos de computador em casa de amigos, os lanches na escola por pausas à frente da televisão e as brincadeiras de rua por convívios de sofá. Do exterior, a única coisa que não perdeu o interesse foi a praia. O mar, a areia e o vento que suaviza o calor que recai o ano inteiro nestas pequenas ilhas tropicais.

Cresci num dos bairros “nobres” da Cidade da Praia, o bairro de *Palmarejo*, onde os apartamentos são condomínios e as vivendas têm muros altos à volta e seguranças privados. Até entrar no ensino secundário, estudei numa escola privada. Foi aí que fiz os amigos que ainda me acompanham hoje. Filhos de antigos colegas e amigos dos meus pais e que, tal como eu, os meus pais e os seus, saíram de Cabo Verde após a conclusão do décimo segundo ano, em busca de uma formação superior de qualidade. Descobri depois que, o que para mim sempre pareceu o único percurso óbvio e imaginável, não era a realidade atingível para maioria da população, abrindo assim os olhos, pela primeira vez, às várias disparidades, injustiças e discriminações que marcavam a sociedade ao meu redor.

Ia todos os dias a pé para a escola, de chinelos nos pés, o que causava um certo desgosto à minha mãe. *Usa um sapato fechado, ficas mais arranjada*, dizia ela. Mas fazia demasiado calor para isso. Um dia descobri um atalho da minha casa à escola. Indo pelo lado oposto da estrada principal, que dava uma volta maior, podia subir uma encosta e atravessar um campo de terra, poupando alguns minutos do meu dia. Era o caminho que as empregadas domésticas e os seguranças que iam trabalhar no meu condomínio faziam. Algumas das minhas amigas não gostavam desse caminho, era inclinado, mais perigoso e, até ao dia

em que fui assaltada a caminho das aulas, nunca me tinha ocorrido que tal coisa pudesse acontecer no meu bairro, tão perto de casa.

Comecei assim, a reconhecer os limites físicos e virtuais definidos no interior da cidade. As zonas mais marginalizadas escondiam-se por detrás da padaria onde comprava pão quente todos os dias, da vivenda de três pisos da minha tia, do supermercado das compras mensais. Tão presentes, próximas, mas, até então, tão invisíveis. A organização da cidade permitiu-me viver nela durante anos sem nunca ter de andar num autocarro público ou cruzar um bairro mais desfavorecido, deformando e privilegiando a minha experiência do que é viver e crescer em Cabo Verde.

Volto agora à Cidade da Praia, cinco anos depois desde a minha partida e, pela primeira vez, atravesso os seus bairros periféricos e piso terrenos dos quais apenas ouvi falar, sempre com a proibição de lá ir. Bairros onde as casas crescem como plantas silvestres, descontrolada e livremente, no entanto, tudo o que as rodeia mantém-se estático. São unidos por estradas novas e acabadas, mas sentem-se mais distantes do que na verdade são.

No centro, fala-se em desenvolvimento, vejo gruas quando olho para cima. Identifico facilmente novas construções, casas em consolidação, o aeroporto em expansão e cada vez mais prédios e apartamentos. A praia também está diferente. Rodearam-na de restaurantes e bares, e há quem diga que está mais bonita. Da varanda da minha sala, onde antes via terra e oceano, vejo agora novos vizinhos, cada um mais colorido e maior que o outro. Ao entrar no meu bairro, noto que a estrada principal é agora alcatroada e que o carro já não se agita com as pedras soltas da calçada. O caminho de terra que ligava a minha casa à escola é agora interrompido por casas novas.

Paralelamente ao aparente desenvolvimento, faz-se sentir no ar um ambiente de insegurança. As pessoas refugiam-se em bares, restaurantes, discotecas, casas de amigos, vivendo cada vez menos a rua. Notam-se alguns esforços em reverter esse fenómeno, como uma nova rua pedonal no coração da cidade, ações de reabilitação urbana e tratamento de caminhos e escadas públicas. No entanto, o panorama geral faz-me associar, com um certo humor, a cidade aos meus primeiros anos de adolescência. Quando a rua perdeu interesse e tudo o que valia a pena estava dentro de casa.



2. Construção em madeira no sul do Chile: *Mirador de Los Cuatro Horizontes*.

De mãos sujas na Patagónia Chilena

Identifico como um primeiro passo importante no percurso aqui estabelecido, a experiência de Valparaíso, Chile, realizada sob o âmbito de um programa de intercâmbio académico, entre os meses de setembro de 2016 e maio de 2017. Desse período, destacam-se as duas últimas semanas de novembro, um dos meses de transição entre o inverno e o verão no hemisfério sul, quando realizei uma viagem ao sul do país, até à Patagónia Chilena, com os meus professores e colegas da instituição de acolhimento. Estas viagens, chamadas de *Travesías*, fazem parte do programa anual da Escola de Desenho e Arquitetura da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso desde 1984 e têm como objetivo expandir os horizontes dentro dos processos educativos e de aprendizagem através do reconhecimento territorial e cultural da América.

Aceitando uma filosofia diferente da *Escola do Porto*, a experiência foi abraçada com o máximo de entusiasmo e curiosidade. O desafio proposto exigia observar tanto o lugar como o percurso até ele e questionar a necessidade da intervenção sob o pretexto de uma arquitetura não solicitada. Desse modo, a pertinência da nossa presença numa pequena aldeia piscatória no sul do Chile (*Puerto Cisnes*), dependia da nossa **capacidade de identificar uma oportunidade, recolher os materiais, escolher o sítio, desenhar o projeto e, por fim, construí-lo**. Após a eleição em grupo da área onde implantar, fez-se um levantamento do lugar que incluiu um estudo da vegetação local e uma análise dos diferentes enquadramentos visuais da paisagem envolvente. Focando no simbolismo do lugar e na forte conexão com a natureza, surgiu assim o *Mirador de Los Cuatro Horizontes*, um ponto de descanso e contemplação numa área de ligação entre a aldeia, a praia e o parque de campismo que recebe e aloja a maioria dos visitantes.

O projeto desenvolveu-se através da divisão do grupo, inicialmente de quase sessenta pessoas, em quatro grupos mais pequenos, cada um responsável por um dos pontos do miradouro, permitindo um envolvimento maior de cada participante. Para garantir uma harmonia do conjunto e criar uma dinâmica controlada, estabeleceu-se um módulo base definido pelas dimensões das tábuas de madeira fornecidas e criou-se o que foi chamado de um *jogo*: cada grupo deveria construir dois módulos, um no seu estado básico inicial e o segundo como uma variante criativa do original. Em conjunto, os dois módulos deveriam



3. Projetos do coletivo *Basurama*.

criar um elemento de descanso, criando assim um coletivo de experiências pensadas de acordo com diferentes pontos de vista, sombra e vento.¹

Para a concretização e sucesso desta viagem, os alunos foram responsáveis por: recolha e gestão de dinheiro; planeamento, transporte, armazenamento e preparação dos alimentos necessários para a estadia de duas semanas; pesquisa e reserva de transporte e alojamento para todo o grupo; organização e transporte de ferramentas e materiais de trabalho; e tudo o que se provou necessário durante a permanência no terreno. Assim, apesar do trabalho de projeto, a experiência focou-se numa lição maior. A organização e trabalho em equipa praticados semanas antes do momento de partida até ao momento de conclusão e celebração da obra, foi o que permitiu criar um sentimento geral de responsabilidade, alargando a viagem a um evento de grupo e aumentando a sensação de orgulho e conexão com o resultado final.

Um estágio não convencional

Após a experiência no Chile tive a oportunidade de continuar a explorar o conceito de *arquitectura de ação*, concorrendo e qualificando-me para um estágio com o coletivo *Basurama* em Madrid, durante os meses de setembro a novembro de 2017. O escritório foi fundado em 2001, seguindo uma filosofia baseada na investigação, criação e produção cultural e centrando a sua área de estudo e atuação nas novas possibilidades criativas suscitadas pelo desperdício gerado pelas conjunturas contemporâneas.

O meu primeiro dia de estágio correspondeu a uma nova encomenda: um escritório da *Bershka* na freguesia de *Tordera* (Espanha) estava a passar por um processo de digitalização de todo o seu sistema e, conseqüentemente, tinham quinhentas papeleiras cilíndricas de aço perfurado das quais já não necessitavam. Assim, o desafio proposto era pensar numa instalação pública de interesse artístico que pudesse reaproveitar esses objetos. Na reunião criativa, realizada dois dias após a apresentação do conceito, eu e os meus colegas estagiários apresentámos ideias semelhantes de esculturas, túneis de papeleiras empilhadas, abrigos que permitiam sentar e estar à sombra, novos objetos criados através

¹No final, o projeto foi destacado numa publicação do site *Archdaily* como um dos melhores projetos de estudantes construídos em 2017.

da manipulação da forma cilíndrica original. No fim, um dos integrantes do escritório apresenta a sua ideia, a mais simples de todas: tirar o fundo da papelreira, soldá-la a um poste e temos um cesto de basquetebol. Ao mesmo poste, associamos mais cinco cestos, a diferentes alturas e orientações. Já não é um cesto de basquetebol, mas um jogo novo. Ao mesmo espaço, juntamos cem postes, agora é uma floresta. Pintamos a floresta num caos organizado, temos um parque infantil. Assim, compreendi e aprendi a minha primeira lição em Madrid: **reenquadramos um objeto e conferimos-lhe um novo significado** (processo e projeto nos apêndices).

Aprendi muito rapidamente que os projetos aqui praticados exigiam pensar o problema e a solução de pontos de vista menos convencionais. O *problema* através de uma interpretação livre dos materiais disponibilizados, na sua maioria resíduos urbanos e objetos reutilizáveis, e a *solução* através da compreensão e simplificação dos métodos construtivos de modo a promover o envolvimento, interesse e entusiasmo de outras personagens, como a população local, comunidades afetadas, voluntários e crianças. Aliada ao projeto de arquitetura, surge então uma variedade de atividades com o objetivo de aumentar o impacto da intervenção da dimensão espacial à dimensão cultural e social.

Estas atividades foram postas em prática várias vezes durante o meu tempo no escritório, permitindo-me identificar um processo de projeto sistematizado. Os projetos realizados no âmbito do espaço público e coletivo eram antecidos e acompanhados por reuniões com as partes envolvidas, exigindo vários encontros com estudantes, professores, associações de moradores, entidades responsáveis, etc. Uma vez atingido o acordo entre as partes sobre a intervenção proposta, eram desenvolvidos momentos de descontração e convívio de modo a atrair mais pessoas para a causa e analisar a dinâmica de grupo criada. Com isso em mente, nós, no escritório de arquitetura, formalizávamos o projeto, desenhando os protótipos necessários de modo a clarificar e planear a sua construção. Na fase final da concretização, o arquiteto desempenhava um papel duplo de mentor supervisor e trabalhava simultaneamente na construção ao lado da população.

As três experiências apresentadas representam diferentes fases de um processo que procura continuidade nas páginas que seguem. Dos anos vividos em Cabo Verde fica a noção do *sentimento de pertença*, o amor à Cidade da Praia e o desejo e responsabilidade de contribuir. Das semanas de construção na Patagónia Chilena guarda-se o significado prático de resiliência, trabalho de equipa e o gosto em estar no terreno e presente no campo de ação. Dos meses em Madrid, levo comigo a sabedoria e criatividade das pessoas com quem trabalhei e a certeza de que o leque de conhecimentos fornecidos pela disciplina, permitem explorar e reenquadrar o papel da arquitetura na nossa sociedade contemporânea.

I PARTE

Space can reassemble what society divides.

ROFÉ, Yodan, *Space and Community*



4. Manila, Filipinas (Bernhard Lang, 2017).

1. A EXPOSIÇÃO DE UM PROBLEMA



5. A construção da cabana primitiva, segundo Vitruvius.

1.1. SOBRE UMA ARQUITETURA “MAIS SOCIAL”:

1.1.1. Durante os primeiros anos da História

Ignorando os primeiros cinquenta séculos, os cronistas apresentam-nos uma exibição completa da arquitetura “formal”, de uma maneira tão arbitrária de introdução da arte de construir, como seria a de relacionar o nascimento da música com o início da orquestra sinfônica.¹

A historiografia mais antiga apresenta poucos registos das características quotidianas de uso do espaço das classes socioeconómicas mais carenciadas. Durante os primeiros cinquenta séculos, a arquitetura é ignorada como uma profissão, sendo encarada mais como uma prática geral. Pietro Belluschi define essa arquitetura dos primeiros séculos como *uma arte coletiva, não produzida por um número limitado de intelectuais ou especialistas, mas por uma atividade espontânea e contínua por parte de um grupo de pessoas com uma herança em comum, agindo sob uma experiência comunitária.*² Nos primórdios, construir a casa própria seria uma prática tão comum como plantar os próprios alimentos ou criar uma família: um ponto obrigatório no processo de viver. A arquitetura começa a ser encarada como “arquitetura”, com a construção dos primeiros monumentos, revelando desde o início o desejo de afastamento da profissão em relação ao homem comum e estabelecendo-se mais como um luxo do que como a prestação de um serviço. A própria linguagem utilizada frequentemente por arquitetos e arquitetos historicistas é acusada, por Jonathan Hill, de *ter dois objetivos óbvios, falar precisamente da arquitetura e excluir o leigo da conversa.*³

¹ *Skipping the first fifty centuries, chroniclers present us with a full-dree pageant of “formal” architecture, as arbitrary a way of introducing the art of building as, say, dating the birth of music with the advent of symphony orchestra.* In RUDOLFSKY, Bernard (1995) *Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture.* 3rd. ed. Albuquerque: University of New Mexico, preface

² *Pietro Belluschi defined communal architecture as “a communal art, not produced by a few intellectuals or specialists but by the spontaneous and continuing activity of a whole people with a common heritage, acting under a community of experience.”* Idem, *ibidem.*

³ *The language used by architects and architectural historians has two obvious aims, to talk precisely about architecture and to exclude outsiders from the conversation.* In HILL, Jonathan (2001) *Architecture: the subject is matter.* London: Routledge, p.3

6



7



8



6. A escala do monumental: elevação poente da Acrópole de Atenas.

7. A aproximação à escala humana e à vida em comunidade: vista interior de termas romanas.

8. Convivência e heterogeneidade no espaço público: praça medieval retratada por Pieter Brueghel (*Battle of Carnival and Lent*).

O tema da disparidade social como problemática a ser combatida é praticamente inexistente nos primeiros séculos da história da arquitetura. Na arquitetura grega das acrópoles, os espaços eram planeados à escala dos deuses e, como refere Bruno Zevi, *esquecida de todos os problemas sociais*⁴. Com a arquitetura do império romano sente-se uma tentativa de aproximação à escala humana, uma aposta na diversidade programática e construtiva, em projetos destinados à vida em comunidade, como o desenho de termas, espaços habitacionais ou a criação de basílicas como espaços de enriquecimento espiritual. Posteriormente, Lewis Mumford apresenta a cidade medieval como *o bastião da convivência da heterogeneidade*⁵. Aqui, em relação às classes carenciadas de períodos anteriores, são conquistados uma série de privilégios, incluindo a partilha de espaços públicos permeáveis aos diferentes grupos socioeconómicos que constituíam a pirâmide social. Apesar disso, a época medieval continua a ser registada como uma das fases mais obscuras e problemáticas da história da humanidade, gravemente marcada pelas fracas condições de salubridade e pelo estado caótico das suas cidades. Todos estes pontos constituíram um longo percurso de rutura de antigos cânones, catalisado por vários conjuntos de fatores, que levaram a arquitetura a recuar um passo e a explorar a perda dinâmica entre o construído e o homem comum, redescobrimo, como aponta Fernando Távora, que é afinal, e unicamente, *o Homem que está em causa*.⁶

O início da mudança ocorre com a introdução de novos sistemas de produção consequentes da nova época industrial, resultando num intenso crescimento populacional e um êxodo rural gravemente acentuado à escala mundial. Assim, com a Revolução Industrial, ocorre uma mudança radical não só no sistema económico dinamizado por novas lógicas produtivistas e consumistas, mas também como uma cadeia de repercussões de redistribuição económica e territorial. Aumenta-se a pressão nas áreas urbanas e as configurações socioeconómicas e territoriais sofrem mutações de grande escala. No entanto, as preocupações motivadas por

4 ZEVI, Bruno (1996, orig. 1984). *Saber ver a arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, p. 66

5 MUMFORD, Lewis (2004, orig. 1982), *A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, p. 281

6 PORTAS, Nuno (2007). *A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica*. 2ª edição fac-símile. Lisboa: Livros Horizonte, prefácio por Fernando Távora

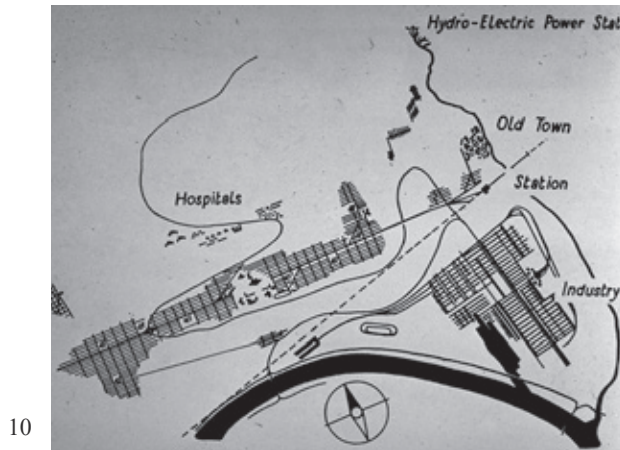


9. Densidade urbana pós revolução industrial: Londres, século XIX.

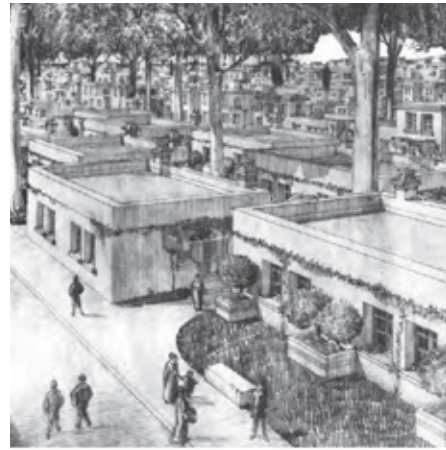
estas novas disparidades e o ganhar de consciência das consequências sociais e ambientais envolvidas no processo, só ganham relevância quando a escala do problema o torna impossível de continuar a ser ignorado. Alargando o discurso para a vertente humanista, o desenvolvimento individual é agora encarado como valor e direito e viram-se as atenções para as condições de vida das classes mais baixas. Assim, no século XIX, testemunha-se pela primeira vez, a introdução, nos campos disciplinares da arquitetura e do urbanismo, das preocupações de controlo e redução da precariedade e insalubridade. A personagem do arquiteto, tradicionalmente ocupado com o desenho do monumental e do extraordinário, começa a ganhar conhecimento da sua importância na contribuição para panoramas mais globais e da influência das suas ações.

O arquiteto do renascimento tomou o espaço ordinário construído ao seu redor como garantido. Atualmente, em contraste, os arquitetos preocupam-se com a existência e qualidade do ambiente do dia-a-dia. O ambiente banal é agora visto como um problema ao qual o arquiteto deve contribuir com uma solução.⁷

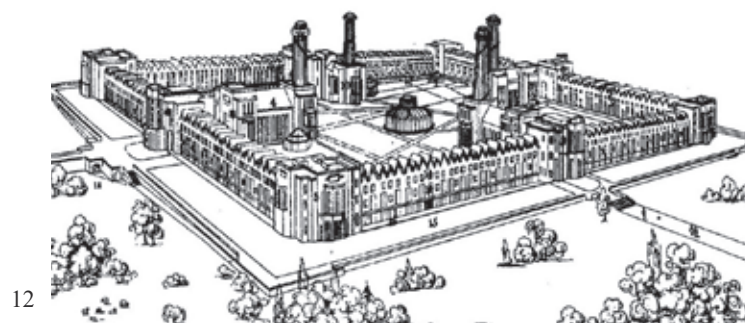
⁷ *Renaissance architects took the ordinary built environment all around them for granted. Today, by contrast, architects concern themselves with the existence and quality of everyday environment. Ordinary environment is now viewed as a problem to which the architect must contribute a solution* in HABRAKEN, N. J. (2005).



10



11



12



13



14

Racionalização da cidade:

10. Planta da *Cité Industrielle* de Tony Garnier.

11. Racionalização da cidade: vista de um bairro habitacional da *Cité Industrielle* de Tony Garnier.

A utopia e a vida em comunidade ideal:

12. Ilustração de Stedman Whitwell das ideias propostas por Robert Owen (*The Town of New Harmony as envisioned by Owen*)

13. Planta e corte do Familistério de Jean Baptiste Godin.

14. Vista do Falanstério como imaginado por Charles Fourier.

1.1.2. Durante o Período Moderno

Habraken refere como uma primeira tentativa moderna de desenho do dia-a-dia ordinário, a proposta de *Tony Garnier* para a sua Cidade Industrial⁸ (*Une Cité Industrielle; Étude pour la Construction des Villes*), tendo sido o primeiro manifesto urbanístico progressista criado pelo CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), antecedendo alguns dos princípios da Carta de Atenas. No entanto, *propostas como a “Instituição de Formação do Caráter” de Robert Owen⁹, o “Falanstério” de Charles Fourier¹⁰ ou o “Famelistério” de Jean Baptiste Godin¹¹, constituíram não apenas novas configurações habitacionais, mas materializam antes uma postura filosófico-política: uma ideia de sociedade e de organização comunitária baseada em valores de partilha, harmonia e equidade¹².*

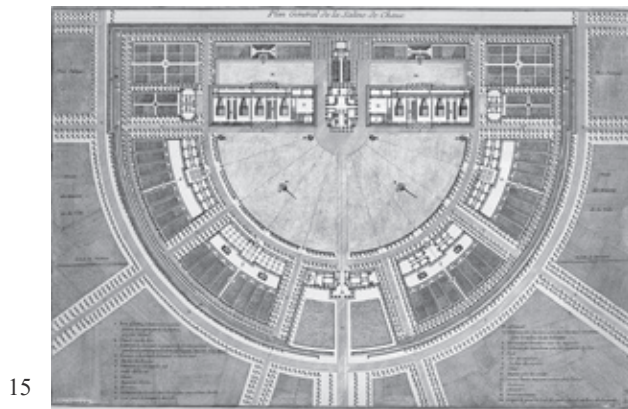
8 *The most comprehensive early modern attempt to design ordinary environment was Tony Garnier’s “Une Cité Industrielle; Étude pour la Construction des Villes”. Begun at the turn of the twentieth century, Garnier’s drawings propose a fully conceived and exquisitely rendered environment for modern society.* In HABRAKEN, N. J. (2005). *Palladio’s Children*. Londres: Taylor & Francis, p. 83

9 Robert Owen foi um reformista social reconhecido pela utopia das suas ideias. A sua Instituição de Formação de Caráter foi um centro assistencial para crianças criado em 1816, onde se pregava um pensamento comunitário de que o ambiente construído deve estar ao serviço do homem, antes de responder a questões individualistas ou de caráter económico.

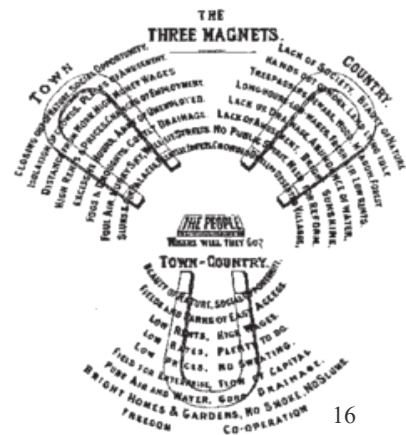
10 Charles Fourier foi um escritor do século XIX, considerado um socialista utópico. As das suas propostas incluem pequenas unidades sociais com populações de cerca de 1500 habitantes, batizadas de Falanges, onde se encontraria um edifício comum chamado Falanstério que se destinava à vida coletiva em harmonia. No Falanstério haveria uma dissolução espontânea de formações sociais rudimentares como a célula familiar monogâmica e restrita.

11 Jean Baptiste Godin foi um escritor, teórico político e reformista social. O Famelistério (1859) foi uma tentativa de aplicação das teorias socialistas utópicas no Norte França, inspirada nos Falanstérios de Charles Fourier. Passando a teoria para a prática, Godin compra 18 hectares de terreno e constrói um complexo de habitações para operários. Mantendo a ideia de espírito comunitário e concretizando as ideias apresentadas por Owen e Fourier, o Famelistério durou até 1968, tornando-o um exemplo de sucesso.

12 FERNANDES, Ana Luísa da Silva (2015). *Entre remediar e solucionar: a estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza: São Tomé e Príncipe como laboratório*. Porto: Faup, p.85



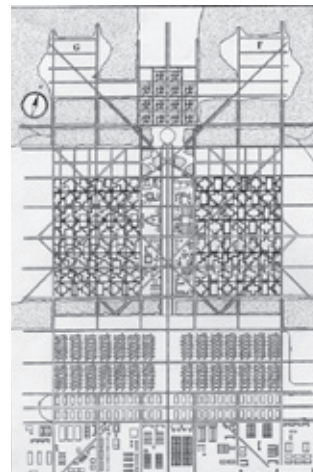
15



16



17



18



19

15. Do modelo experimental à proposta urbana: planta da Cidade Ideal de Ledoux.

16. Cidades-jardim: diagrama de Howard.

17. Plano urbanístico em paisagem americana: *Broadacre City* de Frank Lloyd Wright.

A purificação do espaço urbano:

18. Planta da *Ville Radieuse* de Le Corbusier.

19. Vista da *Ville Radieuse* de Le Corbusier.

Para além desses modelos experimentais, a aspiração a uma sociedade perfeita, utópica, viria a influenciar vários pensadores da área, atravessando a escala da proposta urbana, e registada em projetos como a “*Cidade Ideal*” de Chaux de Claude-Nicolas Ledoux (1804) ou, bastante mais tarde, a ideia de “*cidade-jardim*” proposta por Ebenezer Howard (1898), a “*Broadacre City*” de Frank Lloyd Wright (1932) que, embora possam ter inspirado materializações apenas parciais, introduziram no debate disciplinar as aspirações a novas formas de visão de configurações territoriais e socioeconómicas, repensando assim o papel de arquitetos e urbanistas.¹³ No entanto, quando em 1933 é elaborada a Carta de Atenas no âmbito do CIAM e os parâmetros de uso do espaço da cidade moderna são restabelecidos, formaliza-se uma nova visão de ordem e imagem de território e sociedade, em que a cidade é funcionalista e a casa uma *máquina de habitar*. Inicia-se assim um período de *pureza funcional*,¹⁴ onde o primeiro critério de exigência passa a ser a eficiência.

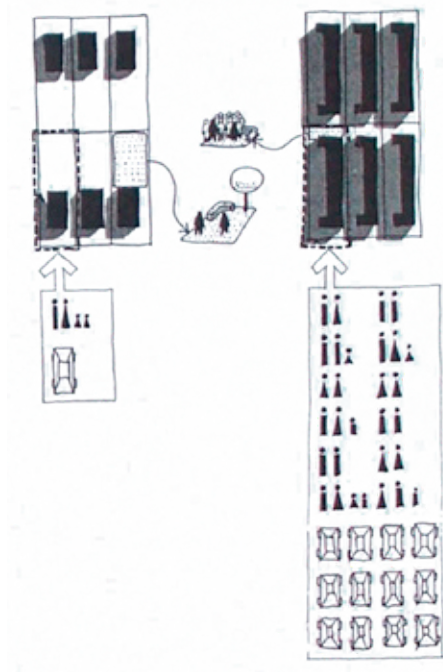
David Sibley chama a atenção para os textos e maneira de escrever de Le Corbusier, que servem como espelho refletor do desejo e obsessão da época, com a purificação do espaço urbano. *Embora tenha sido uma figura canónica na teoria urbana moderna, ele (Corbusier) tinha problemas particulares com raça, mulheres e natureza, temas que eram proximamente relacionados na sua escrita e que eram centrais às suas preocupações com separações e distanciamentos.*¹⁵ Também, nos seus projetos de torres e catedrais brancas contemporâneas, sente-se a *simbolização da restauração da cultura ocidental que*

13 FERNANDES, Ana Luísa da Silva (2015). *Entre remediar e solucionar: a estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza: São Tomé e Príncipe como laboratório*. Porto: Faup, p.85

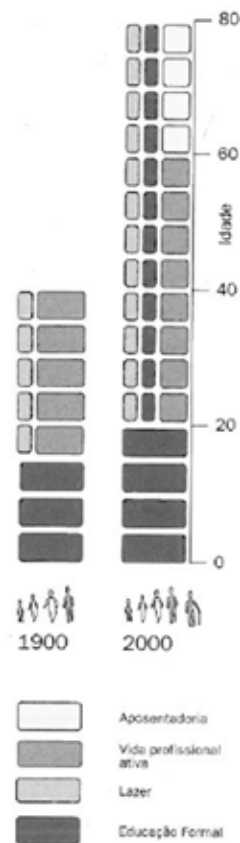
14 *The desire for a society of scientific progression and functional purity is similar to the obsessive hand-washing in individuals. They are both a product of social anxiety but on different scales.* HILL, Jonathan (1999). *Occupying architecture: between the architect and the user*. London: Routledge, p.143.

15 *Although a canonical figure in modernist urban theory, he had particular problems with race, women and nature, themes that were closely related in his writing and which were central to his concern with separations and distancing.* David Sibley in HILL, Jonathan (2001) *Architecture: the subject is matter*. London: Routledge, p.109

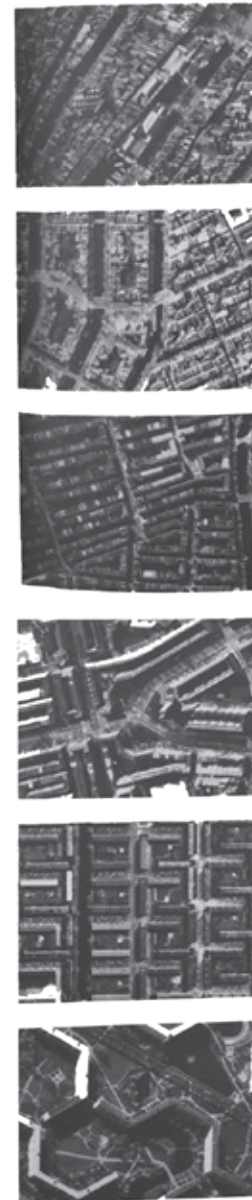
20



21



22



20. Vivenda VS Apartamento: comparação entre habitação unifamiliar e bloco coletivo.

21. Alterações dos modos de vida durante o século XX.

22. A distribuição de blocos habitacionais no território no período pós-guerra: vistas aéreas de Amsterdão.

*transcende e domina a sujidade, a infiltração do negro, e a materialidade do corpo.*¹⁶

Outro exemplo, é a sua obsessão com a cidade perfeita, radiosa, que é interpretada por Sibley como uma forte tentativa de *impor e garantir uma ordenação racial e patriarcal.*¹⁷

Estes pontos demonstram uma inquietação transversal às relações estabelecidas entre raça e género, assim como uma necessidade de controlo do indomável e selvagem, questões com que o movimento moderno se debatia.

Com a segunda guerra mundial, o debate introduzido sofre uma interrupção. A tensão global e as consequências da guerra impõem um novo ritmo e são apresentados novos fatores que anteriormente não estavam em jogo: a retoma económica do pós-guerra, a reconstrução das áreas afetadas, os movimentos de descolonização das potências europeias, a afluência massiva de populações para as áreas urbanas e as consequentes carências habitacionais. Esse cenário obrigou a recorrência a grandes operações de realojamento comuns a várias cidades da Europa, traduzidas em construções em massa de milhares de fogos habitacionais em curtos intervalos de tempo. Esse fenómeno levou à expansão da mancha urbana e ao início da ocupação das áreas periféricas, num movimento a que Lefébvre chama de *implosão-explosão*¹⁸, introduzindo um novo debate sobre a integração urbana e as disparidades sociais e de vivência do espaço. Assim, questionam-se novos valores como tentativa de resolução das carências de habitação, associados à democracia e à reconstrução económica e identitária de um contexto ocidental profundamente abalado por mudanças políticas, sociais e territoriais.

No campo da arquitetura e do urbanismo, são notáveis as mudanças introduzidas pelo pensamento moderno. Le Corbusier, um dos fundadores e principal mentor do movimento, mostra uma viragem do discurso arquitetónico modernista em relação às novas formas de

16 *Le Corbusier's skyscrapers, contemporary "white cathedrals" symbolize the restoration of Western culture that transcends and masters filth, the infiltration of "blackness", and the materiality of the body.* Mabel Wilson citado por David Sibley in HILL, Jonathan (2001) *Architecture: the subject is matter*. London: Routledge, p.109

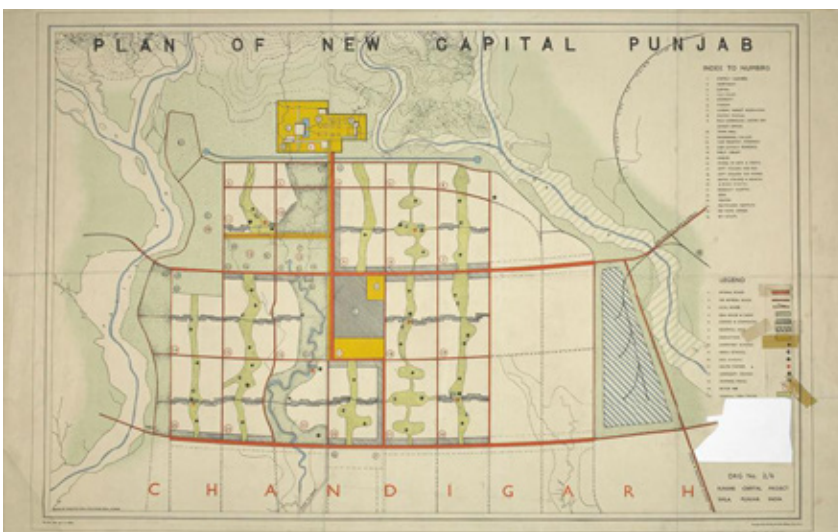
17 *His Radiant City, according to Wilson, designed "to enforce and (guarantee) racial and patriarchal order...* Idem, ibidem.

18 *"Implosão-explosão", segundo Lefébvre, que se traduz na densificação do centro e ocupação desordenada do arrabalde.* In PORTAS, Nuno (2007). *A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica*. 2ª edição fac-símile. Lisboa: Livros Horizonte, p. 75

23



24



23. Plano Voisin para Paris de Le Corbusier.

24. Estudo e apropriação à realidade local durante o processo de planeamento: planta de Chandigarh de Le Corbusier.

compreender e projetar o ambiente construído, caracterizado por uma maior sensibilidade e consciencialização da especificidade local. Comparando o seu *Plano Voisin* para Paris (1925), onde ele apresenta como uma solução para o centro da cidade o que parece uma transposição direta do diagrama da sua *Ville Contemporaine*¹⁹, e o projeto para a capital do novo estado do Punjab, Chandigarh (1951), em que há um estudo cuidadoso e uma adaptação à cultura local, nota-se a evolução para um pensamento mais humanista, focado nas especificidades e necessidades do homem como utilizador, levando o próprio a afirmar que *em Chandigarh, tudo o que acreditava saber sobre urbanismo foi colocado em questão*.²⁰

*

No entanto, as audazes asserções do movimento moderno em relação à cidade e à habitação, providenciam o material necessário para a criação de um novo discurso crítico direcionado às exigências e debilidades da organização do espaço. Em 1953 surge um novo movimento de crítica, formado por jovens arquitetos insatisfeitos com a visão considerada demasiado funcionalista e pouco sensível em relação às necessidades sociais e especificidades territoriais, com que o movimento moderno começara até então a ser acusado. O *Team X*, resulta de uma cisão no seio do próprio CIAM, e vem para desafiar os princípios de uniformização da cidade e padronização do habitar, em favor de uma abordagem contextual à intervenção, e de uma humanização do espaço correspondente a expectativas e aspirações reais da população. Procedeu-se à substituição da hierarquia funcional da Carta de Atenas por uma hierarquia das relações humanas, visando a reintrodução da experiência de comunidade na arquitetura.

19 Projeto utópico não realizado de uma cidade para três milhões de habitantes, apresentado por Le Corbusier em 1922.

20 Cit. Por GRUET, Stéphane; PAPILLAULT, Rémi (2008). *Le Mirail: mémoire d'une ville: histoire vécue du Mirail de sa conception à nos jours*, Toulouse: Ed. Poiesis, p.37 – tradução livre (retirado de FERNANDES, Ana Luísa da Silva (2015). *Entre remediar e solucionar: a estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza: São Tomé e Príncipe como laboratório*. Porto: Faup, p. 87)

No panorama nacional, destaca-se o período antecedente à revolução de 25 de Abril de 1974, quando começam a insurgir na sociedade figuras que viriam a desempenhar papéis ativos e fundamentais no debate social e arquitetónico e sente-se uma crescente preocupação em relação às condições de habitabilidade precárias da maioria da população portuguesa.

Em 1960, quando é realizada em Lisboa, sob a proteção do Sindicato Nacional dos Arquitetos, uma conferência dedicada ao problema da habitação, Nuno Portas apresenta um trabalho sob o tema *Problemas da célula familiar*, onde é explorada a problemática habitacional do ponto de vista social e espacial. Igualmente, no fim de 1969, realiza-se em Lisboa o ENA, desta vez, convocado por um grupo de profissionais desvinculados institucionalmente da direção do Sindicato Nacional dos Arquitetos. O objetivo do encontro foi aproveitar o ambiente geral de debate dos grandes problemas nacionais que incidiam em diversas áreas da sociedade portuguesa e transpô-lo para o debate das estruturas socioeconómicas e políticas que condicionavam a atividade profissional, visando uma reaproximação do arquiteto à sociedade.

O país apresentava sintomas da Revolução Industrial, com o aumento do êxodo rural e o crescimento descontrolado dos núcleos urbanos, resultando numa falta de resposta para a elevada procura de habitação. Nuno Teotónio chama a atenção, com o seu texto *Habitacões para o maior número, para a incapacidade da nossa sociedade em criar estruturas urbanas para responder ao fenómeno da deslocação massiva de populações, provocado pela passagem de uma sociedade agrária a uma sociedade industrial*²¹ e resultando numa sobreocupação do terreno periférico das cidades sob a forma de *bairros de lata*. Assim, quando ocorre o golpe militar de 1974, a carência habitacional em Portugal atingia valores por volta dos 600 000 fogos, com tendência para o agravamento. *De um total calculado em dois milhões e meio de fogos, cerca de 52% não possuía abastecimento de água, 53% não possuía energia elétrica, 60% não possuía rede de esgotos e 67% não dispunha sequer de instalações sanitárias.*²²

21 PEREIRA, Nuno Teotónio (1996). *Escritos: 1947-1996 seleção*. Porto: FAUP Publicações, p.79

22 BANDEIRINHA, José António (2007). O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974. Coimbra: Tese de Doutoramento em Arquitetura da Universidade de Coimbra, p.68

Face a este cenário, cerca de três meses depois da revolução e num espírito de reforma política, económica, social e cultural, é formulado um despacho onde é constatada a criação de um corpo técnico especializado, o serviço de apoio ambulatório local. O SAAL surgiu como um serviço descentralizado que, através do suporte projetual e técnico dado pelas brigadas que atuavam nos bairros degradados, foi construindo novas casas e novas infraestruturas, foi oferecendo melhores condições habitacionais às populações mais carentes.²³ Todas as áreas que se destacassem pelas más condições habitacionais seriam candidatas a intervenção, com o critério que a iniciativa partisse por parte da população local. Este serviço privilegiava a reabilitação de bairros degradados e o envolvimento e contacto direto entre moradores, arquitetos, técnicos e estudantes, uma inovação no campo da arquitetura portuguesa.

O processo SAAL foi caracterizado e regulado por *seis princípios fundamentais*:²⁴ o princípio da organização social da procura, que apelava que *a iniciativa partisse dos próprios moradores, da sua vontade de transformar as condições habitacionais*; o princípio da preferência pela manutenção das localizações que *inviabilizava de uma forma óbvia e, simultaneamente, radical, as tentações de realizar operações de especulação fundiária, com o pretexto dos realojamentos em locais mais “convenientemente”*; o princípio da autonomia na gestão do projeto e da obra que *garantia vínculos mais fortes entre os moradores e a obra desde o início do processo*; o princípio da incorporação de recursos próprios, *aquele que se veio a revelar mais controverso, este princípio tinha também subjacente a ideia de que quantos mais recursos próprios fossem investidos na construção das casas tanto mais forte seria também o sentimento de apropriação em relação ao fogo e ao bairro*; o princípio da descentralização da promoção habitacional que, como o nome sugere, defendia a *descentralização administrativa e disseminação dos saberes técnicos, arquitetónicos e urbanísticos pela totalidade do território*; e, por último, o princípio da iniciativa experimental que categorizava o projeto como um *projeto-piloto que pretendia reformar e regular as práticas já existentes e abrir novas perspetivas, que pudessem vir à luz através da avaliação do caminho percorrido e não através da rutura total*.

23 BANDEIRINHA, José António (2007). O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974. Coimbra: Tese de Doutoramento em Arquitetura da Universidade de Coimbra, p.13

24 Idem, p.121 e 122.



25



26



25. Associação de moradores 18 de Maio.

26. Cartazes SAAL.

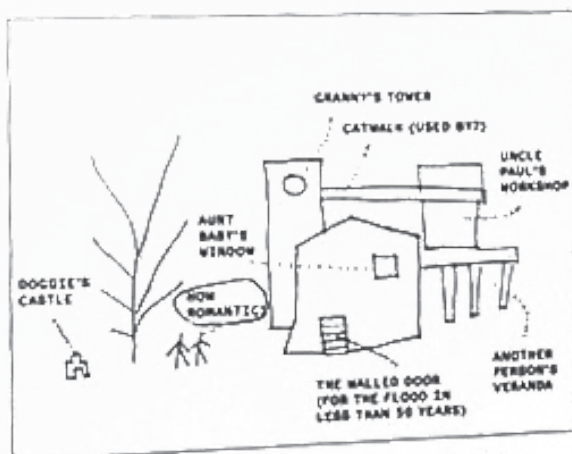
Este movimento de ação e apelo a uma arquitetura socialmente mais atenta e apropriada ganhou grande visibilidade, também no contexto internacional, chamando a atenção de vários críticos e dividindo opiniões. A participação no SAAL poderia ser vista como uma via de integração na produção massiva de transformações urbanas significativas em confronto com novas atitudes metodológicas, como defende Oriol Bohigas em relação à obra de Siza Vieira.²⁵ No entanto, o curto prazo de quase dois anos no qual o processo ocorrera, não seria o suficiente para formalizar uma prática inovadora, como defenderia Gonçalo Byrne.²⁶ Outra posição, não mais otimista que a de Byrne, é tomada por Raúl Hestner Ferreira que, apesar de reconhecer o sucesso do serviço em oferecer possibilidades de trabalho mais amplas a um extenso grupo de arquitetos, por sua vez mais próximos na relação arquiteto/utilizador, defendia que a dependência da profissão em relação à evolução social e política do país, tornavam previsível um regresso a uma prática profissional semelhante aos períodos anteriores ao 25 de abril.

25 BOHIGAS, Selon Oriol (1976). *La Passion d'Alvaro Siza in L'Architecture d'Aujourd'hui*, p.43

26 Byrne chegava mesmo a referir, com alguma insistência, que a relação dos arquitetos com as comissões de moradores, nas operações SAAL, em nada tinha variado do tipo de relacionamento tradicional arquiteto – cliente. Na sua opinião era, assim, pouco credível que se pudesse falar na emergência de uma nova prática crítica, gerada a partir do SAAL. In BANDEIRINHA, José António (2007). O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974. Coimbra: Tese de Doutoramento em Arquitetura da Universidade de Coimbra, p.121 e 122.



The protagonists of the process (users, neighbours, experts, craftsmen, lawyers, etc.) do not know for themselves the effects that they might actually trigger.



A last remark: The "architectural process" does not end with the actual building. It continues as long as the building is in use.

27

1.2.3. (Durante) A Contemporaneidade

As décadas que se seguiram à segunda guerra mundial motivaram os arquitetos a aceitar um compromisso social e um papel ativo na procura de respostas às necessidades das grandes massas. No entanto, o carácter experimental de várias propostas e a alta teorização do tema, levaram a uma perda de esperança no verdadeiro poder de influência da profissão. Assim, se as décadas de 60 e 70 fomentaram a ideia de uma arquitetura “mais social”, as décadas seguintes caracterizaram-se por uma abordagem mais *neoliberal*²⁷: a esperança de um bem-estar social passa a ser responsabilidade do Estado, e o arquiteto é agora visto como um prestador de serviços.

A restauração da confiança nos mercados e no crescimento económico, juntamente com uma crescente desilusão nos parâmetros e objetivos sociais e urbanísticos propostos anteriormente por arquitetos que não conseguiram satisfazer as expectativas, foram os principais incentivos para a mudança de pensamento. No entanto, reconhece-se que pela sua influência e papel no processo de tomada de decisões que recaem diretamente sobre o habitat do homem enquanto ser social, a vertente social da profissão do arquiteto não pode continuar a ser ignorada e, eventualmente, o despertar da consciência volta a ocorrer. Essa função social da arquitetura, traduz-se numa preocupação com o impacto desencadeado, não apenas na transformação do espaço físico, mas em todos os processos gerados por essa ação.

A sociedade contemporânea está marcada por problemáticas que remetem às inquietações vividas durante o século XX. As tensões entre continentes, as elevadas deslocções de grupos de refugiados, o crescimento descontrolado de urbanizações, o aumento da pobreza e das disparidades em todo o globo chamaram a personagem do arquiteto a voltar a intervir. Assim, assiste-se atualmente uma onda crescente de retorno às preocupações sociais na arquitetura, concentradas em torno de conceitos como a *participação, colaboração e capacitação*.

27 FERNANDES, Ana Luísa da Silva (2015). *Entre remediar e solucionar: a estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza: São Tomé e Príncipe como laboratório*. Porto: Faup, p. 89

28



29



30



Modulação e harmonia compositiva em habitação social:

28. *New Gurna Village*, Hassan Fathy, Egipto, 1946.

29. SAAL Bouça, Siza Vieira, Portugal, 1976.

30. Monterey, Elemental, México, 2010.

A recuperação de princípios intemporais e universais, como o direito à cidade, o direito à habitação e o direito à dignidade mínima humana, junta-se a uma visão da atualidade e a um sentimento de dever que ultrapassa a simples vontade do querer contribuir.

Hassan Fathy acentuou a necessidade de intervenção por parte dos arquitetos em contextos sensibilizados, afirmando que *sem a participação do arquiteto, os edifícios estão destinados a ser desproporcionais, inapropriados e/ou dispendiosos.*²⁸ Ao abordar a questão de um ponto de vista filosófico, o autor sugere que o Homem precisa de beleza tanto como precisa de abrigo. *Em qualquer evento, a mera existência ou atenuação da passagem do ventre ao túmulo não é, certamente um objetivo adequado para a humanidade (...). Sabemos que as crianças que são privadas de um ambiente visualmente estimulante nos seus primeiros anos de vida não desenvolvem corretamente os cérebros... funcionários num ambiente bem iluminado e atrativo produzem mais do que funcionários em ambientes feios e aborrecidos.*²⁹ Essa posição assumida por Fathy no século XX defende a importância da harmonia compositiva do produto arquitetónico final como mais um ponto necessário à revitalização social. A falta de recursos não deve ser um pretexto para uma arquitetura descuidada, mas um estímulo para a criatividade.

*

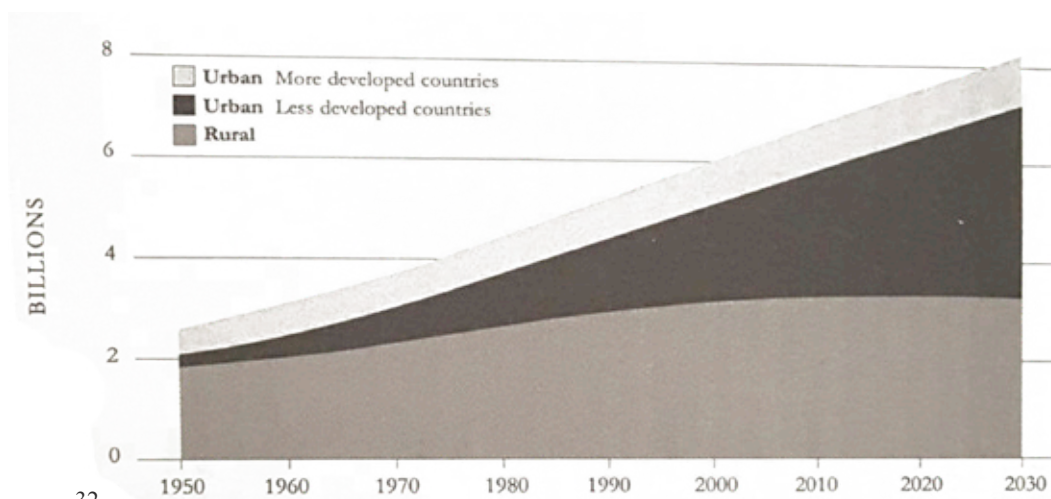
Seguindo as linhas de pensamento lançadas até então, o estudo desenvolvido nos próximos capítulos destina-se à compreensão das repercussões espaciais causadas pelo desequilíbrio social e económico e nas consequentes dinâmicas de ocupação e apropriação de territórios precários, explorando o papel do arquiteto como um agente ativo na questão da melhoria das condições de vida do homem comum.

28 ... without the participation of the architect, the buildings will be ugly, inappropriate, and/or expensive. FATHY, Hassan (1973). *Architecture for the poor: an experiment in rural Egypt*. Chicago: University of Chicago Press, p.XII.

29 *In any event, mere existence or the attenuation of the passage from the womb to the grave is surely not a proper goal for mankind (...). We know that children who are deprived of a visually interesting environment in their early years do not develop brains appropriately... workers in bright, attractive surroundings produce more than workers in ugly, drab surroundings.* Idem, ibidem.



31



32

31. Explosão demográfica e densidade urbana: fotografia de bairro habitacional em construção em Shenzhen, China (3 milhões de habitantes).

32. Crescimento populacional exponencial: gráfico de previsões globais até 2030.

1.2. A PROBLEMÁTICA DA URBANIZAÇÃO NOS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO

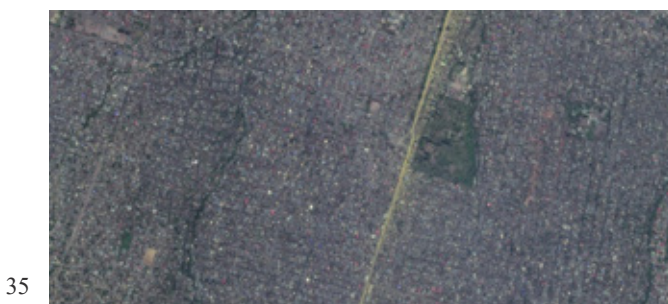
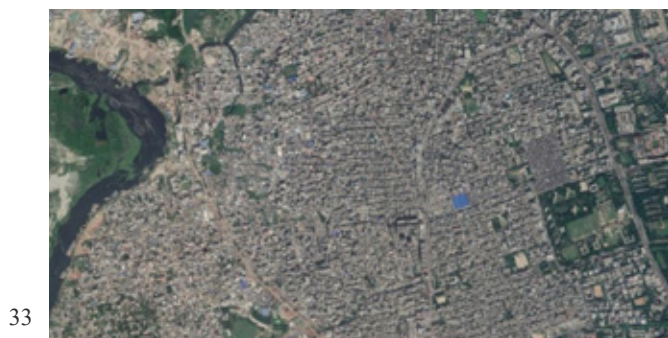
As cidades dos tempos pré-gregos e pré-romanos evoluíram num ritmo relativamente lento. Foram necessários séculos para alcançar números em redor de um milhão de habitantes. Da mesma maneira, chegando ao século XX, apenas 10% da população mundial vivia em cidades. No entanto, em 2010, a percentagem alcançou os 50%. Se o mesmo ritmo for mantido nas próximas décadas, a estimativa é que, em 40 anos, a população urbana mundial chegue aos 75%.³⁰

Pela primeira vez na história, e de modo irreversível, a maioria da população mundial vive em cidades, registando 54% em 2014, ou seja, os territórios urbanos albergam quase dois terços da população mundial. No entanto, existem processos de urbanização gerados espontaneamente por parte de populações locais que são completamente exteriores a intervenções e acompanhamentos de profissionais da área. Isso é mais notável nos países em desenvolvimento onde, segundo os dados do Banco Mundial³¹, acontecem 90% do crescimento urbano e onde o crescimento acelerado de bairros precários originários de assentamentos informais chega a representar um terço, a mais de metade, da área construída das suas cidades.

À medida que se aproxima o fim do milénio, a explosão demográfica urbana ganha uma dimensão ainda maior nos países em desenvolvimento. Por exemplo, o continente africano, que terá sido o local de fundação das primeiras urbes e marcado historicamente pela existência de grandes cidades, apenas terá retomado essa intensidade do processo de urbanização nas últimas décadas do século XX, devido ao seu percurso turbulento ao longo da história e em seguimento da independência dos seus países, após longos processos de colonialismo europeio. Portanto, enquanto o contexto ocidental segue o seu percurso de reconversão e expansão urbana do pós-guerra através de grandes operações de realojamento e lutas em defesa de direitos sociais e básicos à vida humana, nos países do Sul e do Oriente,

30 Dados retirados de *Urbanized* (2011) direção de Gary Hustwit. Estados Unidos: Documentário da série *Design Trilogy*

31 UN-HABITAT (2014), WHD – Voices from slums: Background Paper: Nairobi, p. 1 (Online) Disponível em: <https://unhabitat.org/wp-content/uploads/2014/07/World-Habitat-Day-2014-Backgrounder.pdf> Consultado a: 01/2018



Densidade urbana em países do Terceiro Mundo:

33. Vista aérea de Dacca, Bangladesh. (7 milhões de habitantes).

34. Detalhe de um bairro precário de Dacca.

35. Vista aérea de Kinshasa, República Democrática do Congo (9 milhões de habitantes).

36. Detalhe de um bairro precário de Kinshasa.

37. Vista aérea de Lagos, Nigéria (8 milhões de habitantes).

38. Detalhe de um bairro precário de Lagos.

processam-se profundas reestruturações políticas e territoriais, que caminham ao ritmo de acelerados crescimentos urbanos, agravando os níveis de pobreza.

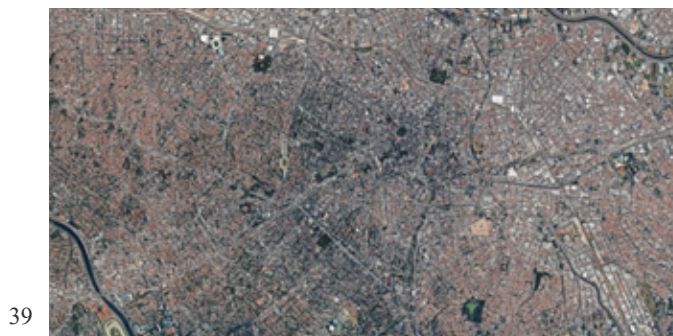
A taxa de crescimento da maioria das zonas urbanas do Ocidente é de registos graduais e proporcionais ao intervalo de tempo em que ocorreram. Comparativamente, nos países em desenvolvimento, as mesmas taxas têm valores mais elevados e a velocidade de crescimento é muito maior. Por exemplo, enquanto a Europa demorou cerca de uma centena de anos para crescer cerca de 20% nos seus valores de estado de urbanização (dos 12% para valores na ordem dos 32%), nos países do *Terceiro Mundo*³², o mesmo processo ocorreu num intervalo de tempo ao redor dos 50 anos³³. Isso significa que, a escala e velocidade de urbanização nesses países, ultrapassa o da era vitoriana europeia.

Mike Davis compara o caso de Londres³⁴ que, em 1910 era sete vezes maior do que em 1800, com casos como o de Daca (Bangladesh), Kinshasa (República Democrática do Congo) e Lagos (Nigéria), onde o crescimento atual é de cerca quarenta vezes maior em relação ao que existia em 1950. Igualmente, chama a atenção para a situação particularmente paradoxal que se encontra em África, questionando *como poderiam cidades na Costa do Marfim, Tanzânia, Congo, Gabão, Angola, e outros lugares – onde as economias estão contraídas entre 2 a 5% por ano – suportar um crescimento populacional anual de 4 a 8%? (...). Na verdade, como é que a África, como um todo, atualmente numa fase obscura de estagnação de empregabilidade urbana e produtividade agrícola, tem sido capaz de suportar uma taxa anual de urbanização (3,5 a 4%) consideravelmente superior à maioria*

32 A designação de *Terceiro Mundo* está relacionada com o Movimento Não-Alinhado e corresponde aos países que, após a Segunda Guerra Mundial, não estavam integrados no bloco de Aliados dos E.U.A., nem da U.R.S.S., declarando a necessidade de um modelo alternativo de desenvolvimento não dependente dos padrões ocidentais e soviéticos, e introduzindo uma terceira opção no panorama mundial. No entanto, o que iniciou como uma opção política, adquiriu uma conotação pejorativa, relacionada com a generalização do fraco desenvolvimento industrial, uma maior fragilidade económica, graves disparidades e desequilíbrios sociais.

33 PINHEIRO, Carolina Rosa (2012). Musseques: processos de urbanização da pobreza. Porto: Faup, p. 17

34 DAVIS, Mike (2007). Planet of slums. Nova Iorque: Verso, p. 2.



Megacidade de modelo centralizado:

- 39. Vista aérea de São Paulo, Brasil (12 milhões de habitantes).
- 40. Detalhe de um dos bairros do centro económico de São Paulo.
- 41. Vista aérea da Cidade do México, México (8 milhões de habitantes).
- 42. Detalhe de um dos bairros do centro económico da Cidade do México.

*das cidades europeias (2,1%) durante o auge de crescimento dos anos vitorianos?*³⁵

Evidentemente, um dos pontos de partida na elaboração de uma resposta à questão levantada por Mike Davis refere-se ao poder económico de cada uma destas áreas. Num contexto como o europeu, as oportunidades de vida urbana não se limitam a uma cidade, originando concentrações mais dispersas e melhor distribuídas. Nos países em desenvolvimento, a migração para áreas urbanas está limitada, por necessidade, apenas à capital e cidade principal, ou a poucas outras cidades que conseguem dar resposta em termos de oportunidades e condições para uma vida urbanizada. Ou seja, se nos países desenvolvidos, as cidades secundárias têm capacidade para gerar investimentos suficientes para competir com as cidades centrais, nos países em desenvolvimento há uma elevada dependência a um número reduzido de cidades reconhecidas como polos económicos.

O resultado é um crescimento descontrolado ao redor destes núcleos isolados, que falha em ser acompanhado por uma oferta de serviços e infraestruturas. Especificamente, observam-se casos como as megacidades de modelo centralizado, como São Paulo (Brasil) ou a Cidade do México (México), onde *mesmo durante o período de recessão nos anos 80, obtiveram um crescimento urbano contínuo não coincidente com a conjuntura económica, sustentado por uma larga migração rural, originando elevados níveis de crescimento e de densidade populacional sem que correspondesse na mesma proporção à oferta de emprego ou de habitação.*³⁶

Consequentemente, a evolução do espaço urbano demasiado acelerada, não permitiu uma passagem por todas as etapas de crescimento que foram comuns a grande parte da urbanização ocidental como, por exemplo, o *boom* populacional que trouxe a Revolução

35 *The situation in Africa was particularly paradoxical: How could cities in Côte d'Ivoire, Tanzania, Congo-Kinshasa, Gabon, Angola, and elsewhere – where economies were contracting by 2 to 5 percent per year – still support annual population growth of 4 to 8 percent? (..) Indeed, how has Africa as a whole, currently in a dark age of stagnant urban employment and stalled agricultural productivity, been able to sustain an annual urbanization rate (3.5 to 4.0 percent) considerably higher than the average of most European cities (2.1 percent) during peak Victorian growth years?* DAVIS, Mike (2007). Planet of slums. Nova Iorque: Verso, p. 14.

36 CANOTILHO, Pedro (2008). Habit: Arquitectura e a Problemática da Habitação. Coimbra: Darq/FCTUC, p. 35



43



43. Distribuição mundial de habitantes a viver em *slums* por região: gráfico da Un-Habitat de 2001.

Consequências espaciais do processo de urbanização acelerado e descontrolado:

44. Vista aérea da favela de Dharavi, Mumbai.

45. Detalhe da favela de Dharavi, Mumbai.

Industrial e a invenção do comboio, com todas as suas consequências de possível desenvolvimento relativamente compacto ao longo das principais vias de transporte e as suas tendências de distribuição controlada da população. Entende-se assim, a génese do desequilíbrio entre estes dois contextos: nos países emergentes a urbanização não foi a consequência de um processo evolutivo de base sólida como no mundo ocidental, mas, pelo contrário, a consequência de um processo explosivo suportado por sistemas urbanos frágeis e irregulares, altas taxas de natalidade e elevados índices de migração rural. O fenómeno de aumento da taxa de urbanização é constantemente acompanhado por uma inflação demográfica, sendo o aumento populacional um dos fatores mais impactantes no infundável crescimento das cidades dos países em vias de desenvolvimento.

1.2.1. Conceito de *Slum*

Os “pobres urbanos” destes países, não tendo possibilidade de adquirir ou alugar uma casa por meios legais – por constituírem uma classe não credível para o financiamento – recorrem ao sistema informal de obtenção de terra, onde aí, pelos próprios meios procedem à autoconstrução não assistida nos espaços livres do território urbano, com os materiais que encontram ao seu dispor. Assim, os principais problemas destes assentamentos ligam-se à sua carência de infraestruturas e serviços básicos como: abastecimento de água, saneamento, recolha de resíduos, drenagem de águas pluviais, iluminação pública, pavimentação das ruas ou estradas de acesso de emergência. São resultado da incapacidade de resposta do aparelho administrativo ao avanço urbano e populacional das cidades atuais.³⁷

Os países com o maior número de pessoas a viver em assentamentos informais são a China (180 milhões), seguida pela Índia (104 milhões). No entanto, em termos de percentagens, o maior registo pertence à República Centro-Africana, onde 96% da sua população vive em contexto informal³⁸.

37 PINHEIRO, Carolina Rosa (2012). *Musseques: processos de urbanização da pobreza*. Porto: Faup, p. 15

38 UN-HABITAT (2014), WHD – *Voices from slums: Background Paper: Nairobi*, p. 2 (Online) Disponível em <https://unhabitat.org/wp-content/uploads/2014/07/World-Habitat-Day-2014-Backgroundunder.pdf> Consultado a: 01/2018



46. Privação à água e saneamento em contextos de precariedade: criança transporta recipientes plásticos com água em Dharavi, Mumbai.

Ao questionar o conceito de slum, Davis reflexiona sobre a gênese da palavra. *A primeira definição publicada ocorre alegadamente no “Vocabulary of the Flash Language” (1812) do escritor deportado James Hardy Vaux, onde é sinónima de “agitação” e “comércio ilegal”*.³⁹ No entanto, acredita-se que o conceito começou a ganhar reconhecimento nas publicações sobre reformas urbanas de Wiseman, onde perpetua um significado pejorativo: *uma área de ruas traseiras sujas, especialmente habitada por uma população criminosa e miserável*.⁴⁰ Simultaneamente, Justin Mcguirk resume o conceito como a repercussão espacial das decisões tomadas durante o movimento moderno, associando a dimensão social da questão: *as favelas podem não ser modernismo, mas são o resultado da modernidade*.⁴¹

Apesar da variedade de condicionantes, estabelece-se uma definição técnica de *slum* caracterizada essencialmente pela ideia de *carência* (económica, de privacidade, etc.). Assim, a UN-Habitat lança um grupo de quatro privações que impedem o acesso às condições mínimas de habitabilidade, definidoras do conceito de *slum*:

a. Privação à água e saneamento

A falta de acesso a uma rede urbana de canalizações, paralela a uma elevada concentração de habitantes é, sem dúvida, o maior desafio destas áreas. A restrição de acesso a infraestruturas que permitam assegurar a saúde e higiene, como a inexistência de água potável e o deficiente escoamento de águas residuais são as causas de várias doenças encontradas nestes contextos. Hassan Fathy prevê que *pelo menos um bilhão de pessoas hão de morrer precocemente e ter vidas debilitadas por causa da insalubridade, deficiência económica e disformidade das habitações*⁴². Em Mumbai, a cidade diz que se há uma sanita para

39 *The first published definition reportedly occurs in the convict writer James Hardy Vaux’s 1812 “Vocabulary of the Flash Language”, where it is synonymous with “racket” or “criminal trade”*. DAVIS, Mike (2007). Planet of slums. Nova Iorque: Verso, p.22.

40 (...) *Forty years later, the new US Department of Labor (...) still defined a slum as “an area of dirty back streets, especially when inhabited by a squalid and criminal population.”* Idem, p.23.

41 *The favelas may not be modernism, but they are the byproduct of modernity*. MCGUIRK, Justin (2014). *Radical Cities: Across Latin America in search of a New Architecture*. Londres: Verso, p.103.

42 *At least one billion people will die early deaths and will live stunted lives because of unsanitary, uneconomic, and ugly housing* in FATHY, Hassan (1973). *Architecture for the poor: an experiment in rural egypt*. Chicago: University of Chicago Press, p. IX

47



48



47. Superlotação/Densidade: vista de uma área urbanizada do Cairo, Egito (9 milhões de habitantes).

48. Durabilidade das construções: vista de uma das maiores favelas do continente africano, Kibera, em Nairóbi, Quênia (3 milhões de habitantes).

*cinquenta pessoas, isso significa que o saneamento é adequado*⁴³. Em *Clara Town*, favela da cidade de Monróvia, capital da Libéria, setenta e cinco mil pessoas partilham onze sanitas e vinte e duas torneiras públicas. Em Kibera, comunidade na capital do Quênia, Nairobi, as consideradas linhas de esgoto são ao ar-livre, e as “sanitas” são sacos de plástico. Em alguns casos, o único problema não é a falta de recursos económicos, mas uma crença com raízes culturais de que *produzir melhores condições de saneamento irá encorajar as pessoas a vir para a favela*.⁴⁴

b. Superlotação/Densidade

Acesso a serviços básicos não é a única privação na vida informal, um dos maiores luxos inalcançáveis é a privacidade. Uma pesquisa realizada pela UN-Habitat em sete países da África subsaariana, mostra que a média de ocupantes por divisão nos seus assentamentos informais é de quatro pessoas, sendo três o número máximo recomendável para a área típica de 9m².⁴⁵ À escala do bairro, a inexistência de áreas de convívio, ignora o papel fundamental do espaço público como um elemento da vida em sociedade. Devido ao carácter de expansão por associação, estas áreas são predominantes em negativos sem função, resultantes simplesmente de espaços vazios não planeados. Assim, a densidade é um problema transversal à escala da habitação e à escala do bairro.

c. Durabilidade das construções

Uma das características gráficas de favela e sintoma de pobreza urbana, é o aspeto precário das suas construções. No mesmo conjunto de países da África subsaariana pertencentes ao estudo referido acima, a percentagem de construções permanentes representa apenas 28% das estruturas existentes.

d. Insegurança de títulos de posse

O estado de posse indefinido de milhões de habitações é o aspeto mais crítico na questão de reabilitação e desenvolvimento urbano sustentável. Este dado é também o mais difícil de quantificar e estudar. De acordo com estimativas da UN-Habitat⁴⁶, na década de 90, 924

43 *Urbanized* (2011) direção de Gary Hustwit. Estados Unidos: Documentário da série *Design Trilogy*

44 *Idem*.

45 Pesquisa pertencente ao *Participatory Slum Upgrading Programme, PSUP, 2012*

46 UN-Habitat (2003). *Security of Land Tenure Today*.



49. A vida em Kibera, Nairóbi: Fotos do projeto *Power of Hope Kibera*, Maureen Ruddy Burkhart, 2013.

milhões de pessoas a viver em áreas urbanas não tinham o direito de posse sobre as suas habitações. Em 2014, devido ao crescimento não controlado nos países em desenvolvimento, a percentagem a nível global terá aumentado exponencialmente. A maioria da população nestes contextos vive sem nenhum tipo de garantias e com a constante ameaça de despejo, o que resulta numa falta de motivação e entusiasmo face ao futuro das suas habitações e bairros. Estas áreas, que na maioria dos casos não correspondem às expectativas e planos da cidade, desafiam registros de propriedade existentes e envolvem vários agentes de interesses conflituosos.

Para além das quatro privações acima indicadas, são também destacados pela UN-Habitat⁴⁷ outros aspetos que caracterizam o modo de vida em geral em contextos de informalidade. As circunstâncias sociais traduzem-se em disparidades biológicas, resultando na diminuição de esperança de vida, altas taxas de mortalidade e surtos de vírus e doenças infetuosas, como o HIV, a cólera e, mais recentemente a ébola. Devido ao débil nível de educação praticado, as taxas de natalidade e de população jovem são explosivas, o que contribui para o problema da densidade e para o aumento do número de iletrados no mundo (só nas regiões do Sul e Oeste da Ásia, registam-se 52% de iletrados, mais de metade da percentagem global). Consequentemente, um dos aspetos mais vulneráveis para a população dos assentamentos informais, são as oportunidades de empregabilidade. As opções disponíveis resumem-se, muitas vezes, no subemprego, trabalho informal, pequenas economias locais e o desemprego. Naturalmente, estas opções não oferecem nenhum tipo de segurança, salários dignos e estáveis, benefícios sociais e, ainda, diminuem as possibilidades de participação em sistemas formais de educação. Além disso, o estudo realizado pela UN-Habitat nos sete países da África subsaariana, demonstrou que pelo menos 20% dos chefes de família são mulheres, igualmente responsáveis pelo sustento económico das suas habitações. Estas são consideradas como uma das maiores forças para o desenvolvimento de milhões de famílias a viver no limiar da pobreza.

47UN-Habitat (2014). Voices from slums. Disponível em: <https://unhabitat.org/wp-content/uploads/2014/07/World-Habitat-Day-2014-Backgrounder.pdf>

50



51



Ruas de Paris, antes e depois do plano de Haussmann de 1853:

50. *Rue Saint-Julien-Le-Pauvre.*

51. *Rue des Tanneries.*

1.2.2. Entre a *erradicação* e a *radicação*: um processo de sensibilização

Erradicação

Face ao intensificar da urbanização e do crescimento dos assentamentos urbanos espontâneos, a segunda metade do século XX é marcada pela consolidação do debate sobre a problemática da urbanização da pobreza e a precariedade habitacional.⁴⁸ Quando a Europa sofria com o congestionamento e insalubridade das cidades durante o período medieval, também foi necessário pensar em soluções inovadoras. Relembre-se o caso de Paris, onde Haussmann teve a radical iniciativa de demolir parte da cidade, para eliminar a raiz dos seus problemas. Apagando ruas medievais, assentamentos informais e, reconstruindo a cidade na escala do monumental e icónico, Paris inicia uma nova era de orgulho patriótico. Igualmente, nos primórdios da consciencialização do problema, assentamentos precários ao longo do mundo foram encarados como uma patologia urbana a eliminar porque, e como aponta Hassan Fathy⁴⁹, ao adotar uma noção relativamente simplista de que as favelas são *um mau tipo de alojamento*, a solução imediata seria demolir o *mau alojamento* e substituí-lo com o *bom alojamento*. Assim, seguindo essa linha de pensamento, nos anos 50, a estratégia de seleção para lidar com o problema seria a *erradicação* – eliminação das construções informais possivelmente acompanhada por um processo de realojamento. Esses processos de realojamento viriam a tornar-se nos maiores pontos do debate.⁵⁰

48 *Com a compreensão que, não será possível impedir o fluxo de população para as cidades, o desafio passa a ser a criação de condições que permitam que esse movimento ocorra sob outras formas, que não a de assentamentos informais.* Alejandro Aravena em entrevista para o documentário: *Urbanized* (2011) direção de Gary Hustwit. Estados Unidos: Documentário da série *Design Trilogy*

49 *Its relatively notion was that slums are bad housing. Its solution was to tear down the bad housing and to build good housing.* In FATHY, Hassan (1973). *Architecture for the poor: an experiment in rural egypt.* Chicago: University of Chicago Press, p. XI

50 *A política da habitação atuada por organismos de financiamento e administração ocupados com a tal “solução do problema”, resultou quase sempre anti-urbana (mesmo quando de alta densidade e concentrada junto às cidades), na medida em que espalhou bairros-dormitório convencionais, para populações de baixo nível de vida (nível por vezes ainda agravados pelos novos transportes e rendas contraídos com a nova casa) que ficavam a constituir novas necessidades de serviços, sempre atrofiados porque pontualmente dispersos.* PORTAS, Nuno (2007). *A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica.* 2ª edição fac-símile. Lisboa: Livros Horizonte, p. 148



52. *Slum upgrading*: requalificação de uma favela no Paquistão (substituição de estruturas efêmeras, “barracas”, por construções de caráter permanente).

A contrariedade destas soluções, na maior parte dos casos, reside no facto que, o custo de vida das pessoas afetadas tende a aumentar, conseqüente do afastamento em relação ao centro urbano. Os pressupostos iniciais que levaram a população à instalação em construções precárias, como o acesso ao trabalho formal, à educação, aos serviços de saúde, à informação e aos bens de consumo, ou seja, os benefícios disponibilizados pela proximidade ao centro urbano, são esquecidos ao longo dos processos de realojamento que apenas têm em vista a resposta à carência numérica de habitações. Identifica-se assim, um importante fator de insucesso das políticas de realojamento, residente no entendimento restrito da habitação face às distintas dimensões da condição da *pobreza*.

Conceito de pobreza

Ana Silva Fernandes caracteriza a *pobreza* como uma condição multidimensional associada à privação. É identificada pelas repercussões espaciais causadas pela fragilidade económica, que levam à exclusão social, dificuldade de acesso a serviços existenciais e condições mínimas de vivência. Desse modo, pode ser definida como uma *condição multidimensional de privação que ultrapassa o nível económico para se estender a reflexos socio-espaciais*.⁵¹ Compreender a multidimensionalidade da pobreza é compreender que o seu debate exige um caráter multidisciplinar.

Radicação

A destruição dos assentamentos como resposta ao problema, apresentou-se, ao longo do tempo, como uma solução deficiente.⁵² Assim, houve a necessidade de reconhecimento da potencialidade dos assentamentos informais como uma forma de produção e investimento urbano, juntamente com a tomada de consciência que este tipo de construções representam uma identidade local e existem em dimensões demasiado elevadas para serem ignoradas ou simplesmente destruídas. A escala de ocupação dos assentamentos informais dificulta a aplicação de estratégias de erradicação, tornando-se num desafio demasiado extenso e custoso construir os alojamentos necessários, em soma à demolição de áreas construídas

51 FERNANDES, Ana Luísa da Silva (2015). *Entre remediar e solucionar: a estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza: São Tomé e Príncipe como laboratório*. Porto: Faup, p. 5

52 Observaram-se inúmeras vezes que, ao eliminar um bairro, mesmo com a pretensão de realojar a sua população, o mais provável é que essa população se disperse para ocupar outros setores. Após a perda de uma habitação, o espírito abalado e a falta de recursos, agora ainda mais afetada, não são as melhores ferramentas para um recomeço e, conseqüentemente, novas construções são produzidas, cada vez mais precárias.



53. *Slum upgrading* e o processo participativo: *Participatory Slum Upgrading Programme (PSUP)*, Un-Habitat.

que, no contexto dos países em desenvolvimento, tendem a representar um terço a mais de metade dos setores urbanos existentes. Segundo a lógica de apoio aos processos informais de habitação, *melhorar em vez de substituir tornou-se a premissa imposta pelo Banco Mundial e o FMI, as figuras tutelares dos programas de financiamento de programas de habitação*.⁵³ Define-se assim, uma ação de resposta de intervenção *in situ*, oposta à perspectiva da erradicação, a *radicação*.

Segundo a UN-Habitat⁵⁴, as condições em *slums* podem ser melhoradas desde que haja um envolvimento multidisciplinar e uma gestão consciente por parte dos agentes responsáveis que garanta a boa vontade das autoridades, o compromisso das comunidades envolvidas e uma maior compreensão e sensibilidade em relação à problemática da pobreza urbana.

*

Os assentamentos de génese informal fazem parte do panorama urbano global, assumindo formas mais agravadas nos contextos onde existem grandes disparidades económicas. Esta segregação e fragmentação socio-urbanística que caracterizam hoje as grandes cidades, requerem um olhar estratégico e *glocal*:⁵⁵ que aborde a cidade como um todo, mas que esteja atento à estrutura de cada lugar e às especificidades e aspirações de cada contexto.

As fragilidades apontadas são também o que caracteriza as oportunidades de intervenção. Acredita-se, portanto, que o desenvolvimento de qualquer programa de requalificação em áreas de informalidade deve mobilizar a população local, atuando a diferentes níveis, desde a geração de empregos e novas fontes de rendimento através da contratação de mão-de-obra local, à criação de associações responsáveis pelo funcionamento e manutenção de tais intervenções.

53 CANOTILHO, Pedro (2008). *Habit: Arquitectura e a Problemática da Habitação*. Coimbra: Darq/FCTUC, p.55

54 UN-HABITAT (2014), WHD – *Voices from slums: Background Paper: Nairobi*, p. 6 (Online) Disponível em <https://unhabitat.org/wp-content/uploads/2014/07/World-Habitat-Day-2014-Backgrounder.pdf> Consultado a: 01/2018

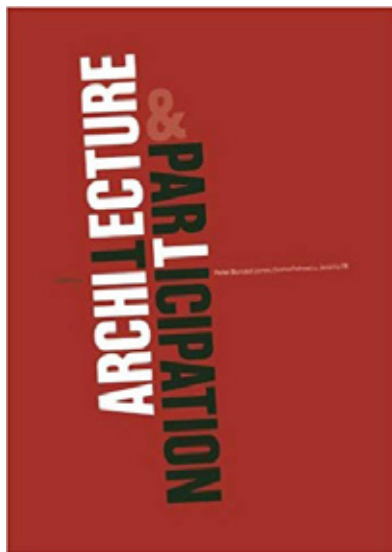
55 “Global + local”. PINHEIRO, Carolina Rosa (2012). *Musseques: processos de urbanização da pobreza*. Porto: Faup, p.92.



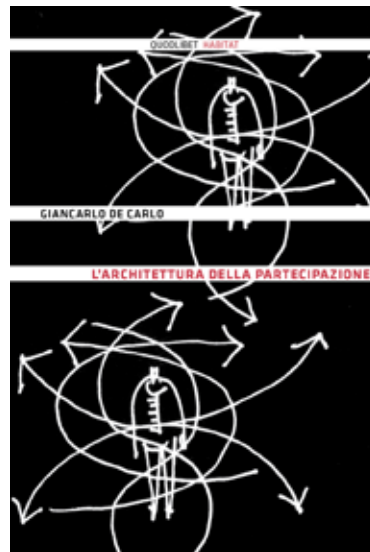
54. Aranya Low Cost Housing, India.

2. O RECONHECIMENTO DE UMA ESTRATÉGIA

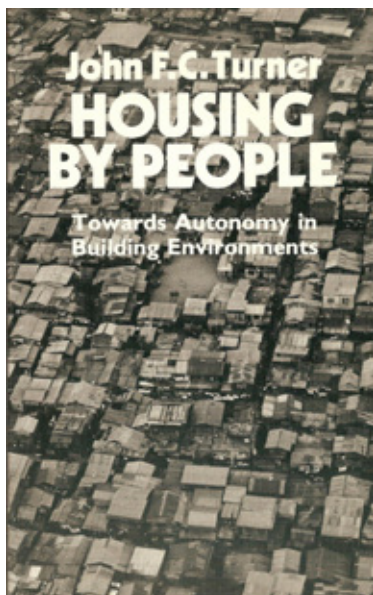




55



56



57



58

Teorização do tema “A arquitetura e a participação”:

55. Capa do livro *Architecture & Participation*, vários autores, edição de 2005.

56. Capa do livro *L'Architettura della partecipazione*, Giancarlo De Carlo, edição de 2013.

57. Capa do livro *Housing by people*, John Turner, edição de 1973.

58. Capa do livro *The nightmare of participation*, Markus Miessen, edição de 2011.

2.1. O CONCEITO ABERTO DE PARTICIPAÇÃO

Cliente

VS utilizador

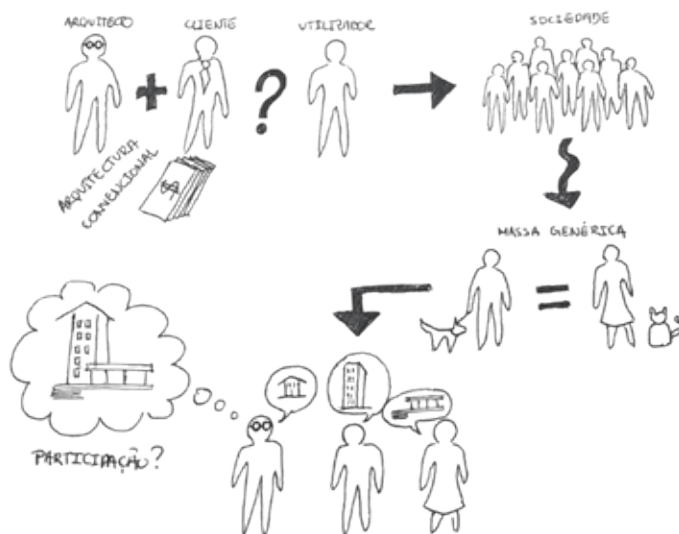
Como um primeiro passo no caminho para a compreensão do conceito de participação, sugere-se uma breve reflexão sobre o tema do *cliente*. Convencionalmente, a obra arquitetónica é a resposta a um problema colocado por um cliente que, na sua encomenda, rejeita a ideia da arquitetura como um processo, valorizando apenas o objeto final. Em situações em que cliente e utilizador são personagens distintas, fortalece-se uma relação cliente-autor, enquanto a terceira personagem, o utilizador, é excluído da equação. Este terá sido o panorama característico da produção arquitetónica até meados do século XX, descrito por Giancarlo De Carlo como o ponto crítico no que foi a definição da posição da arquitetura na relação com a dimensão social da profissão: *a credibilidade desapareceu quando a arquitetura moderna escolheu o mesmo público que a arquitetura académica ou de negócios, isto é, quando assumiu uma posição de elite do lado do cliente, em vez do lado do utilizador*.⁵⁶

Da mesma forma, ao descrever a personagem convencional do arquiteto, Hassan Fathy faz referência à exclusividade da arquitetura, categorizando o seu contributo como *um luxo caro*, encontrado apenas onde existe poder monetário e clientes prósperos.⁵⁷ Em confronto com a visão de De Carlo, Bruno Zevi, junta cliente e utilizador, relacionando o surgimento da arquitetura moderna com a inclusão de um novo cliente que não o cliente abastado que pretendia construir palácios e *villas*. *O novo cliente, poderoso, anónimo, dos arquitetos precursores foi, junto às fábricas industriais, a massa enorme dos novos habitantes da cidade, foi a multidão ardente que tinha criado a metrópole*.⁵⁸

⁵⁶ *The point is that credibility disappeared when modern architecture chose the same public as academic or business architecture: that is, when it took an elite position on the side of the client rather than on the side of the user.* Giancarlo De Carlo, *Architecture's Public in Architecture & participation* (2005). 1st ed. Londres: Spon Press., p.8

⁵⁷ *The architect is an expensive luxury; so, he is found only where there is money. Because he works for fairly prosperous clients, the architect is not always concerned to cut down the cost of his buildings.* FATHY, Hassan (1973). *Architecture for the poor: an experiment in rural Egypt*. Chicago: University of Chicago Press, p.115

⁵⁸ Bruno Zevi, cit. FILGUEIRAS, Óctávio Lixa (1985). *Da Função Social do Arquitecto: para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*. Porto: E.S.B.A.P. – Arquitetura, p.92



59. O processo participativo na arquitetura: reflexão sobre o papel do arquiteto, cliente e utilizador.

Apesar de ter sido o primeiro passo de um processo de sensibilização, esta massa é definida por Margaret Crawford como *uma massa genérica do modernismo*,⁵⁹ não sendo aceite como o suficiente para atingir grupos específicos cujas necessidades não eram atendidas, e atuar com o impacto necessário para elevar a arquitetura a uma ação social.

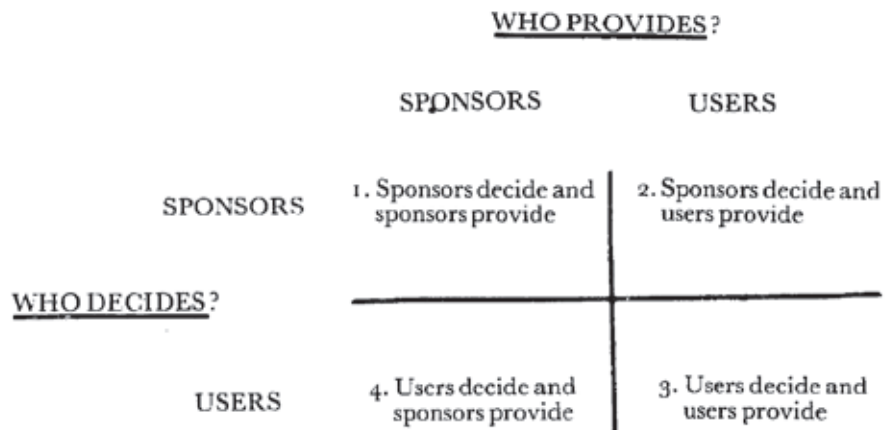
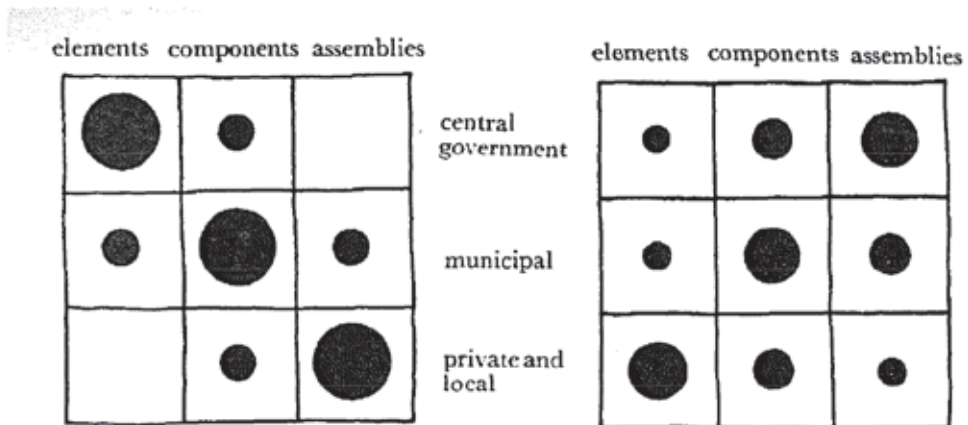
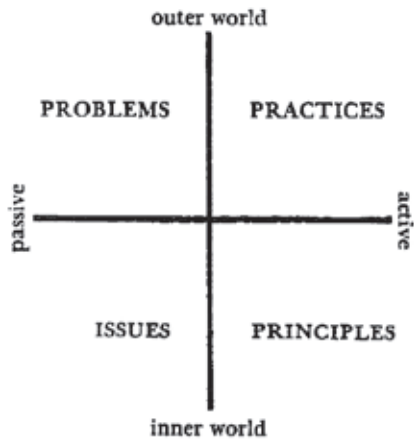
De facto, a arquitetura moderna foi revolucionária por se direccionar às questões referentes ao homem e ao quotidiano, no entanto, avalia-se que a classificação e categorização das necessidades e atividades que definem o homem comum (conforme apresentadas na Carta de Atenas: trabalho, habitação, mobilidade a lazer), eram apresentadas como uma síntese de um *homem modelo imaginário*⁶⁰ e não sob um pretexto participativo. Como aponta Filgueiras, *naquele tempo, a máquina provocava grandes concentrações humanas, mas não unia os homens*.⁶¹ O “homem modelo” da arquitetura moderna vivia num contexto de planeamento autoritário, onde o utilizador adapta-se ao espaço construído através dos estímulos que este lhe transmite, sem receber de volta a mesma flexibilidade, *porque o plano era normalmente concebido assumindo que é mais fácil, mais rápido e mais rentável condicionar as pessoas, do que condicionar o ambiente*.⁶²

59 Margaret Crawford, em ALVES, João Carlos Teixeira (2014). *Arquitetura de intervenção: repensando o papel social do arquiteto através de modelos alternativos de prática*. Porto: FAUP, p.43

60 *A classification of needs calculated in relation to an imaginary “average man” opens up no prospects of substantial renewal because it does not take into account the fact that work, dwelling, traffic and leisure, which are completely different activities and, in many ways, opposed, can be of primary or secondary importance depending on whether they are considered from the point of view of those with power or without*. Giancarlo De Carlo, *Architecture’s Public in Architecture & participation* (2005). 1st ed. Londres: Spon Press., p.17

61 FILGUEIRAS, Óctávio Lixa (1985). *Da Função Social do Arquitecto: para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*. Porto: E.S.B.A.P. – Arquitetura, p.82

62 *... it is necessary for each side to possess aptitudes for change through a continuous alternation of reciprocal identification and disassociation. The architectural object changes with the transformations which the user imposes on it as he or she adapts it to varying practical and creative needs; but the user also changes with the stimulation which the intrinsic quality of the architectural object transmits to him or her. In authoritarian planning, only this second line of influence functions, and it does so repressively, because the plan is usually conceived assuming that it is easier, quicker and more profitable to condition people than to condition the environment*. Giancarlo De Carlo, *Architecture’s Public in Architecture & participation* (2005). 1st ed. Londres: Spon Press., p.20



Consequentemente, e como viria a afirmar Turner, a rigidez arquitetónica e a dificuldade em transformar espaços encerrados dentro de uma obra dada como concluída, alienaram os sentidos mais íntimos de pertença das comunidades.⁶³

A participação foi uma das soluções encontradas como tentativa de criar identidade e aumentar o valor da relação entre espaço e utilizador. No entanto, e apesar de não ser um conceito novo, mesmo nos anos 60 com a visão mais sensível introduzida pelo Team X a participação não atinge um patamar superior ao de simples resistência aos modelos mais convencionais. Apesar das bases estabelecidas que se apoiavam nos padrões da vida quotidiana, os movimentos sociais para a mudança eram unilaterais, da base para o topo da pirâmide social, através de processos internos dos quais a arquitetura e o urbanismo desempenhavam um papel menos ativo. A partir da década de 70, o nível de burocracias exigidas para o sucesso de um processo participativo, juntamente com a multidisciplinariedade de profissionais necessária a intervir, revelaram-se como alguns dos motivos principais por detrás da remoção do voto público na toma de decisões e pela preferência por uma standardização do bem viver. Nas seguintes décadas, com o crescente resgate do tema da participação, o objetivo passa a ser envolver o utilizador mais cedo no processo de produção arquitetónica, aumentando o sentimento de posse sobre o objeto e a flexibilidade na relação ambiente/utilizador. Com isso em mente, atreve-se uma tentativa de definição do conceito.

63 ALVES, João Carlos Teixeira (2014). *Arquitetura de intervenção: repensando o papel social do arquiteto através de modelos alternativos de prática*. Porto: FAUP, p.91

Remetendo para a antiguidade, a participação é um princípio subjacente às ideias de *cidadania e equidade social* que, apesar de uma forma ainda bastante exclusiva, tiveram a sua base no Império Romano com a formação das primeiras assembleias públicas. Igualmente, Jeremy Till faz um paralelismo entre a história da participação e a história da democracia, onde *quem manda é o povo*.⁶⁴ Ambos os processos, como resultado da comunicação, permitem que as decisões tomadas, por terem um caráter coletivo, sejam melhor aceites individualmente. Mesmo que não reflitam diretamente os seus ideais, a oportunidade de decidir de acordo com os desejos de uma maioria aumenta o sentimento de pertença do indivíduo na sua comunidade. Como observa Henry Sanoff, a sensação de influência não parte necessariamente da satisfação das necessidades do utilizador, mas do sentimento de ter participado na tomada de decisões.⁶⁵ Por outro lado, apesar desta associação de intervenção enquanto sistema aberto a contributos, Ana Silva Fernandes sublinha que este sistema será *tanto mais eficaz e justo quanto mais traduzir o caráter de representatividade dos elementos que engloba*.⁶⁶ As afirmações sugerem um entendimento diferente de participação, não sendo concorrentes nem contraditórias. Assim, Carole Pateman acentua a flexibilidade do conceito, separando-o, no entanto, em três subcategorias: pseudoparticipação, participação parcial e participação total.

64 *We should not be so surprised about this apparent gap between the ideals and reality of participation. The story of participation runs parallel to that of democracy, and no one does not have to be aa great political theorist to detect that the soothing Hellenic tymology of democracy – the people’s rule – is disturbed by undercurrents of power, manipulation and disenfranchisement.* Jeremy Till, *The negotiation of hope in Architecture & participation* (2005). 1st ed. Londres: Spon Press., p.24

65 *One of the main advocates of architectural participation, Henry Sanoff, argues that: “participants have a sense of influencing the design process... it is not so much the degree to which the individual needs have been met, but the feeling of having influenced the decisions.* Jeremy Till, *The negotiation of hope in Architecture & participation* (2005). 1st ed. Londres: Spon Press., p.26

66 FERNANDES, Ana Luísa da Silva (2015). *Entre remediar e solucionar: a estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza: São Tomé e Príncipe como laboratório*. Porto: Faup, p. 69

*(Participação total) é onde cada membro individual de um grupo de tomada de decisões tem a mesma influência no resultado das ações. Participação parcial é quando não há igualdade na forma como a decisão é tomada: o verdadeiro poder decisivo pertence apenas a uma parte.*⁶⁷

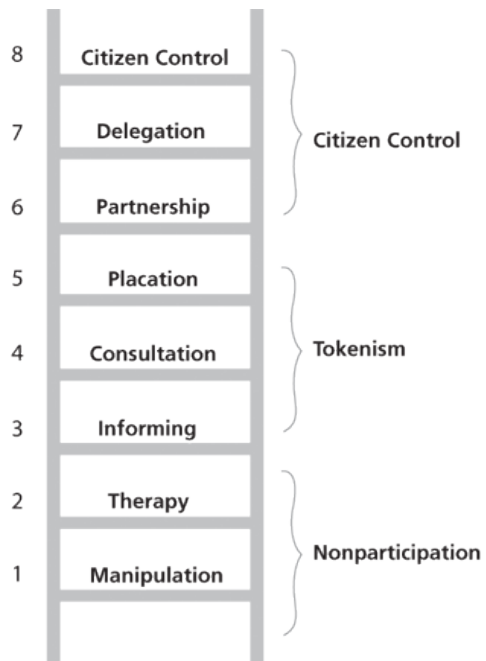
A participação parcial reconhece a superioridade da personagem com mais conhecimento teórico, neste caso o arquiteto, concedendo-lhe a última palavra. Seguindo esta linha de pensamento, Till aponta que a participação parcial é a descrição mais realista de participação em arquitetura, no entanto, não é o caminho a seguir para quem acredita que o objetivo deve ser o *empowerment* do cidadão e não do profissional, sugerindo uma nova subcategoria capaz de manipular esse desequilíbrio de conhecimentos em novas oportunidades, à qual chama de *participação transformativa*.⁶⁸

Markus Miessen critica que *participação, demasiado frequentemente, torna-se um método oportuno de apaziguamento, em vez de um processo real de transformação*.⁶⁹ Desse modo, a designação *participação transformativa* de Till está em confronto direto com a ideia de *participação aplacadora* e desafia o uso excessivo do qual o conceito tem sido

⁶⁷ Pateman contrasts pseudo-participation with full and partial participation. Full participation is described as “where each individual member of a decision-making body has equal power to determine the outcome of the decisions”. Partial participation is when there is not equal in how the decision is made: “the final power to decide rests with one part only”. Jeremy Till, *The negotiation of hope in Architecture & participation* (2005). 1st ed. Londres: Spon Press., p.27

⁶⁸ *What is needed, therefore, is another form of participation that is realistic enough to acknowledge the imbalances of power and knowledge, but at the same time works with these imbalances in a way that transforms the expectations and futures of the participants. Let us call this type of participation “transformative participation” as an active signal of its opposition to the passive nature of placatory participation.* Idem, *ibidem*.

⁶⁹ *The trouble is that, in their overuse, “participation”, “community” and “sustainability” have become more or less meaningless. These words create a veneer of worthiness; but if you scratch the surface, critical in-terrogations of what is at stake are strikingly absent. Participation too often becomes an expedient method of placation rather than a real process of transformation.* MIESEN, Markus (2011). *The Nightmare of Participation*. Berlin: Sternberg Press, p.33



61. Os níveis do processo participativo: *Ladder of Participation* de Arnstein, 1969.

vítima atualmente. Este termo é apresentado na *escada da participação*, desenvolvida por Sherry Arnstein. Neste caso, nega-se uma visão genérica e incontestada do conceito de participação, aceitando que todos os processos participativos apresentam diferentes graus de envolvimento, variáveis dentro de oito níveis e estruturados em três categorias.

Processo participativo

Segundo Arnstein, o nível inferior do processo participativo é a *manipulação*, onde o resultado está pré-determinado e é independente do voto público. A manipulação é caracterizada por uma falta de consenso⁷⁰ e por uma utilização menos honesta de um meio de legitimação de decisões⁷¹, e faz parte da primeira categoria, a *não-participação*. Nesta categoria, a participação é apresentada como uma indulgência sob falsos pretextos com o verdadeiro objetivo de “educar” os participantes, e não como um processo direcionado à resolução de um problema.

A segunda categoria é o *simbolismo* e representa o centro da escada. A participação simbólica é uma primeira tentativa de fazer ouvir as verdadeiras necessidades do utilizador, respeitando o facto que este é o primeiro a identificar as carências que o rodeiam. Apesar de apoiar a liberdade de expressão e garantir uma voz ao público, não garante, por sua vez, a consideração dessas ideias e a conseqüente mudança desejada. O nível mais alto desta categoria é o *apaziguamento* (tradução livre do termo em inglês *placation*, que também pode sugerir pacificação ou aceitação), um nível superior de uma participação apenas simbólica, onde, apesar de já se fazer sentir uma certa influência por parte dos participantes, quem mantém todo o direito de decisão é o lado com mais poder. Este é provavelmente o nível de participação mais praticado nos programas de cidades-modelo, onde os representantes da opinião geral são escolhidos “a dedo” de modo a apoiar as posições superiores. Desse modo, estabelece-se um cenário de paz e concordância, ao mesmo tempo que se satisfaz, de forma ilusória, o desejo dos cidadãos de participarem em decisões importantes.

70 *Participation minus consensus equals manipulation*. MIESSEN, Markus (2011). *The Nightmare of Participation*. Berlin: Sternberg Press, p.84

71 *Worse, is participation simply being used to create legitimacy for decisions that have already been made?* Stephen Connelly, Tim Richardson, *Reinventing public participation in Architecture & participation* (2005). 1st ed. Londres: Spon Press., p.77



62



63

62. Manifestação de estudantes na abertura da Trienal de Milão de 1968 (Giancarlo De Carlo ao centro).

63. Votação com estudantes de arquitetura na Universidade Técnica de Delft, 1969.

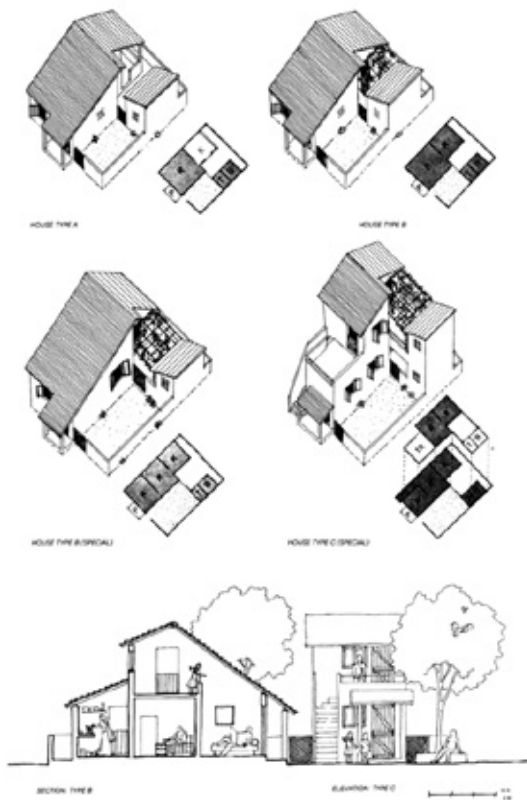
À medida que se sobe na escada, o poder de decisão dos participantes aumenta, até chegar à terceira e última categoria de Arnstein, o *poder do cidadão*. Nesta ilustração do processo participativo, entende-se que existe uma escala progressiva do poder atribuído ao participante. Ao contrário das outras duas categorias, neste caso compreende-se uma participação ativa do cidadão, com repercussões diretas no resultado final. A sua influência pode ser total ou parcial, como sugerem os conceitos de *parceria*, que permite uma negociação entre as partes com o fim de chegar a consensos favoráveis a todos os envolvidos, e de *poder delegado*, onde os cidadãos têm a oportunidade de desempenhar uma posição dominante na tomada de decisões. O poder total, representado no último nível da escada, dita a comunidade como o elemento responsável por todas as decisões, não havendo contrapontos.

Participação em arquitetura

A conclusão mais correta seria que o tema da participação, e o papel exigido a cada um dos seus intervenientes, distribui-se num amplo espectro, regressando à primeira suposição deste conceito como um conceito aberto. Na questão da participação em arquitetura, identificam-se várias oportunidades associadas à categoria mais alta de Arnstein. Reconhece-se um carácter utópico por detrás do último nível e não se estabelece como cenário desejável aquele em que o utilizador tem todo o poder de decisão. No entanto, a análise apresentada permite estabelecer ações concretas e mecanismos de concretização da ideia de participação, representativos de diferentes níveis de envolvimento a serem explorados por parte do arquiteto na sua relação com comunidades locais. Silva Fernandes clarifica algumas destas formas de participação civil, destacando *a consulta pública, o cooperativismo, a mobilização comunitária e a autoconstrução*.⁷² Focando nas mesmas questões, De Carlo concebe o processo participativo em três fases: identificação das necessidades dos habitantes, formulação de uma ou várias hipóteses a serem discutidas com os habitantes e análise e avaliação dos resultados.⁷³

72 FERNANDES, Ana Luísa da Silva (2015). *Entre remediar e solucionar: a estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza: São Tomé e Príncipe como laboratório*. Porto: Faup, p. 69

73 ALVES, João Carlos Teixeira (2014). *Arquitetura de intervenção: repensando o papel social do arquiteto através de modelos alternativos de prática*. Porto: FAUP, p.85



64. *Incremental Housing*, Charles Correa.

Como observação final, é importante compreender que há uma romantização do tema, promotora de noções irrealistas de negociação, inclusão e democracia. Miessen critica a noção atual de arquitetura participativa, onde é sugerido que para se criar empatia é necessário aproximar-se o máximo possível do utilizador (viver com a comunidade, partilhar o seu dia-a-dia, deixar-se absorver pela sua cultura). Do seu ponto de vista, esta posição limita a capacidade do arquiteto em tomar decisões sem recorrer a opiniões populares e sentimentalismos,⁷⁴ defendendo que o verdadeiro objetivo da arquitetura participativa é um envolvimento que não compromete o papel do arquiteto como um agente ativo, não interessado em falsos altruísmos.⁷⁵ Esta posição assumida por Miessen reabre o debate sobre o papel do arquiteto no processo participativo, agravando a complexidade da questão.

Acreditando que o processo participativo procura uma recuperação de valores perdidos e salientando a sua importância nos contextos de precariedade, onde a humanidade das populações locais é desafiada, os seguintes capítulos apoiam-se nessa ideia criticada por Miessen e traçam um processo de formação de empatia. No entanto, e como menciona Charles Correa⁷⁶, o essencial nestes contextos não é apenas desenvolver compaixão por estas comunidades, mas disponibilizar-lhes as capacidades profissionais de um arquiteto treinado. Assim, o objetivo não se resume a uma tentativa de aproximação romântica à comunidade e à cultura, mas a uma procura de ferramentas de sensibilização e uma compreensão das oportunidades disponíveis que apenas o contacto direto com populações locais pode possibilitar.

74 A lot of recent talk on participation assumes that the closer you get to something or someone, the more empathy you develop. This is a scary assumption. Today, once we start to think about the issue, topic, and/or problematic of participation, the first thing that comes to mind is a growing, irritating romanticism that has by now infiltrated the entire political spectrum from the critical Left to the far Right. But where would we end up if it were not possible to sometimes make decisions independent of the most popular decisions or sentiments? MIESEN, Markus (2011). *The Nightmare of Participation*. Berlin: Sternberg Press, p.45

75 Now, the question is: How is it possible to participate in a given environment or situation without having to compromise one's role as an active agent who is not interested in consensus and "doing good", but in asking questions while attempting to inform practice in a particular direction. Idem, p.56

76 What these communities need is not just our compassion, but our professional skills. CORREA, Charles. *The New Landscape in The Architecture of Empowerment: People, Shelter and Livable cities*. Londres: Academy Editions, p.35.



65. Laços comunitários: habitação de baixo custo em Indore, Índia.

2.2. O HOMEM COMO SER SOCIAL: COMPREENDER COMUNIDADE

*Se faz sentido falar dos gregos como os descobridores do “eu”, ou do século dezoito e dezanove como os descobridores da infância, então podemos dizer que o nosso mais recente sucesso tem sido a descoberta da adolescência, (...) e que a nossa tarefa é encontrar a existência de comunidade.*⁷⁷

Jan Gehl⁷⁸ afirma que, conhecer o Homo Sapiens e o tipo de entidade que ele é, tem sido uma chave fundamental na compreensão de *porquê alguns sítios funcionarem, e porquê outros não*. Nuno Portas levanta a questão que *se não é um problema de estética que aqui está em causa, mas antes a qualidade urbana, ou seja, a expressão em espaço da vida quotidiana, então teremos de inverter o processo, partindo da vida associada, das relações sociais, da experiência dos indivíduos...*⁷⁹ Acentuando estas ideias, Ismail Serageldin descreve como *óbvio o facto que uma importante parte no processo de capacitação, apoia-se na criação de laços sociais e um sentimento de comunidade.*⁸⁰

Conceito de comunidade

A palavra *comunidade* é citada frequentemente, mas poucas vezes é definida na sua totalidade. Jeremy Till relaciona este conceito com o desejo e promessa de contenção e controlo de valores de interação social, motivados por objetivos mútuos e um sentimento de pertença que se estende ao tempo e ao espaço.⁸¹

⁷⁷ *If it makes sense to speak of the Greeks as having discovered the self, or the eighteenth and the nineteenth centuries as having discovered childhood, then we can say that our recent accomplishment has been the discovery of adolescence, the point at which one's life is to be chosen and one gives oneself a name, and that our task is to discover the existence of community.* LERUP, Lars (1977). *Building the Unfinished*. Londres: SAGE Publications, p.10.

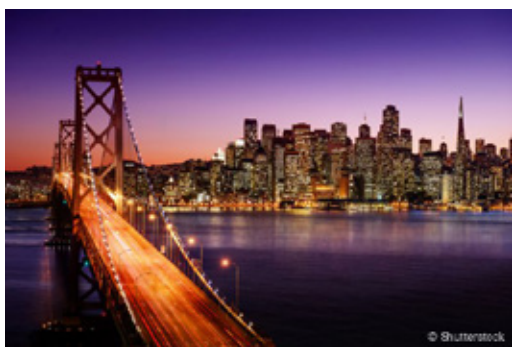
⁷⁸ Jan Gehl em entrevista para o documentário: *Urbanized* (2011) direção de Gary Hustwit. Estados Unidos: Documentário da série *Design Trilogy*

⁷⁹ PORTAS, Nuno (2007). *A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica*. 2ª edição fac-símile. Lisboa: Livros Horizonte, p.188

⁸⁰ *It will already have become obvious that an important part of empowering people comes through the creation of social bonds and a sense of community.* SERAGELDIN, Ismail (1997). *Introdução in The Architecture of Empowerment: People, Shelter and Livable cities*. Londres: Academy Editions, p.22.

⁸¹ Jeremy Till in HILL, Jonathan (1999). *Occupying architecture: between the architect and the user*, p.63

66



67



68



A identidade coletiva:

66. Postal turístico com a imagem do *Golden Gate*, São Francisco.

67. Postal turístico com a imagem do *Empire State Building*, Nova Iorque.

O efeito de massa:

68. Adeptos portugueses no campeonato mundial de futebol de 2018.

O espaço aqui referido é definido por Jean Rémy como *a única formalização maior da cultura do grupo e das suas regras de funcionamento social*.⁸² Segundo o autor, a dimensão sócio afetiva do contexto espacial manifesta-se através da interiorização dos elementos sociais e culturais por parte de cada indivíduo de um grupo que, simultaneamente, constrói as suas esperanças subjetivas, referindo-se, mais ou menos, adequadamente às suas possibilidades objetivas. Assim, dá-se a formalização de uma rede de relações que, quando articuladas ao nível de conjuntos de grande dimensão, resultam numa tendência para a redução do sentimento de responsabilidade individual.

Lévi-Strauss chama a atenção para este efeito de massa, exemplificando o fenómeno com o caso de algumas cidades norte-americanas, onde é construída uma imagem identitária global a partir de um único elemento: São Francisco e o *Golden Gate*, Nova Iorque e o *Empire State Building*.⁸³ Outro exemplo prático é apresentado por Rémy, que recorre ao caso do **futebol**: as manifestações desportivas constroem um processo de identidade a partir do fenómeno de massa e, simultaneamente, promovem o anonimato individual. Ou seja, o vigor da vida social assenta numa forte noção de pertença que se expressa, nomeadamente, em festividades e numa solidariedade total face a acontecimentos comuns que asseguram a reafirmação regular da identidade coletiva. Estes eventos sociais são também mencionados por Habraken para explicar a assimilação comunitária, que tem como resultado a aproximação entre grupo e território⁸⁴ e inspiraram a segunda parte deste trabalho, onde a ideia do futebol como um conector social será explorada mais aprofundadamente.

82 RÉMY, Jean, VOYÉ, Liliane (1994). *A cidade: rumo a uma nova definição?* Porto: Edições Afrontamento, p.31.

83 Bourdin nota, no mesmo sentido, que a desmontagem da Torre Eiffel colocaria mais problemas à identidade parisiense do que a questão de um qualquer nó de estrada. Idem, p.95.

84 *Domestic life is not complete until one is also assimilated into the community through participation in social conventions, rituals, and shared beliefs. This interchange between group and place invites the telling of stories and the creation of myths. The result is a closeness that links rituals, family, ties, and spatial patterns within the settlement.* HABRAKEN, N. J. (2000). *Housing for the millions*. Rotterdam: NAI Publishers, p.15.



69. Cultura em arquitetura: *Museum of Simple Technology*, Yona Friedman, Índia, 1982.

O sentimento de pertença e de coletividade é um fator determinante do comportamento humano. Embora comece individualmente, o ambiente comunitário em que o indivíduo se insere é o maior moldador da sua personalidade. As pessoas são influenciadas pelo que ocorre ao seu redor, por isso, ao envolver numa comunidade, as suas motivações e comportamentos têm maior tendência a mudar.

*A interdependência de identidade e contexto é tão forte que os psicólogos falam de “personalidade situacional”. A noção é concebida com base na observação que o comportamento de um indivíduo varia mais sob diferentes circunstâncias, que o comportamento de diferentes indivíduos sob as mesmas circunstâncias.*⁸⁵

*

Compreende-se, até agora, que o ambiente comunitário expressa-se em valores abstratos, práticas culturais e na formalização de ideais coletivos no contexto espacial. A relação entre espaço físico construído e tecido social abstrato é de influência mútua e direta. Carlos Nélon sugere a designação de *códigos culturais*,⁸⁶ como os recursos necessários à leitura e apropriação de lugares.

⁸⁵ *The interdependence of identity and context is so strong that psychologists speak of a “situational personality”. The notion has been conceived on the basis of the observation that the behavior of an individual varies more under different conditions than the behavior of different individuals under the same conditions.* PALLASMAA, Juhani (2005). *Identity, Intimacy and Domicile* (Online). Disponível em: http://www.uiah.fi/studies/history2/e_ident.htm Consultado a: 23/01/2018

⁸⁶ *Para além da materialidade dos espaços e dos processos que neles se desenvolvem, procuramos as dimensões simbólicas que possam apresentar. Entendemos que em qualquer sociedade há códigos culturais que viabilizam a leitura, a apropriação e o aproveitamento dos lugares. As noções de localização, de territorialidade e do que lhes seja pertinente e adequado são constituídas através do recurso a estes códigos.* NELSON, Carlos (1985). *Quando a rua vira casa: apropriação de espaços de uso colectivo em um centro de bairro*. 3ª ed. São Paulo: Projecto, p.13.



70



71



72



73

A habitação da vila africana:

- 70. Residência desenhada por Hassan Fathy, Cairo, Egipto.
- 71. Projeto de habitação social, CRATerre, Maiote, União das Comores.
- 72. Centro de alfabetização, ADAUA, Nouakchott, Mauritânia.
- 73. Projeto de habitação social, ADAUA, Nouakchott, Mauritânia.

Igualmente, ao definir a arquitetura como a construção de *contexto*, Serageldin propõe um caráter duplo para o conceito. Para ser corretamente aceite, este deve ser parcialmente físico - em termos de infraestruturas e edifícios – e parcialmente abstrato – em termos de comunidades e oportunidades.⁸⁷

Comunidade e o planeamento urbano

Ao identificar os fatores, levantam-se então as questões: *é o planeamento capaz de auxiliar a criação de laços sociais que constituem uma verdadeira comunidade? É o processo de construir e reabilitar capaz de aproximar comunidades?*⁸⁸

Considere-se, por exemplo, o contexto africano onde, originalmente, a vila comunitária servia como base da sociedade. A lógica consistia numa distribuição de números controláveis de habitantes por elevados números de vilas, em vez do cenário oposto, elevados números de habitantes distribuídos em números controláveis de vilas. Segundo Steve Biko⁸⁹, essa preocupação traduzia-se nos requerimentos necessários para satisfazer as exigências de uma sociedade baseada na vida em comunidade e nas relações inter-humanas e apoiava-se numa confiança no planeamento territorial.

87 SERAGELDIN, Ismail (1997). *Micro-finance: Reaching the poorest in The Architecture of Empowerment: People, Shelter and Livable cities*. Londres: Academy Editions, p.125.

88 *Can design help the creation of the social bonds that constitute a real community? Can the process of building and upgrading help communities come together? Three cases show that it can (...): Aranya low-cost housing, Indore, India – Balkrishna Doshi; Kampung Kali Cho-de, Yogyakarta, Indonesia – YB Mangunwijaya; Fortaleza programme, Brazil*. SERAGELDIN, Ismail. *Creating Communities in The Architecture of Empowerment: People, Shelter and Livable cities*. Londres: Academy Editions, p.105.

89 *Attitudes of Africans to property again show just how unindividualistic the African is. As everybody knows, African society had the village community as its basis. Africans always believed in having many villages with a controllable number of people in each, rather than the reverse. This obviously was a requirement to suit the needs of a community-based and man-centred society. Hence most things were jointly owned by belonged to the people and was merely under the control of the local chief on behalf of the people*. In S. Biko (1978) *I Write What I Like*, Oxford: Heinemann, p.43 (citado em HILL, Jonathan (1999). *Occupying architecture: between the architect and the user*. London: Routledge, p.48)



74



75



76



77

Cidade planeada de malha regular:

74. Vista aérea de Brasília, Brasil.

75. Detalhe de um dos setores de Brasília.

Cidade de crescimento espontâneo:

76. Vista aérea de Miconos, Grécia.

77. Detalhe do centro de Miconos, Grécia.

Arquitetura e sociedade:

78. *Sociologia de fachadas*, Lars Lerup.



78

Em contraste, vários projetos de habitação pós-guerra são acusados de perder a infraestrutura social essencial à formação do sentimento de comunidade. Habraken relaciona esse fenômeno com uma *crença relutante no poder do planeamento urbano*.⁹⁰ A monotonia e a distribuição em blocos são aqui interpretadas como um ataque direto à identidade e à liberdade, sendo até comparadas aos campos de concentração da segunda guerra mundial que, na generalidade do seu desenho, pretendiam apagar qualquer sentimento de identidade cultural.

O planeamento tem uma influência direta na geração de diferentes ambientes sociais seguindo, ou não, as linhas culturais definidoras de uma identidade coletiva. Verifica-se, no entanto, que uma das posições tomadas pela arquitetura é a de desafio a essas linhas. Ao relacionar arquitetura e cultura, Lerup menciona a arquitetura como *uma arte de construir e uma expressão cultural praticamente independente*.⁹¹ Procurando ser a exceção à regra, a arquitetura perde-se muitas vezes em forçados racionalismos e falsos organicismos. Turner propõe a reflexão sobre a ironia da profissão, levantando uma simples questão: *quantos planeadores de sítios como Brasília, preferiam passar as suas férias em sítios como Miconos?*⁹² A valorização da autenticidade e da escala humana como elementos de geração de harmonia espacial remetem às ideias de Rudofsky, onde a questão é analisada a partir dos primórdios do construir, antes da conceção do conceito de arquitetura, onde a relação entre território, comunidade e cultura era uma premissa básica para o processo de edificação. Do mesmo modo, Habraken refere-se à construção (e não à arquitetura) como um *ato cultural*,⁹³ distanciando os dois conceitos na sua posição no debate.

90 *When we think back on the first prefabricated neighborhoods, built right after the war, the overall picture of which still evokes such a strong image of the labor camp, which still showed so much reluctance to believe in the power of the urban-planning arrangement, which after a thoroughly appalling war still had the drabness of the unresisting row and heap.* HABRAKEN, N. J. (2000). *Housing for the millions*. Rotterdam: NAI Publishers, p.38.

91 *I contend that architecture is primarily an art of construction, an almost independent articulation of culture.* LERUP, Lars (1977). *Building the Unfinished*. Londres: SAGE Publications, p.17.

92 *How many designers of places like Brasilia prefer to spend their holidays in places like Mykonos?* TURNER, John (1977). *Housing by People*. Nova Iorque: Pantheon Books

93 *Building is a cultural act.* HABRAKEN, N. J. (2000). *Housing for the millions*, p.14.

*Arquitetura, como construção social, emergiu simultaneamente com a comunidade. Ambas eram uma manifestação da realidade, a primeira em pedra e a segunda em ação.*⁹⁴

Segundo Lerup, foram as tentativas modernas de ignorar este precedente histórico, *negado pelo arquiteto que se disfarça de mestre e criador de formas*, que distorceram as relações entre arquitetura e comunidade. Esse afastamento levou à necessidade da criação do conceito *arquitetura comunitária*,⁹⁵ como uma alternativa ao que seria então entendido como *arquitetura tradicional*. No entanto, segundo Jeremy Till, é precisamente essa gênese oposicional que levou à *marginalização do conceito*.⁹⁶

⁹⁴ *Architecture as social building emerged simultaneously with community. Both were manifested reality, the former in stone and the latter in action. Modern attempts to ignore this sober historical precedent, denied by the architect who masquerades as master, form-giver and originator of form, conceal and distort the link between everyday life as community-and-dwelling and architecture as building.* LERUP, Lars (1977). *Building the Unfinished*. Londres: SAGE Publications, p.162.

⁹⁵ *Traditional architecture, because of its remote and irresponsible genesis, is the cause of social breakdown; community architecture, with its engaged and democratic genesis, will overcome these ills.* TILL, Jeremy in HILL, Jonathan (1999). *Occupying architecture: between the architect and the user*. London: Routledge, p.63.

⁹⁶ *My argument is that the oppositional genesis of community architecture results in its marginalization, and with it an associated political disempowerment.* Idem, p.62.

2.3. DA ELEIÇÃO DE CASOS DE ESTUDO

(Os desenhos de projeto apresentados neste capítulo encontram-se todos à mesma escala)

*As pessoas que precisavam que eu as abrigasse não me conseguiam pagar, enquanto as pessoas ricas que já tinham casas precisavam de mim para aumentar o seu estoque de habitação. Para onde virar: dinheiro ou pessoas?*⁹⁷

Na reflexão acima, Ramesh Manandhar expõe um dos grandes dilemas que o arquiteto contemporâneo, infelizmente, se vê obrigado a enfrentar. Com a alteração do modelo básico de encomenda e produção arquitetónica, é indispensável a igual adaptação da função do arquiteto na aproximação às questões sociais. Face ao constrangimento económico, o grande número de arquitetos, a falta de concursos públicos e cada vez menos encomendas, Luís Santiago Baptista observa a inviabilização de *uma arquitetura que antes se praticava, essencialmente, através da encomenda pública*.⁹⁸

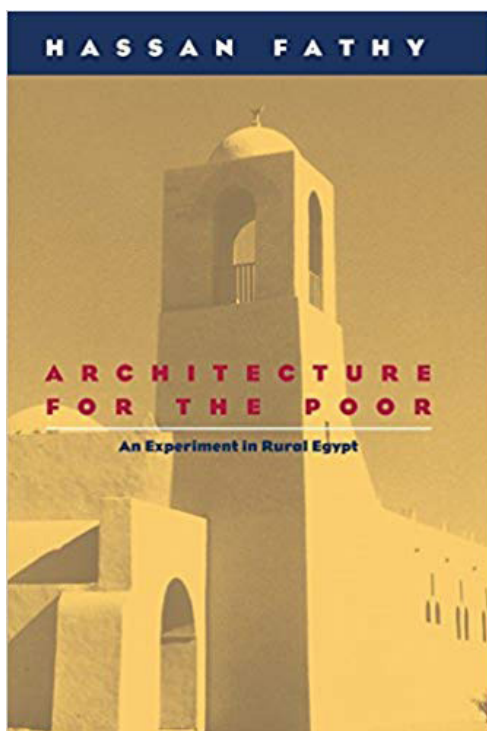
Arquitetura não
solicitada

Ao debater sobre o papel do arquiteto face às situações de maior constrangimento e precariedade, sente-se a necessidade de expandir o campo de ação da disciplina como resposta para aproximar a arquitetura à sociedade. Igualmente, esta provou ser uma das soluções encontradas para a própria profissão, que se vê cada vez mais asfíxiada no seu campo de ação, e incentivou grupos de arquitetos mais jovens que, ao se focarem em questões, sociais, políticas e económicas, foram obrigados a procurar práticas alternativas e novas metodologias de trabalho. Esta nova *geração de otimistas*⁹⁹ desempenha um papel mais dinâmico, em alguns casos, invertendo o sentido tradicional do processo, onde um cliente propõe ao arquiteto um programa para determinado sítio; a uma situação em que o arquiteto é aquele que identifica os problemas, levanta as questões e propõe uma

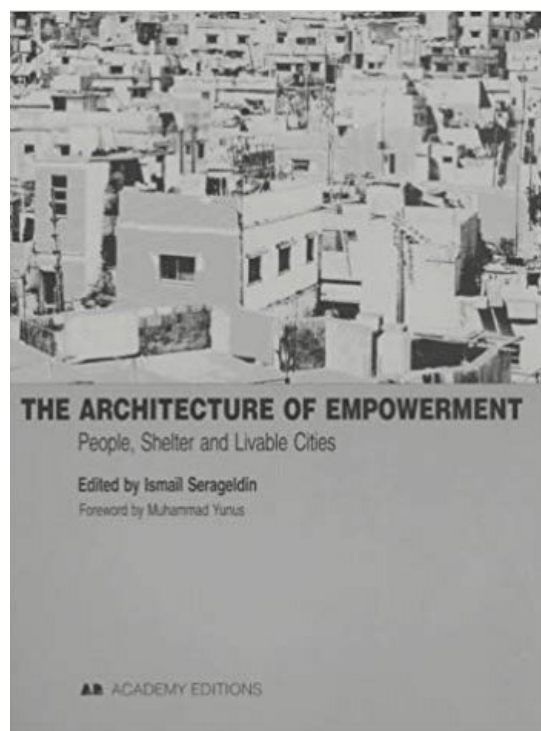
⁹⁷ *People who needed me to house themselves could not afford me, while rich people who already had houses needed me to increase their housing stock. Where to turn: money or people?* – Ramesh Manandhar

⁹⁸ Arqa (2009). N.º 75/76. Lisboa, p.8.

⁹⁹ “*A generation of optimists*” é o termo usado por Justin Mcguirk em *Radical Cities: Across Latin America in search of a New Architecture*, para descrever uma geração contemporânea de arquitetos a agir sobre os temas em questão. Como exemplos, refere o chileno Alejandro Aravena, o norte-americano Alfredo Brillembourg, o argentino Jorge Mário Jáuregui, expandindo a tema a personagens “não arquitetas” que, no entanto, atuam ativamente no espaço da cidade e nas questões relativas à informalidade urbana.



79



80

79. Capa do livro *Architecture for the poor*, Hassan Fathy, edição de 1973.

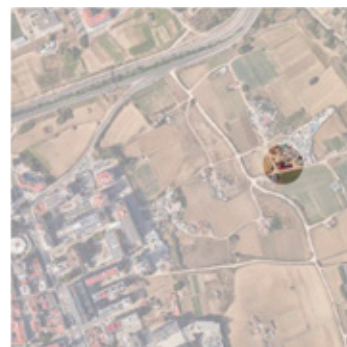
80. Capa do livro *The Architecture of empowerment*, Ismail Serageldin, edição de 1997.

solução, que inclui um estudo do orçamento e a procura de financiadores. Este conjunto de iniciativas sistematizou a chamada *arquitetura não solicitada*,¹⁰⁰ originalmente explorada por Ole Bouman, como uma prática alternativa de procura e pesquisa. A arquitetura não solicitada implica um trabalho cuidadoso de investigação e uma aproximação progressiva à população local, de modo a identificar corretamente os pontos onde intervir. O seu principal objetivo não é a geração de soluções corretas mas, e primeiramente, o levantamento das questões certas. Outros arquitetos procuraram a redefinição da profissão através da associação de novos conceitos à palavra “arquitetura”. No fim da década de 60, Hassan Fathy apresenta a ideia de *Arquitetura para os pobres* e em 1997, Muhammad Yunus apoia-se nesse conceito para introduzir o tema da *Arquitetura da capacitação*, sugerida por Ismail Serageldin, relacionando e distinguindo as duas ideias.

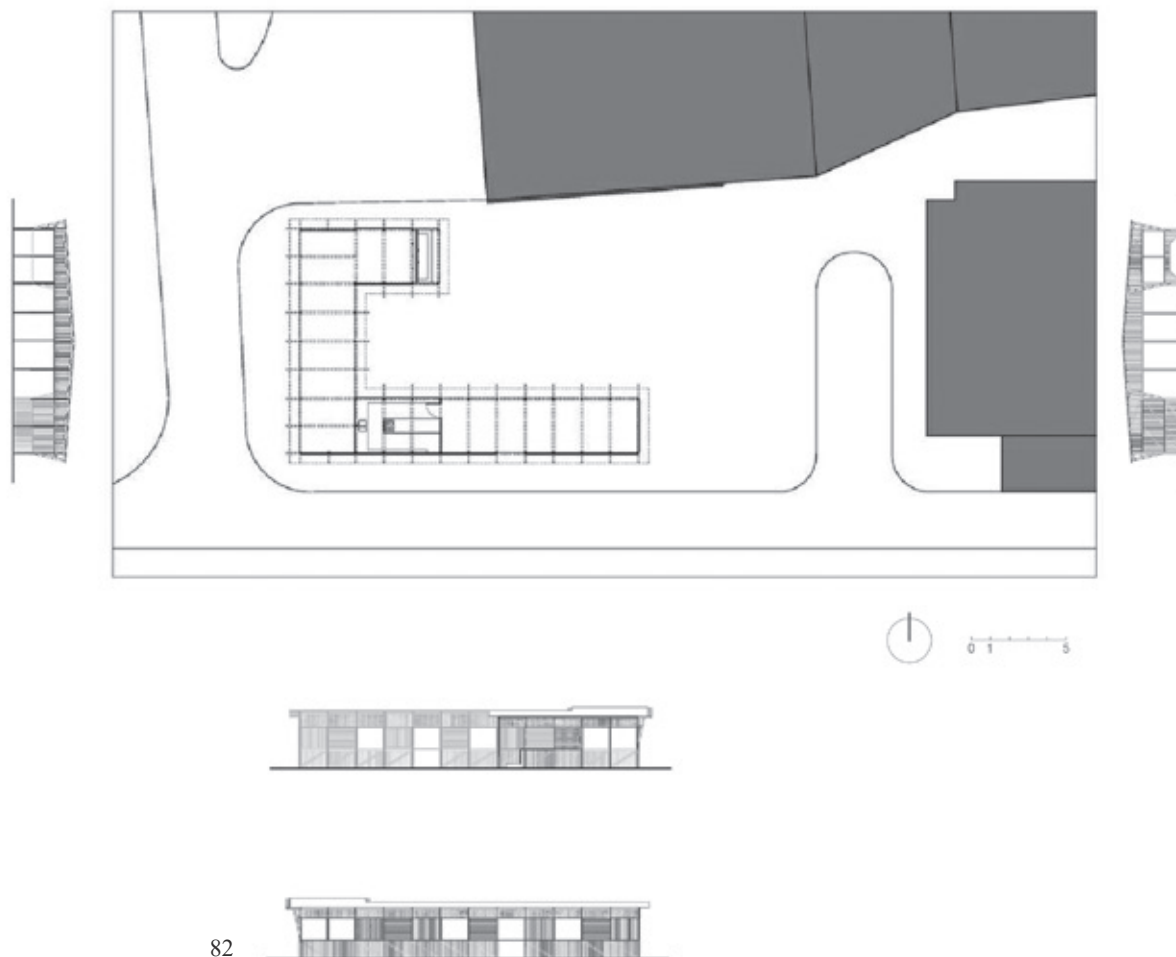
*A diferença nos títulos reflete uma alteração importante. É sobre desafiar os arquitetos a fazer mais do que construir para os pobres ou encorajar a autoajuda. A arquitetura de capacitação convida-os a repensar as premissas do processo de design, tanto como do processo construtivo. Desafia-os a abandonar a sua assumida onnipotência e a tornar-se promotores para os pobres. A ideia de capacitação requiere compromisso, dedicação e perspetivas muito diferentes da arquitetura convencional.*¹⁰¹

100 O debate em torno das questões sociais e políticas na arquitetura ressurgiria, então, nos anos noventa do século XX, motivado por um novo conjunto de trabalhos de jovens estudantes e arquitetos (...) focavam-se em temas, espaços e grupos de pessoas que não eram normalmente servidos pela prática da arquitetura. Alguns destes trabalhos, que surgiam à margem da tendência geral da época, começaram, inclusive, a expressar-se em projetos cuja iniciativa partiu dos arquitetos, sistematizando-se o conceito de arquitetura não solicitada. ALVES, João Carlos Teixeira (2014). *Arquitetura de intervenção: repensando o papel social do arquiteto através de modelos alternativos de prática*. Porto: FAUP, p.41

101 *Following in the footsteps of his distinguished compatriot Hassan Fathy, who a generation or more ago called for an “Architecture for the poor”, Ismail Serageldin asked me to support his call for an “Architecture of empowerment”. The difference in the titles reflects an important shift. It is about challenging architects to do more than build for the poor or encourage self-help. The architecture of empowerment invites them to rethink the premises of the process of design as much as the process of building. It challenges them to shed their assumed omnipotence and to become enablers for the poor. The idea of empowerment is one that requires commitment, dedication and mental outlook very different to those of conventional architectural practice.* YUNUS, Muhammad (1997). *Prefácio in The Architecture of Empowerment*.



81



82

81. Vista aérea e localização da Cozinha Comunitária das Terras da Costa.

82. Arquitetura comunitária em Portugal: planta e alçados da Cozinha Comunitária das Terras da Costa, (Ateliermob e Coletivo Warehouse, 2014).

*

Até este ponto, o trabalho manteve um registo teórico, apoiando-se em factos, dados e opiniões de autores. Assim, em jeito de conclusão da primeira parte, sentiu-se a necessidade de demonstrar casos práticos do que se entende atualmente dos conceitos sugeridos de arquitetura social de capacitação, estabelecendo pontes entre os vários temas até então apresentados: *a função social do arquiteto, a intervenção em contextos de precariedade, o processo participativo e o trabalho em comunidade.*

2.3.1. Sobre a *Cozinha Comunitária das Terras da Costa, Portugal (Ateliernob + Coletivo Warehouse, 2014)*

A primeira inspiração é a obra da Cozinha Comunitária das Terras da Costa, do *Ateliernob* e *Coletivo Warehouse*, uma referência conhecida de arquitetura comunitária e participativa no contexto nacional atual. Nas premissas da pesquisa para a realização deste trabalho, esta obra levantou interesse como um caso em que, num contexto onde a escala do problema exigia uma requalificação total da área, a estratégia adotada foi intervir pontualmente com a construção de uma estrutura única que seria capaz de dar uma resposta temporária às maiores carências infraestruturais do assentamento de génese informal. Aceitando as limitações económicas que, geralmente, acompanham os projetos de matriz social, esta estratégia permitiu uma revitalização progressiva e uma análise da resposta da população a um projeto de reabilitação, registando-o, ou não, como um candidato viável a uma requalificação posterior de maior envergadura. Desse modo, e apesar do interesse arquitetónico da obra, o principal foco do seguinte estudo é a compreensão do processo participativo praticado, analisando os sistemas de exposição, desenvolvimento e concretização de ideias.

Este projeto procura refutar a marginalização das Terras, fortalecendo a sua identidade e promovendo o relacionamento entre os cidadãos dentro e fora desta comunidade, capacitando-os a serem socialmente ativos. Mais importante que tudo, este projeto torna possível um diálogo não conflituoso com as instituições e entidades locais.¹⁰²

102 Coletivo Warehouse: “Cozinha Comunitária das Terras da Costa”. Disponível em: <http://warehouse.pt/c011-pt.html> Consultado a 29/06/18



83

83. Vistas da Cozinha Comunitária das Terras da Costa (Ateliernob e Coletivo Warehouse, 2014).

- Contexto O bairro das Terras da Costa tem cerca de 500 moradores, pertencentes a diferentes comunidades (cigana, cabo-verdiana, angolana, guineense, moçambicana) e é um assentamento de origem ilegal, o que implica uma desconexão com as principais redes de infraestruturas, como a água, o saneamento e a eletricidade. A complexidade da morfologia demográfica do bairro, juntamente com uma inexistência de espaços públicos e de convívio, exigiu, desde o início, várias atividades de consolidação do sentimento de grupo. Ao longo de todo o processo, a aproximação à comunidade foi estimulada com intervenções regulares, workshops e, inclusive, foi desenvolvido um projeto académico focado na alfabetização, com o objetivo de melhorar a comunicação e a relação entre a população local e as autoridades públicas.
- Programa Numa conversa informal,¹⁰³ Tiago Mota Saraiva, sócio-gerente do *Ateliernob*, explica que no lançamento do projeto não existia uma proposta de programa, *o único objetivo era trazer água potável ao bairro*. Previamente à intervenção, a maioria das famílias cozinhava em fogueiras, dentro ou na proximidade das casas, uma prática pouco segura agravada pela inexistência de água, visto que, o chafariz público mais próximo encontrava-se à distância de 1km. Assim, surgiu a ideia de programa de uma cozinha comunitária, proposta por uma das habitantes do bairro e aprovada pelo resto dos moradores. O arquiteto destaca o papel do processo participativo na consolidação do projeto, no entanto explica que este esteve limitado à fase inicial de tomada de decisões, onde os técnicos profissionais registaram as ideias dos moradores e traduziram-nas num projeto de autor.
- Implantação Para além do programa, os moradores também foram os responsáveis na escolha da localização do novo edifício. Conhecendo o bairro melhor que ninguém, a zona a implantar foi facilmente identificada em grupo. A área escolhida era um ponto conhecido de violência e tráfico de droga e marcava a aproximação ao bairro. Ao implantar aí, transformou-se um espaço conhecido pelas suas atividades ilegais, num ponto de visibilidade e abertura comunitária, resgatando a entrada do bairro.

103 Encontro realizado a 9 de Abril de 2018.



84



85

84. Contexto envolvente da Cozinha Comunitária das Terras da Costa (Ateliernob e Coletivo Warehouse, 2014).

85. Esquema da estrutura do módulo de madeira da Cozinha Comunitária das Terras da Costa (Ateliernob e Coletivo Warehouse, 2014).

Estrutura

Como conta o arquiteto, a terceira grande decisão tomada pelos moradores, foi a escolha entre uma estrutura aberta ou fechada. A ideia de um centro comunitário que pode ser fechado à chave envolve uma organização e um compromisso maior, o que, por um lado, tem como ponto positivo a criação de um sentimento de responsabilidade e pertença maior, mas, por outro, implica uma hierarquização dos poderes dentro do próprio bairro, criando distanciamentos no interior da comunidade. Ao optar pela estrutura fechada, Tiago Saraiva explica que este foi um dos pontos em que o arquiteto reconhece a limitação da sua função e afasta-se de novas questões levantadas que passam a ser da responsabilidade de uma associação local de moradores. Este tipo de organização interna é também fundamental para a manutenção e o bom funcionamento do edifício e garante que, após a conclusão da construção e a partida do arquiteto do terreno, este mantém-se fiel ao seu objetivo e pode, de facto, servir como uma estrutura de apoio à vida em comunidade.

O desenho do edifício foi pensado para que, igualmente ao resto do bairro, este possa ser consolidado progressivamente, de acordo com as necessidades e os recursos que irão surgindo. *Um simples módulo de madeira é reproduzido três vezes, permitindo uma série de equipamentos: uma cozinha fechada; um espaço de refeições aberto; uma zona de lavagem e secagem de roupa e um espaço de convívio. Esta estratégia permitiu a adaptação dos espaços aos desejos da comunidade, facultando, deste modo, os dados para organizar a área de construção de acordo com os financiamentos e apoios disponíveis.*¹⁰⁴ Ou seja, apesar de ser uma *obra de autor*, como mencionado anteriormente, o projeto foi pensado do ponto de vista da continuidade, de modo a possibilitar a sua consolidação através das mãos dos próprios habitantes do bairro.

104 Coletivo Warehouse: “Cozinha Comunitária das Terras da Costa”. Disponível em: <http://warehouse.pt/c011-pt.html> Consultado a 29/06/18



86. Arquitetura comunitária em Portugal: processo e trabalho com a comunidade.

Processo construtivo

A autoconstrução assistida provou ser um método eficaz de contornar orçamentos limitados insuficientes para a contratação de mão-de-obra especializada, enquanto promove a capacitação e envolvimento de comunidades locais. No caso da Cozinha Comunitária das Terras da Costa, a estrutura de madeira reciclada¹⁰⁵ foi pensada de modo a que a sua simplicidade permita a multiplicação dos pórticos e a expansão do edifício. *A simplicidade da técnica dos pórticos de madeira e a inúmeras atividades em torno da zona de construção permitem que qualquer um faça parte deste projeto. A construção é por excelência um momento de partilha de conhecimentos e de uma aprendizagem prática “mãos na massa”.*¹⁰⁶

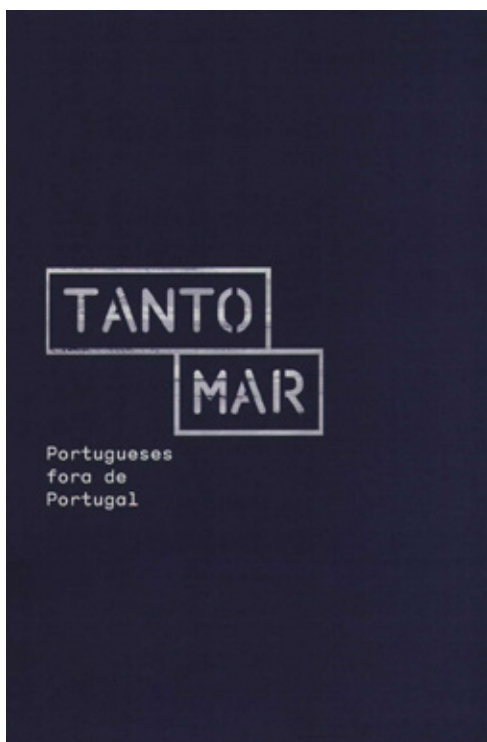
Considerações finais

No final, procurou-se perceber se os objetivos estabelecidos no início do projeto foram de encontro aos resultados registados até ao momento. Tendo em vista uma das primeiras observações feitas neste capítulo, sobre a intenção de analisar a resposta de uma comunidade fragilizada e marginalizada a uma intervenção de reabilitação de escala controlada, a maior curiosidade passava por descobrir se, posteriormente à construção, teria havido um acompanhamento da situação que confirmasse, ou não, a influência positiva da nova estrutura na vida do bairro. Segundo Tiago Saraiva, a construção da cozinha comunitária foi apenas um passo de um processo maior que tenciona a reintegração deste grupo de pessoas na sociedade. O trabalho desenvolvido provou a boa receção por parte da comunidade, que é agora candidata a um processo total de realojamento.

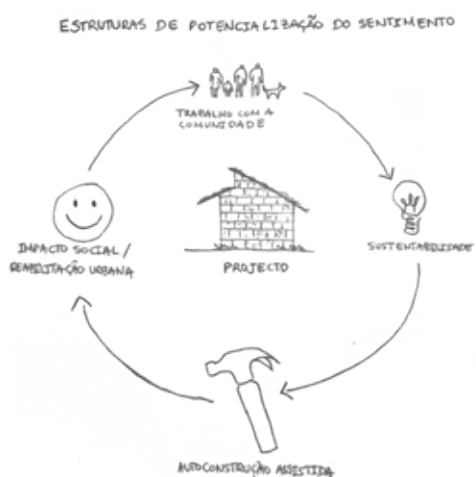
Desta experiência tiram-se alguns pontos pertinentes para o desenvolvimento dos seguintes capítulos do trabalho. Apesar de modo controlado, o processo participativo é aqui colocado em prática em três momentos diferentes: o primeiro referente às atividades prévias ao projeto de arquitetura, apoiado em atividades coletivas de promoção do trabalho de equipa enquanto ajudam a aumentar a confiança nas capacidades individuais; o segundo momento é a tomada de decisões que irão definir o desenho do edifício, nomeadamente o programa e a localização e que funcionou com uma organização semelhante ao de assembleia pública, atenta às diferentes sugestões até a chegada a um consenso; e o terceiro e último momento foi a participação direta na fase de construção, possível graças ao cuidado de desenho de estrutura, pensada como um módulo facilmente multiplicável.

105 Materiais provenientes do desmantelamento da *Casa do Vapor (Exyzt)*.

106 Coletivo Warehouse: “Cozinha Comunitária das Terras da Costa”. Disponível em: <http://warehouse.pt/c011-pt.html> Consultado a 29/06/18



87



88

COMUNITÁRIO EM CONTEXTOS DE PRECARIIDADE

87. Cartaz promocional da exposição “Tanto Mar: Portugueses fora de Portugal”.

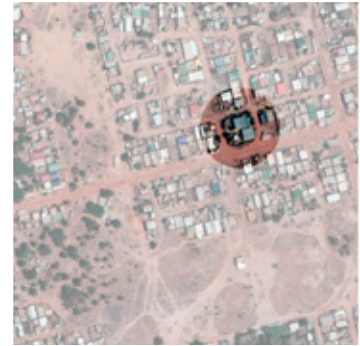
88. As quatro intenções fulcrais: sustentabilidade, autoconstrução assistida, impacto social/revitalização urbana e trabalho com a comunidade.

O caso apresentado serviu como ponto de partida de pesquisa de outras obras que pudessem servir como inspiração para um projeto pessoal. De modo a simplificar os critérios de escolha, estabeleceram-se quatro intenções fulcrais: trabalho com a comunidade, sustentabilidade, autoconstrução assistida e impacto social/revitalização urbana. O primeiro passo foi a criação de uma base de referências, apoiando principalmente nos trabalhos de Andreia Filipa Alves¹⁰⁷ e João Carlos Alves¹⁰⁸ e nos artigos referentes à exposição “Tanto Mar: Portugueses fora de Portugal”,¹⁰⁹ que promovem o trabalho de vários arquitetos portugueses no campo da arquitetura social, em território nacional ou estrangeiro. Compreendendo o panorama geral e expandindo o leque de modelos, destacam-se dois exemplos que melhor exemplificam as intenções pretendidas e que traduzem os critérios apresentados em referências de elevado valor arquitetónico.

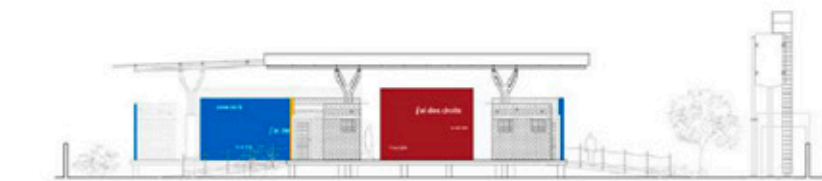
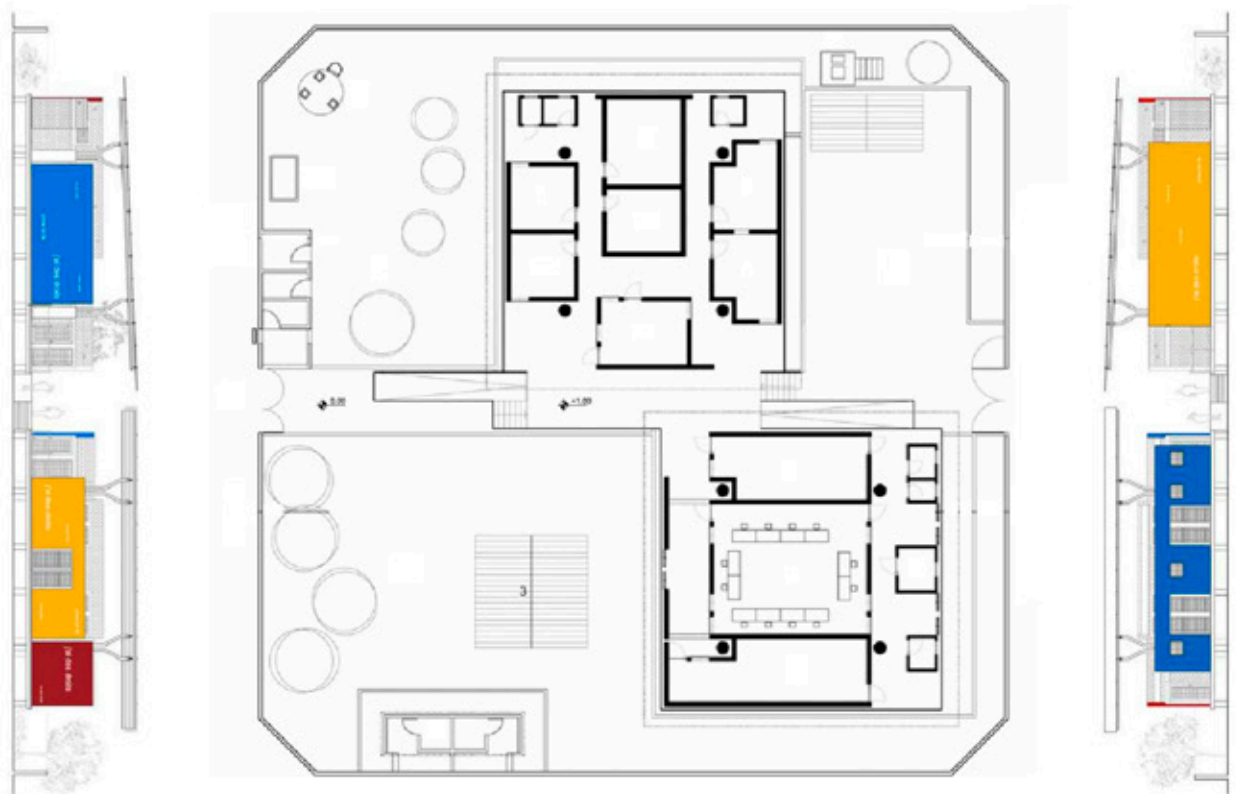
107 Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto no ano letivo 2016/2017, sob o título: *Agir é preciso! Intervenções de Arquitetura Participativa e Social*

108 Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto no ano letivo 2013/2014, sob o título: *Arquitetura de Intervenção – Repensando o papel social do arquiteto através de modelos alternativos de prática*

109 Exposição organizada em 2014 com a iniciativa do Ateliernob, no Centro Cultural de Belém, Lisboa. A estrutura da exposição consistia em trinta e três projetos de arquitetos portugueses que desenvolveram trabalhos de arquitetura social no estrangeiro, relacionados com questões sociais e processos participativos. Os projetos foram apresentados segundo cinco temas: emergência, escassez, urbano, informal e formal.



89



90



89. Vista aérea e localização do *Centre pour le bien-être des femmes*.

90. Projeto de referência: planta e alçados do *Centre pour le bien-être des femmes* (FARE Studio, 2013).

2.3.2. Sobre o CBF – *Centre pour le bien-être des femmes*, Burkina Faso (*FARE Studio*, 2013)

Contexto

O projeto está situado num dos subúrbios mais pobres do limite nordeste da capital de Burkina Faso, Ouagadougou, no Sector 27, uma área parcialmente urbanizada, ocupada por uma população de origem rural. A iniciativa faz parte de um programa de serviços sociais e de saúde desenvolvido pela AIDOS¹¹⁰ e foi financiada por um doador privado, ausente da tomada de decisões.

Neste caso, a mensagem pretendida era muito clara e focada numa questão cultural forte: combater a difusão da mutilação genital feminina. A dimensão e sensibilidade do tema obrigou o desenvolvimento de uma série de atividades de consciencialização e educação das comunidades locais, complementares à construção do novo edifício. O problema, identificado pela ONG internacional, foi a base para a criação de um programa multidisciplinar, do qual fazem parte consultórios médicos, salas de terapia, um escritório de advocacia, uma sala de reuniões etc. Assim, procurou-se uma parceria com um escritório de arquitetura que já estivesse familiarizado com as condicionantes locais, optando pelo *FARE Studio*, um parceiro da AIDOS a operar há mais de 15 anos em África, que aceitou desenvolver uma proposta *pro bono*.

Para o escritório de arquitetura responsável, o projeto foi encarado como um trabalho de longo prazo e de consolidação progressiva e, devido à complexidade da sua encomenda, foi aceite um carácter experimental ao longo do desenvolvimento da proposta, acompanhado pelo registo de falhas e erros das soluções apresentadas. Um objetivo final seria, a partir deste primeiro projeto, criar um protótipo de cooperação para o desenvolvimento, a aplicar em países subsaarianos com as mesmas questões ambientais e culturais. Assim, o projeto final é a materialização de uma resposta direta a um programa social complexo que, no entanto, consegue manter a simplicidade espacial necessária para um aproveitamento eficiente por parte da comunidade afetada. Através de um processo participativo que se desenvolve a vários níveis e do estudo das dinâmicas de apropriação espacial local, é possível identificar e analisar os quatro pontos estabelecidos anteriormente como fulcrais em projetos de capacitação social e comunitária.

110 A AIDOS é uma ONG italiana que luta pelos direitos das mulheres nos países em desenvolvimento.

91



92



91. Inauguração do *Centre pour le bien-être des femmes* (FARE Studio, 2013).

92. Autoconstrução assistida: população local encarregue do tratamento da terra para a realização dos blocos construtivos.

Trabalho com a comunidade

Partindo, de uma questão cultural, o trabalho com a comunidade foi essencial desde o momento de partida. Como referido anteriormente e, em concordância com o mesmo processo desenvolvido no projeto da Cozinha Comunitária das Terras da Costa, o projeto de arquitetura foi antecedido por uma série de atividades complementares e workshops de capacitação, com o objetivo de aumentar a confiança coletiva e individual dos participantes. Devido ao afastamento, exclusão e conseqüente limitação da oferta de serviços de educação pública, foi necessário adotar uma abordagem de intervenção a vários níveis, de modo a motivar um envolvimento progressivo da população. Torna-se fundamental reconhecer que o isolamento em relação a influências exteriores é o que permite preservar a autenticidade destes contextos. Assim, ao intervir nestes em comunidades espacial e socialmente segregadas, é necessário aceitar uma posição de humildade em que arquiteto e utilizador desenvolvem um processo mútuo e contínuo de aprendizagem.

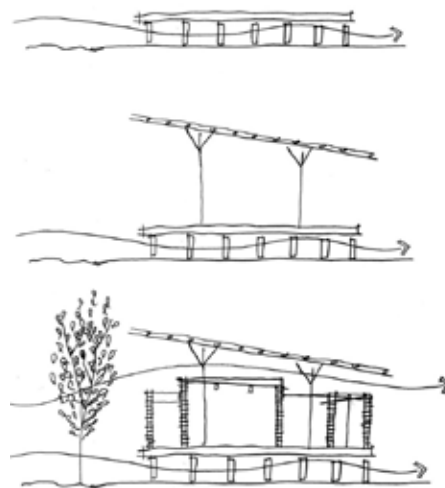
Esse processo de educação mútua é aqui traduzido, onde a estratégia adotada concentra-se no estudo de condutas locais, de forma a encontrar soluções para questões básicas como a orientação do edifício, o tema do sombreamento, a aplicação de vãos e a criação de espaços de transição. Ou seja, seguindo a mesma orientação que as construções circundantes, o projeto resolve o problema de filtração da luz solar e da direção dos ventos quentes dominantes. Do mesmo modo, a separação do programa em dois momentos, que por sua vez distribuem-se em diferentes volumes conectados por espaços exteriores que servem de filtros espaciais e conferem a necessária privacidade para as atividades que aqui são praticadas, é uma inspiração direta dos pátios tradicionais encontrados nas habitações envolventes, assim como a distribuição de vários vãos e caixilhos móveis está presente em ambas situações.

A validação do conhecimento local não é apenas o caminho correto a percorrer na resolução de problemas referentes à obra arquitetónica, como a distribuição espacial do programa, mas é também um método eficaz na criação de laços entre edifício e utilizador. Confirmou-se que, neste caso, não terá havido uma grande exploração do processo participativo na tomada das principais decisões pois, associados a um tema e objetivo muito claros, o programa e o sítio foram pré-determinados por cliente e arquiteto, que acabaram por ser os principais responsáveis. No entanto, por apoiar-se em costumes locais e promover a identidade cultural, o edifício é bem aceite no seio da comunidade.

93



94



95

93. Vista do *Centre pour le bien-être des femmes* (FARE Studio, 2013).

94. Vista do *Centre pour le bien-être des femmes* (FARE Studio, 2013).

95. Insolação e ventilação natural: esquemas explicativos do sistema de cobertura dupla.

Sustentabilidade e otimização térmica O reconhecimento das práticas construtivas ideais ao contexto permitiu um estudo de adaptação em relação à sustentabilidade das soluções. O desenho do edifício é uma resposta direta à problemática do controlo de temperatura e à apropriação de um programa de saúde a um contexto de clima quente e seco, recorrendo o mínimo possível a mecanismos artificiais como o ar-condicionado. Para além de uma resposta mais direta como o uso da vegetação como reguladora do microclima, encontram-se outras soluções traduzidas na imagem geral da obra.

A presença marcante do edifício na paisagem é o resultado de um sistema de cobertura dupla, pensado de forma a controlar a absorção de calor dos volumes e a aumentar a capacidade de isolamento térmico da construção. Do mesmo modo, esta segunda cobertura de carácter mais ligeiro impede a exposição solar direta nos pátios e permite que as divisões interiores recebam luz natural controlada, reduzindo a necessidade de luz artificial. Simultaneamente, o sistema de ventilação natural cruzada gerado, associado à correta orientação do edifício e à distribuição de múltiplos espaços de sombra, diminuem significativamente a necessidade de ar-condicionado. Outra solução de otimização térmica aplicada ao desenho do centro comunitário, foi a construção de uma plataforma-base e a elevação de todo o programa do nível térreo, o que permitiu assegurar uma proteção maior contra poeiras e humidade, e beneficiou os efeitos da ventilação cruzada.

Enquanto a cobertura exterior é feita de plástico, apoiada numa estrutura metálica, os volumes principais aproveitam materiais locais, nomeadamente a terra, areia e água que, quando misturados com cimento e comprimidos com uma prensa hidráulica, formam blocos de solo-cimento. A produção foi realizada *in situ*, utilizando como principal fonte de energia, a energia solar. Um conjunto de esforços que visou diminuir consumos adicionais de energia e limitar o impacto ambiental de toda a intervenção.

Autoconstrução assistida Neste caso, a autoconstrução assistida é praticada de uma forma distinta. Ao contrário do primeiro caso apresentado, aqui o arquiteto não é uma personagem frequente no processo construtivo, tendo uma função mais direcionada à supervisão. Igualmente, o processo não é tão aberto a toda a comunidade, apoiando-se na contratação de mão-de-obra local especializada como um modo de capacitação menos abrangente.

96



97



98



99



Autoconstrução assistida:

96. População local a trabalhar em conjunto para erguer a estrutura metálica da cobertura.

97. Construção de paredes com blocos feitos com materiais locais.

98. Escavação para fundações.

Contexto envolvente:

99. Vista aérea de Ouagadougou.

Revitalização urbana e impacto social

No final, resta analisar a influência geral da obra, questionando mais uma vez o papel de uma estrutura única na revitalização urbana de um setor precário. Por estar ligado a questões muito próprias da realidade local, confirma-se o impacto social que a nova construção teve no território. Previamente à construção do centro, todo o setor urbano encontrava-se numa fase de consolidação incipiente, com poucos planos de desenvolvimento. No entanto, após a disponibilização dos novos serviços associados à estrutura, confirmou-se uma dinamização do progresso urbano e uma transição gradual de uma população originariamente rural. Estes dados motivaram uma primeira intervenção por parte das entidades locais e o novo centro de saúde justificou a construção de uma nova estrada de ligação ao bairro, diminuindo assim a segregação e discriminação e criando uma nova dinâmica e imagem para um dos setores mais pobres da cidade. O projeto foi pensado como uma obra aberta e a sua modulação traduz-se na possibilidade de crescimento capaz de acompanhar o previsto desenvolvimento progressivo do bairro.



100. Vista aérea e localização da Escola de Chuquibambilla.

101. Projeto de referência: planta e alçados da Escola de Chuquibambilla (Ama e Bosch Arquitectos, 2013).

2.3.3. Sobre a Escola de Chuquibambilla, Perú (*AMA - Afonso Maccaglia Architecture + Bosch Arquitectos, 2013*)

Contexto

A comunidade de Chuquibambilla é a maior produtora de café da área oriental do distrito de Pangoa, Perú, e o maior centro comercial e cultural da região. No entanto, a sua localização isolada em plena selva peruana, concede-lhe uma posição de elevada carência em relação a infraestruturas básicas e equipamentos sociais. Da sua população de aproximadamente 1600 famílias, registam-se cerca de 250 crianças e jovens abaixo dos 17 anos que, devido à inexistência das infraestruturas apropriadas, viam-se obrigados a estudar em condições altamente precárias, percorrer longas distâncias até às escolas mais próximas ou, eventualmente, renunciar o acesso à educação. A construção de uma nova escola foi o objetivo final de um conjunto de estratégias que visavam o desenvolvimento saudável da comunidade.

Este projeto foi a motivação final para a formação da fundação Semillas¹¹¹, uma iniciativa da arquiteta italiana Marta Maccaglia e o resultado de alguns anos de experiência a trabalhar com comunidades locais no Perú. A obra construída é o produto da parceria com o arquiteto português Paulo Afonso e o escritório de origem espanhola, Bosch Arquitectos, e pertence a um conjunto de projetos de escolas em contextos de isolamento urbano e social na selva peruana. Este projeto realizou-se no âmbito de uma arquitetura *não solicitada*, onde o arquiteto é o responsável por identificar o local, propor uma solução e encontrar os financiamentos necessários para a realização da obra. Neste caso, com a criação de uma fundação beneficente oficial, foi possível criar parcerias com financiadores, dos quais é destacada a associação *Volcafe Speciality Peru*, um sócio interessado no desenvolvimento das regiões de plantação de café no Perú.

Chuquibambilla é uma comunidade nativa indígena, afastada de influências exteriores e com uma realidade local muito própria. Os seus habitantes vivem de acordo com a sua cultura e costumes tradicionais, dependentes de atividades do setor primário, como a agricultura, caça e pesca, e desprovidos de eletricidade, sistemas de tratamento de água

111 *Semillas para el Desarrollo Sostenible* (Sementes para o Desenvolvimento Sustentável) fundada em 2014, a organização foca-se no desenvolvimento de espaços educacionais e de reunião social em comunidades isoladas ao longo da selva peruana nas redondezas de Lima.



102



103



104

102. Trabalho com a comunidade: mulheres e crianças em convívio a construir mobiliário para a escola.

103. Aplicação de matérias e técnicas vernaculares: detalhe da cobertura.

104. Aplicação de materiais contemporâneos: detalhe de uma parede de blocos de cimento.

potável ou saneamento básico. Esse conjunto de fatores exigiu um estudo do modo de vida da população, de forma a não impor alterações demasiado impactantes na utilização do edifício. Desse modo, o trabalho com a comunidade foi um fator indispensável para o arranque do projeto, partindo pela investigação das necessidades e carências reais do terreno.

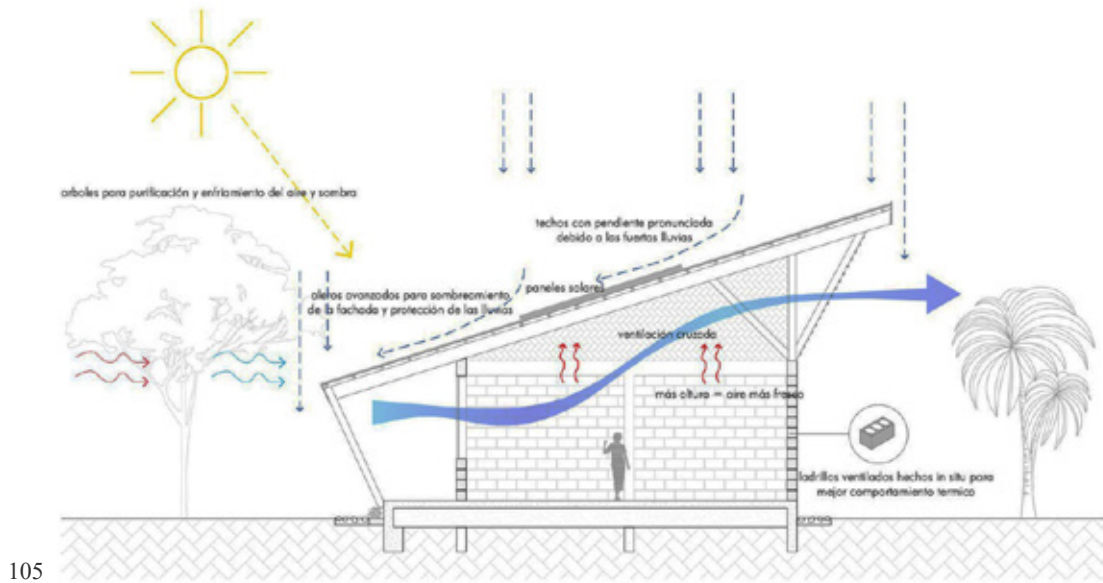
Trabalho com a comunidade

De modo a organizar a participação comunitária, o primeiro passo foi a criação de grupos responsáveis por distintas funções, liderados por membros de maior reconhecimento dentro da comunidade. Isso permitiu o desenvolvimento de várias atividades multidisciplinares promotoras do processo participativo e da construção com materiais locais, resultando na produção de elementos que posteriormente viriam a fazer parte do adorno da escola. *Workshops com os alunos, oficinas com os professores, jornadas de trabalho com voluntários e a população foram os instrumentos para aproximar esta comunidade culturalmente distinta a um intercâmbio de ideias.*¹¹² A abordagem do diálogo progressivo permitiu diminuir a desconfiança da população local em relação às personagens exteriores, nomeadamente arquitetos e entidades responsáveis, e avançar para a fase de desenho e planeamento com o apoio e entusiasmo dos moradores.

Sustentabilidade e controlo climático

Devido às condicionantes ambientais particulares ao contexto de selva tropical, a sustentabilidade da solução foi o princípio fundamental de desenho. Associando os critérios climáticos desafiantes, como as elevadas percentagens de humidade e radiação solar, ao carácter sísmico do terreno, traça-se um desafio de desenho construtivo e estrutural. Desse modo, a proposta final combina materiais vernaculares e contemporâneos e adapta recursos locais a sistemas construtivos mais atuais, não comprometendo uma imagem geral harmoniosa. Para além das soluções materiais, a separação do programa em quatro módulos retangulares distribuídos ao redor de um pátio central e o prolongamento das coberturas dos volumes para a criação de galerias de transição, permitem expandir as atividades ao exterior e dinamizar a ventilação cruzada dos espaços interiores. Simultaneamente, essa exteriorização programática aproxima os utilizadores à natureza e às suas tradições, criando as condições necessárias para aulas ao ar livre e diversas atividades de promoção cultural.

112 Archdaily: “Escola em Chuquibambilla / AMA + Bosch Arquitectos”. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/761355/escola-em-chuquibambilla-ama-plus-bosch-arquitectos> consultado a 03/07/18



105. Sistemas passivos de controllo climático: corte construtivo da Escola de Chuquibambilla (Ama e Bosch Arquitectos, 2013).

106. Autoconstrução assistida: envolvimento da comunidade local no processo construtivo.

107. Aplicação de materiais contemporâneos: estrutura em betão.

108. O processo construtivo: cobertura em estrutura de madeira apoiada em paredes de blocos de cimento.

O controlo climático é alcançado através da utilização de sistemas passivos pensados para reduzir a necessidade de energia artificial. As coberturas inclinadas são uma solução para o escoamento das chuvas tropicais fortes que ocorrem nesta área, e permitem o arrefecimento do ar interior através de aberturas diagonais entre si e de uma circulação constante do ar quente. As galerias criadas permitem refugiar as fachadas da incidência direta de luz solar o que, para além de contribuir para a ventilação do edifício, também permite controlar a iluminação natural dos espaços interiores. As áreas verdes complementam o sombreamento de espaços exteriores e participam no processo de ventilação geral do edifício. Por sua vez, são mantidas através do tratamento e reaproveitamento das águas cinzentas para os sistemas de irrigação.

Autoconstrução
assistida

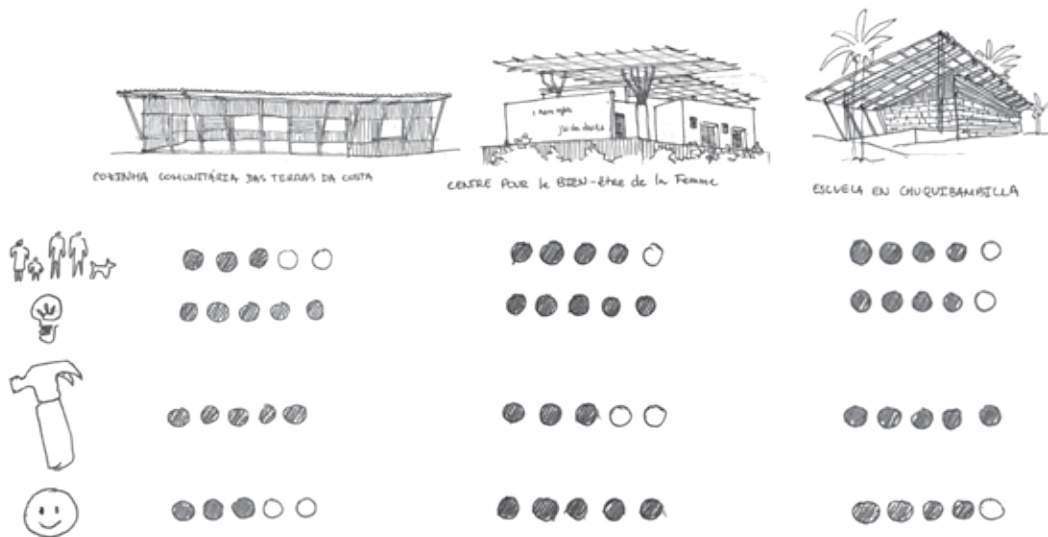
Para aumentar a relação entre o novo edifício e os seus utilizadores, aposta-se novamente na autoconstrução assistida. Neste caso, a utilização de materiais exteriores à realidade construtiva local obrigou a um processo de formação dos construtores, optando pela capacitação de mão-de-obra local em vez da contratação de profissionais não relacionados com a comunidade. O cruzamento entre técnicas vernaculares e contemporâneas, criou um sistema dinâmico de troca de conhecimentos entre arquiteto e construtor, enriquecendo a experiência *in situ*. Os edifícios do programa escolar são construídos em blocos de cerâmica ventilados produzidos com argila local, terminados com uma cobertura de chapa metálica forrada interiormente com uma técnica vernacular de fibra tecida, apoiada numa estrutura de madeira. O quarto edifício é uma pequena residência de estudantes e assume uma imagem de destaque na configuração geral do projeto. Este corpo é construído em blocos de cimento e combina na sua fachada madeira e chapas metálicas coloridas.

Impacto social

No lançamento deste projeto proponha-se a criação de um espaço que, para além de dar resposta à carência de áreas de ensino básico na região de Chuquibambilla, também servisse como um lugar de desenvolvimento e intercâmbio para todos os membros da comunidade: pais, professores e alunos. Para além da necessidade de educação, também se fazia sentir a falta de um ponto de encontro, convívio e lazer, atividades indispensáveis para a fomentação do sentimento de identidade coletiva. A configuração do edifício e a polivalência dos seus espaços, permitiu responder a essas carências.



109



109. Conjugação de técnicas e materiais: vista da fachada da residência de estudantes da Escola de Chuquibambilla (Ama e Bosch Arquitectos, 2013).

110. Estruturas de potencialização do sentimento comunitário em contextos de precariedade: comparação dos projetos de referência em relação às quatro intenções fulcrais estabelecidas.

A educação é o primeiro passo na capacitação de comunidades fragilizadas e segregadas, permitindo uma independência progressiva de outros centros económicos. Por se focar em questões específicas ao terreno, o projeto teve um grande impacto social pois, para além de dar uma resposta às necessidades identificadas, criou um espaço de diálogo e reunião, as bases fundamentais para o início do desenvolvimento.

*

Os três casos apresentados auxiliaram a formalização o conceito proposto de *estrutura de potencialização do sentimento comunitário*. Salienta-se a palavra *potencialização*, como uma chamada de atenção para o carácter experimental das intervenções: o objetivo final não se limita à obra construída, mas à sistematização de um processo de concretização e ao acompanhamento analítico posterior das novas dinâmicas criadas. Com isso em mente, é possível estabelecer diferenças nos resultados finais impostos por cada uma das estruturas.

Compreende-se agora que o caso da *Cozinha Comunitária* é um passo inicial de um processo que tem como objetivo final a eliminação do bairro precário e o alojamento da sua população. Assim sendo, a estrutura serve como um apoio temporário, disponibilizando as infraestruturas inexistentes nas habitações e tranquilizando superficialmente os moradores. Apesar de tudo, no panorama atual, a nova construção teve o resultado pretendido e possibilitou o início do diálogo entre as partes envolvidas.

Os outros dois casos, o *CBF* e a *Escola de Chuquibambilla*, destacam-se do ponto de vista desta dissertação, aproximando-se mais aos objetivos pretendidos. Ambas estruturas são construídas no âmbito de uma revitalização urbana de um setor precário, fortemente relacionadas com uma questão social e características próprias da comunidade afetada. Considera-se como maior impacto, a construção da nova estrada de ligação a Ouagadougou, no caso do *CBF*, o que representa uma intenção de combate à segregação e o poder de influência da nova estrutura.

II PARTE

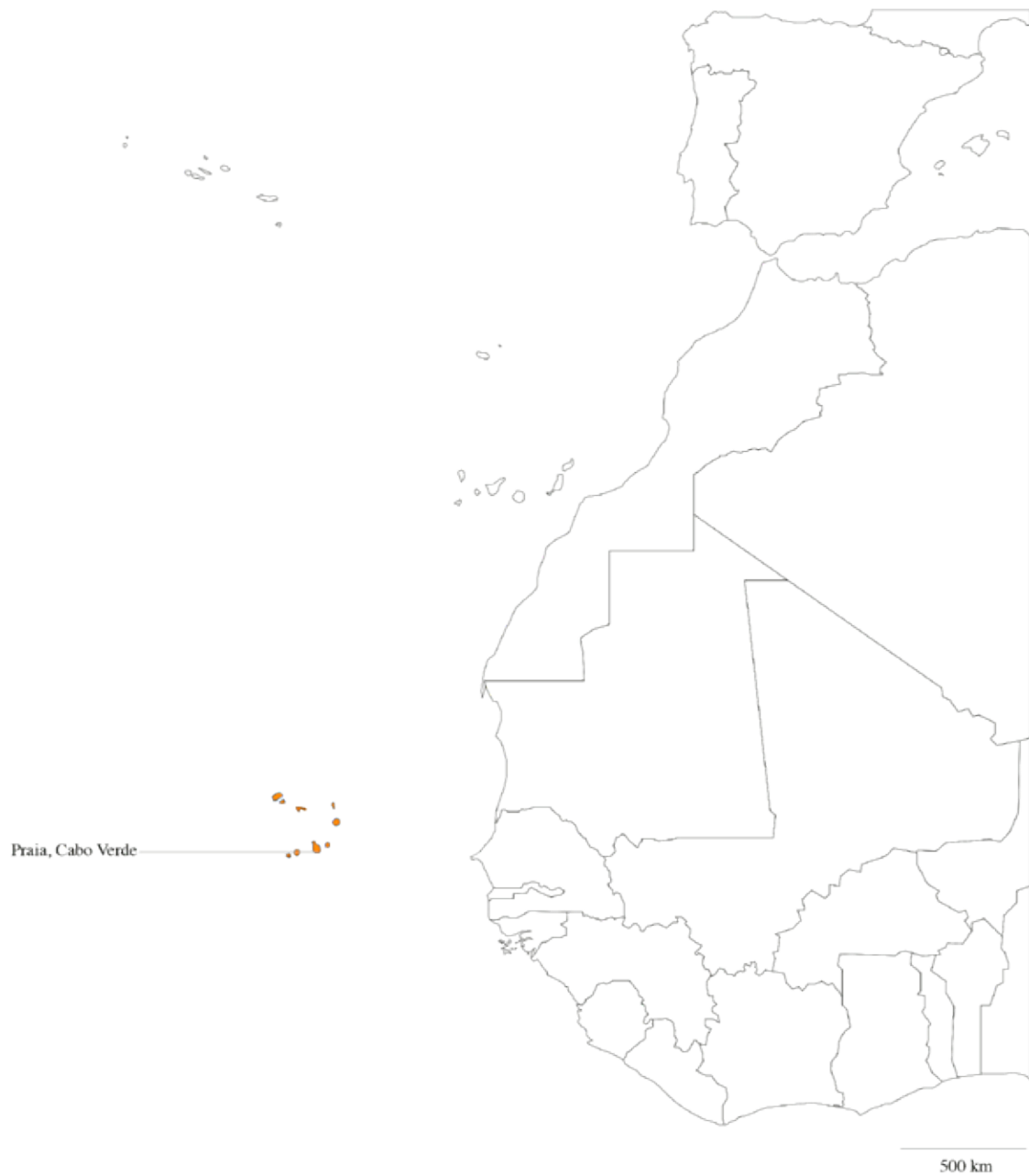
(...) estima-se que a Cidade da Praia tenha uma população residente de 131.719 habitantes, representando 26,9% da população nacional (491.875 habitantes), que convivem num espaço municipal de 258,1 km². A população residente no espaço urbano é de 127.826 habitantes (97%), o que faz da Praia uma das cidades com maior densidade populacional do mundo.

ONU-Habitat, *Perfil Urbano da Cidade da Praia*



111. Cidade da Praia, Cabo Verde.

1. A IDENTIFICAÇÃO DE UM OBJETO



112. Localização do arquipélado de Cabo Verde

1.1. HISTÓRIA E HERANÇA: INTRODUÇÃO À CIDADE DA PRAIA, CABO VERDE

Debater a partir de Cabo Verde possibilita-nos analisar como os fenômenos identitários e sociais da globalização, sintetizados na organização espacial, constituem instrumentos perpetuadores das relações de poder historicamente estabelecidas.¹¹³

O município da Praia localiza-se na parte sul de Santiago, a maior ilha do Arquipélago de Cabo Verde, situada na costa ocidental africana, a 500km do continente. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatísticas (Censo 2010), estima-se que residam no concelho da Praia 26,9% do total da população nacional, de onde 97% representam uma população urbana. A tendência do crescimento populacional do município tem sido exponencial, com um ritmo acelerado, fazendo da cidade um alvo de movimentos migratórios, internos e externos. A densidade populacional média nacional é atualmente, da ordem de 120 habitantes por km², no entanto, no município da Praia, esse número aumenta para os 962 habitantes por km², colocando a cidade no *ranking* das 100 cidades com maior densidade populacional do mundo. Assim, a suscetibilidade ao aumento da pressão demográfica, apresenta-se como a melhor forma de justificar o surgimento dos seus inúmeros assentamentos informais.

113 MOASSAB, Andreia (2013). *Território e identidade em Cabo Verde: debate sobre a (frágil) construção identitária em contextos recém-independentes no mundo globalizado*. Disponível em: http://www.buala.org/pt/cidade/territorio-e-identidade-em-cabo-verde-debate-sobre-a-fragil-construcao-identitaria-em-context#footnoteref9_wjldakx Consultado a: 24/04/18.



113



114



115

113. Apropriação de modelos árabes e manipulação da imagem de “exótico”: vista do *Hotel Riu Karamboa*, ilha do Sal.

114. Apropriação de modelos ocidentais e manipulação da imagem de “luxo”: projeto para o novo casino da Cidade da Praia (em construção).

115. Contrastes urbanos: panorama da realidade atual da Cidade da Praia.

Paradoxalmente, regista-se em Cabo Verde e, nomeadamente na Cidade da Praia, um planeamento territorial estratégico, pouco direcionado a resolver o problema da clandestinidade. Há uma ocupação extensiva do território com foco numa única atividade produtiva de grande porte, fenómeno reconhecido como *monocultura do turismo*¹¹⁴.

Há uma valorização de parcelas específicas do território, pensada de forma a beneficiar grupos de investidores específicos, resultando em grandes contrastes sociais, culturais e territoriais. O modelo de ocupação gerado, juntamente com uma ausência de políticas claras sobre a questão identitária, tem contribuído gravemente para a produção de *não-lugares*¹¹⁵, caracterizados por uma fragilidade de identidade territorial e uma deliberada aproximação à matriz europeia, resultando num desequilíbrio entre os valores do *ser africano* e o desejo de *querer ser europeu*¹¹⁶. Notam-se assim, momentos de reforço dos padrões do período colonial, cuja estratégia passaria pela extinção das raízes africanas.

Observa-se, nos últimos anos, uma gama de projetos pontuais de intervenção habitacional e urbanística, resultantes de ajudas e parcerias internacionais que, muitas vezes, implicam propostas de arquitetos estrangeiros pouco sensíveis à realidade local. No entanto, o

114 As ZDTIs são áreas de excelentes condições geográficas e valores paisagísticos com especial aptidão para o turismo. Através de cooperações multilaterais, o país tem investido na última década em planos de ordenamento que visam a tirar proveito da capitalização do território. A maior aposta é o turismo, registando-se um aumento progressivo a partir dos anos 2000, com uma explosão de capital a partir de 2006, um ano após a inauguração do aeroporto internacional da Praia.

115 Aceitando o conceito de lugar como o que pode ser definido através da troca e da intimidade cúmplice dos locutores, Augé define o não-lugar na medida em que mediatiza todo um conjunto de relações consigo próprio, não criando “nem identidade singular, nem relação, apenas solidão e similitude”. In AUGÉ, Marc (1994). *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: Bertrand Editora, p.108.

116 *Entre o ser “africano” e o desejo “europeu”, revela-se uma subalternidade discursiva exposta tanto na ocupação do território quanto na arquitetura produzida nas últimas décadas*. In MOASSAB, Andreia (2013). *Território e identidade em Cabo Verde: debate sobre a (frágil) construção identitária em contextos recém-independentes no mundo globalizado*. Disponível em http://www.buala.org/pt/cidade/territorio-e-identidade-em-cabo-verde-debate-sobre-a-fragil-construcao-identitaria-em-context#footnoteref9_wjjdakx Consultado a: 24/04/18.



116. Planta da Cidade da Praia.

desejo de desenvolvimento e a aproximação a modelos arquitetónicos europeus, faz com que tais propostas sejam bem aceites pelo público geral. O resultado é a fragmentação urbana e a segregação social, consequentes do aumento dos contrastes e dos investimentos direcionados a grupos económicos exclusivos. *O território é, por conseguinte, uma mercadoria a ser vendida e consumida.*¹¹⁷ A gestão do território acaba por tornar-se um plano de *marketing*¹¹⁸, onde a boa imagem da cidade é forçada e as suas tensões sociais amenizadas e ocultadas.

No entanto, é seguro afirmar que ignorar o problema não o torna irreal. Nota-se, atualmente, um despertar por parte de jovens arquitetos cabo-verdianos e estrangeiros, determinados a contribuir para o desenvolvimento saudável da metrópole, aceitando que a rede de problemas que condiciona e fragmenta a Cidade da Praia, é também o que a torna única, peculiar e um laboratório ativo nas questões da precariedade social e negligência urbana.

1.1.1. Compreensão da cidade atual através do seu processo de formação

A configuração retalhada da Cidade da Praia atual é o resultado de um processo de consolidação por fases. O primeiro núcleo de povoamento a formar-se nesta área tem registos de 1515, sendo ainda de carácter incipiente e em segundo plano em relação à primeira capital do país, a Ribeira Grande de Santiago, atualmente conhecida como Cidade Velha. Apesar da aridez e escassez de condições naturais para a criação de gado e prática de agricultura, aposta-se na colonização da ilha como um ponto de interesse estrategicamente localizado no Oceano Atlântico. Assim, ambos os assentamentos viriam a desempenhar o papel de portos e pontos comerciais de apoio às navegações transatlânticas, definindo Cabo Verde como uma paragem obrigatória no tráfico de escravos de África a outros continentes.

117 MOASSAB, Andreia (2013). *Território e identidade em Cabo Verde: debate sobre a (frágil) construção identitária em contextos recém-independentes no mundo globalizado*. Disponível em http://www.buala.org/pt/cidade/territorio-e-identidade-em-cabo-verde-debate-sobre-a-fragil-construcao-identitaria-em-context#footnoteref9_wjjdakx Consultado a: 24/04/18

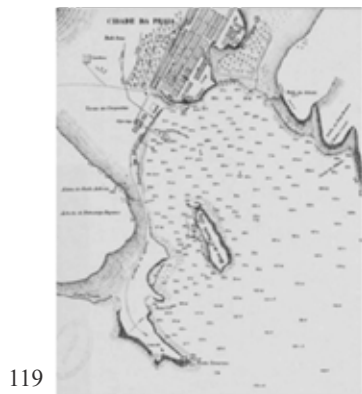
118 Jean Rémy descreve o conceito de marketing urbano como a criação de uma imagem positiva de uma cidade ou de uma região a partir de um objeto ou de uma função. In RÉMY, Jean, VOYÉ, Liliane (1994). *A cidade: rumo a uma nova definição?* Porto: Edições Afrontamento, p.95.



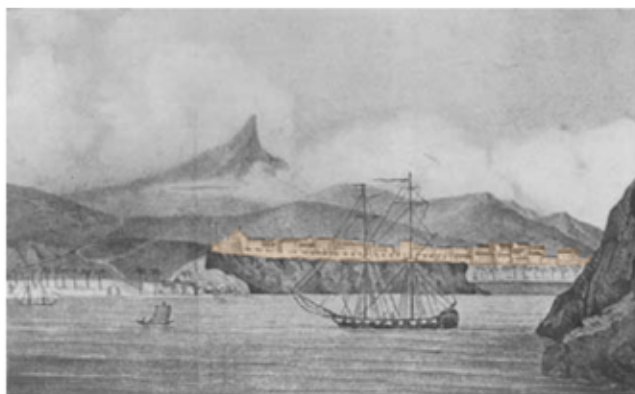
117



118



119



120



121



122

Implantação da cidade colonial à cota baixa:

117. Carta da baía da Ribeira Grande, 1747.

118. Vista da baía da Ribeira Grande (1635) com estrutura urbana a destaque.

Implantação da cidade colonial à cota elevada:

119. Carta da baía da Praia, 1902.

120. Vista da baía da Praia (1841) com estrutura urbana a destaque.

Mancha urbana da Cidade da Praia:

121. Esquema com base na Carta do Porto da Praia de 1886.

122. Esquema com base na Carta do Porto da Praia de 1946.

Com as atenções viradas para a Ribeira Grande, o porto da Praia eleva-se como um ponto favorável para o comércio clandestino. Paralelamente, ao longo do século XVII, a primeira capital sofre um abandono gradual, provocado pela insalubridade, a crise comercial e os constantes ataques de piratas, dando início a um novo período no processo de colonização. Reconhecendo que as características geográficas do porto da Praia conferiam-lhe um perfil mais favorável à formação de uma cidade com características defensivas, em 1612 é exigido que a residência do governador e do bispo fossem permanentemente alteradas para o planalto do Plateau.

Sendo a única estrutura urbana desenvolvida depois do século XVI nas ilhas portuguesas do Atlântico, o Plateau apresenta-se como uma exceção no conjunto das cidades coloniais portuguesas. (...) A cidade foi implantada à cota alta e apresentava um desenho urbano que privilegiava espaços amplos e planos, ao contrário da implantação da Ribeira Grande que se desenvolveu de forma linear à cota baixa “como os outros núcleos urbanos portugueses” da mesma altura.¹¹⁹

Sofre-se uma crise comercial que se prolonga durante a primeira metade do século, registando-se apenas a partir de 1670, a primeira revitalização do porto da Praia. Inicia-se assim um processo de urbanização da vila até que, em 1858, esta ascende a cidade. O reconhecimento do Plateau como um centro urbano começa a atrair mais habitantes. Comparando os mapas de 1886 e 1946, nota-se um aumento significativo do número de implantações fora dos limites da cidade colonial inicial. Enquanto no mapa de 1886, as construções fora do Plateau limitam-se a estruturas pontuais de apoio à atividade portuária, na carta de 1946, identifica-se a formação dos primeiros bairros da cidade, atualmente reconhecidos como *bairros informais mais antigos em fase de progressiva consolidação*.¹²⁰

119 LIMA, Kesia Mascarenhas de Oliveira (2015). *Do quarto de casa ao bairro: requalificação dos bairros precários da Cidade da Praia*. Porto: Faup, p.72.

120 Esta observação refere-se aos bairros de Achada Santo António, Várzea, Achadinha, Lém Ferreira, Achada Grande e Paiol. In: Plano Diretor Municipal (2013), p.214



123



124



125

As diferentes lógicas de ocupação:

123. Estrutura urbana do Plateau, cidade colonial planeada.

124. Estrutura urbana do Paiol, linear e em seguimento da topografia natural do terreno.

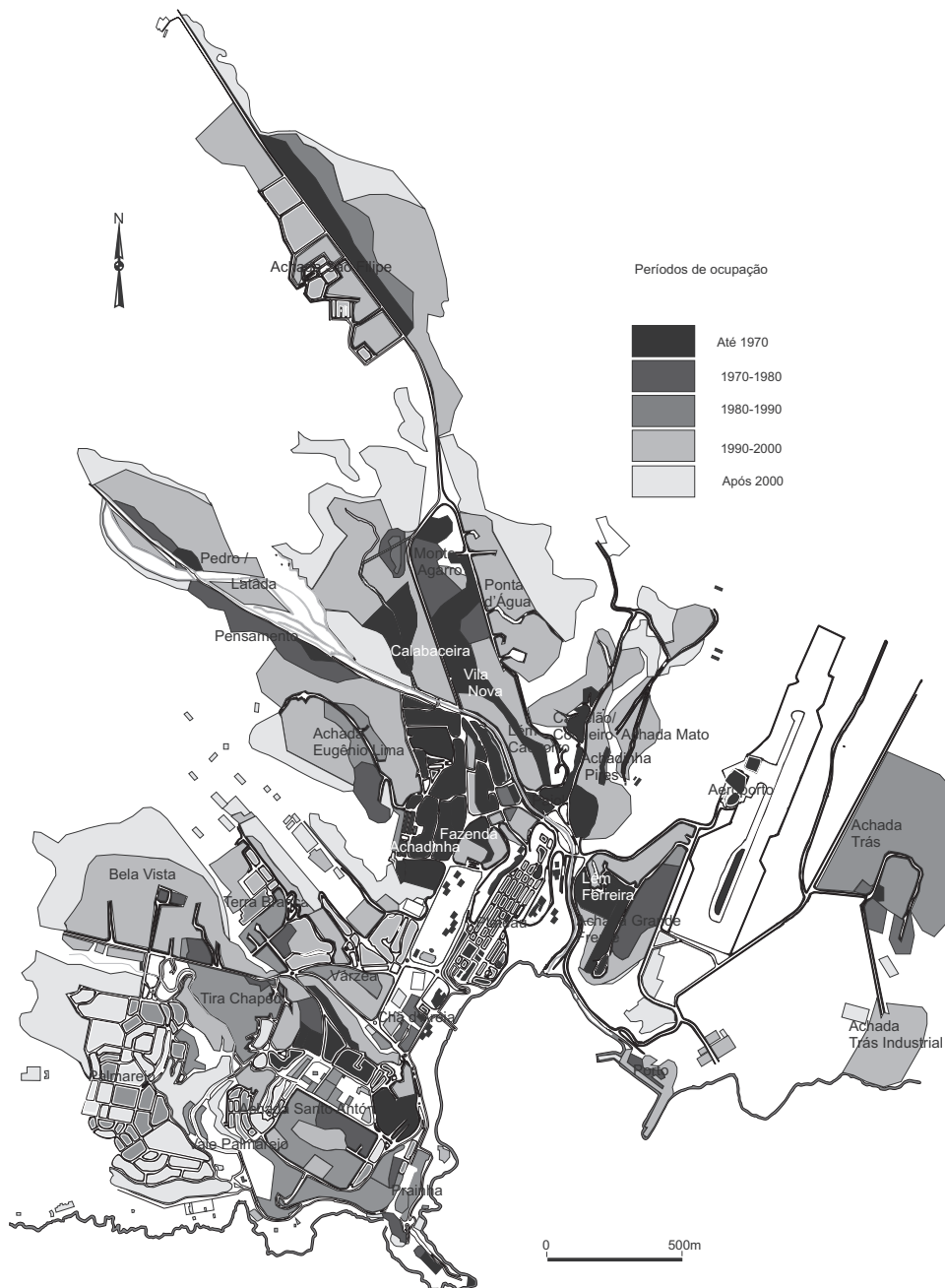
125. Estrutura urbana de Lém Ferreira, agrupamento circular por densificação.

Observa-se pelos mapas uma tendência de ocupação informal desde os primórdios da urbanização. O mapa demonstra que as novas áreas de expansão diferem completamente na lógica de ocupação, em relação à cidade colonial. A geografia da cidade distribui-se por planaltos de diferentes dimensões, complicando um desenho da malha de expansão. O crescimento livre resultou em assentamentos dispersos de estrutura frágil, enquanto que no Plateau manteve-se o desenho geométrico de quarteirões largos e espaços públicos bem definidos. Apesar da aparente desordem, é possível identificar duas configurações base no processo de implantação: uma lógica de ocupação linear, em seguimento de limitações previamente impostas, como a topografia do terreno, ou uma via existente; e uma lógica de agrupamento por densificação, que origina novos núcleos de concentração de construções.

Primeiras ações de requalificação urbana

Face a esta situação, regista-se a primeira iniciativa de aplicação de políticas de suporte ao crescimento urbano em 1938, com a tentativa de impor *a realização de Planos de Urbanização a todos os aglomerados com mais de cinquenta casas*.¹²¹ Posteriormente, em 1950, há uma tentativa de conceção de um plano estratégico para o desenvolvimento, que torna possível controlar minimamente o aspeto das novas ocupações, maioritariamente a nível do desenho das fachadas, seguida nas seguintes décadas por uma preocupação de modernização e novas estratégias de desenvolvimento por parte do Estado português. Em 1960, é lançado um plano de requalificação do centro da cidade, onde é possível identificar alguns dos princípios urbanísticos do movimento moderno: ruas largas e regulares, edifícios em altura e separação das zonas por função. O novo plano pretendia conferir ao planalto principal um carácter de Acrópole, coroando-a com um edifício e uma praça monumentais, enquanto reconhecia dois novos núcleos habitacionais a serem oficialmente ocupados: o da Achadinha e o de Achada Santo António. Ou seja, o Plateau ficaria assim estabelecido como o único centro económico e social da cidade, enquanto os bairros circundantes disponibilizariam novas áreas de alojamento.

121 LIMA, Kesia Mascarenhas de Oliveira (2015). *Do quarto de casa ao bairro: requalificação dos bairros precários da Cidade da Praia*. Porto: Faup, p.76.



126. Evolução da mancha urbana da Cidade da Praia.

Quando, em 1969 reconhece-se a impossibilidade de controlo e previsão do crescimento da cidade, propõe-se um segundo plano de investimento em redes viárias e a expansão do centro da cidade até a uma cota mais baixa. Já se regista neste período a desigualdade urbana que perdura até à atualidade, originada pela concentração de serviços na área do Plateau, em detrimento das restantes áreas, geralmente com condições habitacionais e urbanas muito precárias. Em soma, o número de assentamento informais começa a ser significativo e o nível de ocupação fora da cidade planeada superior às percentagens registadas no interior do Plateau, onde apenas 27% da população total da cidade da Praia estaria alojada¹²².

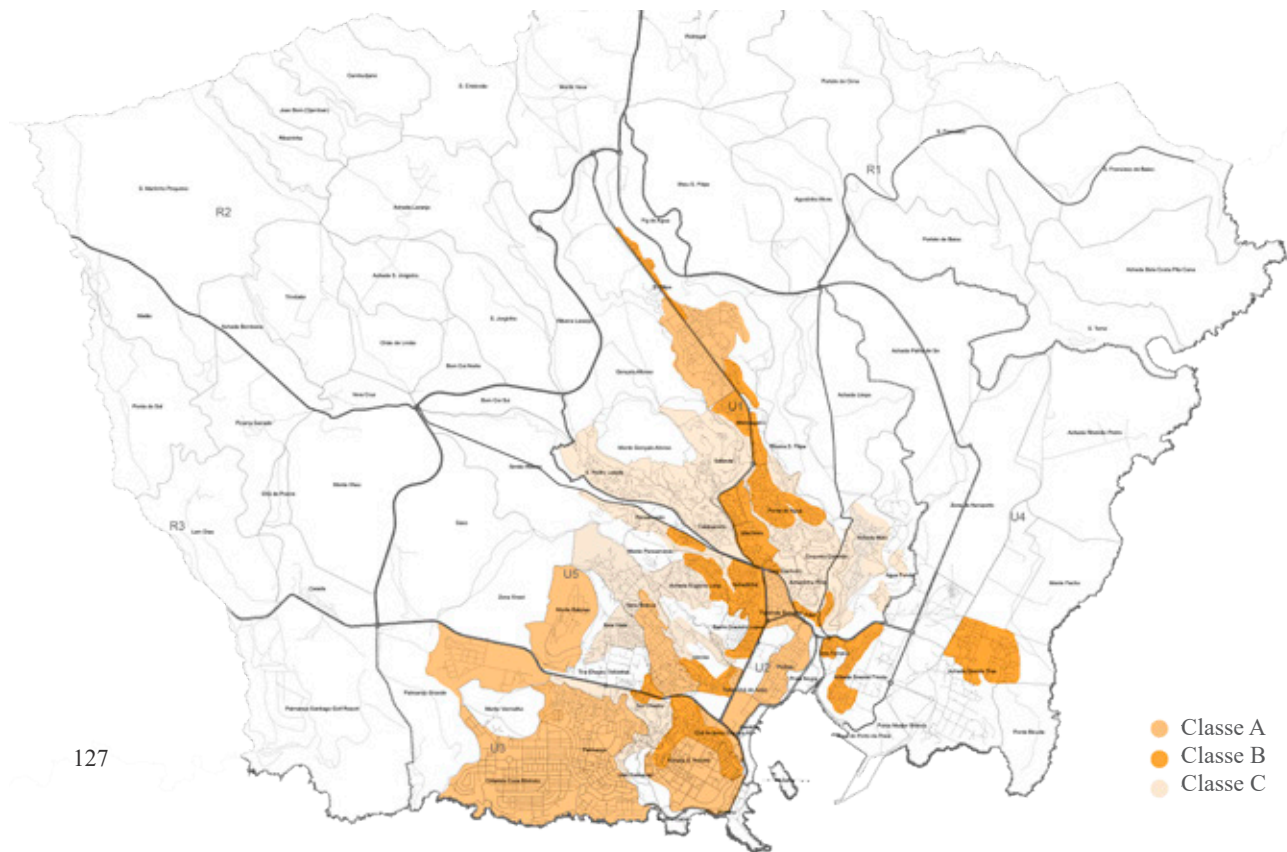
Cidade atual

Com a independência nacional em 1975, a capital sofre a sua primeira verdadeira explosão demográfica. Durante este período, os bairros emergentes nas proximidades do Plateau passam a ser reconhecidos como parte integrante da cidade e são incluídos nos planos de urbanização e infraestruturização. No entanto, a fragilidade política da época não permitiu que o *boom* demográfico característico do período pós-independência fosse acompanhado por medidas e estratégias capazes de dar resposta às necessidades de uma urbanização jovem em expansão. Assim, este processo desenvolve-se como um *fenómeno marcado simultaneamente por uma rápida expansão do perímetro urbano da cidade, pela proliferação incontrolada e desorganizada de pequenos e isolados bairros na periferia da cidade e, sobretudo, por uma crescente demanda de solos para a construção e demais serviços sociais de base*.¹²³ Consequentemente, os maiores desafios encontrados atualmente são referentes às questões de saneamento e salubridade, assim como ao aumento da urbanização da pobreza e das desigualdades sociais e económicas.

Até 1980, há um acompanhamento, embora frágil, por parte das autoridades, da ocupação de terrenos envolventes. Apesar de não ser possível impedir e controlar a formação e desenvolvimento de novos assentamentos, é possível manter a mesma estratégia adotada durante o período colonial, em que o respeito por certos alinhamentos e dimensões permite a concretização progressiva das infraestruturas necessárias à consolidação dos bairros. No entanto, a década seguinte, introduz um novo período caótico no processo de urbanização

122 CARIA, Maria Emília (1969). *Urbanização da Cidade da Praia – Plano Diretor Básico*. Lisboa: Ministério do Ultramar, p.5.

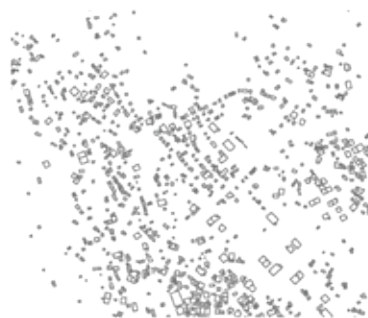
123 UN-HABITAT (2013). *Perfil Urbano da Cidade da Praia, Ilha de Santiago, República de Cabo Verde*. Praia: ONU-HABITAT, p.9



128



129



130

Morfologias urbanas:

127. Categorização em planta dos bairros de classe A, B e C.

128. Pormenor de um bairro de classe A (Palmarejo).

129. Pormenor de um bairro de classe B (Achadinha).

130. Pormenor de um bairro de classe C (Terra Branca).

em Cabo Verde, registando os maiores números de crescimento demográfico até à data. Incapaz de acompanhar este fenómeno, a Cidade da Praia vê os seus limites rompidos e espalha-se livremente pelo terreno envolvente, originando a sua configuração atual.

A singularidade cabo-verdiana reside, por um lado, em menor controlo do território por parte das políticas coloniais, ao contrário, por exemplo, de Angola e Moçambique. Por outro, o abandono total da população sem quaisquer investimentos em infraestruturas, acompanhado de um discurso reforçado acerca das mazelas climáticas, resultou numa aceitação praticamente passiva das condições desiguais de acesso à terra, cenário não contestado e tampouco revertido com a independência.¹²⁴

A morfologia fragmentada da cidade atual é assim justificada por um processo de crescimento por fases, apoiadas em modelos de ocupação distintos característicos a cada época e seguidas por uma incapacidade de acompanhamento no período pós-colonialista, juntamente com uma conformidade por parte das entidades responsáveis.

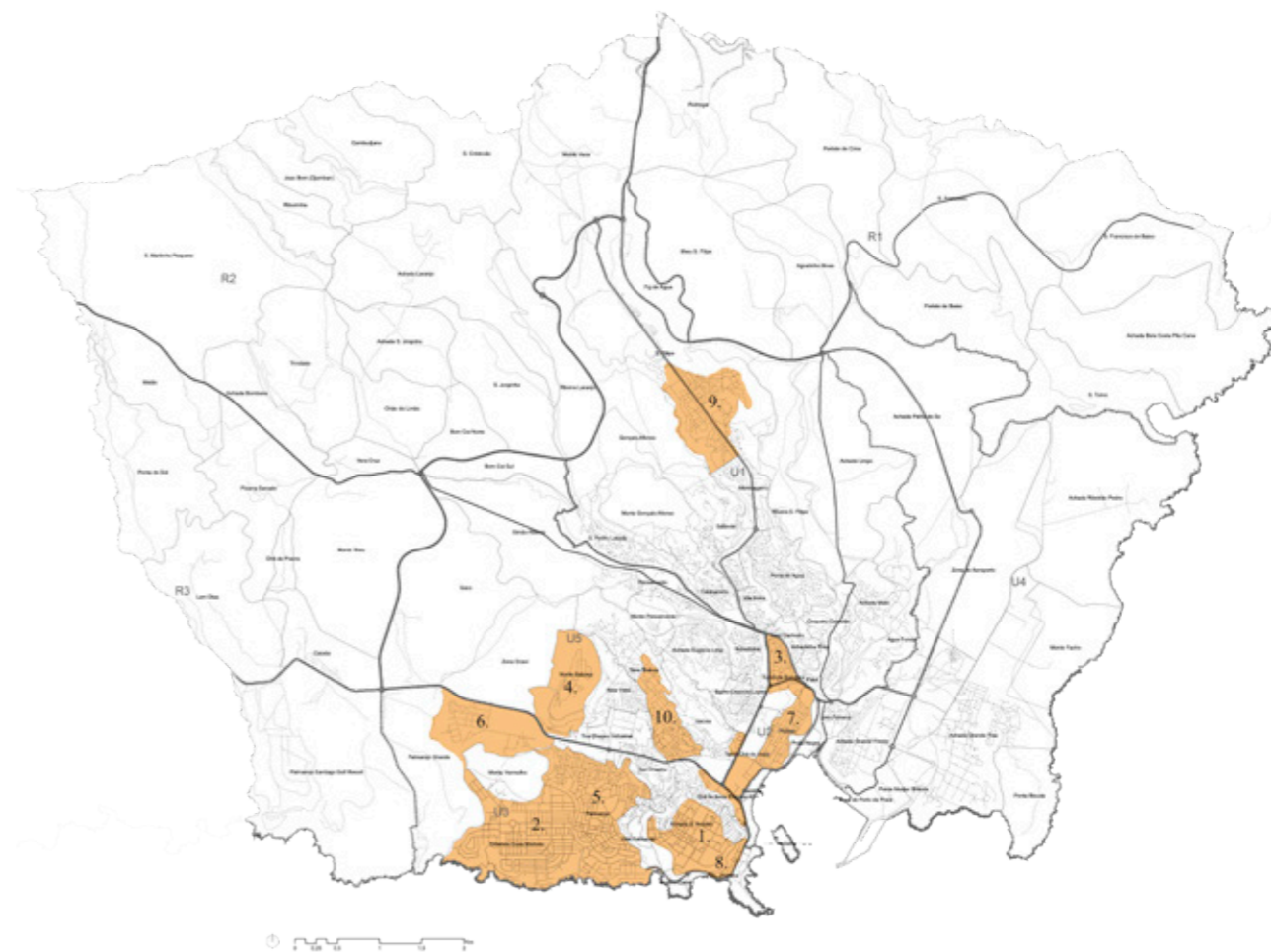
1.1.2. Tecido urbano e modelos de malha

De acordo com as análises feitas aos tipos de traçados existentes na Praia, cerca de 6km² (44%) de solo urbano atual foram produzidos tendo por base planos urbanísticos. As ocupações que não foram previamente planeadas representam cerca de 8km² (56%), dos quais 5km² de superfície pertencentes aos bairros de crescimento “espontâneo” mais recentes.¹²⁵

As distintas lógicas de ocupação praticadas ao longo do processo de consolidação, resultaram em visíveis separações urbanas, características de uma cidade socialmente desequilibrada.

124 MOASSAB, Andreia (2013). *Território e identidade em Cabo Verde: debate sobre a (frágil) construção identitária em contextos recém-independentes no mundo globalizado*. Disponível em http://www.buala.org/pt/cidade/territorio-e-identidade-em-cabo-verde-debate-sobre-a-fragil-construcao-identitaria-em-context#footnoteref9_wjjdakx Consultado a: 24/04/18.

125 UN-HABITAT (2013). *Perfil Urbano da Cidade da Praia, Ilha de Santiago, República de Cabo Verde*. Praia: ONU-HABITAT, p.13



131. Localização dos bairros de classe A.



1. ACHADA SANTO ANTÓNIO



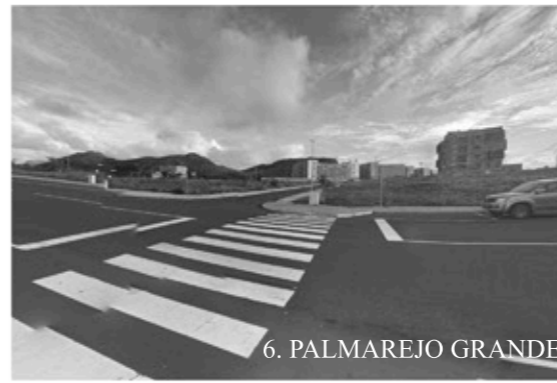
5. PALMAREJO



9. SÃO FILIPE



2. CIDADELA



6. PALMAREJO GRANDE



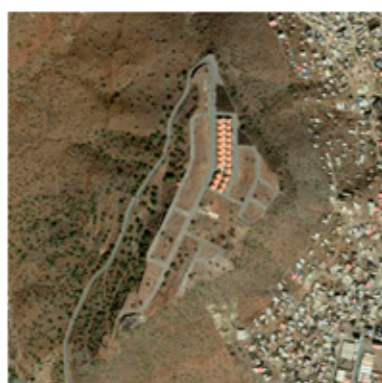
10. TERRA BRANCA



3. FAZENDA



7. PLATEAU



4. MONTE BABOSA



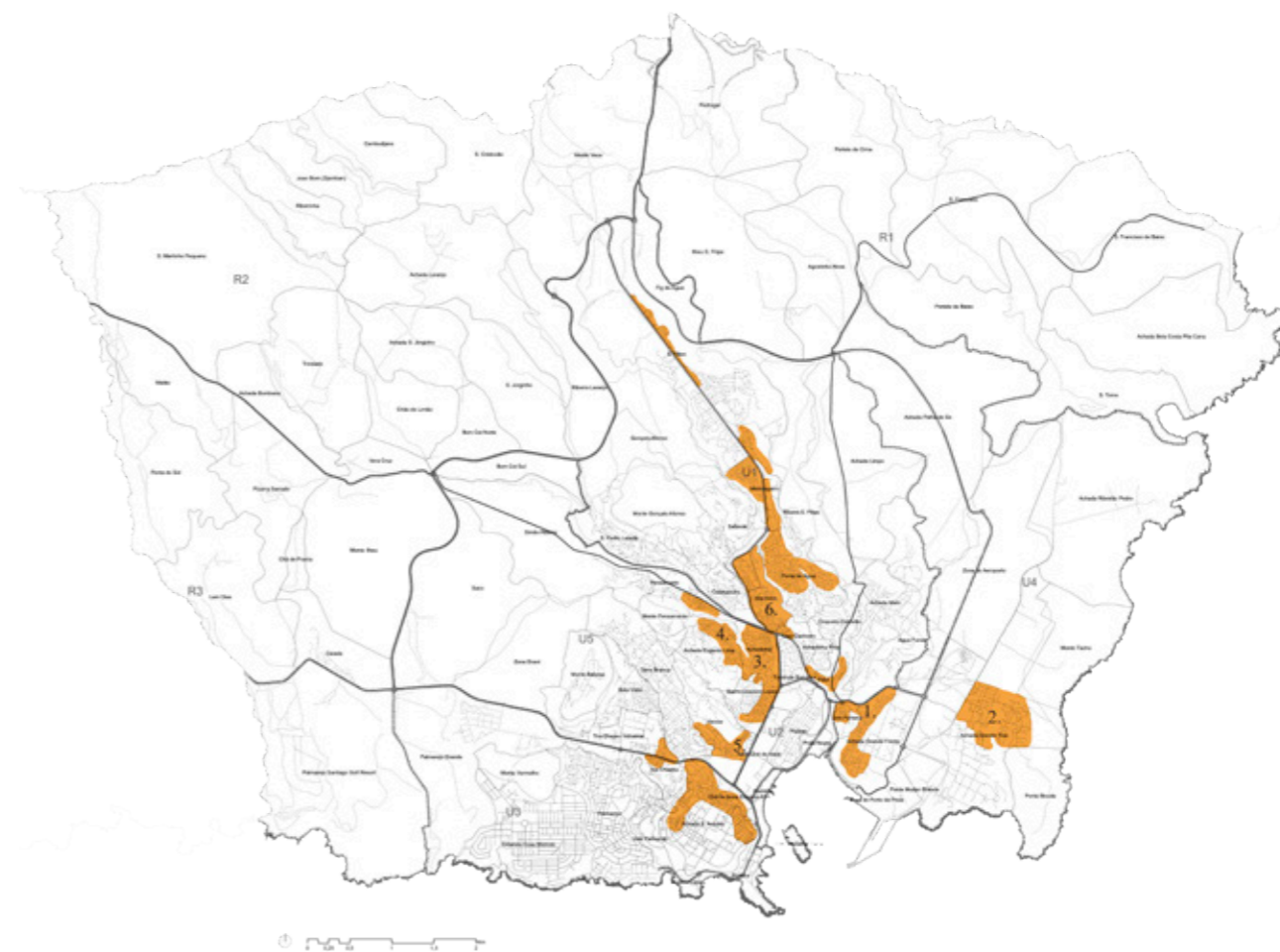
8. PRAINHA

Por sua vez, essas diferentes realidades sociais são traduzidas em três modelos de malha: os setores com plano urbanístico prévio, reconhecido como classe A; os setores sem plano urbanístico prévio, mas controlados administrativamente através de licenciamento, ou classe B; e os setores de expansão não controlada, identificados como classe C. Em cada um dos casos, a regra geral é de edificação preceder infraestruturação, visto que as três situações priorizam a construção da habitação e encaram a implementação de infraestruturas como uma ação de segundo plano. *Existem apenas dois exemplos de promoção pública onde os lotes disponibilizados foram infraestruturados, Palmarejo e Achada São Filipe, onde mesmo assim, várias infraestruturas ainda estão por fazer.*¹²⁶

Estes tipos de malha são facilmente reconhecíveis em mapa. Na classe A, percebe-se o desenho organizado das vias, pensadas principalmente para a circulação automóvel, juntamente com uma preocupação em garantir o perfil digno dos espaços públicos. A geometria destes bairros¹²⁷ é fortemente marcada, com uma divisão clara dos lotes e uma racionalização dos caminhos, que aqui têm um caráter de acesso e circulação, muitas vezes em configuração de *cul-de-sac*. Há uma priorização do espaço privado, juntamente por uma preferência por conjuntos habitacionais plurifamiliares capazes de suportar espaços exteriores próprios ao usufruto dos seus moradores, ou habitações unifamiliares com pátios particulares, o que resulta num claro défice no interesse, desenho e planeamento de praças públicas. Estes bairros alojam a classe mais alta, tendo valores bastantes elevados e inacessíveis à generalidade da população. Consequentemente, o seu desenho é pouco denso e a sua ocupação ocorre a um ritmo relativamente lento, quando comparado com os outros setores da cidade.

126 UN-HABITAT (2013). *Perfil Urbano da Cidade da Praia, Ilha de Santiago, República de Cabo Verde*. Praia: ONU-HABITAT, p.13

127 O conceito de bairro é aqui abordado como um lugar de residência e trabalho que constitui a base integradora de um grupo. *É um espaço concreto e personalizado, no interior do qual se exprime uma vontade de viver em conjunto e do qual não se procura sair de forma regular (...). Enquanto, na cidade tradicional, o bairro pode ser visto, de algum modo, como um microcosmos reproduzindo as características do conjunto da cidade, o bairro urbanizado corresponde à concentração de uma categoria socioprofissional que se encontra nele reagrupada de forma dominante. Assim, pois, podem detetar-se bairros operários, bairros burgueses... a possibilidade de escolha não é igual para todos: apenas os grupos dominantes dispõem de um real poder de escolha, estando os outros forçados a residir onde sobra espaço – o que significa, em geral, nos bairros mais desfavorecidos.* RÉMY, Jean, VOYÉ, Liliane (1994). *A cidade: rumo a uma nova definição?* Porto: Edições Afrontamento, páginas 44 e 73.



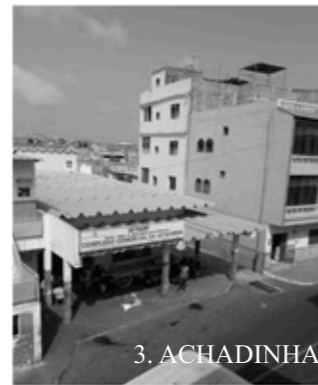
133. Localização dos bairros de classe B.



1. ACHADA GRANDE FRENTE



2. ACHADA GRANDE TRÁS



3. ACHADINHA



4. ACHADA EUGÉNIO LIMA



5. CHÃ DE AREIA



6. VILA NOVA

A morfologia de classe B engloba os bairros que começaram a surgir nas primeiras fases do período colonial, quando a população sem recursos recém-chegada à cidade começou a ocupar as áreas envolventes ao Plateau. A ocupação informal começou ao longo de eixos estruturantes, como ribeiras e vias principais e, a disponibilidade de áreas livres e a ausência de um mercado fundiário, permitiram o respeito por alguns critérios tradicionais de assentamento. Assim, *ainda que de forma espontânea, a ocupação até aos anos 80 foi caracterizada por uma certa racionalidade, garantindo os alinhamentos, dimensionamentos proporcionados e soluções tipológicas adequadas*¹²⁸. Estes bairros tornaram-se a alternativa de um alojamento mais acessível, evoluindo a áreas preferenciais na relação entre o nível de vida da população em geral e as condições urbanas disponibilizadas, notando-se que são áreas com uma densidade muito mais elevada, onde o desenho e loteamento dos terrenos apresentam um certo nível de irregularidade e revelam a sua génese informal. Apesar da densidade, são áreas em consolidação e constante crescimento.

128 ALLEGRETTI, Giovani, FORNUTO, Mariangela, LUCCHI, Gian Paolo (2010). *Campo de Forças – experiências para integração da praia informal*. Praia: Movimento África 70, p.16.



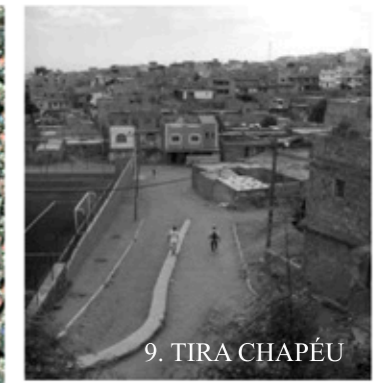
135. Localização dos bairros de classe C.



1. ACHADA MATO



5. PENSAMENTO



9. TIRA CHAPÉU



2. ACHADA EUGÉNIO LIMA



6. SAFENDE



3. BELAVISTA



7. SÃO PEDRO LATADA



4. COQUEIRO



8. TERRA BRANCA

Surgem assim, os bairros de classe C, referente aos bairros periféricos da cidade, na extensão dos limites dos bairros de classe B, ou seja, em terrenos de encostas e ribeiras. Surgiram espontaneamente, sem um planeamento prévio e a sua morfologia caracteriza-se pela ocupação dispersa e pouco densa no território e pelo assentamento em terrenos de risco. Estes bairros surgem como uma resposta imediata à problemática da inadequação do tipo de oferta de habitação ao público em geral e acolhe as classes mais baixas da população. São formados por habitações precárias autoconstruídas e carecem gravemente de infraestruturas básicas, como a água canalizada e redes de saneamento. A distribuição das construções é irregular e a marcação das vias é feita posteriormente, resultando num desenho complicado e dificultando o planeamento ordenado de futuras expansões. A velocidade de construção nestes contextos é elevada, registando-se em média oito habitações novas por dia.

Os setores de classes B e C surgiram como consequência de uma inadequação do tipo de oferta fornecida ao público, nomeadamente no setor A. Como se pôde analisar, esse fenómeno iniciou no período colonial, enraizando-se na cultura local até aos dias de hoje. Apesar da sua génese informal, estes assentamentos não são de carácter temporário, sendo necessário um investimento por parte das autoridades responsáveis que, através da consolidação e infraestruturização progressiva, reconhecem os setores mais fragilizados como pertencentes ao conjunto urbano.



137. Vista do bairro de Safende, Cidade da Praia.

1.2. INFORMALIDADE, CLANDESTINIDADE E PRECARIIDADE: A CIDADE E OS SEUS BAIRROS

O maior problema da Cidade da Praia é que o ritmo de crescimento demográfico e territorial é várias vezes superior ao ritmo de desenvolvimento urbano e económico, fazendo com que as estruturas e serviços da cidade não sejam capazes de dar resposta às necessidades da população. Estima-se que apenas 20% dos alojamentos urbanos da Cidade da Praia estejam inseridos nos traçados de malha formal, estando os restantes 80% distribuídos pela cidade informal. Desses 80%, metade representa os bairros espontâneos mais recentes e, a outra metade, os bairros antigos ainda em consolidação. A informalidade gerada tem como objetivo dar uma resposta à crescente urgência de alojamento, no entanto a preocupação pela quantidade vem em detrimento do requisito da qualidade. A incapacidade de acompanhamento por parte das autoridades responsáveis gerou uma propagação de habitações unifamiliares inacabadas, *cujo cinzentismo é a principal característica da cidade*.¹²⁹

No caso da Cidade da Praia, arrisca-se afirmar que a clandestinidade apresenta-se como *um mal necessário*. A procura excessiva e descontrolada pós-independência, contribuiu para agravar os problemas urbanísticos pré-existentes, acentuando a inadequação das infraestruturas e serviços disponíveis e provocando alterações no que seria o normal processo de produção do espaço urbano. Assim, encontrou-se na ilegalidade um processo de produção que se revelou eficaz na solução do problema do alojamento. Estudos do PDM (Plano Diretor Municipal) revelam que apenas 34% da população está legalmente coberta pelo mercado formal de habitação e, face a esses números, a autoconstrução clandestina é uma das soluções mais recorridas para tentar combater o problema da carência habitacional. Devido à escala do problema, o fenómeno da informalidade foi aceite como parte da realidade da cidade, não levantando muitas preocupações por parte da sociedade e autoridades. No entanto, verificou-se que este fenómeno não é isolado e que traz várias consequências a nível social, registando-se, nos últimos anos, uma onda crescente de criminalidade e delinquência juvenil, problemas que encontram nos bairros informais, o ambiente fértil ideal de propagação. Desse modo, estas áreas começaram a

129 UN-HABITAT (2013). *Perfil Urbano da Cidade da Praia, Ilha de Santiago, República de Cabo Verde*. Praia: ONU-HABITAT, p.13



138



139



140

138. Ocupação de encostas: vista do bairro de Safende.

Distribuição de implantações em áreas de difícil acesso:

139. Vista do Monte Pensamento (ao fundo).

140. Vista do Alto da Glória.

ser encaradas como pontos a requalificar ou eliminar, de forma a garantir a segurança das zonas envolventes. O ponto positivo é que, nas últimas duas décadas, a aposta feita pelas diferentes administrações responsáveis pelo governo da cidade, já não se limita à oferta formal de habitações e espaços pré-planeados, mas, e especialmente no início do novo milénio, preocupa-se com a hipótese de melhorar o amplo património informal, através do fortalecimento das atitudes favoráveis ao reconhecimento e valorização do existente. As ações de demolição levadas a cabo pela municipalidade são reduzidas e descontínuas, demonstrando um certo respeito pelo fenómeno da informalidade.

1.2.1. Caraterização dos bairros precários

A Cidade da Praia é o maior centro urbano do país e funciona como o motor de desenvolvimento de Cabo Verde. No entanto, o conjunto de problemas que enfrenta parecem carecer de solução permanente. O crescimento urbano caótico, juntamente com a enorme deficiência no planeamento e gestão racional do solo, favorece um ambiente de grande insegurança urbana, degradação ambiental e desorganização. Para além das questões sociais, é possível identificar três pontos fundamentais constituintes do núcleo dos problemas de crescimento da cidade: a progressiva redução das acessibilidades, a redução da capacidade de drenagem das águas pluviais e o aumento das situações de perigo de deslizamento e desmoronamento.

Acessibilidades A redução das acessibilidades refere-se a dois momentos diferentes. O primeiro, é a tendência em instalar construções ao longo de caminhos pré-existentes, o que provoca o asfixiamento dos mesmos. A redução da largura destes acessos limita a mobilidade e inviabiliza as ligações entres os bairros, o que resulta numa distribuição de amplas áreas urbanas inacessíveis pelo território. O segundo momento, é quando a construção é feita em terrenos isolados nas periferias da cidade. Os bairros desenvolvem-se sem um desenho de vias que, inevitavelmente, terão que ser implementadas posteriormente. A distribuição irregular de construções pelo terreno impossibilita um planeamento racional dos acessos e estes são obrigados a adaptarem-se ao espaço livre disponibilizado.



141



142



143

141. Ocupação de encostas: vista do bairro de Safende.

142. Acumulação de lixo e escombros ao redor de habitações: vista do bairro de Achada Mato.

143. Distribuição de construções em terreno irregular: vista do Alto da Glória.

- Clima A irregularidade das implantações também dificulta a drenagem das águas pluviais. Cabo Verde é um país de clima tropical seco, tendo uma época de chuvas muito curta. No entanto, quando chove, os danos provocados atingem escalas de destruição, porque a chuva não é considerada um fator determinante no processo de construção. A generalidade destes bairros encontra-se implantado em zonas de encosta e à margem de ribeiras, interferindo com o percurso natural das águas da chuva. A decisão de implantar nestas áreas, em vez de implantar em planaltos com melhores condições topográficas, parte do facto de já haverem caminhos naturais que fazem a ligação ao centro da cidade, demonstrando como a proximidade é um dos principais fatores a ter em conta na eleição do terreno. Estas zonas, normalmente, são acompanhadas por depósitos naturais de acumulações de terra, lixo e escombros, criando barramentos e consequentes inundações. Além disso, como já foi referido, a escolha destes terrenos para construção, constitui um aumento das situações de perigo de deslocamento e desmoronamento de terras, sendo necessário lembrar que se tratam de autoconstruções desprovidas de mão-de-obra profissional e especializada.
- Ruralidades em contexto urbano Estes bairros originaram com a chegada de pessoas do interior da ilha para a cidade. A cultura de migração do meio rural para o meio urbano, praticada em grande escala, fez com que existisse uma justaposição de comportamentos e práticas rurais, com as necessidades próprias de uma vida mais urbana. *Em muitos contextos, a forma como as populações, particularmente os novos residentes, se apropriam do espaço urbano, provoca transformações no espaço e na sociedade de acolhimento, introduzindo aspetos de ruralidade ao tecido urbano.*¹³⁰ Esta assimilação da vida rural no contexto urbano, provocou desequilíbrios nas lógicas de apropriação espacial, presentes nas estratégias de implantação das habitações que se encontram espalhadas no território. *Não se deteta uma lógica de agrupamento, mas sim de distanciamento*¹³¹, apoiada nos princípios de implantação em contexto rural, em que é necessário o distanciamento entre as construções, para o aproveitamento de terrenos como campos de cultivo. Identifica-se assim, uma apropriação dessa ideia, transposta para o contexto urbano, onde o distanciamento entre as casas representa o desejo e ambição de expansão da área da construção.

130 UN-HABITAT (2013). *Perfil Urbano da Cidade da Praia, Ilha de Santiago, República de Cabo Verde*. Praia: ONU-HABITAT, p.19

131 LIMA, Késia Mascarenhas de Oliveira (2015). *Do quarto de casa ao bairro: requalificação dos bairros precários da Cidade da Praia*. Porto: Faup, p.63.



144



145

144. Elementos de transição entre o público e o privado: moradores do bairro de Safende conversam através do muro de separação das casas.

145. Relações de vizinhança: moradores do bairro de Safende em conversa na rua.

Ruralidades em contexto urbano

O individualismo é assim, um conceito muito presente nestes contextos. O desejo materializado da consolidação progressiva provoca um sentimento de competição entre os moradores e fomenta uma superioridade da casa sobre o bairro. Por sua vez, essa ideia é contraditória ao conceito de comunidade criada nestes locais, originada por uma rede de relações de parentesco, amizade e vizinhança na qual os seus habitantes estão inseridos. Cria-se assim uma relação entre as realidades, onde a baixa densidade populacional e os espaços vazios entre as construções expressam, metaforicamente, as condições da vida social local, onde as fronteiras e delimitações resultam numa confusão e incerteza e o sentido de pertença é embrionário. Idealmente, as relações de vizinhança e as redes de amizade e parentesco deveriam ser um reforço determinante na transição de simples aglomerações de habitações a bairros comunitários em consolidação. No entanto, o percurso que se identifica é um ciclo de marginalização progressiva, onde a evolução e aumento destes assentamentos conduz à redução dos vínculos sociais.

A unidade habitacional

Ao contrário dos bairros informais das grandes cidades de outros continentes, as habitações aqui encontradas não são formadas por materiais frágeis e recuperados, sendo construídas da mesma forma que as do resto da cidade. Há uma abertura da terra destinada ao assentamento de fundações que garante o carácter permanente da construção, seguida por uma consolidação progressiva de uma estrutura em betão armado e blocos de cimento industriais. *O carácter não transitório das construções demonstra como na Praia não existe a preocupação pela precariedade da posse da habitação que aflige os residentes das favelas e bidonvilles de outras partes do mundo*¹³². Assim, a ausência de oposição à ocupação dos terrenos e, sobretudo, a larga divulgação deste comportamento, são traduzidas numa convicção de adquirimento de um direito duradouro, *um direito assente no testemunho e no fundamento não só da vizinhança, mas em grande parte do processo de edificação da cidade*¹³³. Devido à necessidade imediata de alojamento, combinada com uma escassez de meios económicos, estas construções são encaradas como um investimento a longo prazo. A prática comum definiu uma unidade mínima de habitação evolutiva, localmente denominada por *quarto de casa*.

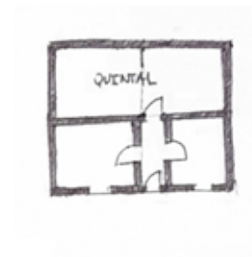
132 ALLEGRETTI, Giovani, FORNUTO, Mariangela, LUCCHI, Gian Paolo (2010). *Campo de Forças – experiências para integração da praia informal*. Praia: Movimento África 70, p.19.

133 Idem, p.20.

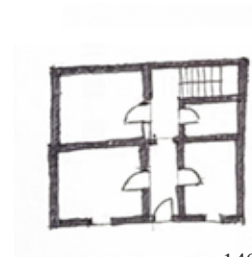
146



147



148



149

146. Fase inicial do *quarto de casa*: habitação precária no Alto da Glória.

147. Fase intermédia do *quarto de casa*: habitação precária no Alto da Glória.

148. Fase avançada do *quarto de casa*: habitação em consolidação no Alto da Glória.

149. Fases evolutivas do *quarto de casa*: plantas esquemáticas.

*O quarto de casa, que demora pouco mais de um dia a ser construído, é uma construção em blocos de cimento de 3x3 metros (dimensões de um quarto) algumas vezes precedida por uma construção temporária de plástico, cartão, chapas metálicas ou restos de madeira.*¹³⁴

Este modelo está presente em toda a paisagem da cidade, tornando-se um elemento muito característico da realidade cabo-verdiana. Identificam-se várias fases de evolução. Inicialmente, o quarto de 3x3 representa apenas uma parte da área a ocupar, tendo em vista uma consolidação progressiva de acordo com as possibilidades, necessidades e sucessivos investimentos do morador. Numa primeira fase, o espaço livre exterior desempenha a função de quintal ou pátio sendo, na maioria das vezes, mais importante do que o próprio quarto. Devido às suas dimensões reduzidas, o quarto apresenta-se simplesmente como um espaço para dormir e armazenar bens, enquanto o pátio, para além de servir como área para atividades tradicionalmente praticadas ao ar livre, acaba por ser a divisão preferencial para a sociabilização. O quintal funciona como o prolongamento do espaço privado, sendo a existência de um espaço exterior adjacente à habitação um requisito muito importante no modo de vida da população local. Desse modo, em fases mais avançadas da construção, quando o pátio deixa de existir, essa função espacial passa para a cobertura da casa.

A associação de *quartos de casa* resulta em habitações que representam da melhor forma as dinâmicas de apropriação espacial da população local. No entanto, *estas casas não apresentam as condições mínimas de habitabilidade, uma vez que respondem, apenas, a uma urgência em construir um módulo que cumpra a função de abrigo.*¹³⁵ Segundo dados do INE (Instituto Nacional de Estatísticas), apenas 59,9% das habitações da Cidade da Praia possuem instalações sanitárias e 72,1% um espaço destinado a cozinhar. Esses dados acentuam ainda mais a importância dos espaços exteriores adjacentes anteriormente mencionados, onde essas funções acabam por ser realizadas. É nestas áreas que os habitantes passam a maior parte do tempo. Simultaneamente, a fraca definição do espaço de rua e de circulação entre construções, resulta no enodoamento dos limites na relação entre o espaço público e o privado, gerando um número elevado de vazios de função não

134 LIMA, Kesia Mascarenhas de Oliveira (2015). *Do quarto de casa ao bairro: requalificação dos bairros precários da Cidade da Praia*. Porto: Faup, p.64.

135 Idem, p.66.



150



151

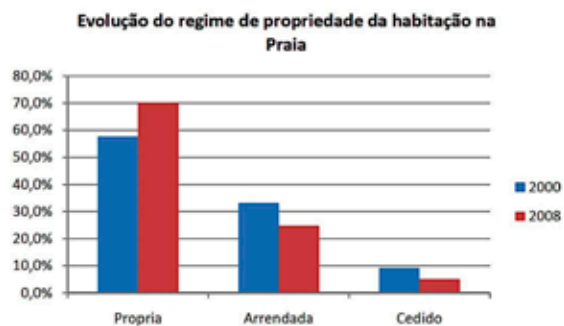
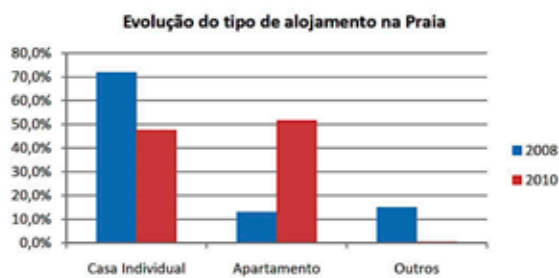
150. Exteriorização de atividades domésticas: corda com roupas a secar nas proximidades de uma habitação no bairro de Achada Mato.

151. Escassez de água canalizada: moradores transportam recipientes com água.

definida onde, muitas vezes, é possível verificar a exteriorização da vida familiar. Apesar de terem um caráter de espaços de lazer e convívio, o facto destes espaços não pertencerem oficialmente a ninguém, faz com que se encontrem num certo estado de degradação, não sendo alvos da mesma atenção e investimento que as construções envolventes. Nota-se também um défice de serviços públicos, o que colabora para a dependência destes setores em relação a outros centros de emprego. No entanto, o isolamento destas áreas, faz com que haja uma associação de atividades de rendimento no interior das habitações, o que funciona como uma forma de assegurar serviços e bens de primeira necessidade às comunidades e o sustento de algumas famílias.

Infraestruturas

A natureza destas construções impossibilita a ligação à rede de infraestruturas da cidade, ou seja, a maioria dos habitantes destes setores não tem acesso à rede pública de esgotos e a água canalizada. Desse modo, o abastecimento de água às habitações é feito através de auto-tanques, do transporte e comercialização de barris e do acesso a chafarizes públicos, muitas vezes localizados em bairros vizinhos. Esses processos são feitos por mulheres e crianças e implicam grandes esforços físicos. Regista-se também que mais de metade destas habitações está desprovida de sanita ou latrina, obrigando à utilização dos espaços envolventes à casa para a realização das necessidades fisiológicas, ou ao armazenamento em barris, posteriormente despejados em contentores de lixo, enquanto que a evacuação de águas residuais é feita na via pública. No entanto, a maioria das habitações tem acesso a energia elétrica, isto porque a empresa que a fornece, deixou de exigir o licenciamento das casas para fazer a ligação. Assim, estas áreas são vagamente iluminadas, através do interior das construções, visto que, em regra geral, continua a haver uma inexistência de iluminação pública.



152. Panorama habitacional na Cidade da Praia, com base no Censo de 2010.

A presença da população pressupõe naturalmente a existência de atividade humanas, com grande tendência para a concentração urbana, com vários aspetos de desenvolvimento económico e social que provocam “cargas”, que exercem “pressões” positivas e negativas de toda a ordem (ambiental, habitacional, social, económica, segurança, mobilidade, etc.), e provocam mudanças no estado da situação existente, com os consequentes impactos sobre o território (saúde humana, ecossistemas, recursos naturais), que conduzem a formulação de respostas de intervenção, sendo certo que a “não resposta” (o “deixar andar”) também será seguramente uma forma de resposta, num processo cíclico e contínuo.¹³⁶

É seguro concluir que o caso da Cidade da Praia é desafiante e problemático e é preciso sendo uma cidade ainda em desenvolvimento para a qual é previsto um processo de séculos para a sua consolidação. Os problemas a serem combatidos implicam um entendimento multidisciplinar do fenómeno da pobreza, ultrapassando a dimensão urbanística e arquitetónica da questão. No entanto, o estudo desenvolvido no presente trabalho procura provar como a arquitetura pode servir como catalisadora da melhoria das condições de vida, quando aplicada correta e sensivelmente ao contexto.

Reconhecem-se, neste caso essencialmente, duas formas de solução: o realojamento das populações carenciadas a novas áreas construídas e a revitalização *in situ* como validação dos bairros em consolidação. Desse modo, segue-se uma análise de dois casos representativos de cada uma dessas soluções, de forma a compreender melhor os impactos, falhas e oportunidades de cada resposta.

136 PDM da Cidade da Praia, 2016, p.12



153. Localização dos blocos habitacionais Habitar CV.



1. ACHADA GRANDE TRÁS



2. ACHADA LIMPO



3. ACHADA PALHA DE SÉ



5. PALMAREJO GRANDE



6. PONTA D'ÁGUA



7. SÃO PEDRO LATADA



4. PALMAREJO GRANDE



8. TERRA BRANCA



9. TIRA CHAPEU

1.2.2. Entre *realojar* e *requalificar*: comparação de intervenções locais

Realojar

O programa *Casa para Todos* surgiu em 2010 e é um conjunto integrado de medidas políticas, subprogramas e ações que visam instituir uma nova dinâmica de produção de habitação, contínua e sustentada, através de tecnologias de construção de baixo custo. O programa estabeleceu vários objetivos, entre os quais destacam-se a articulação de recursos e iniciativas acessíveis a todas as classes, a democratização do acesso ao terreno urbanizado e a criação de um fundo nacional para programas de interesse social. Dos vários subprogramas pertencentes à sua estrutura, o que tem maior visibilidade é o *Habitar CV*¹³⁷, sendo aceite pelos cabo-verdianos como aquele que define e caracteriza todo o programa.

O *Habitar CV* intervém diretamente no parque habitacional do país, com o objetivo de produzir 8.155 novas moradias a nível nacional, uma ação de combate ao défice habitacional e à erradicação de barracas, nomeadamente nas ilhas do Sal e da Boavista, onde o turismo é mais desenvolvido. Na Cidade da Praia já se encontram construídos, pelo menos, nove conjuntos habitacionais, facilmente reconhecidos em mapa pelas suas dimensões pouco proporcionais à restante mancha de construções urbanas. Os projetos estão implantados em diferentes setores, estando sujeitos às diferentes realidades sociais e económicas que marcam a cidade. Podem ser identificadas três situações: inserção de novos blocos habitacionais em áreas consolidadas e com um nível de urbanização avançado, de forma a integrar partes da população carenciada no tecido central da cidade; introdução de habitações de carácter plurifamiliar em setores de génese informal, como tentativa de revitalização do bairro e de aumento do sentimento de pertença; e a implantação em zonas isoladas, visando o desenvolvimento de novos centros de interesse urbano e a expansão futura organizada da cidade.

As novas construções servem como resposta à necessidade de alojamento imediato das novas famílias que pretendem mudar-se para a cidade e para as famílias que conseguiram atingir uma certa estabilidade laboral, visto serem de interesse social e mais acessíveis que o

137 Programa maioritariamente financiado pelo governo de Portugal (80%) que tem como objetivo máximo a diminuição do défice residencial nacional em 20%, num período estimado de quatro anos. Estão inscritas cerca de 17 mil famílias, organizadas em três classes conforme rendimento: classe A, B e C, sendo a classe A a mais baixa, com um rendimento entre 0 e 40.000 escudos cabo-verdianos (aproximadamente 363€).



155



156



157

Novos blocos habitacionais implantados em contexto de isolamento urbano:

155. *Habitar CV* em Achada Palha de Sé.

156. *Habitar CV* em Achada Limpo.

157. *Habitar CV* em São Pedro Latada.

resto da oferta disponível. No entanto, não pode ser interpretado como um método eficaz de requalificação dos bairros precários, uma vez que a limitação da extensão de intervenção e os critérios por detrás da seleção dos candidatos¹³⁸, impossibilita uma resposta proporcional à dimensão do problema.

Regista-se assim, um facto curioso: várias das habitações construídas no âmbito do programa encontram-se atualmente abandonadas, sem dono e sem morador, contrariando o quadro de emergência habitacional sob o qual as construções foram desenvolvidas. Para além dos vários problemas levantados a nível de financiamento e crédito que acabaram por desvalorizar o programa, apresentam-se de seguida, algumas afirmações construídas anteriormente no trabalho, que visam justificar este fenómeno do ponto de vista urbanístico e arquitetónico.

a. A proximidade é um dos principais fatores a ter em conta na escolha do terreno

Um facto sobre os assentamentos informais da Cidade da Praia é que a sua posição periférica, juntamente com a precariedade presente nestes contextos, cria uma alta dependência em relação ao centro urbano. Em regra geral, estes assentamentos originam de uma associação de pessoas provenientes de um meio rural, que procuram uma mudança significativa no modo de vida. O *sonho de vida urbana*¹³⁹ é imediatamente condicionado pelas circunstâncias disponibilizadas na chegada, onde se revela uma cidade pouco preparada para receber novos habitantes. No entanto, a deslocação para estas áreas, garante um acesso mais imediato a fatores determinantes, como a educação, as oportunidades de

138 Os candidatos devem passar por um processo de seleção que faz uma distribuição aleatória dos fogos. Por exemplo, uma família anteriormente residente no bairro de Ponta d'Água pode ser realojada no bairro de Terra Branca, visto que o programa funciona como um só e não há o critério de separação por zonas. Além disso, o endividamento provocado ao Estado durante o processo de tentativa de conclusão dos projetos, obrigou à alteração das ajudas: o objetivo inicial de subsidiar na totalidade a habitação às famílias da classe A, é substituído por uma ajuda parcial do valor; simultaneamente, vários fogos estão atualmente destinados à compra e venda para as classes média e média-alta, revogando o carácter inicial de construções destinadas à ajuda social.

139 *Esses bairros são, pois, espaços intersticiais entre dois universos – um rural, com o qual se conserva ligações, e o outro citadino, no seio do qual se procura infiltrar.* RÉMY, Jean, VOYÉ, Liliane (1994). *A cidade: rumo a uma nova definição?* Porto: Edições Afrontamento, p.106.



A habitação social mínima:

158. Notícia em destaque no jornal nacional *A Semana*, 2014.

159. *Habitar CV* (conjunto Palmeira, ilha do Sal, 2012).

emprego, o sistema de saúde, etc.¹⁴⁰ Porém, as ações de realojamento aplicadas são também um pretexto para desenvolver uma dispersão controlada política, onde há uma distribuição apática da população para novas habitações, muitas vezes em território isolado ou não correspondente ao bairro de origem. Este processo revela-se como uma grande contradição, confirmando que, quando confrontadas com a escolha, a resposta natural da maior parte da população é a preferência em manter a proximidade à realidade conhecida.

b. *Há um desejo e ambição de expansão da área da construção*

É inegável o caráter evolutivo das construções encontradas nestes contextos. A instabilidade financeira das famílias e a incerteza num futuro melhor, são traduzidas num processo de investimento a longo prazo, o que permite a consolidação progressiva da habitação baseada nas prioridades de cada morador e, também, numa valorização da construção ao longo do tempo. Ou seja, o custo da habitação quando terminada, é várias vezes superior ao custo inicialmente investido para a sua construção. Contrariamente, a aquisição de um fogo novo sugere um grande investimento inicial e a necessidade de recorrer a empréstimos, o que provoca endividamentos indesejados. Considerando que o apartamento é uma unidade habitacional estática, incapaz de acompanhar o crescimento da família em espaço, a escolha muitas vezes é investir num *quarto de casa* que, apesar das condições precárias, tem um caráter de investimento vitalício.

c. *A existência de um espaço exterior adjacente à habitação é um requisito muito importante no modo de vida da população local*

As dimensões limitadas das habitações obrigam a que, a estas, esteja associado um espaço exterior capaz de auxiliar as atividades do quotidiano. Nos assentamentos informais, devido à extensão de área disponível, o morador tem o poder de decisão no desenho desse espaço. Em áreas de maior densidade, muitas vezes a cobertura da casa desempenha essa função de divisão exterior polivalente, abrigando ações como lavar a roupa, criação de

¹⁴⁰ Charles Correa based his plan for New Bombay on the premise that people do not come to cities for urban life, but for jobs. Therefore, the distribution of employment determines housing needs. In this respect, Correa has powerfully demonstrated that, instead of stacking people up in housing blocks, if they are given the possibility of direct access to the ground, they will develop better communal relationships, and will also develop their own homes much more freely and economically. OZKAN, Suha, *Architecture to Change the World? In The Architecture of Empowerment: People, Shelter and Livable cities*. Londres: Academy Editions, p.45.

160



161



160. Desenho desatento do espaço exterior coletivo: vista do conjunto habitacional de Achada Limpo.

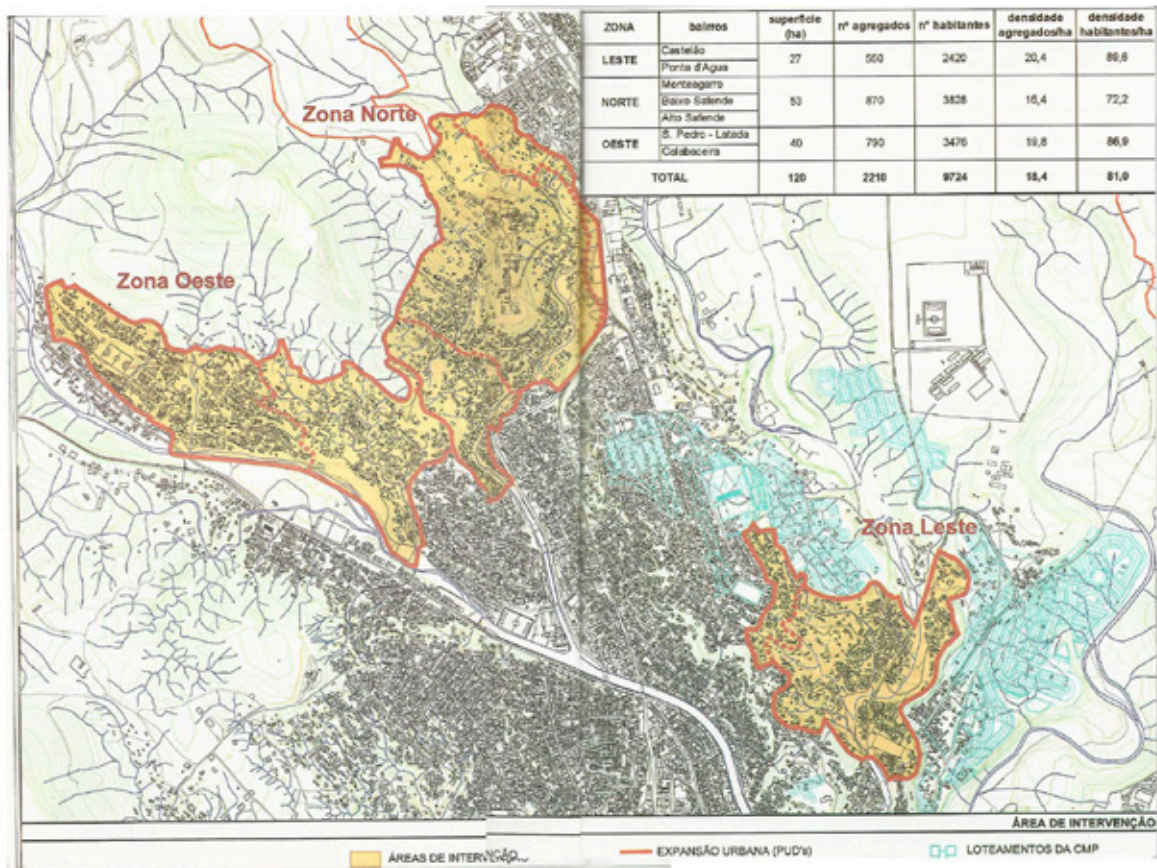
161. A importância da sombra no espaço exterior: fotomontagem sobre vista do conjunto habitacional de Achada Limpo.

animais destinada a pequenos comércios de familiares, espaço de sociabilização, etc. O prolongamento da habitação para o exterior é uma prática enraizada na cultura cabo-verdiana, comum a todas as classes sociais. Os novos fogos do programa *Casa para Todos* têm áreas mínimas e dividem-se nas tipologias T1, T2 e T3.¹⁴¹ Nota-se um esforço mínimo de desenho de espaço coletivo complementar aos condomínios, como uma tentativa de recriar e possibilitar a exteriorização da vida familiar. No entanto, o caráter aberto destes espaços sugere dinâmicas de apropriação diferentes, não contrabalançando na totalidade as dimensões mínimas das habitações.

*

Pela análise desenvolvida, percebe-se que a impossibilidade de sucesso das intervenções do programa baseia-se numa interpretação desatenta do modo de vida da população local, provavelmente partindo de tentativas de implementar um estilo de vida *mais europeu e moderno*. O realojamento de famílias carenciadas deve ser feito com sensibilidade e respeito pelas dinâmicas habitacionais pré-estabelecidas, ou por outras palavras, é necessário aprender com as pessoas. Como contraponto a esta medida, apresenta-se de seguida uma experiência de requalificação *in situ*, o que permitirá a comparação de resultados e uma análise das oportunidades de intervenção.

141 Destaca-se a categorização em tipologias tradicionalmente europeias.



162. Requalificação de bairros precários: planta da área de intervenção do projeto *Para a Integração dos bairros informais da Cidade da Praia*.

Requalificar

O projeto *Para a Integração dos bairros informais da Cidade da Praia* nasce de uma parceria entre a ONG italiana África 70¹⁴², a Câmara Municipal da Praia e a ONG cabo-verdiana Citi-Habitat¹⁴³, com o cofinanciamento da União Europeia¹⁴⁴. Partiu-se de uma intervenção piloto no bairro da Bela Vista (Cidade da Praia) entre os anos de 2002 e 2005, que evidenciou a necessidade de resposta imediata aos problemas sociais, económicos, jurídicos e administrativos ligados à problemática dos assentamentos informais da cidade.

A experiência inicial permitiu um reconhecimento territorial e um planeamento cuidadoso da intervenção, estabelecendo como objetivo específico, um processo de harmonização dos processos de integração social e de acessibilidade aos serviços primários. O projeto implicou uma equipa multidisciplinar, através de acordos e parcerias com outras ONGs e associações locais; e a colaboração das comunidades envolvidas, através da criação de comités de gestão local, a realização de diagnósticos participativos e a formação dos moradores através de atividades de sensibilização. Reconhecendo que os recursos financeiros e humanos disponíveis não seriam suficientes para enfrentar o problema da informalidade na sua totalidade, o projeto foi calibrado para responder a situações de urgência, optando por intervir nos setores mais recentes e frágeis da cidade, não consolidados nem a nível físico, nem social.

142 África 70 é uma ONG italiana criada inicialmente como um movimento civil e cultural em 1971, de ajuda ao combate pela independência nos países africanos colonizados. Atualmente intervém em Cabo Verde nos domínios específicos do ambiente, apoio a grupos vulneráveis, desenvolvimento comunitário, desenvolvimento rural, educação, luta contra a pobreza, saneamento e saúde. Participa também em atividades de ação social, animação comunitária, educação para a cidadania e luta contra a droga, com um público-alvo de crianças, famílias, comunidades locais desfavorecidas, seropositivos e toxicodependentes.

143 ONG cabo-verdiana que atua atualmente em todo o território nacional. Os domínios específicos de intervenção são o ambiente, o desporto, a educação, o saneamento e a saúde e tem como objetivo promover os direitos humanos, a formação e capacitação de populações locais e a animação comunitária.

144 A União Europeia tem sido um parceiro essencial e constante no desenvolvimento urbano da Cidade da Praia, apoiando várias iniciativas de ordenamento de bairros (Palmarejo, Achada São Filipe, Achada Grande), de construção e modernização de vias de circulação, o melhoramento de serviços básicos e um apoio crucial no ciclo de integração da água, ganhando um perfil de financiador por excelência (representa cerca de 80% do financiamento total das obras de abastecimento de água potável, saneamento e tratamento de águas residuais).



163. Projeto *Para a Integração dos bairros informais da Cidade da Praia*: técnicos e moradores em discussão ao redor de planos de intervenção.

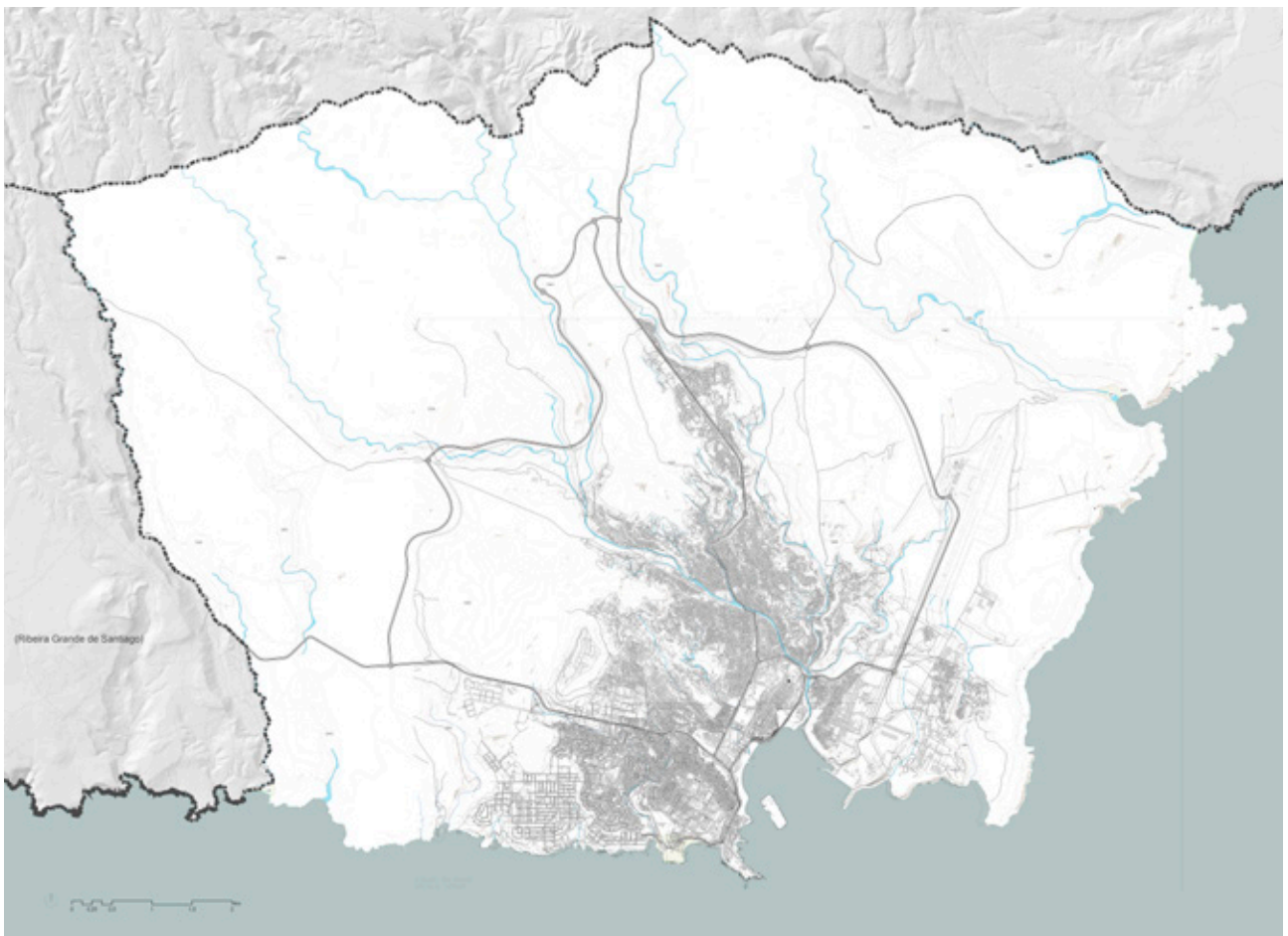
Adotando o método de construção encontrado nestas áreas, *a proposta estratégica do projeto é trabalhar no sentido de uma urbanização progressiva, através de uma atividade contínua, de baixa intensidade e ampla escala, realizando intervenções mínimas propedêuticas que permitam a contenção das situações de maior risco e “defesa” do espaço ainda não ocupado.*¹⁴⁵ Isso permitiu abranger uma área geral de ação maior, definida não pelos limites administrativos dos bairros, mas sim pelos limites das comunidades, reconhecidos pelas associações locais. Do mesmo modo, o ritmo mais lento da intervenção permitiu um envolvimento progressivo dessas mesmas comunidades, criando laços de confiança entre técnicos e moradores. As intervenções pontuais garantem um crescimento paralelo dos bairros e um acompanhamento mais controlado das novas dinâmicas estabelecidas, permitindo um estudo simultâneo das ações a serem tomadas em seguimento.

Apesar da lógica do individualismo na produção destes setores, reconhece-se, a uma escala mais abrangente, uma tradição local de solidariedade social e participação comunitária. Os habitantes, enquanto produtores e utilizadores do território, são os primeiros responsáveis e os primeiros interessados em qualquer ação de transformação do território. Acentua-se a real necessidade de interação e negociação nos processos participativos que atuam no âmbito da requalificação urbana, sendo aceite neste caso, como um elemento central do projeto: para além do diálogo direto entre moradores e técnicos durante todo o processo de tomada de decisões, apostou-se também na formação de jovens residentes, em lugar da contratação de técnicos profissionais, para a realização dos trabalhos de construção.

Estabelece-se assim, uma lição de que *onde a comunidade ainda não existe, onde as características dominantes são a desagregação, a fragmentação social, a falta de identificação coletiva à volta de ideais compartilhados, de regras e líderes reconhecidos, é difícil também só falar, discutir, reunir-se. Existe então uma dificuldade objetiva de atuação, e o que se consegue construir é inevitavelmente frágil, em particular nas zonas específicas de intervenção, em silencioso e anónimo crescimento.*¹⁴⁶

145 ALLEGRETTI, Giovanni, FORNUTO, Mariangela, LUCCHI, Gian Paolo (2010). *Campo de Forças – experiências para integração da praia informal*. Praia: Movimento África 70, p.31.

146 Idem, p.36.



164. Mapa das principais linhas de água da Cidade da Praia.

O projeto funcionou como um mediador de situações complexas que a auto-organização espontânea é incapaz de enfrentar sozinha, tendo como alvo principal as múltiplas dimensões da exclusão física e social dos residentes destes bairros. Aceita-se um caráter evolutivo das ocupações e evitam-se ações agressivas e definitivas, contraditórias à lógica de ocupação identificada, permitindo a criação de vínculos contínuos entre experiências locais e a construção de metodologias baseadas na garantia da sua sustentabilidade ao longo do tempo. Os recursos aplicados não foram predefinidos, mas desenhados ao longo do percurso, estando sujeitos a contínuas verificações de eficiência e pertinência e originando vazios programáticos, encarados como oportunidades de amadurecimento das intervenções. A ausência de uma programação rígida foi a solução encontrada para evitar o desperdício de recursos e a criação de expectativas fora de lugar.

Uma intervenção paralela a vários bairros exigiu um estudo capaz de identificar as oportunidades comuns, com o objetivo de identificar, não uma solução idêntica multiplicável aos vários contextos, mas um ponto de partida determinante da realidade local. Consultando o mapa geral da capital, nota-se que, na lógica de ocupação territorial na primeira fase de desenvolvimento da cidade, as linhas de água foram assumidas como eixos estruturantes, à volta dos quais foram sendo implantadas construções. O sistema hidrográfico constitui assim, evidentemente, o esqueleto de vários destes assentamentos, reconhecendo-se atualmente como um elemento-chave da intervenção física: é ao mesmo tempo a oportunidade e o problema principal.¹⁴⁷

Neste sentido, a intervenção para a recuperação, racionalização e salvaguarda das linhas de água, foi encarado como o fator prioritário na orientação do projeto. Os planos apresentam propostas de reordenamento do território que visam responder às fragilidades urbanas dos bairros abrangidos e as ações concretas basearam-se na definição de:

147 ALLEGRETTI, Giovanni, FORNUTO, Mariangela, LUCCHI, Gian Paolo (2010). *Campo de Forças – experiências para integração da praia informal*. Praia: Movimento África 70, p.48.



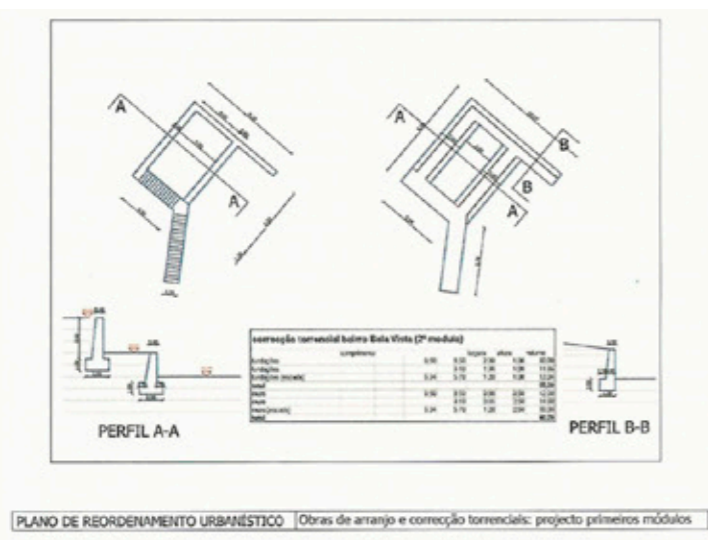
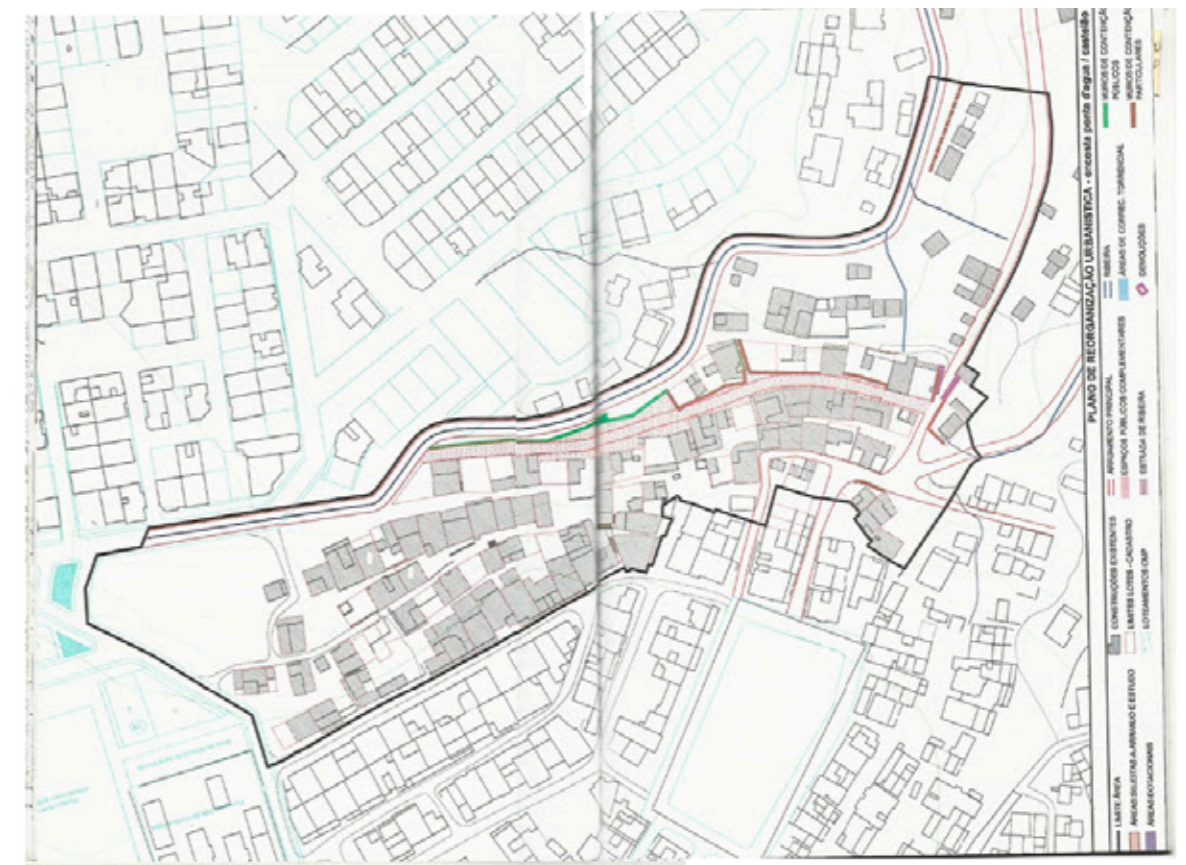
165. Projeto piloto de requalificação urbana da Belavista e requalificação de encostas do projeto *Para a Integração dos bairros informais da Cidade da Praia*: localização de áreas de intervenção.



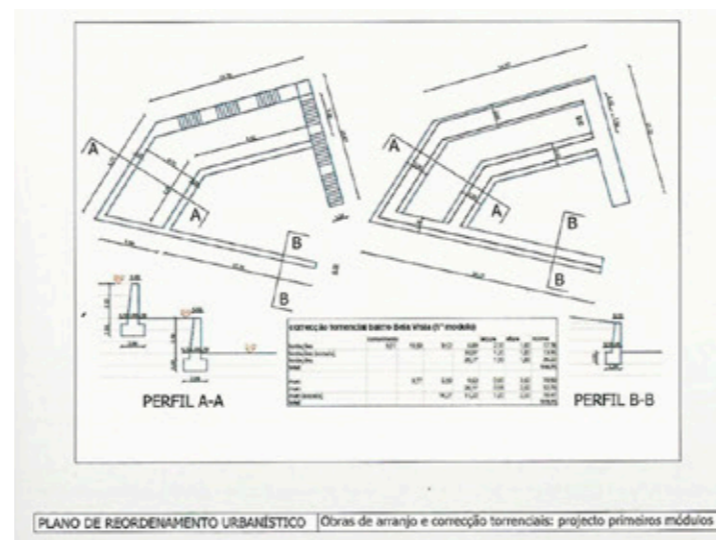
166



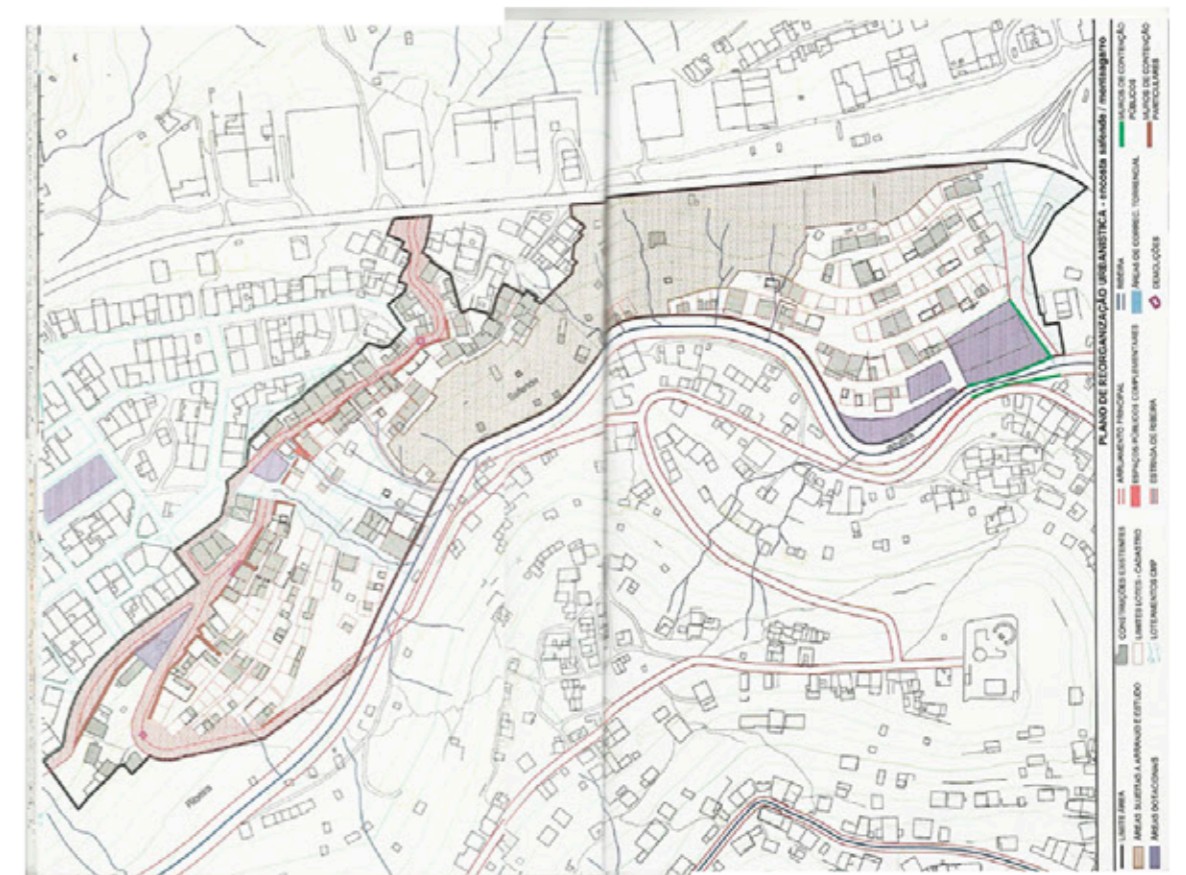
168



167



169



166. Plantas da intervenção piloto de requalificação urbana da Belavista.

167. Detalhes de muros de suporte e acessos públicos do projeto de requalificação urbana da Belavista.

168. Reorganização urbanística da encosta de Ponta d'Água/Castelão do projeto *Para a Integração dos bairros informais da Cidade da Praia*.

169. Reorganização urbanística da encosta de Safende/Monteagarro do projeto *Para a Integração dos bairros informais da Cidade da Praia*.

a. Arruamentos

Derivada do aproveitamento e otimização da rede de caminhos pré-existentes, a proposta dos novos arruamentos tenta garantir, simultaneamente, a acessibilidade às situações atuais, as condições necessárias para um desenvolvimento posterior de redes infraestruturais e uma integração gradual dos bairros no sistema urbano.

b. Espaços públicos complementares

São identificadas áreas que representam um recurso importante no quotidiano das populações locais, às quais são acrescentadas infraestruturas urbanas básicas, capazes de elevar estes espaços a pontos de revitalização do bairro. Procura-se estabelecer um funcionamento e aproveitamento mais racional dos espaços públicos.

c. Áreas dotacionais

Num processo coletivo, os moradores e a administração identificaram áreas livres em posições estratégicas, potencialmente capazes de contribuir futuramente para a correta consolidação do tecido edificado, do sistema viário e da drenagem das águas. Assim, o projeto garante a não ocupação destas áreas, estabelecendo-as como espaços para futuros equipamentos ligados à vida em comunidade e como polos de valorização da estrutura dos bairros.

d. Limites de lotes

O denominado esquema cadastral, resulta de uma análise do tecido urbano e de um reconhecimento das construções e respetivas parcelas espontâneas. O novo planeamento procura a sistematização e orientação das ocupações mais problemáticas e que até então inviabilizavam o arranjo urbano do território.

e. Muros de contenção públicos e particulares

Ambas intervenções permitem beneficiar tanto a comunidade como os particulares. A construção de muros de carácter público define espaços públicos e reestrutura o sistema principal de drenagem, enquanto que os muros de carácter privado, intervêm diretamente em propriedades em situações de risco, permitindo a consolidação das bases da construção.



170. Apropriação de uma construção inacabada em Cabo Verde.

O projeto *Para a Integração dos bairros informais da Cidade da Praia* resume-se em três constatações. Numa cidade como a Praia, cujo 80% do território encontra-se estruturado por lógicas não coerentes e concorrentes entre si, a planificação de soluções definitivas em curtos prazos e as abordagens resolutivas baseadas unicamente em obras físicas, são cenários utópicos. Em segundo lugar, o deixar acumular de orientações desrespeitadoras e a persistente violação das regras estabelecidas por autoridades planeadoras do panorama urbano, requerem uma transição inteligente dos regimes e a implementação progressiva de uma cultura de fiscalização, não criando expectativas irrealistas em relação ao comportamento da população local. Por último, apesar de ser importante reconhecer a especificidade do caso cabo-verdiano, é fundamental estudar casos de ações coletivas em outros contextos territoriais, nomeadamente nas cidades da América latina, onde há um grande leque de intervenções e estratégias públicas de requalificação em contextos de precariedade.

*

Considerando a análise dos dois casos, comparam-se os dois tipos de solução no combate à expansão dos assentamentos informais. No primeiro caso, as ações de realojamento e disponibilização de habitações a valores proporcionais à realidade local, apresentam-se como uma alternativa à ocupação clandestina. No segundo caso, reconhece-se um conjunto de operações pontuais distribuídas pelo território que visam dignificar e revitalizar progressivamente a vida destes bairros, reconhecendo-os como parte inevitável da cidade. A criação de oferta habitacional acessível às classes mais baixas é uma ação importante para o futuro desenvolvimento da cidade, no entanto não será o suficiente para erradicar o problema da alta precariedade urbana.¹⁴⁸

148 As any follower of Football understands, the role of the club's directors is not to score goals. And it is just as foolish for central government to attempt to provide houses. Effective government housing strategies are those centrally administered policies that protect and make available scarce resources.

*When a club has only limited funds it is courting disaster if it chooses to import a costly professional. He will be expensive to maintain and contribute little to improve the play of the rest of the team. More sensibly, the club will use its resources to provide facilities for their own local players. In the same way, countries with limited resources do little to improve their over-all housing problems by embarking on isolated programmes to construct modern standard housing schemes. Instead, such countries are better at improving the service infrastructure that will enable and stimulate the local provision of housing. TURNER, John (1977). *Housing by People*. Nova Iorque: Pantheon Books, p.154.*

Tendo como ponto de partida a morfologia atual da cidade, os investimentos aplicados deveriam estar essencialmente direcionados para a requalificação do ambiente construído. Atualmente, esse processo está fundamentalmente assente em dois momentos: a valorização do centro e a contenção da expansão periférica. Assim, como conclusão, lançam-se seis eixos estruturantes de ações a serem tomadas, que ajudarão a definir as oportunidades de intervenção:

a. Vias e acessibilidades

Implica um processo de replaneamento dos pontos mais críticos de vias e penetrações que facilitem as acessibilidades e promovam fatores de identidade e auto-suficiência dos bairros. As ações específicas necessárias passam por demolições cirúrgicas, construção de ligações alternativas nos principais nós, evacuação de pontos de concentração e melhoria da qualidade de drenagem das vias.

b. Redes de infraestruturas

Para ser possível o alargamento e melhoria das redes de eletricidade, água, saneamento e telecomunicações é necessário o diálogo organizado entre as empresas privadas e a coordenação dos recursos e instalações.

c. Reabilitação de encostas e ribeiras

É necessário a realização de ações de demolição nas encostas e ribeiras, sempre que se confirme a obstrução do percurso de drenagem pluvial. Além disso, procura-se ter em conta a proteção do património natural paisagístico. A aleatoriedade das construções aumenta o risco de desmoronamento, aceitando-se a demolição pontual como a solução mais viável.

d. Programas sociais de realojamento/regularização fundiária das construções

Devido à escala do problema (20% da população da Praia vive em condições de pobreza), a implementação de programas de realojamento é uma ação quase impensável. Partindo dessa premissa e sabendo que a valorização dos terrenos, mesmo com a ocupação atual desordenada, possibilita um melhor aproveitamento urbanístico, propõe-se o desenvolvimento de ações de inclusão que permitam a diminuição da segregação económica das famílias e a evolução progressiva dos bairros espontâneos.

e. Transportes e mobilidade

É necessário uma regulação e estruturação do mercado de transportes urbanos e interurbanos. Sugere-se abordar este problema com a construção e distribuição de terminais rodoviários, a legalização de táxis coletivos, a introdução de sistemas de transporte urbano alternativos e a criação de vias pedonais nas artérias estruturantes de cada agrupamento de bairros.

f. Lazer, diversão e áreas verdes

Em Cabo Verde regista-se um domínio da habitação unifamiliar e uma ocupação em extensão do terreno. A implementação de construções em altura visa ao melhor aproveitamento urbanístico e paisagístico das áreas habitacionais, onde a libertação do nível térreo permite maiores oportunidades para a criação de áreas verdes e de recreio, vias pedonais, praças e espaços de lazer.



171



172

171. Génese informal em bairros de classe alta: vista aérea de Cova Minhoto.

172. Habitação isolada em Cova Minhoto.

1.2.3. Reflexão sobre as peculiaridades e oportunidades de intervenção

*Estamos condenados à informalidade...*¹⁴⁹

A Cidade da Praia, como a conhecemos atualmente, sofre de um problema de setorização e justaposição de partes, dependentes de um sistema deficiente, fragmentado por uma insistente expansão apoiada em momentos de distintas lógicas de ocupação. Fala-se de um problema de déficit habitacional quando, na verdade, e como se pode comprovar pelo estado de abandono dos fogos recém-construídos do programa *Casa para Todos*, a questão não se resolve com o construir de novas habitações. Não há um déficit habitacional porque assiste-se aqui a um fenómeno *admirável e, ao mesmo tempo, assustador*: cada um constrói a sua própria casa.

Património
informal

É importante referir que a construção clandestina não está presente apenas nos bairros precários da cidade, sendo uma característica muito própria da cultura caboverdiana. Considere-se, por exemplo, o bairro de Cova Minhoto, um bairro de classe alta, que começa a surgir informalmente nos últimos anos. As primeiras construções encontram-se numa encosta sobre o mar, um terreno onde não estavam previstas qualquer tipo de implantações. O princípio de expansão é exatamente o mesmo que se encontra nas áreas mais desfavorecidas: há uma iniciativa por parte de um indivíduo isolado de construir a sua casa de forma independente, e a este associam-se outros, formando uma pequena comunidade. Às construções finalizadas, acrescenta-se a infraestruturação do novo bairro, obtendo, muitas vezes, resultados como caminhos estreitos e acessos difíceis, resultantes de uma falta de planeamento prévio. Note-se assim que, a informalidade já é reconhecida como parte da cultura nacional, no entanto, quando o contexto passa da classe mais alta, para a mais baixa, os construtores dessa mesma informalidade são encarados como personagens criminosas. Pode-se assim dizer que, há um reconhecimento do fenómeno, mas não é explorada a sua importância e total potencial.

149 Arquitecto Nuno Lobo em conversa, no dia 23 de março de 2018.



173



174

173. Habitação precária de caráter permanente: vista do bairro de Alto da Glória.

174. Distribuição irregular de habitações no terreno: vista do bairro de Alto da Glória.

Outro fator a considerar é que, apesar dos assentamentos informais da Cidade da Praia resultarem de uma necessidade imediata de abrigo, estes não têm as mesmas características que os *bairros de lata* convencionais.¹⁵⁰ Não são áreas de abrigo temporário constituídas por construções efêmeras e frágeis. Há uma intenção de permanência, presente nos materiais utilizados, maioritariamente o cimento e o betão por serem os mais baratos e de mais fácil acesso, e na forma como estas construções são planeadas, como investimentos a longo prazo. Estas unidades habitacionais autoconstruídas, batizadas localmente com o nome de *quarto de casa*, têm como objetivo permitir uma consolidação progressiva, própria a cada habitante. Esta lógica ajuda a fomentar um sentimento individualista no quotidiano destas populações. A casa é mais importante do que o bairro, e o indivíduo sobrepõe a comunidade.

A própria lógica de densificação destes bairros é inversa à lógica normal de expansão, onde os agrupamentos vão crescendo por associação. Aqui, numa fase inicial, as casas encontram-se isoladas, porque cada uma reserva para si, uma área para futura expansão. No entanto, a expansão não ocorre apenas a nível das habitações, mas também do bairro e, à medida que se vive o processo de densificação, torna-se cada vez mais complicada a introdução de espaços públicos, de circulação e de lazer, acentuando ainda mais o princípio do individualismo. Apesar de não ser possível pensar numa solução transcendente e multiplicável a todos os bairros, um primeiro passo seria definir uma estratégia de intervenção adaptável às diferentes realidades, identificando um ponto em comum. Assim, introduz-se uma nova personagem e uma das maiores apostas atuais no combate contra esta realidade: o campo de futebol.

150 Segundo a UN-Habitat, os bairros de lata são caracterizados, essencialmente, pela existência de quatro privações: privação à água e saneamento, à privacidade, à construção permanente e ao direito de posse de habitação. No caso dos bairros da Cidade da Praia, destaca-se o caráter permanente das construções, presente na utilização de materiais pesados e na escavação para a implantação de fundações.



175. Regularização do campo de futebol: campo de Ponta d'Água.

O futebol como política urbana

O futebol tem um papel muito importante na formação pessoal e social da população mais jovem da Cidade da Praia¹⁵¹, e serve como um fator de reforço de identidade nacional e consciência coletiva. O investimento na área do desporto tem sido uma quase revolução, permitindo requalificar vários espaços desportivos nos diversos bairros da cidade. Enquanto alguns são produtos acabados, espaços vedados de relva verde sintética contrastante com o cinzento e a aridez do panorama geral da cidade, outros apresentam apenas condições mínimas, como a marcação em terra das suas dimensões. Nestes contextos de precariedade, a disponibilização destes novos espaços ganha uma importância ainda maior pois, para além da função tradicional de um campo de futebol, estes funcionam também como praças e áreas de desafogo. Estes campos são também um dos melhores exemplos na defesa de que *há que aprender com o que as pessoas fazem*.¹⁵² A sua localização, orientação e dimensão não são decididas por técnicos profissionais, mas resultados de um conhecimento *in situ* e de uma lógica intuitiva. Ou seja, consultando um mapa, é possível reconhecer que estes campos são todos de dimensões diferentes e perceber que as suas áreas resultam de negativos entre construções. Além disso, com a exclusão de momentos em que o traçado é fortemente determinante, há uma preocupação em orientá-los de modo a que nenhuma das duas equipas seja favorecida pela orientação solar.

Este exemplo demonstra a informalidade como uma parceira do desenvolvimento, onde a população local age espontaneamente, e as entidades responsáveis entram, num segundo momento, como reguladoras. Apesar de tudo, esta parceria é deficiente e incompleta. A distribuição de campos de futebol pelos bairros periféricos da cidade tem sido uma prática comum, no entanto, a sua construção não implica uma manutenção nem a criação de uma associação ou de um grupo local responsável, não explorando por completo o potencial da solução como estrutura de revitalização da vida em comunidade.

151 Segundo os dados do INE, 2010, Cabo Verde tem uma população maioritariamente jovem, com 55% abaixo dos 24 anos.

152 Arquiteto Nuno Lobo em conversa, no dia 23 de março de 2018.



176



177

176. O desporto como uma das principais áreas de investimento na Cidade da Praia: campo de Safende.

177. Mobilidade e circulação como uma das principais áreas de investimento na Cidade da Praia: estrada da Gamboa.

Identifica-se, na Cidade da Praia, um duplo desafio: como melhorar as condições de vida dos bairros informais consolidados, ou em vias de consolidação, e como impedir a proliferação do problema por outras áreas periféricas. No entanto, falta reconhecer que, devido à sua dimensão, *a informalidade é um conceito impossível de eliminar no panorama geral da cidade*,¹⁵³ e inverter o caráter das ações tomadas, que ainda remetem muitas vezes para uma atitude de “não melhorar para não incentivar”. Prevê-se um longo processo de transformação da mentalidade, passando pelo resgate de valores como a colaboração e a participação, que ainda são temas delicados e fracamente praticados nestes contextos, isto porque, por um lado, a população local destes bairros é vista, por parte das entidades, mais como uma inimiga do que como uma parceira em busca de um bem comum e, por outro, a barreira criada entre técnico e morador torna-se tão elevada, que passa a ser impossível contornar a desconfiança e a falta de motivação por parte do morador quando a sua colaboração é requerida. Para além disso, a questão da desconfiança entre as partes em jogo levanta, conseqüentemente, um problema a nível dos investimentos aplicados. Na tomada de decisões, as prioridades são definidas por personagens exteriores à realidade local ou, por outras palavras, *quem tem o dinheiro é quem decide*.¹⁵⁴

A maioria das intervenções são a nível das vias rodoviárias, sendo predominante o alcatroamento de estradas. Foca-se assim, numa lógica de investimento em projetos pontuais finalizados que permitam demonstrar resultados contrastantes em curtos períodos de tempo, em vez de longas e necessárias intervenções de requalificação progressiva a longo prazo. Uma atitude motivada por questões políticas: as pessoas precisam de ver produtos acabados para sentirem o desenvolvimento em ação.

*

No final, identificam-se assim, duas principais áreas de investimento: o desporto e a mobilidade. O desporto como aposta na formação pessoal e social da grande percentagem de população jovem da capital, e a mobilidade como um meio de diminuição de exclusão social, melhorando a acessibilidade interna, entre bairros e entre bairro e centro de emprego.

153 Arquiteto Nuno Lobo em conversa, no dia 23 de março de 2018.

154 Idem.



178. Alto da Glória, Praia, Cabo Verde.

2. A TRADUÇÃO DE UMA IDEIA





179. Arquitetura colonial em Cabo Verde: praça Alexandre Albuquerque (Plateau), Cidade da Praia.

2.1. A CASA: DINÂMICAS DE APROPRIAÇÃO HABITACIONAL EM SANTIAGO

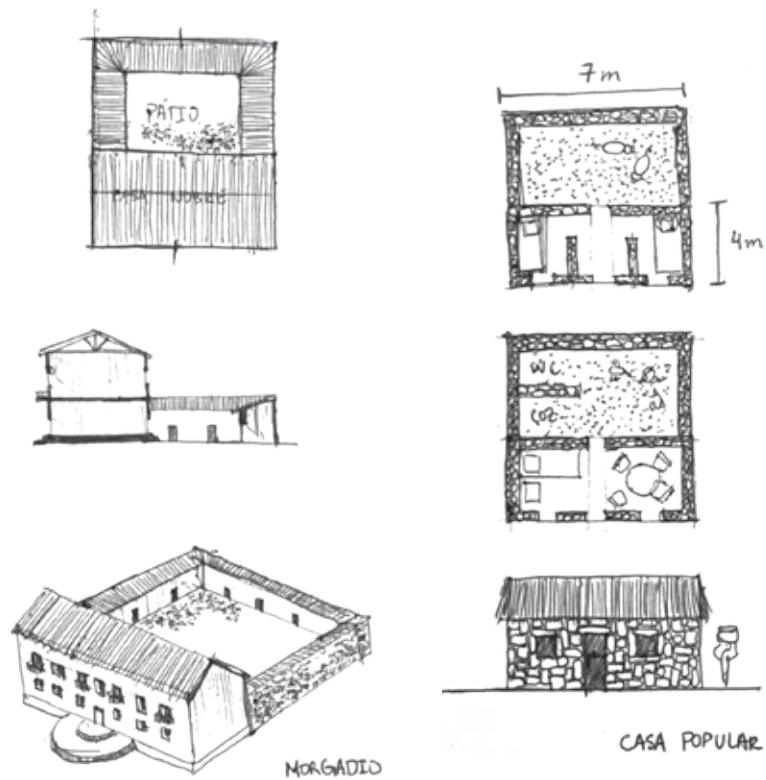
As dinâmicas espaciais e habitacionais que marcam atualmente o panorama nacional têm origem na história do país e envolvem vários fatores, dos quais se destacam o colonialismo português, a cultura da escravatura e as limitações de matérias-primas favoráveis à construção e desenvolvimento. A arquitetura apresenta-se como a materialização de uma rede de relações entre tensões sociais e apropriações territoriais permitindo, através dos ambientes habitados e construídos, compreender a essência cultural por detrás das motivações e ações contemporâneas. *Os espaços construídos são tanto a origem como o resultado da tradição cultural, da coesão social e da memória coletiva.*¹⁵⁵

Tipologias
habitacionais
tradicionais

Em Cabo Verde, há uma escassa literatura de referência sobre a moradia tradicional, o que ajuda a justificar a inconsistência na relação entre a arquitetura praticada e o quotidiano da população local. Nos planos diretores municipais os dados encontrados são referentes ao défice habitacional e baseados em estatísticas e números, excluindo um estudo e análise mais aprofundado de tipologias. Confirma-se assim um certo desconhecimento de questões básicas e essenciais, como a disposição e organização interna da casa cabo-verdiana, a relação entre moradia e espaços de vizinhança, as influências exteriores assimiladas com maior naturalidade no modo de habitar e construir e as variações relativas a cada ilha. No contexto rural de Santiago, resumem-se essas questões em duas tipologias habitacionais tradicionais: os morgadios e os conjuntos de casas populares.

Os morgadios são amplas construções do período colonial, implantadas durante o regime de exploração de terra. São constituídos por um corpo principal, a casa nobre, normalmente de dois pisos, que suporta nas traseiras um ou mais pátios, ao redor dos quais desenvolvem-se os anexos de serviço (cozinha, arrecadações, cavalariça, cisterna e capela). Esta tipologia é característica de um período de prosperidade socioeconómica no país, respondendo a uma necessidade de criação de um novo modelo habitacional capaz de corresponder a uma nova atividade. A distribuição espacial do morgadio baseia-se na segregação e separação das

155 MOASSAB, Andreia (2013). *Arquitetura Habitacional em Cabo Verde: (re)conhecimento e desenvolvimento*. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/cidade/arquitetura-habitacional-em-cabo-verde-reconhecimento-e-desenvolvimento> Consultado a: 19/05/18.



180. Tipologias habitacionais tradicionais na ilha de Santiago: interpretação baseada em registos escritos.

classes, enquanto as mantem reunidas num mesmo espaço comum. Nota-se, atualmente, o prevalecer dessa ideia nas habitações unifamiliares contemporâneas das classes mais altas, onde fazem parte do programa áreas de serviço distribuídas ao redor de um pátio traseiro, incluindo um dormitório e quarto-de-banho para a empregada domésticas.

As casas populares estão presentes nos pequenos aglomerados rurais e são construídas com materiais locais, nomeadamente a pedra de junta seca para as paredes e a folha de palma ou palha para a cobertura, com um modelo de alçado baseado na arquitetura colonial portuguesa de janela/porta/janela. São habitações de dimensões reduzidas (7x3m ou 9x4m), nas quais resume-se o quotidiano em duas atividades principais: dormir e comer. O tipo básico consiste em dois espaços, um para cada função, mas, muitas vezes, pode ser partilhado um único espaço, livre de divisões. Igualmente ao morgadio, existe um pátio tardoz que faz a separação das áreas comuns e áreas de serviço, nomeadamente a cozinha e quarto-de-banho que, muitas vezes, são áreas ao ar livre. O pátio serve também como espaço de abrigo e criação de animais domésticos que contribuem para o sustento familiar, ou seja, a mesma área serve como cozinha, quarto-de-banho e pocilga/galinheiro.

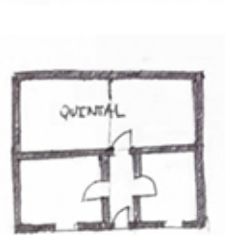
Apropriações contemporâneas Apesar de ser uma tipologia rural, nota-se a sua apropriação em contexto urbano contemporâneo, não variando muito a nível de dinâmicas espaciais. As habitações que caracterizam os bairros autoconstruídos são uma transposição quase direta da casa popular, o que pode ser encarado como um dos pontos do problema: não há uma reflexão sobre o modo de habitar urbano quando se dá a apropriação do terreno e a construção da habitação. Desse modo, é imposta à rede urbana dinâmicas rurais que dificultam um planeamento lógico dos bairros.

Cabo Verde era um arquipélago desabitado antes da chegada dos portugueses no século XV, não tendo uma história prévia ou uma grande herança africana, apesar da sua proximidade ao continente. A sua cultura é proveniente da relação entre colonos europeus e escravos africanos. Assim, as técnicas de construção implementadas e a arquitetura praticada em todo o território são uma adaptação de modelos continentais ao contexto local. Sendo um arquipélago de origem vulcânica, poderá parecer contraditório afirmar uma escassez de matéria-prima apropriada para a construção, no entanto, apesar da sua

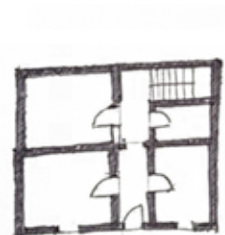
181



182



183



181. Casa popular tradicional em contexto rural: habitação vernacular na Cidade Velha.

182. Apropriação do modelo popular em contexto urbano: habitação unifamiliar em Ponta D'Água.

183. Evolução do modelo popular com a aplicação de técnicas construtivas contemporâneas: habitação unifamiliar em Safende.

abundância, a utilização de pedras vulcânicas não era, todavia, dominada pelos portugueses no momento de chegada ao arquipélago.¹⁵⁶ A flora e vegetação disponíveis tampouco contribuíam positivamente para a problemática da construção nos primeiros séculos de povoamento, levando à importação de madeira em grandes quantidades. Agravando mais o problema, apesar de um certo domínio da área tanto pelos portugueses, como pelos africanos, as construções à base de terra não se enraizaram no arquipélago por diferentes motivos: havia uma falta de argila, tanto em quantidade, como em qualidade; e a utilização de terra em paredes exteriores não seria a mais apropriada, dada a natureza, intensidade e humidade dos ventos dominantes.

Assim sendo, nos primeiros anos de desenvolvimento, Cabo Verde estava altamente dependente da importação de matérias-primas para a construção. A mudança ocorre com a decadência comercial da primeira capital, a Ribeira Grande, levando à urgência de aprender a trabalhar com os materiais locais. Desse modo, assume-se a pedra de junta seca para as casas populares, reservando os materiais importados (pedras de cantaria, tijolo de barro cozido, madeira, telha) para as construções burguesas e de destaque. Este modelo de habitação rural tradicional manteve-se até a segunda metade do século XX, substituindo-se apenas a cobertura em palha pela chapa de fibrocimento. No entanto, sendo era baseado no trabalho escravo, o seu nível tecnológico mantém-se bastante precário.

Progressivamente, devido ao custo e conhecimento exigido pela construção em pedra, o cimento começou a ganhar reconhecimento, passando das obras públicas para o domínio popular, sob a forma de blocos. Juntamente com a introdução do betão armado nos elementos estruturais, inicia-se uma nova fase na construção nacional, onde a acessibilidade e facilidade de consumo dos novos materiais permite que cada um construa a sua própria habitação. Com as mudanças construtivas, vieram as mudanças habitacionais. O uso do betão armado permitiu a extensão das dimensões e o aumento do número de pisos nas moradias, assim como o uso de blocos de cimento permitiu uma modulação das construções.

¹⁵⁶ Nesta mesma época, portugueses e castelhanos ensaiavam as primeiras construções, à base de rocha vulcânica, nas ilhas da Madeira, Açores e nas Canárias. In INOCÊNCIO, Débora Alexandra Soares (2012). *Construção e Arquitetura Sustentáveis em Cabo Verde: Estudo e Estratégias de Projeto Sustentável*. Lisboa: UTL, p.14.

II PARTE - A Tradução de uma Ideia - A Casa: Dinâmicas de apropriação habitacional em Santiago



184

184. Siza Vieira em Cabo Verde: imagens do filme *Siza Vieira, o Arquiteto e a Cidade Velha* (2003).

Assim, criou-se um distanciamento entre a identidade histórica construtiva e as adaptações contemporâneas adotadas, presente não só no espaço da cidade, mas em todo o contexto edificado do país.

Siza Vieira na Cidade Velha

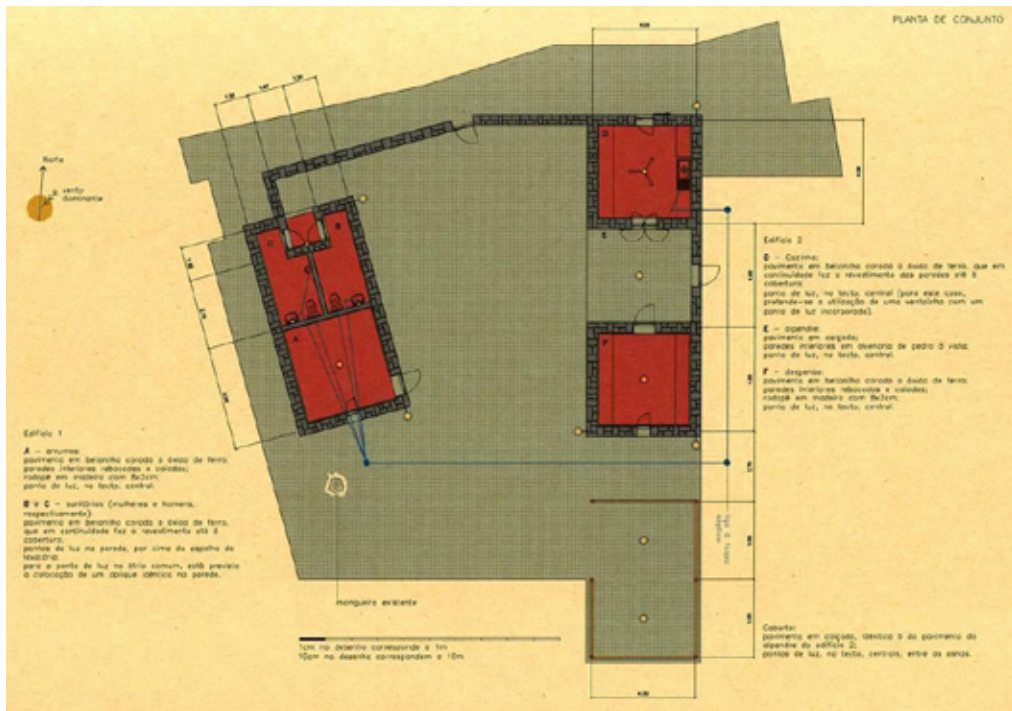
Note-se, por exemplo, o projeto de recuperação da Cidade Velha, coordenado pelo arquiteto Álvaro Siza, inicialmente lançado em 1998. Sob o pretexto de apresentar uma candidatura da cidade a Património Mundial da UNESCO, o arquiteto explica a necessidade de conservar a autenticidade das construções, não só dos monumentos, como de todo o contexto construído envolvente. Aceitando esse critério como a base do projeto de reabilitação urbana, Siza manteve um contacto direto com a população local, visitando as habitações e estudando os seus métodos construtivos. As construções tradicionais, de pedra de junta seca e cobertura de palha eram as que apresentavam maior interesse para o projeto, no entanto, levantou-se um grande conflito ao redor da materialidade da cobertura.

É claro que nos podemos perguntar se é certo manter este tipo de ambiente, este tipo de vida, porque as cidades evoluem. Agora, o que eu penso é que, se se pretende manter o património, recuperar, consolidar as ruínas dos conventos, igrejas, etc. sem manter o tecido tal como ele ainda é, desenvolvendo de forma limitada, perde-se tudo. Os monumentos, sem estarem ladeados por este tipo de casas, perdem completamente escala.¹⁵⁷

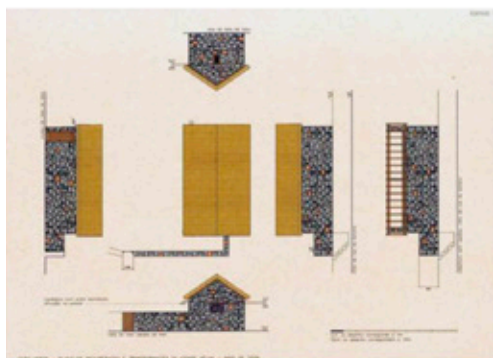
Estabeleceu-se um dilema entre a necessidade de conservação dos materiais, antiquados mas tradicionais e definidores da imagem histórica da cidade, e o desejo de modernização e conforto. Os moradores dessas habitações defenderam a substituição da cobertura de palha pela cobertura de telha cerâmica, justificável pela fragilidade do material em relação a condições ambientais mais adversas, como a chuva e o vento forte. Além disso, uma das moradoras observa que *essa palha, é palha de cana sacarina, que hoje em dia em Cabo Verde já não existe. (...) Os homens que faziam esse trabalho já não existem e a palha também não porque em Cabo Verde vivemos dos animais, então quem tem palha não a vende, porque é para os seus animais.*¹⁵⁸

157 Siza Vieira em entrevista para o documentário *Siza Vieira, o Arquiteto e a Cidade Velha* (2003) direção de Catarina Alves Costa. Portugal: RTP.

158 *Siza Vieira, o Arquiteto e a Cidade Velha* (2003) direção de Catarina Alves Costa. Portugal: RTP.



185



186



187



188

Siza Vieira em Cabo Verde:

185. Planta da Pousada de São Pedro, Cidade Velha, 2005.

186. Alçados de um dos blocos da Pousada de São Pedro.

187. Vista aérea e localização da Pousada de São Pedro.

188. Vista da Pousada de São Pedro.

Devido a distintos fatores, muitos de natureza política, o projeto sofreu várias interrupções e as intervenções às habitações nunca chegaram a ser realizadas. Do plano de recuperação urbana inicial, apenas a construção da Pousada de São Pedro foi concluída, um novo elemento que se integra harmoniosamente no contexto da cidade. Apesar da aproximação às linhas vernaculares, o projeto apresenta-se como uma adaptação moderna da casa popular. O pátio é assumido como o espaço principal, à volta do qual desenvolvem-se cinco volumes construídos com materiais locais. Neste caso, o arquiteto opta pela cobertura em telha cerâmica, defendendo a evidente separação entre novo e património cultural.



189. Vista aérea da Cidade da Praia.

2.2. O BAIRRO: ELEMENTOS GERADORES DE IDENTIDADE COLETIVA

Ao consultar uma vista aérea da Cidade da Praia, é inevitável não observar as manchas de verde que pontuam o panorama árido do território. Essa constatação levantou uma curiosidade de investigação e foi o ponto de partida para o desenvolvimento dos capítulos finais deste trabalho.

*

Como mencionado anteriormente, o futebol tem um papel muito importante na vida e formação da população jovem cabo-verdiana. Para além de promover o desporto e a vida saudável, baseia-se em valores de interesse, como o trabalho em equipa, o sentimento de pertença e a responsabilidade pessoal. Sendo o desporto rei, esta área recebe vários financiamentos, destacando-se um acordo com a FIFA, patrocinadora dos campos de relvado sintético distribuídos pela cidade e os seus bairros. Assim, este carácter de estruturador social, juntamente com o reconhecimento do interesse de investimento na área, elevaram o campo de futebol a uma oportunidade de projeto.

Desse modo, sentiu-se a necessidade de fazer um estudo e levantamento dos campos encontrados, analisando dois pontos de vista principais: a relação da implantação na proximidade com outros equipamentos públicos pré-existentis (aceitando como de maior interesse as escolas e igrejas) e as dinâmicas espaciais criadas nas envolventes mais próximas.



190



192



191



193

190. Arquitetura religiosa na Cidade da Praia: Capela de Santo António (Achada Santo António).

191. Equipamento de ensino público: Liceu Domingos Ramos (Plateau).

192. Equipamento de ensino superior público: Universidade Jean Piaget (Palmarejo Grande).

193. Campo de futebol de relvado sintético: Campo de Castelão.



194. EQUIPAMENTOS DA CIDADE DA PRAIA
ESCALA 1:25000

-  IGREJA
-  ESCOLA PRIMÁRIA
-  ESCOLA SECUNDÁRIA/
TÉCNICA
-  UNIVERSIDADE/
INSTITUTO SUPERIOR
-  CAMPO DE FUTEBOL

Ao consultar o mapa, é possível verificar que, como regra geral, estes equipamentos são estrategicamente implantados na proximidade de escolas primárias e secundárias, direcionando-se diretamente ao público-alvo desejado e onde a necessidade de um espaço para a prática de desporto é maior. Verifica-se também uma concentração nas áreas do centro e norte da cidade, onde a percentagem de tecido informal e a tendência de expansão espontânea são maiores.

Os bairros da área sul, os mais privilegiados em relação ao contato direto com o mar e, assim, destinados às classes mais altas, não apresentam estes tipos de intervenções pontuais. Estes bairros, anteriormente no trabalho categorizados como bairros de classe A, demonstram alterações no modo de vida tradicional, aproximando-se a uma cultura do espaço interior e da casa individual e negligenciando o espaço da cidade. Por sua vez, nos bairros onde as disparidades sociais e económicas são mais acentuadas, sente-se uma maior necessidade de disponibilizar espaços e equipamentos públicos promotores da vida em sociedade, justificando-se assim um número mais elevado de escolas, igrejas e campos de futebol. Desse modo, estes campos estendem-se até aos territórios mais periféricos da cidade, alguns ainda apenas marcados em terra, sugerindo novas centralidades e futuras expansões, e explorando o papel do desporto no desenvolvimento urbano, económico e social.



195. Localização dos campos de futebol da Cidade da Praia.



1. Achada Grande Frente



4. Achada Grande Trás



7. Achada Limpo



10. Pensamento



13. Ponta d'Água



16. Safende



2. Achada Mato



5. Achada Santo António



8. Calabaceira



11. Várzea



14. São Filipe



17. São Pedro Latada



3. Castelão



6. Chã de Areia



9. Gamboa



12. Tira Chapéu



15. Vale Palmarejo

Notaram-se também algumas inconsistências nas implantações dos campos, nomeadamente em relação às diferentes dimensões e orientações encontradas. Em contextos de inserção em tecido urbano consolidado, tamanho e posição são adaptados ao espaço livre entre construções. Desse modo, desenvolve-se um catálogo variado de formas e implantações derivadas de diferentes condicionantes, sendo possível categorizar os campos em três grupos: os de maior dimensão, os medianos e os de dimensão reduzida. Os campos de maior dimensão encontram-se em áreas novas ou áreas que já foram alvo de algum tipo de regularização e requalificação urbana, enquanto os restantes são regularizações de vazios em áreas onde o planeamento e o desenho urbano ainda são conceitos pouco praticados.

Desse modo, consideraram-se quatro pontos de maior interesse para a presente investigação: a orientação, a acessibilidade, o contexto urbano envolvente e a existência ou inexistência de estruturas de apoio ao equipamento.

Em todos os casos é possível verificar uma associação de uma via principal para o acesso



197



198

Campo de futebol adaptado a milheiral

197. Vista de 15 de março de 2014.

198. Vista de 5 de outubro de 2014.

Localização	Achada Grande Frente	Achada Grande Trás	Achada Mato	Achada Santo António	Calabaceira	Caastelão	Chã de Areia
Orientação	N/S	N/S	NW/SE (a estrada principal define a orientação)	N/S	E/W	E/W	E/W
Acessibilidade	Estrada alcatroada ●	Estrada principal alcatroada ●	Estrada principal calçetada ●	Vários acessos + parque de estacionamento ●	Estrada calçetada ●	Estrada principal alcatroada ●	Estrada alcatroada ●
Contexto Urbano	Bairro de génese informal consolidado e regularizado	Bairro de génese informal em consolidação	Bairro de génese informal em consolidação	Bairro formal consolidado	Bairro de génese informal consolidado e regularizado	Bairro de génese informal em consolidação	Bairro de génese informal consolidado e regularizado
Estruturas de Apoio	Proximidade a escolas e uma placa desportiva para a prática de outros desportos ●	Pista de atletismo ●	--	Zona de balneários e espaços interiores + escolas ●	Proximidade a uma escola secundária ●	--	Bancadas para sentar ●
Observações	O bairro já é alvo de um programa de requalificação urbana	--	Distribuição incipiente, pontual e desorganizada de construções no terreno	Dos bairros mais antigos (segundo bairro residencial a ser consolidado, depois do Plateau)	O campo e a escola partilham um espaço de entrada que protege e faz de filtro do espaço público ●	O campo afasta-se da estrada principal e insere-se no interior do tecido	O campo afasta-se da estrada principal e insere-se no interior do tecido
Localização	Gamboa	Ponta d'Água	Safende	Várzea	São Filipe	Tira Chapéu	Vale Palmarejo
Orientação	N/S	E/W	N/S	NW/SE (a estrada principal define a orientação)	NW/SE (a estrada principal define a orientação)	NW/SE	SW/NE (a topografia define a orientação)
Acessibilidade	Estrada alcatroada + estacionamento ●	Estrada calçetada ●	Estrada principal calçetada ●	Estrada principal calçetada ●	Estrada principal alcatroada ●	Estrada calçetada ●	Estrada principal calçetada ●
Contexto Urbano	Bairro formal consolidado	Bairro de génese informal consolidado e regularizado	Bairro de génese informal em consolidação	Bairro de génese informal em consolidação	Bairro de génese informal em consolidação	Bairro de génese informal consolidado	Bairro de génese informal consolidado
Estruturas de Apoio	Centro de estágios para formações jovens ●	--	--	Zona de balneários e espaços interiores + bancadas ●	--	Zona de balneários e espaços interiores ●	Bancadas para sentar ●
Observações	Era o estádio nacional até à construção do novo estádio, em Monte Vaca	Blocos habitacionais do programa <i>Casa para Todos</i> como envolvente imediata ●	Espaço de entrada que protege e faz filtragem do espaço público ●	--	A estrada principal separa uma malha consolidada de uma área de construções pontuais	O campo encontra-se no coração do bairro, rodeado de malha intensamente consolidada	--

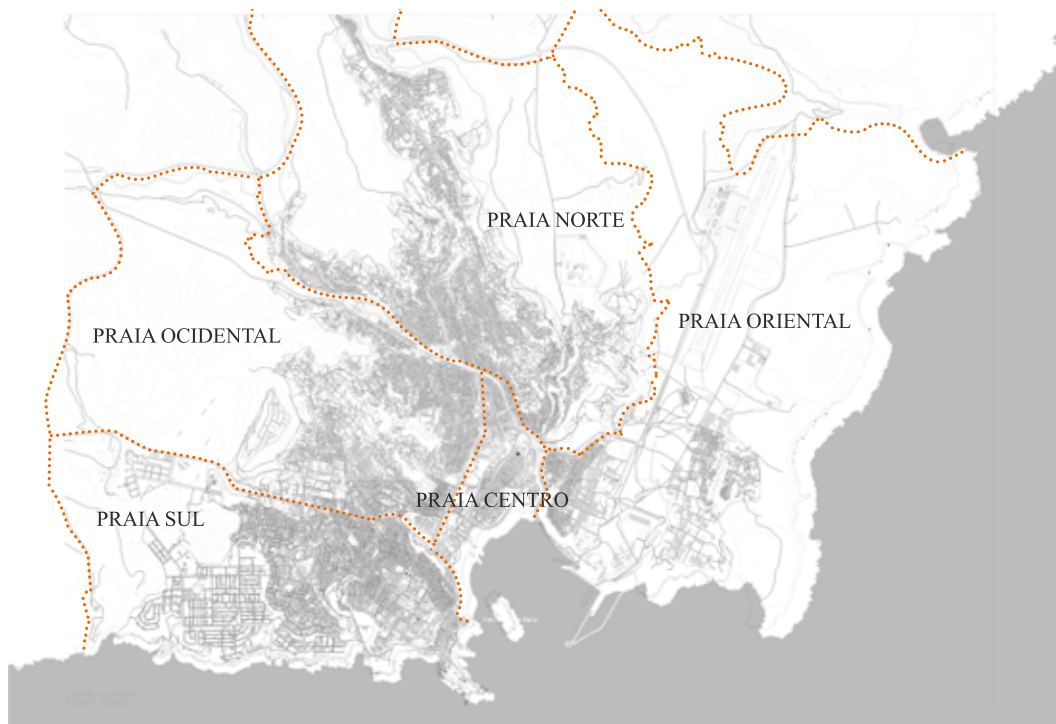
199. Comparação dos campos de futebol da Cidade da Praia: categorização segundo orientação, acessibilidade, contexto urbano envolvente e estruturas de apoio encontradas.

direto ao campo de futebol, muitas num estado de acabamento avançado. Nota-se também uma preocupação na localização da entrada, frequentemente antecipada por uma área que serve como filtro do espaço público e que permite uma transição progressiva entre circulação e chegada. Como referido anteriormente, muitos destes campos encontram-se na proximidade de escolas e institutos que, por sua vez, servem como estruturas de apoio às atividades aqui praticadas. Esse fator contribui para a inexistência de infraestruturas próprias ao espaço do campo, como balneários, iluminação e áreas comerciais. A falta de bancadas e áreas de descanso em muitos destes campos demonstra também uma limitação das atividades, negando a presença do visitante e do observador.

No final, importa referir que, apesar do destaque e interesse pelo tema dos campos de futebol por constituírem uma especificidade do território da Cidade da Praia, reconhece-se também um certo desequilíbrio na aplicação dos investimentos.¹⁵⁹ Do mesmo modo, sente-se que não há uma exploração total do potencial do equipamento como um revitalizador social, isto porque a sua construção é um processo isolado que não exige o trabalho em comunidade para a sua concretização.

Assim, o que se propõe no trabalho apresentado, é uma aplicação das noções aprendidas até ao momento, em que o projeto é encarado como um processo em constante consolidação progressiva que ultrapassa a presença e contributo do arquiteto. Nega-se o tema do objeto acabado, “oferecido para agradar e calar”, procurando uma relação maior entre homem e estrutura. Defendendo um trabalho em comunidade, destaca-se também a importância de estruturar grupos responsáveis pelo correto funcionamento e manutenção do novo campo.

159 Num acontecimento curioso, um campo de futebol na zona de *Pedra Badejo*, litoral norte da ilha de Santiago, foi acrescentado à área de cultivo de produção local de milho. *O campo de futebol foi construído, colocadas as balizas, mas o calendário dos jogos não podia sobrepor-se à atividade quase generalizada da população local e, sempre que se aproxima a época das plantações, o “estádio” passa a milheiral.* Note-se que apenas cerca de 10% do território cabo-verdiano é aproveitado para a prática de agricultura. Assim, a população local de Pedra Badejo redefiniu as prioridades, transformando um campo de futebol relvado num campo de cultivo. *Comer é mais importante que jogar à bola.* – Citações retiradas de RTP Notícias (2005), Em Cabo Verde, nem o campo de futebol escapa à... produção de milho (Online). Disponível em https://www.rtp.pt/noticias/mundo/em-cabo-verde-nem-o-campo-de-futebol-escapa-a-producao-de-milho_n105070



Nome do Bairro	Área (m2)	População Estimada (2010)
Terra Branca	889.727	5.458
Várzea	587.849	4.790
Bairro Craveiro Lopes	96.301	1.679
Achadinha	442.874	8.722
Achada Eugénio Lima	502.546	7.708
Pensamento	352.777	2.309
Monte Pensamento	259.895	792
Bela Vista	370.995	2.869
Tira Chapéu Industrial	533.319	1.363
Monte Babosa	474.840	7
Gato Valente - Zona Enavi	1.033.708	36
Saco	2.199.506	3
Simão Ribeiro	1.631.130	293
Bom Coi Sul	477.564	29
Total:	9.853.031	36.060

200. Zonas urbanas da Cidade da Praia.

201. Distribuição dos agrupamentos de bairros: zona urbana da Praia Ocidental.

2.3. A CASA DO BAIRRO: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

2.3.1. O Terreno

O Município da Cidade da Praia está dividido, essencialmente, em cinco zonas urbanas: Praia Norte, Praia Centro, Praia Sul, Praia Oriental e Praia Ocidental. Mesmo após as primeiras décadas do período de independência, apenas o planalto principal de planificação colonial, o *Plateau*, era reconhecido como cidade, mantendo os restantes bairros envolventes na categoria de subúrbios. Desse modo, justificou-se um maior investimento e preocupação na ocupação urbana adequada e formal do centro histórico, com infraestruturas próprias e uma concentração dos principais equipamentos e serviços públicos, em contraste com o desenvolvimento urbano e *aparentemente caótico*¹⁶⁰ dos restantes bairros.

Nos períodos seguintes, identificam-se tentativas de descentralização e um aumento da oferta de serviços e comércio com o reconhecimento progressivo dos restantes setores como parte do território urbano. No entanto, essa atenção concentrou-se nas zonas centro e sul, mantendo o *Plateau* como o principal polo de atração. *As zonas periféricas ainda não conseguiram alcançar autonomia plena, suficientemente capaz de os libertar do estigma “bairro-dormitório” da Praia, apesar de serem hoje muito mais populosos e com maiores áreas de ocupação que o Plateau.*¹⁶¹

*

O bairro de Terra Branca é um bairro do tipo A, situado na zona urbana da Praia Ocidental, com uma densidade populacional de aproximadamente 6 habitantes por km². A população local está dividida em duas situações habitacionais muito distintas e facilmente identificáveis: uma malha organizada que define o bairro planeado e uma mancha dispersa e orgânica que acompanha os movimentos do terreno e define uma expansão espontânea posterior que atualmente representa mais de 50% do território total.¹⁶² Esta expansão é característica dos

160 PDM da Cidade da Praia, 2016, p.10.

161 PDM da Cidade da Praia, 2016, p.10.

162 *Regiões – Bairro da Terra Branca, cidade da Praia* (2013). Direção de Maria de Jesus Lobo. Cabo Verde: RTC.



202. EQUIPAMENTOS DA TERRA BRANCA
ESCALA 1:10000

-  IGREJA
-  ESCOLA PRIMÁRIA
-  ESCOLA SECUNDÁRIA/ TÉCNICA
-  PRAÇA PÚBLICA
-  RIBEIRA
-  VIAS PRINCIPAIS
-  ÁREA DE IMPLANTAÇÃO

bairros periféricos da cidade e caracteriza os novos limites informalmente estabelecidos de todos os setores mencionados anteriormente, com a exceção da zona urbana sul, destinada aos novos bairros mais nobres e ainda em fase de consolidação.

A localização do bairro foi planeada estrategicamente, com a intenção de gerar um novo centro habitacional e contribuir para a descentralização do *Plateau*. O bairro está diretamente ligado ao centro e a dois dos principais bairros da cidade, Achada Santo António e Palmarejo, através de uma rede de estradas alcatroadas que partem da rotunda que faz a entrada ao bairro e é conhecida como um dos principais nós rodoviários da Praia. O intenso movimento nessa área motivou a concentração dos serviços na entrada da Terra Branca, enquanto o interior ganhou um caráter de *bairro-dormitório*, onde os serviços e equipamentos públicos são limitados e prevalece a construção de habitações.

Consultando uma planta do bairro observa-se um desenho de espaço público cuidado. As ruas são largas e bem definidas, dimensionadas de acordo com a sua importância: duas vias principais rodeiam os limites planeados do bairro e são ligadas entre si por ruas secundárias calçadas que atravessam o interior e fazem o acesso às habitações. As ruas são definidas por ambos os lados por fachadas contínuas e pequenos pátios com vegetação que antecedem a entrada à habitação, filtrando a transição entre o espaço público e o privado. Verifica-se também a existência de uma praça inserida no desenho da malha geral do território, destinada ao convívio dos moradores. Com a expansão do bairro para norte, esta praça perdeu o caráter central, afastando-se cada vez mais das áreas mais dinâmicas. A praça aponta intenções de desenho de espaço público com a definição de canteiros pontuais e a plantação de árvores para a criação de áreas de sombra. Abriga um parque infantil e uma placa de basquetebol atraindo, essencialmente, a população local mais jovem.

Seguindo a via principal para norte, alcança-se a *Escola Amor de Deus*, um equipamento que gerou uma nova centralidade na vida do bairro. Esta construção está no limite da Terra Branca formal e serve, simultaneamente, a classe média e as classes mais desfavorecidas que ocupam os terrenos envolventes. A partir deste ponto, nota-se um aumento progressivo da preferência pela habitação unifamiliar, nomeadamente, em estados menos avançados de consolidação. Esta área continua a ser identificada como parte da Terra Branca e é gerada pela expansão de diferentes assentamentos clandestinos originários de bairros informais



203. Vazio central no Alto da Glória, com indícios de apropriação espontânea: duas estruturas frágeis em forma de baliza encerram os limites do terreno.

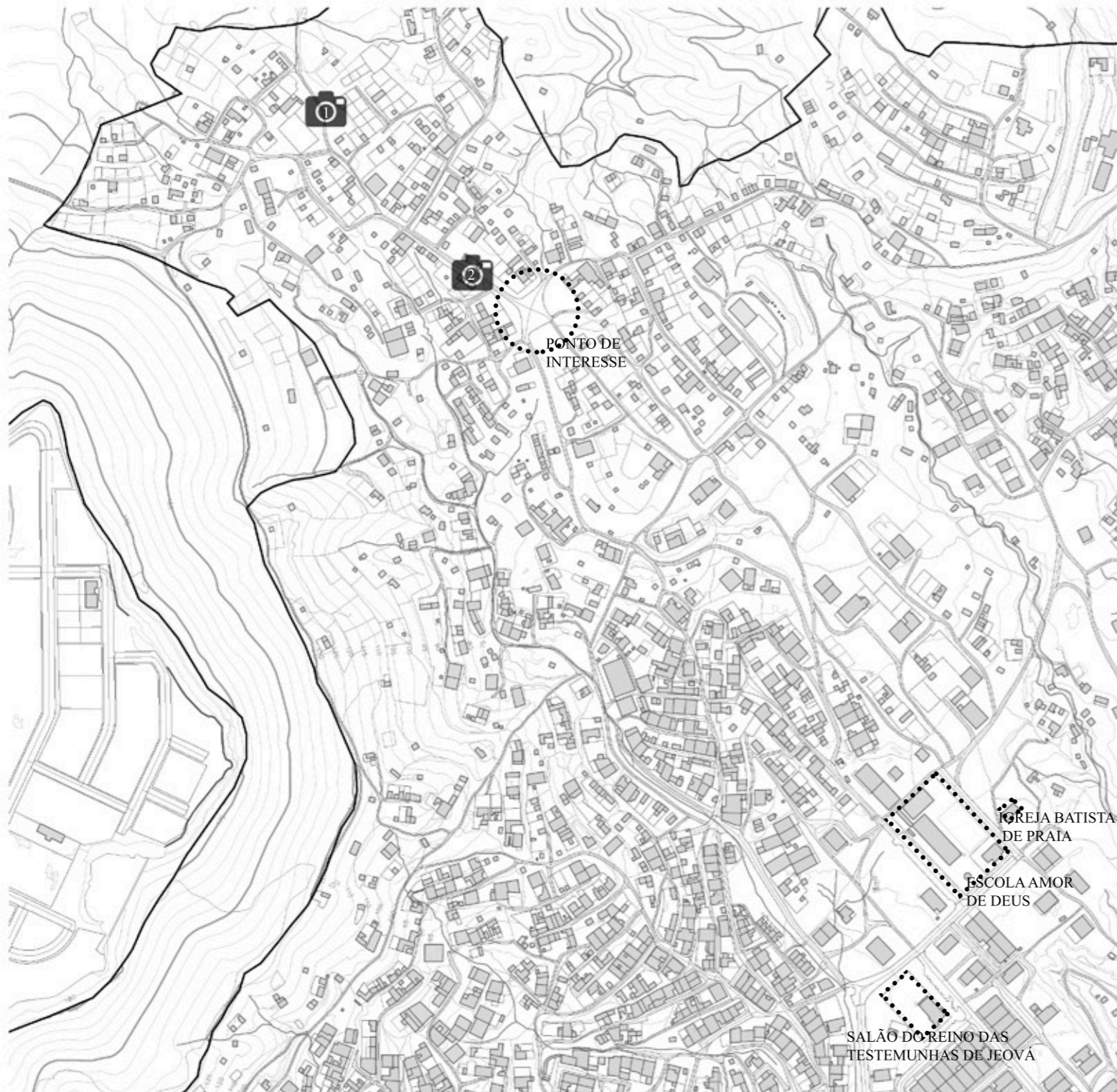
204. Fim da via principal de ligação entre o Alto da Glória e Terra Branca.

205. Serviços públicos: barbearia no Alto da Glória.

206. Capela no Alto da Glória.



escala 1:5000

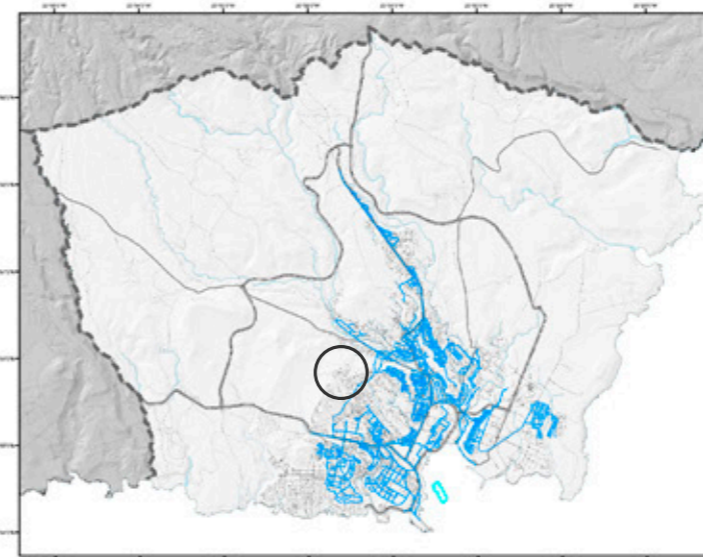


Contexto Envolvente

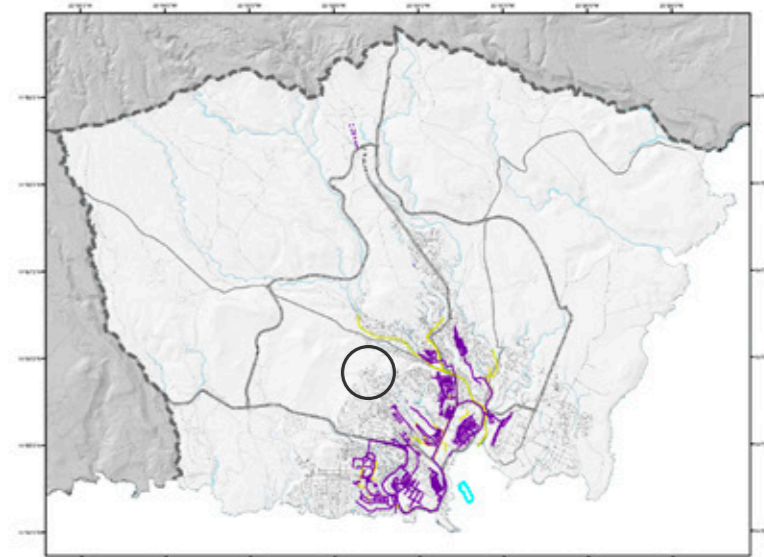


Imagens ©2018 DigitalGlobe, Dados do mapa ©2018 Google 200 m

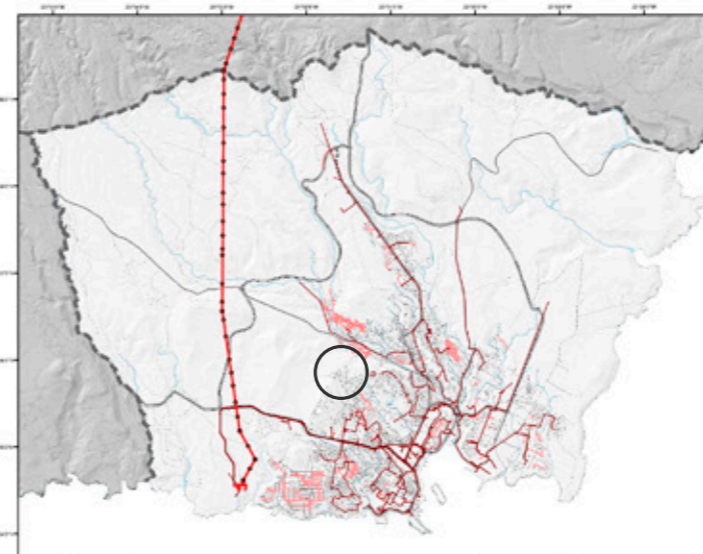
Redes de Infraestruturas



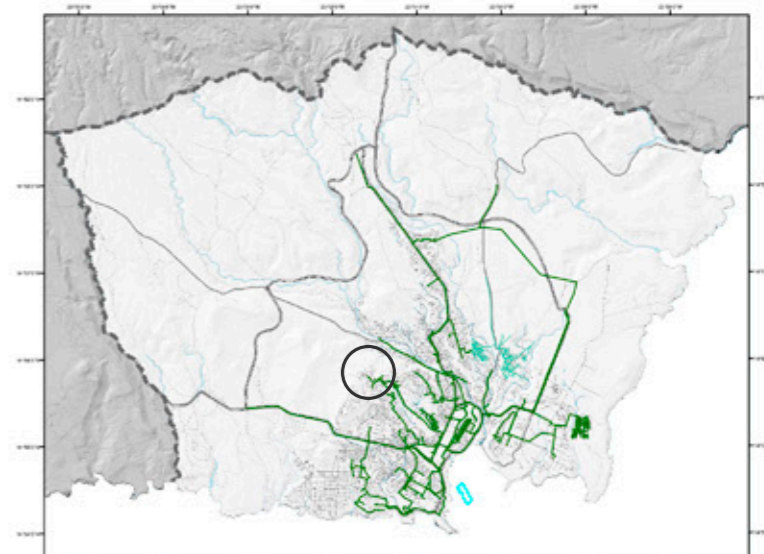
Rede de água



Rede de esgotos e drenagem pluvial



Rede de eletricidade



Rede de telecomunicações

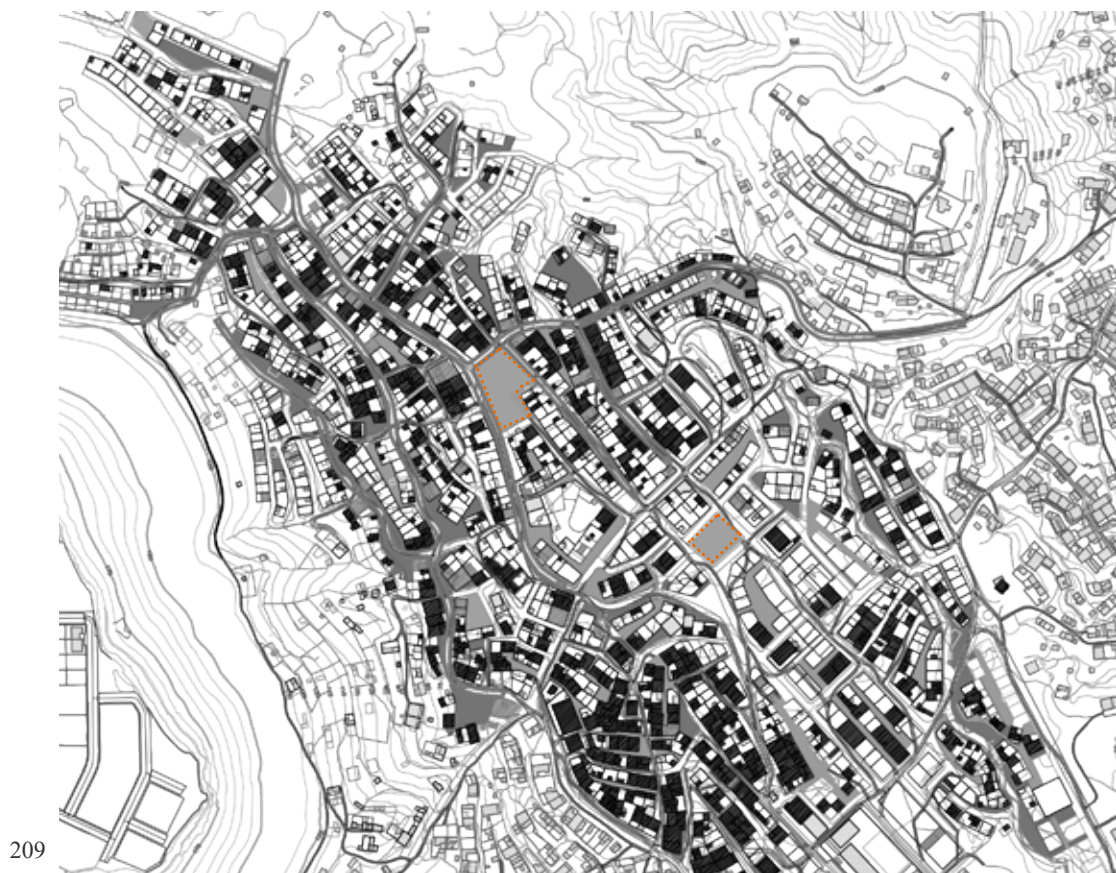
vizinhos como Bela Vista e Eugénio Lima, formados essencialmente por uma população jovem de origem rural incapaz de responder aos elevados valores do mercado da habitação formal.

Área de
Implantação

Localiza-se então, no limite norte, a comunidade do Alto da Glória, identificada como uma das mais pobres da cidade.¹⁶³ O Alto da Glória é um assentamento de génese ilegal com um ritmo de crescimento espontâneo e acelerado. Vários apelos por parte da população local levaram a algumas intervenções por parte da Câmara Municipal da Praia, como a construção de uma estrada principal de acesso à localidade que permitiu expandir a rede de transportes públicos, nomeadamente o autocarro, até ao interior do bairro. No entanto, o carácter clandestino das construções e a impossibilidade de controlo por parte de entidades responsáveis, dificultam o reconhecimento da área como um setor de interesse de expansão urbana. Simultaneamente, o território envolvente é desafiante, obrigando a ocupação de terrenos acidentados e interrompendo o percurso natural das águas da chuva que escoam através das encostas do Monte Babosa e de outros de menor escala que pontuam a envolvente.

Devido à sua posição periférica, o bairro encontra-se fora dos limites de todas as redes de infraestruturas, estando assim desprovido de sistemas de água canalizada e saneamento e recorrendo à apropriação ilegal de energia elétrica. Os serviços encontrados são quase inexistentes, baseados em negócios de pequena escala e de carácter familiar, naturalmente associados ao espaço de habitação. As ruas vão surgindo como marcações na terra, sem nenhum trabalho de acabamento.

163 *Nações Unidas em Cabo Verde*. Disponível em <http://www.un.cv/arquivo-AltoGloria.php> consultado a 07/09/18.

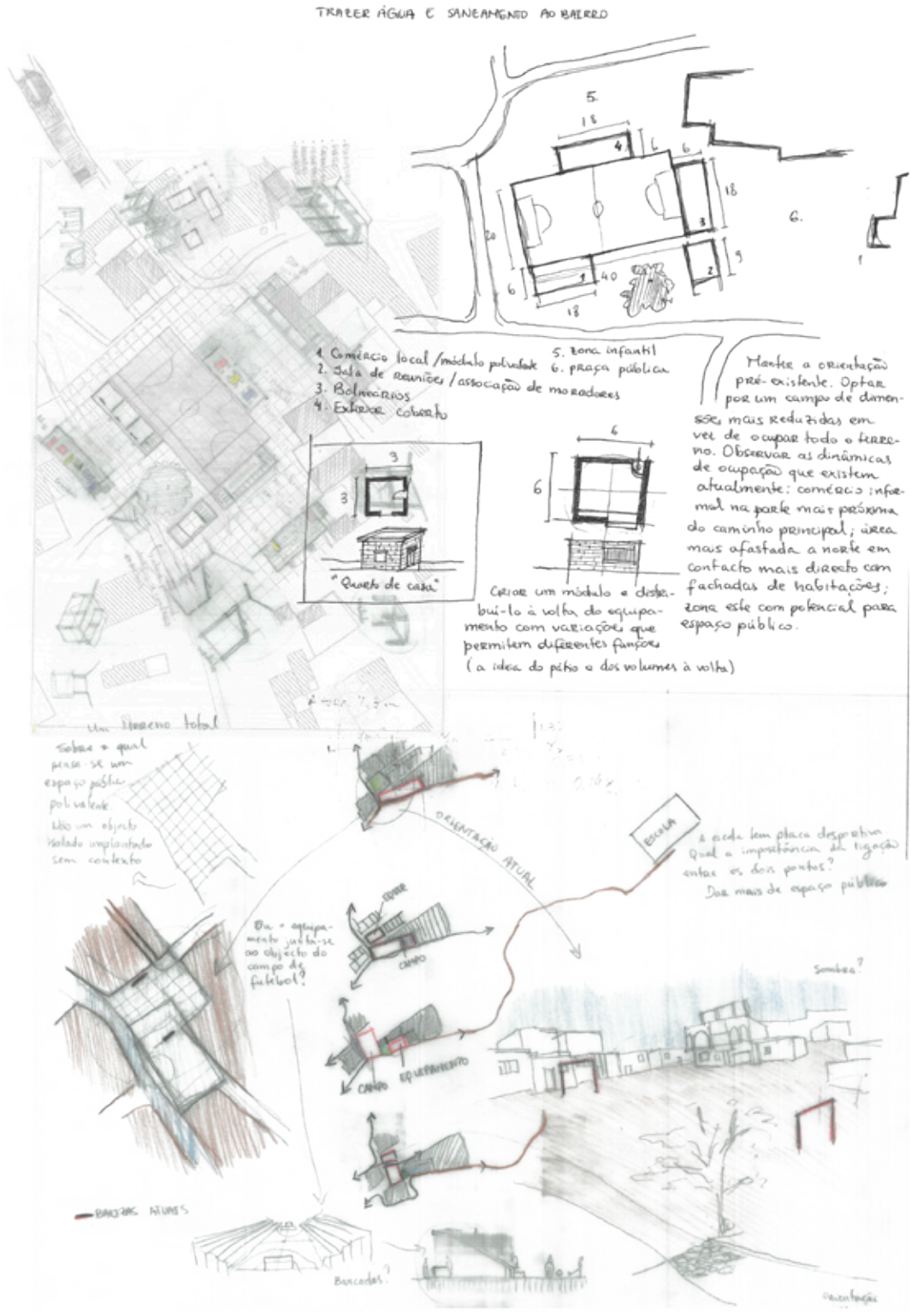


208. Situação atual: Bairro de Terra Branca de Cima - Escala 1:7500.

209. Programa de Requalificação Urbana e Ambiental (PRUA): Bairro de Terra Branca de Cima com destaque das áreas destinadas a espaços de caráter público - Escala 1:7500.

Apesar da expansão dispersa no terreno e dos limites indefinidos do bairro, reconhece-se uma área central onde identifica-se um certo cuidado na associação das habitações, respeitando alinhamentos que possibilitam uma intervenção futura de regularização. Em 2017, a Câmara Municipal lançou o primeiro programa de requalificação urbana e ambiental para esta zona, apresentando um plano baseado, essencialmente, na definição de arruamentos e na regularização de lotes. O plano mantém os alinhamentos existentes e preserva o organicismo das curvas do terreno, sem impor uma malha geométrica rígida e evitando demolições em demasia.

O plano destaca duas áreas principais não destinadas a ocupações privadas, reservando estes espaços para futuros investimentos de carácter público. Como visto anteriormente no trabalho, defende-se a importância em estimular um sentimento de pertença e identidade no núcleo social de comunidades desfavorecidas e segregadas, assim, considera-se indispensável disponibilizar espaços que possibilitem o diálogo, o encontro e o convívio. No caso da Cidade da Praia, e no âmbito desta dissertação, foi identificada a estratégia dos campos de futebol, um equipamento que satisfaz superficialmente algumas das carências sociais e espaciais dos bairros precários. Curiosamente, na visita ao terreno escolhido, realizada em março de 2018, confirmou-se que a área de interesse já apresentava indícios de ocupação: duas estruturas frágeis em formato de baliza limitam os seus lados sul e norte. Assim, respeitando a vontade da população local, propõe-se aqui um novo campo de futebol para o bairro do Alto da Glória, a implantar numa das áreas reservadas ao usufruto público no plano de 2017, no coração da comunidade.



210. Desenhos de processo: primeiros esboços.

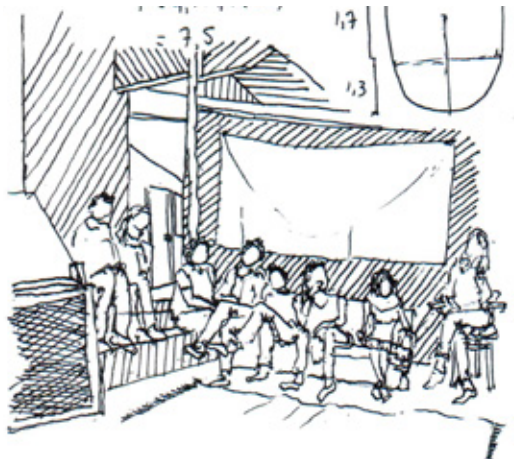
2.3.2. Primeiras considerações

O desenvolvimento de uma proposta prática de aplicação dos fundamentos teóricos até então explorados, exigiu uma reflexão sobre os objetivos pretendidos. Ao defender um processo participativo como um fator determinante na reabilitação de assentamentos informais, foram questionadas as verdadeiras ações que poderiam ser tomadas do ponto de vista do desenho projetual. Assim, torna-se fundamental referir que as ideias apresentadas fazem parte de um processo experimental que visa lançar as bases de uma estratégia de intervenção baseada em conceitos transversais a todos os bairros precários da cidade em questão.

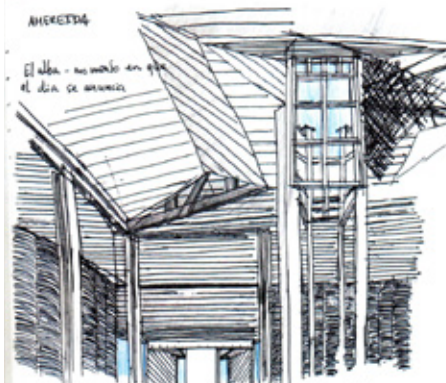
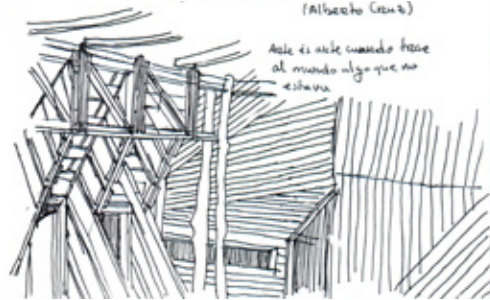
O processo iniciou com a procura de um modelo de protótipo que pudesse ser associado aos vários campos de futebol distribuídos pelo território e que carecem de estruturas de apoio às atividades praticadas. Essa estrutura foi baseada na realidade construtiva local, de modo a poder ser construída através da autoconstrução assistida e da capacitação das comunidades-alvo. Ou seja, observando as tipologias construtivas existentes nestes bairros, destacou-se o *quarto de casa* que, apesar de ser uma tipologia habitacional, demonstra a capacidade da população em trabalhar com o cimento, betão e alguns elementos metálicos e de chapa, assim como estabeleceu as medidas base para a estrutura de 3x3 metros.

O principal objetivo foi criar as condições necessárias para a implementação de infraestruturas através da expansão das redes que atravessam a cidade. Como observado anteriormente, a irregularidade das implantações dificulta bastante o trabalho de infraestruturização, inviabilizando a ligação de cada habitação ao sistema de água canalizada e saneamento. Desse modo, a nova estrutura desempenha o papel de central de serviços, reunindo todas as ligações necessárias para trazer água e eletricidade ao bairro e reduzindo a escala de intervenção.

Posteriormente, reconheceu-se a necessidade de expandir os limites da intervenção, de modo a aumentar as possibilidades de revitalização urbana progressiva da área. Ao analisar o projeto *Para a Integração dos bairros informais da Cidade da Praia* foram identificadas cinco ações concretas para a requalificação do tecido informal: definição dos arruamentos, desenho de espaços públicos, reserva de áreas dotacionais destinadas à implantação de futuros



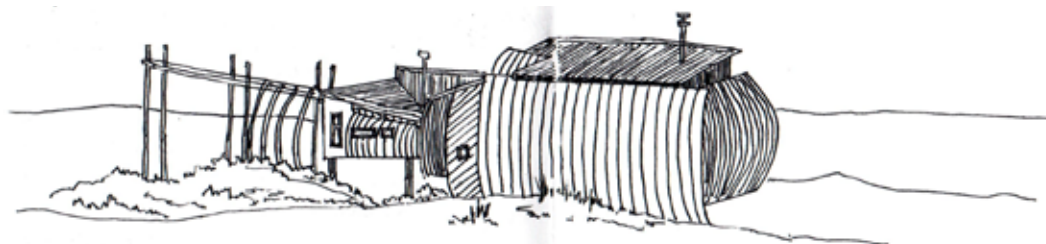
(Alberico Cruz)



La ciudad abierta tiene solo presente... no tiene futuro.
Tiene que pasar por sus dimensiones públicas, entonces 20
años por las cosas. Después el siglo y después la sala de mi



Alejandro Ojeda. La pieza que abandona la alternativa
la rambredes por la escuela.



211. As construções da *Cidade Aberta*: desenhos de observação do espaço.

equipamentos públicos, arranjo dos limites de lotes e construção de muros de contenção. Do mesmo modo, referiu-se anteriormente no trabalho, no seguimento das conclusões sobre as intervenções realizadas na capital, seis eixos estruturantes para futuras intervenções, correspondentes com algumas das ações tomadas no projeto *Para a Integração dos bairros informais da Cidade da Praia*: planeamento das vias e acessibilidades; expansão das redes infraestruturais; reabilitação de encostas e ribeiras; desenvolvimento de ações de inclusão através de programas sociais e regularização fundiária das construções; planeamento do sistema de transportes públicos em simultâneo com a criação de vias pedonais e introdução de sistemas de transporte urbano alternativos; e, por último, libertação de áreas destinadas ao lazer, diversão e espaços verdes.

Assim, elevou-se a ideia da simples estrutura de apoio em associação ao campo de futebol, a um desenho à escala do bairro que pretende explorar o verdadeiro potencial de uma nova construção que afeta espacialmente e socialmente a sua envolvente mais próxima. A manipulação do terreno foi um fator importante para a integração do campo como um equipamento central ao redor do qual desenvolvem-se diferentes momentos de desenho de espaço público, destacando-se imediatamente em relação aos restantes campos da cidade, que transmitem uma sensação de *tabuleiro* e são pousados em áreas planas que não criam diálogo com as construções circundantes.

Experiência
pessoal

A ideia para a estrutura partiu de uma experiência pessoal de construção, realizada durante um período de intercâmbio académico na cidade de Valparaíso, Chile. A *Escola de Desenho e Arquitetura da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso* oferece a oportunidade aos alunos de coparticipar ativamente na construção permanente da *Cidade Aberta*, uma área que se estende em 270 hectares, localizada em Ritoque, no norte de Valparaíso.

A Cidade Aberta é um extenso campo arenoso, fundada em 1970 por poetas, arquitetos, filósofos e artistas da escola, que abriga atualmente professores e alunos. Os seus espaços dividem-se em três categorias: *lugar para falar* (o espaço público das ágoras), *lugar para habitar* (construções designadas localmente por *hospederías*) e *lugar para percorrer* (os espaços que vinculam e conectam os restantes). A experiência pessoal ocorreu durante os meses de março e maio de 2017, sob o âmbito de colaborar num processo de consolidação progressivo de um espaço de ágora, iniciado por outros estudantes em trimestres anteriores.



212



213

A experiência da *Cidade Aberta*:

212. Fotos do processo construtivo.

213. Foto panorâmica da envolvente e do resultado final.

O principal objetivo do exercício era explorar as possibilidades de moldagem flexível do betão, conquistada através da utilização de telas e madeira para a elaboração de cofragens menos convencionais. O processo exigiu um período de pesquisa e experimentação com modelos em gesso, de modo a compreender o comportamento dos materiais, rematando na construção de duas colunas de 5 metros de altura, dois elementos estruturais de um pórtico destinado ao usufruto público.

Metodologia

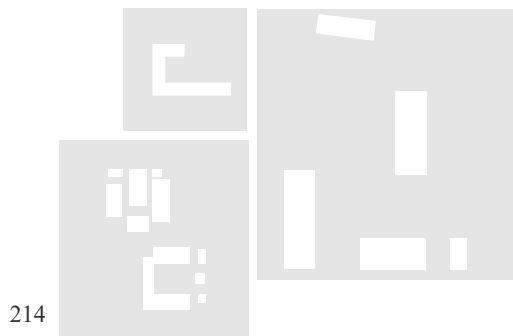
Desta experiência retirou-se o trabalho de campo e o reconhecimento da possibilidade de trabalhar com o betão sem ser necessário recorrer a mão-de-obra especializada ou elementos pré-fabricados. O exercício permitiu enriquecer conhecimentos construtivos necessários para o planeamento de uma estratégia que visa o trabalho direto com a comunidade: o principal foco não reside no resultado final, mas no processo de aprendizagem. O trabalho de moldagem flexível é posto em segundo plano, não sendo aqui aplicável por opção pessoal, no entanto, adota-se o mesmo plano de ações:

a. Criação de um grupo de trabalho multidisciplinar responsável, formado por técnicos especializados e capazes de transmitir os conhecimentos necessários a personagens exteriores interessadas em participar;

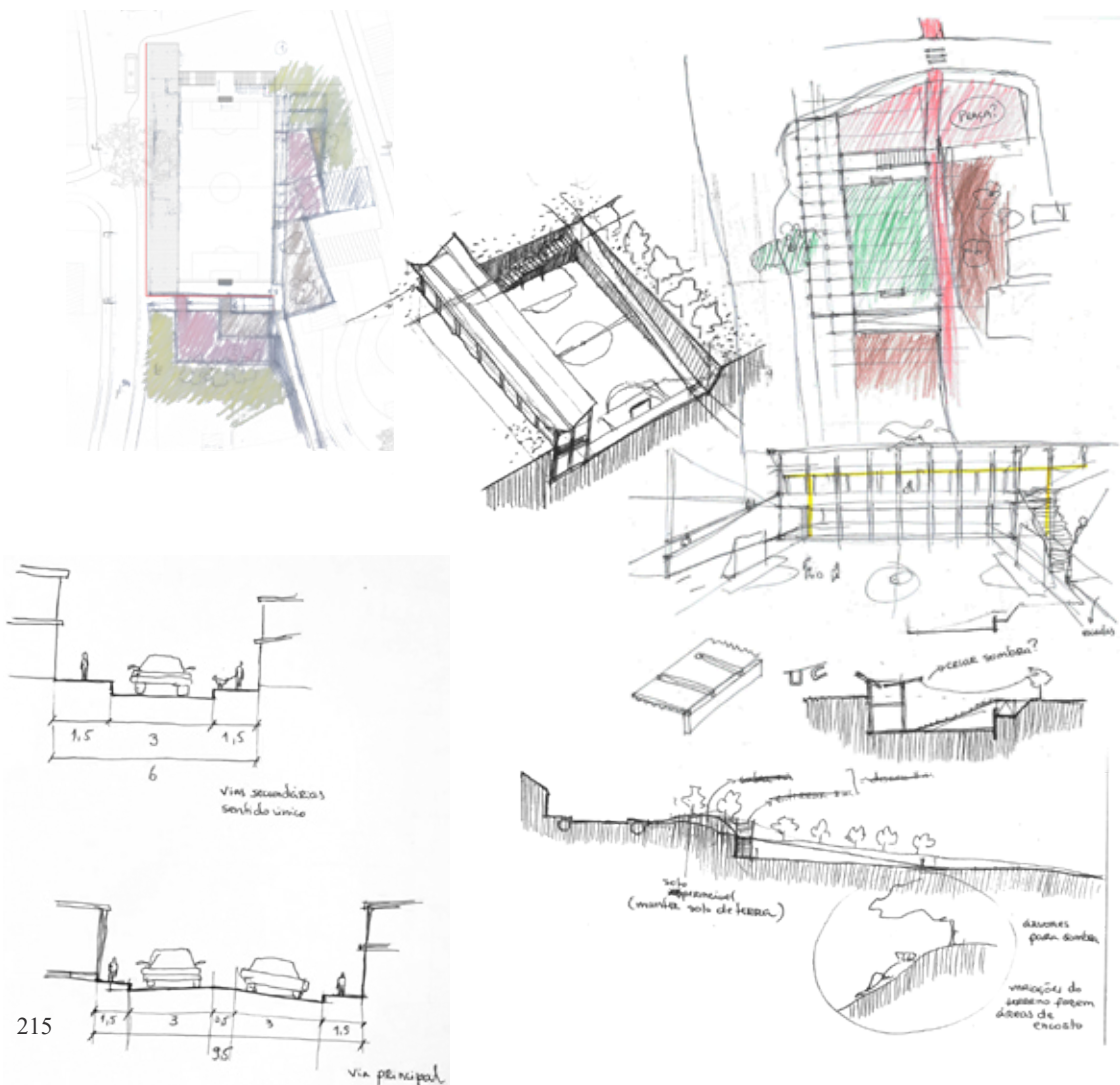
c. Definição e planeamento prévio das ações de intervenção e apresentação pública das primeiras ideias, ainda em fase de discussão e adaptação.

b. Formação e capacitação das personagens, preferencialmente pertencentes à comunidade local, através de workshops e atividades estimuladoras do sentimento de responsabilidade de grupo;

c. Experimentação prática dos conhecimentos transmitidos, através de intervenções diretas no terreno e resultando num processo de consolidação progressiva do projeto, aberto a várias possibilidades de continuidade.



214



215

216

214. Cheios e vazios: esquemas conceptuais à mesma escala do espaço de pátio nos casos de estudo anteriormente apresentados.

215. Estudo de vias.

216. Desenhos de processo: a proposta final.

2.3.3. A proposta

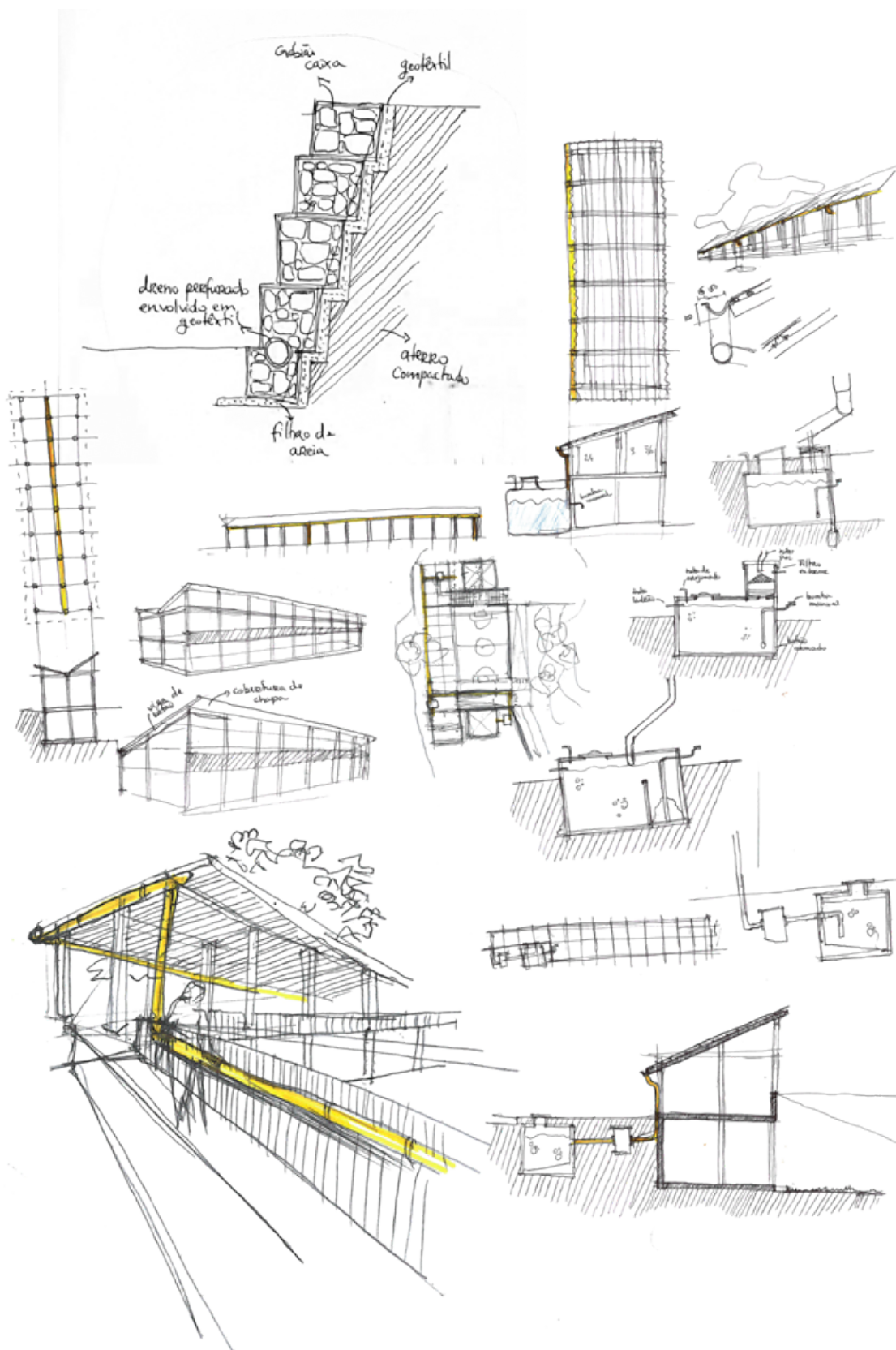
Conceito

A proposta final caracteriza-se essencialmente pela intenção de criar um ponto de afluência no coração do bairro do Alto da Glória, inspirada concetualmente na ideia de *pátio*. É possível constatar que, nos casos de referência apresentados anteriormente no trabalho, o pátio é um elemento sempre presente. As três obras apresentam configurações distintas, no entanto mantém-se a ideia do pátio como um elemento unificador ao redor do qual distribuem-se diferentes programas. O pátio disponibiliza uma área de convívio exterior que, no caso das comunidades referidas, é uma questão de carácter cultural. Do mesmo modo, o pátio é um elemento presente na cultura arquitetónica cabo-verdiana: encontra-se nas tipologias habitacionais tradicionais do morgadio e da casa popular e nas tipologias de apropriação contemporânea como o *quarto de casa* e habitações das classes mais altas, unifamiliares ou em formato de condomínio fechado. Assim, associa-se a ideia inicial do campo de futebol como praça pública, ao conceito de pátio, explorando as possibilidades de configuração.

Vias e acessos

A implantação do novo campo de relvado sintético no terreno escolhido permitiu lançar linhas definidoras de vias que disponibilizam acessibilidade, não só ao campo, mas a diferentes pontos do bairro, saindo dos limites da área de implantação. Seguindo o plano de requalificação de 2017, o projeto mantém os mesmos acessos, no entanto, propõe uma hierarquização destes. Reconhece-se uma via principal, a que atualmente já desempenha essa função por ser a única com um trabalho de acabamento em calçada. A rua parte do bairro de Terra Branca, passando pela *Escola Amor de Deus* e termina no início do terreno. A proposta continua o seu traçado, prevendo uma expansão para norte, que já se faz sentir através de implantações pontuais. Considera-se importante expandir esta via numa fase inicial de intervenção, de modo a criar uma regra para futuras apropriações do território que, neste momento, encontra-se num elevado estado de desorganização das construções. Assumindo a rua principal, define-se também uma paragem terminal de autocarros integrada na estrutura de apoio, aumentando assim a centralidade da intervenção.

A hierarquização das vias procura manter as mesmas dinâmicas encontradas no bairro de Terra Branca, conferindo um carácter mais privado às ruas que fazem o acesso às habitações. Nas ruas de escala mais reduzida a sensação de segurança e familiaridade é maior e os



217. Desenhos de processo: estudo do muro em gabião e do sistema de recolha e armazenamento de água.

moradores sentem-se mais responsáveis pelos espaços imediatamente em seguimento das suas casas. Assim, considerando o caráter habitacional predominante das construções, são propostos acessos mais estreitos que possam contrastar com a vida mais intensa da via principal. Do mesmo modo, a proposta destaca uma via de acesso pedonal, podendo também servir como ciclovia, que assume uma materialidade diferente e pretende atravessar o bairro de norte a sul como um acesso alternativo. Este acesso culmina na chegada a uma pequena praça, que ajuda a filtrar a entrada no terreno e no campo. O seu desenho mantém-se em aberto, sendo definido apenas os seus limites numa fase inicial.

Recolha de águas Atualmente, o terreno é uma área extensa de terra com uma ligeira inclinação no sentido nordeste/sudoeste e sem separações físicas em relação a algumas construções precárias que o rodeiam nos limites sul e nascente. O projeto aproveita a implantação do campo a uma cota inferior em relação às construções envolventes, para criar um sistema de socalcos que, para além de criarem uma transição controlada entre construções, disponibilizam espaços de *bancada*, para sentar e assistir aos jogos ou outro tipo de atividades que aqui possam decorrer. A definição do terreno em socalcos permitiu planejar um sistema de escoamento das águas da chuva que, apesar de não ser frequente em Cabo Verde, é fundamental que seja considerada no planeamento e desenho dos espaços públicos para evitar situações de inundação. Assim, propõe-se a construção de muros de contenção em gabião que, para além de ser um sistema eficaz de recolha de águas, a sua simplicidade construtiva permite a participação ativa da população local no enchimento das caixas de arame com materiais rochosos.

A preocupação em relação à drenagem das águas da chuva levantou a questão para onde direcioná-las. O projeto propõe um sistema de recolha e armazenamento de água, justificando as escavações sugeridas com a integração de tanques de água subterrâneos e sistemas de filtragem e bombeamento que permitiriam instalar chafarizes públicos, atualmente inexistentes no bairro. O tema da água tornou-se determinante no processo de desenho, assim propõe-se uma dinamização da imagem do projeto através da protagonização de tubos metálicos que percorrem o terreno e recolhem a água. Esses tubos estariam destacados a vermelho, contrastando com o cinzentismo envolvente e da própria estrutura e anunciando a relação desta com a nova via pedonal que atravessa todo o bairro e que, por sua vez, pretende-se que seja pavimentada com solo-cimento. Essa materialidade

218



219



220



221



Referência de imagem final:

218. Hospedería de La Entrada, Ciudad Abierta, Chile.

219. Escola primária em Gando, Burkina Faso, Francis Kéré.

220. Steilneset Memorial, Noruega, Peter Zumthor.

A célula:

221. Zinc Museum, Noruega, Peter Zumthor.

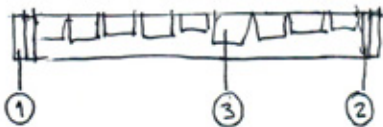
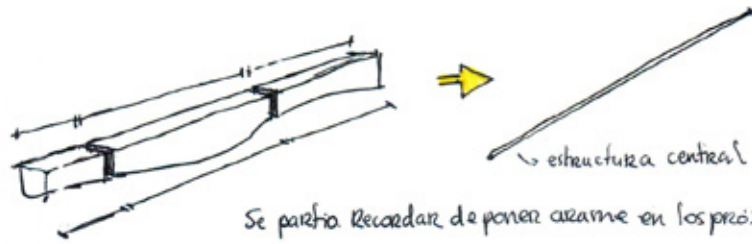
é sugerida, primeiramente, como uma tentativa de conferir uma expressão distinta em relação ao tradicional cimento cinzento e, seguidamente, com o objetivo de contribuir para a pesquisa da construção em terra através de uma experimentação simples.

Estrutura

A estrutura que ocupa a extensão poente do campo e do terreno é pensada, do ponto de vista construtivo, em elementos de betão armado construídos *in situ*, seguindo as linhas da experiência da *Cidade Aberta*. Inicialmente, desempenharia uma função de pérgola, não sendo definida do ponto de vista programático, no entanto, em fases mais avançadas da construção, propõe-se o encerramento dos módulos, de modo a determinar diferentes espaços com diferentes funções. Considera-se de relativa importância pensar em elementos como uma sala comunitária para reuniões de moradores, um espaço equipado para uma cozinha comunitária, pequenas células comerciais que substituam negócios ambulantes informais e outros tipos de programas a serem discutidos em conjunto e que correspondam às necessidades e expectativas reais da comunidade.

A estrutura acompanha a mudança de cota, tendo um segundo piso em contacto direto com o campo de futebol. Do mesmo modo, propõe-se uma ocupação progressiva deste pórtico, que poderá abrigar programas relacionados com a atividade desportiva, como balneários, salas de aula, consultórios, entre outros. Propõe-se uma cobertura inclinada em chapa metálica, o que permite contribuir para o sistema de recolha de água e criar ventilação cruzada no interior da estrutura. Pretende-se também que esta cobertura sirva como um elemento de otimização energética, criando um sistema de cobertura dupla no momento de encerramento das células.

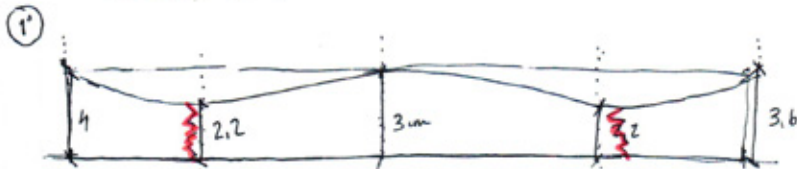
Adota-se assim uma estratégia de arquitetura evolutiva, onde são erguidos os elementos estruturais necessários que, devido à extensão pretendida, podem igualmente ser construídos em diferentes fases de consolidação. A imagem geral do edifício é formada progressivamente, através de diferentes apropriações espaciais posteriores, sem o total controlo do arquiteto. Esta estratégia assegura um envolvimento maior por parte da população local, aumentando a relação entre a comunidade e o novo equipamento e aumenta o carácter experimental da proposta que, mantém como objetivo principal, a análise dos resultados obtidos e da resposta geral da comunidade, viabilizando-a, ou não, como um candidato a uma requalificação urbana de maior envergadura.



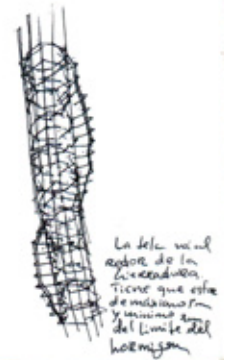
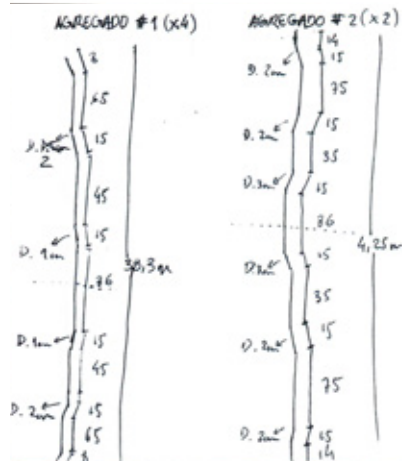
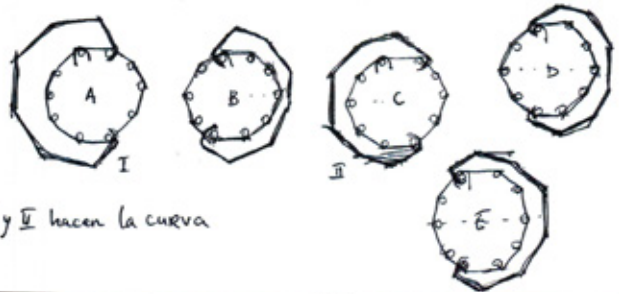
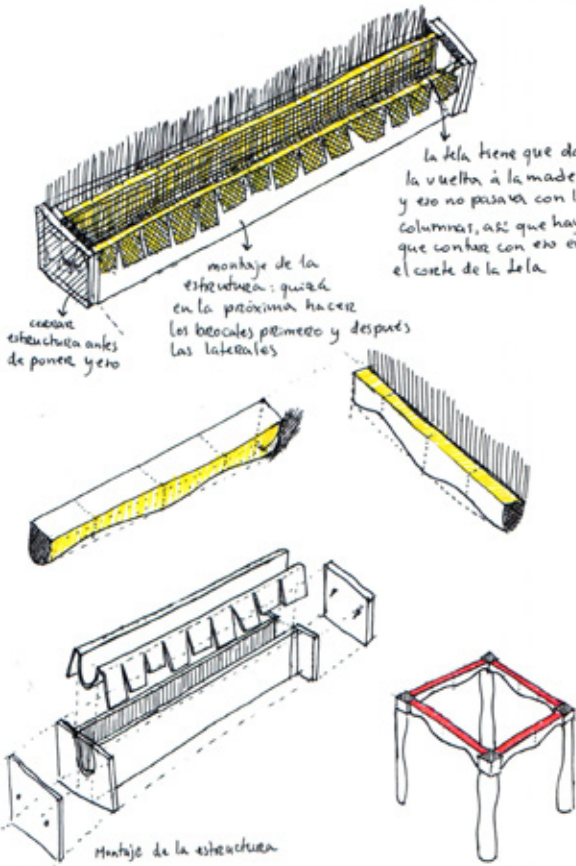
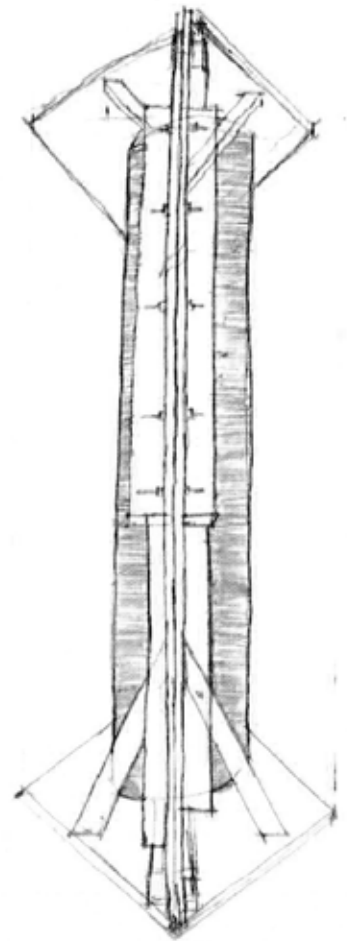
1. Sacar laterales
2. Sacar brocales
3. En la primera experiencia, primero se despegó la tela (pero se mantuvieron los brocales). En la próxima intentar sin despegar.

RESULTADOS DE LAS VIGAS

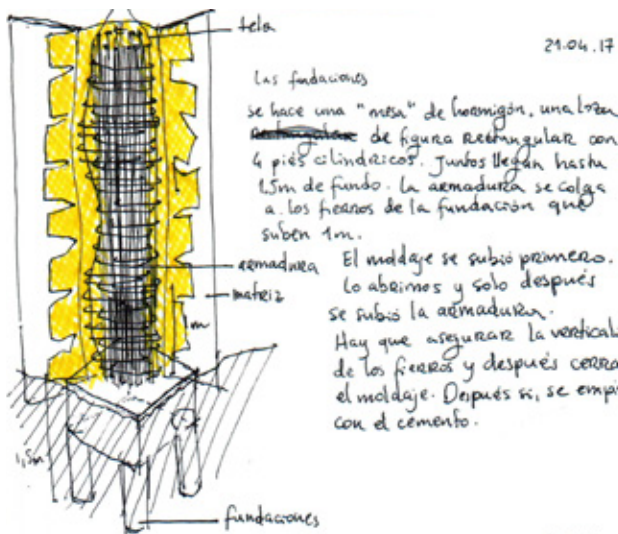
07.04.17



Las medidas no quedaron bien porque la curva fué colgada al exterior de la madera

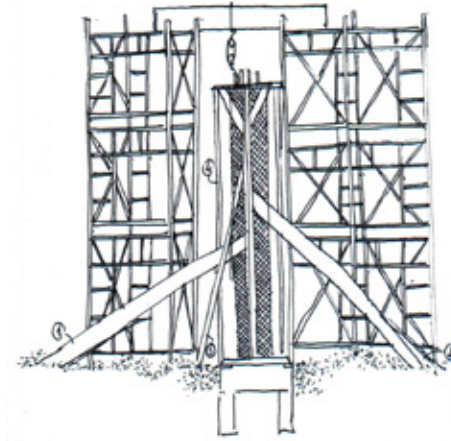


222. Desenhos de processo da experiência da *Cidade Aberta*: estudo de cofragens e armações autoproduzidas para pilares e vigas de betão.



29.04.17
 Las fundaciones se hace una "mesa" de hormigón, una losa de figura rectangular con 4 piés cilíndricos. juntos llegan hasta 1,5m de fondo. la armadura se colga a los fierros de la fundación que suben 1m.

El molde se subió primero. Lo abrimos y solo después se subió la armadura. Hay que asegurar la verticalidad de los fierros y después cerrar el molde. Después sí, se empieza con el cemento.



29.04.17

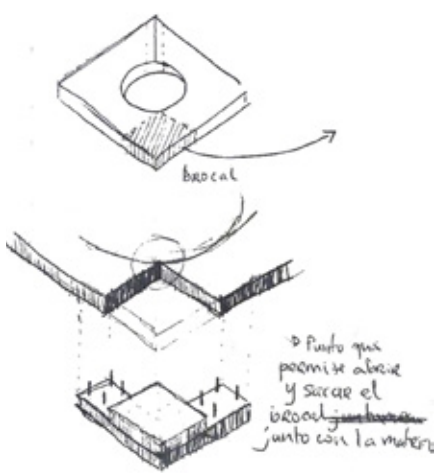
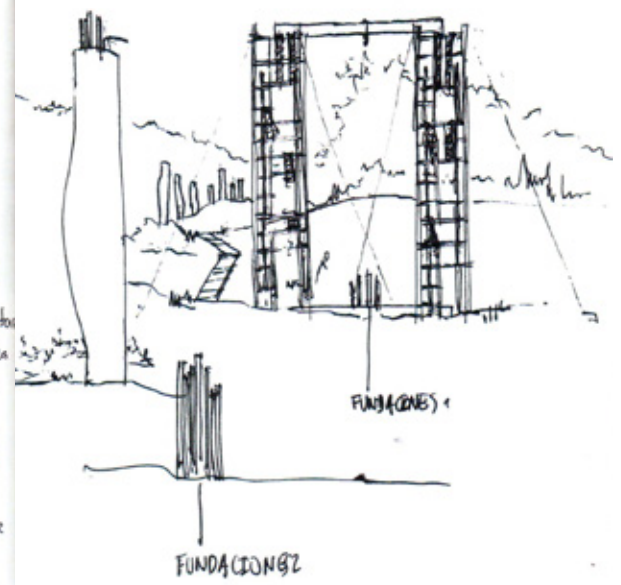
Estructura apoyada se usan varas diagonales para asegurar la verticalidad y estabilidad de la estructura. El molde y la armadura no se pueden mover al poner el hormigón.

Se uso al nivel y el plomo. No se podía mirar adentro para asegurar que la armadura está bien centrada. Eso se hizo por toque.

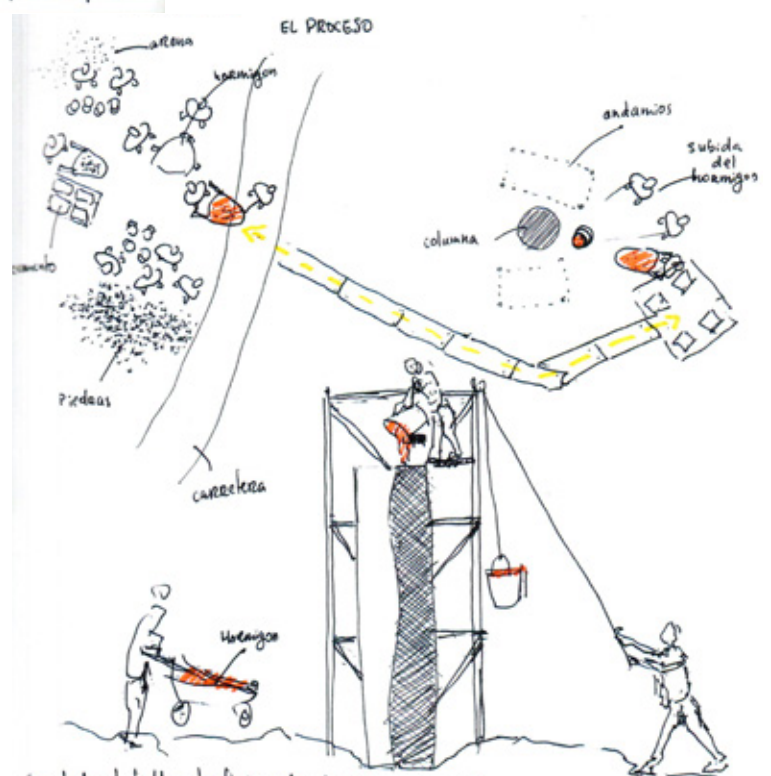
Al final el molde no se movió mucho pero vibra. Eso siempre va a pasar.

LA MEZCLA
 x 4 (3/4) de piedras
 x 2 cemento
 x 4 arena

10/12 litros agua + acelerante



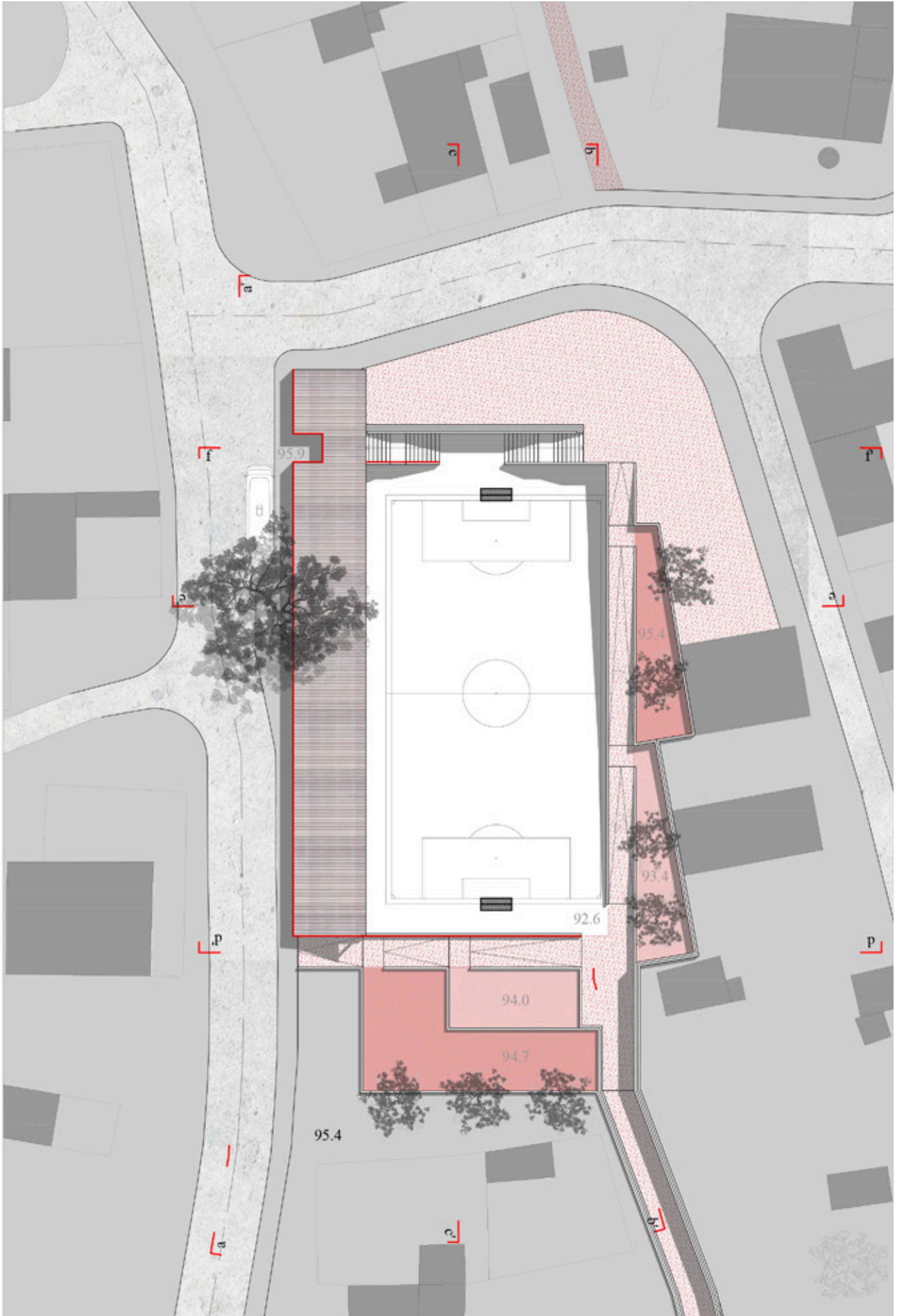
El punto que permito abrir y sacar el brocal junto con la matriz



Con todo el taller trabajando (= 27 personas) el proceso duró cerca de 2 horas.

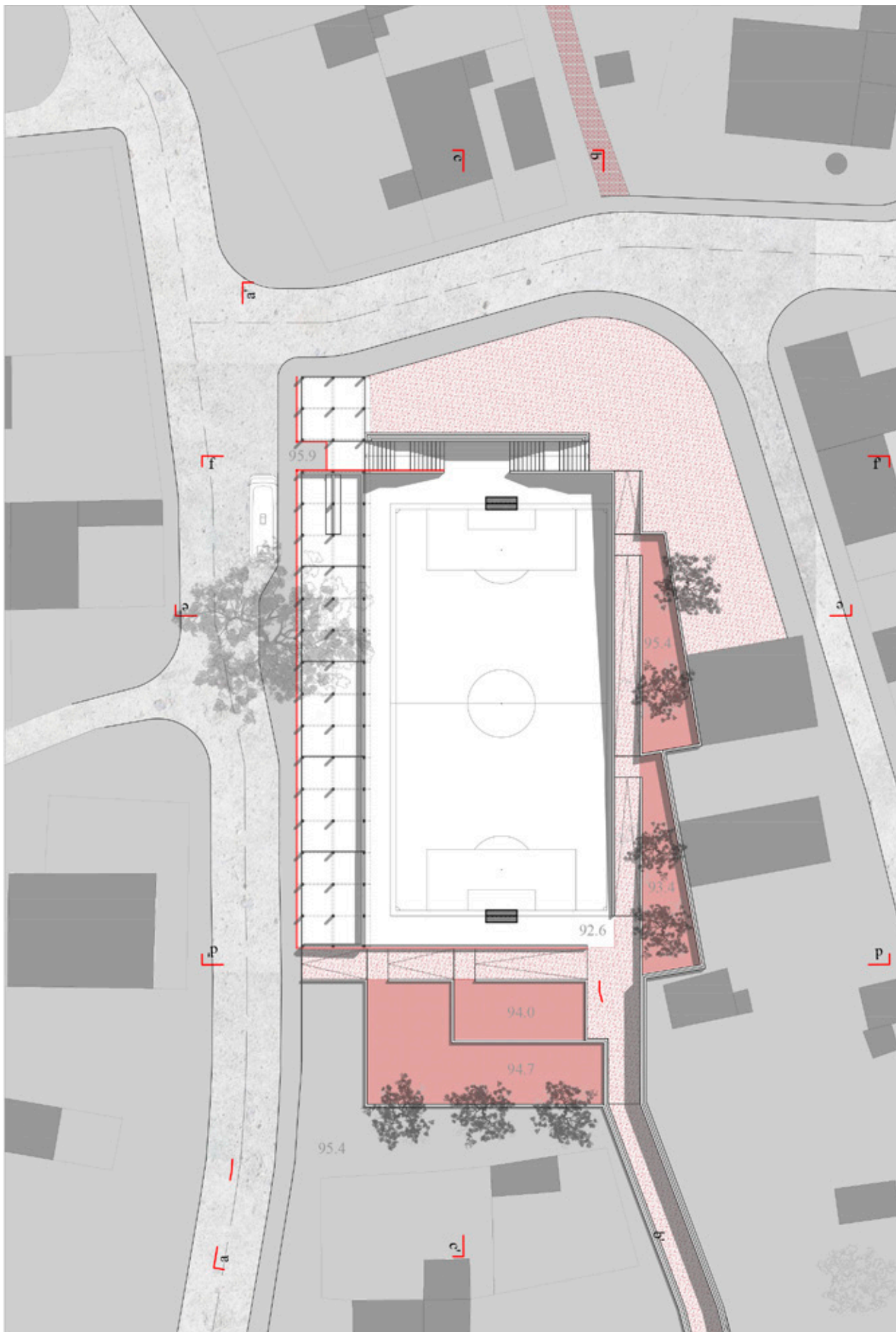
223. Desenhos de processo da experiência da Cidade Aberta: estudo das fundações e compreensão do processo de construção.

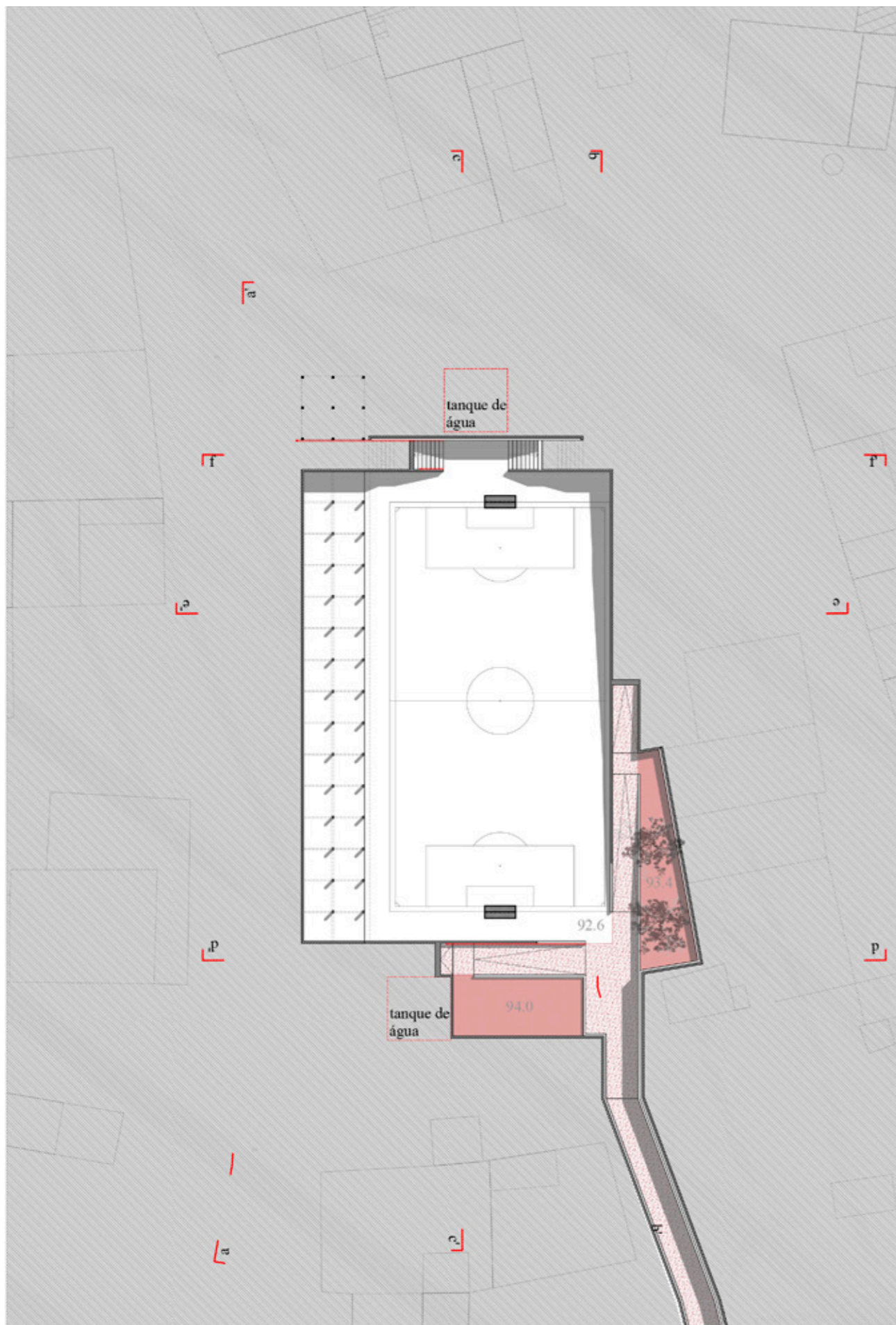
DESENHOS DE PROPOSTA



Implantação - Escala 1:500







Planta piso -1 - Escala 1:500



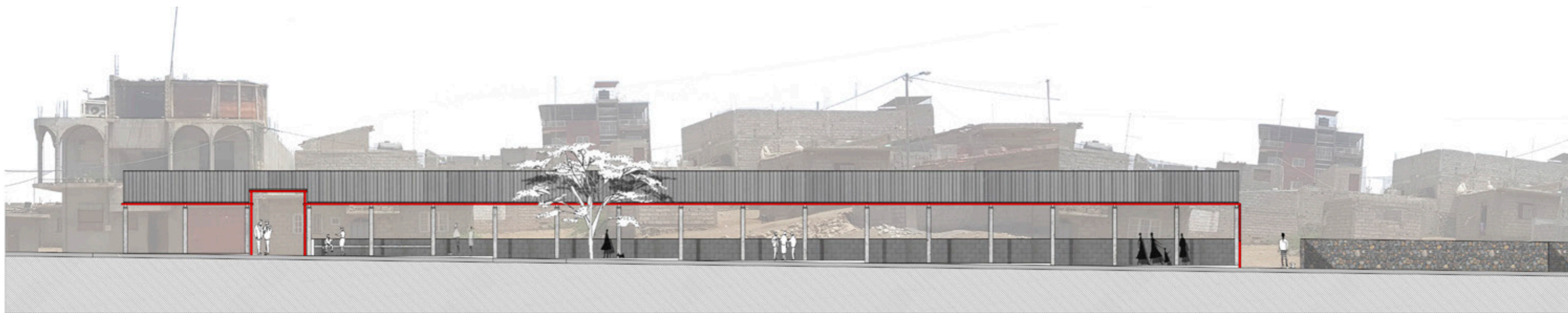
Corte transversal dd' - Escala 1:200



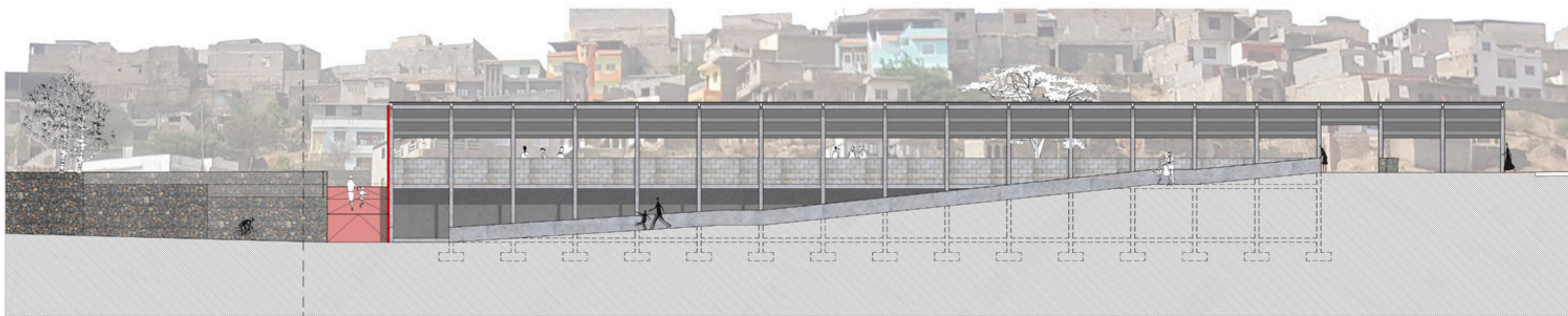
Corte transversal ee' - Escala 1:200



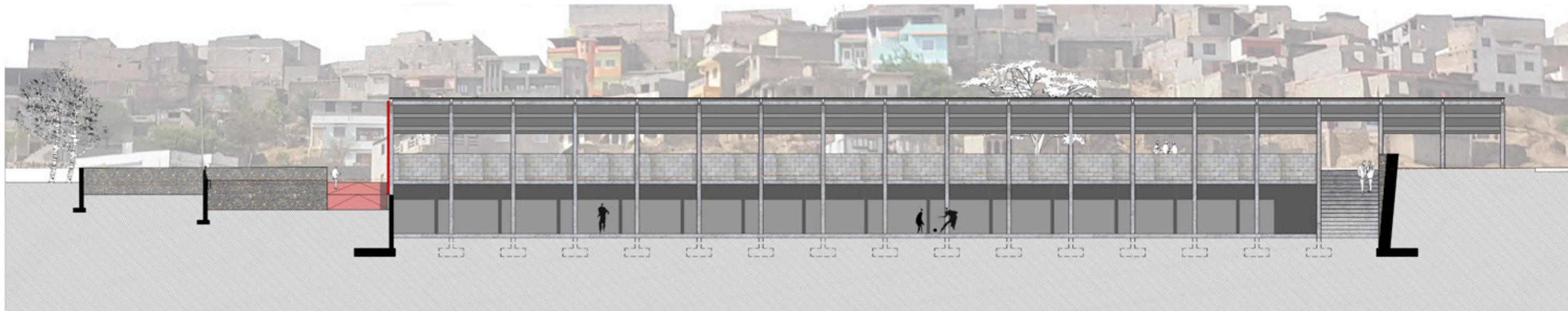
Corte transversal ff' - Escala 1:200



Corte longitudinal aa' - Escala 1:200

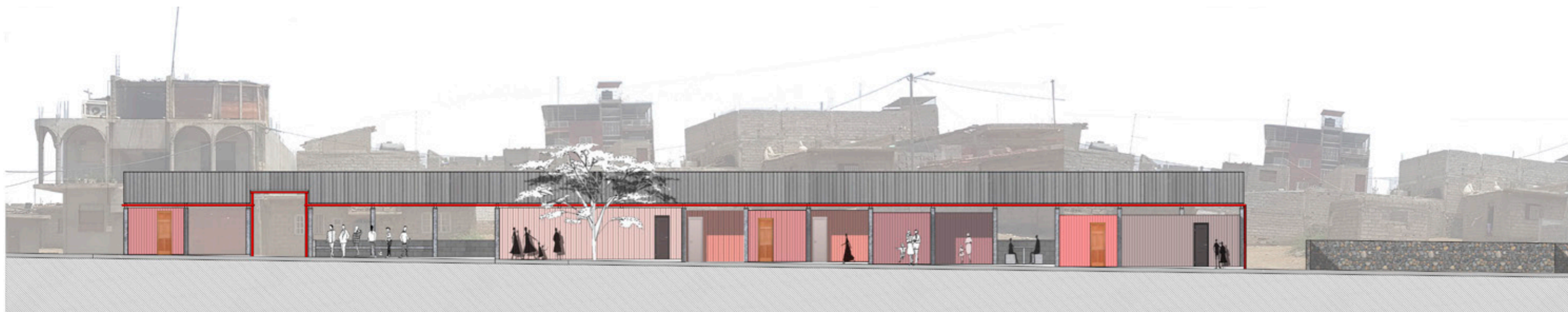


Corte longitudinal bb' - Escala 1:200



Corte longitudinal cc' - Escala 1:200



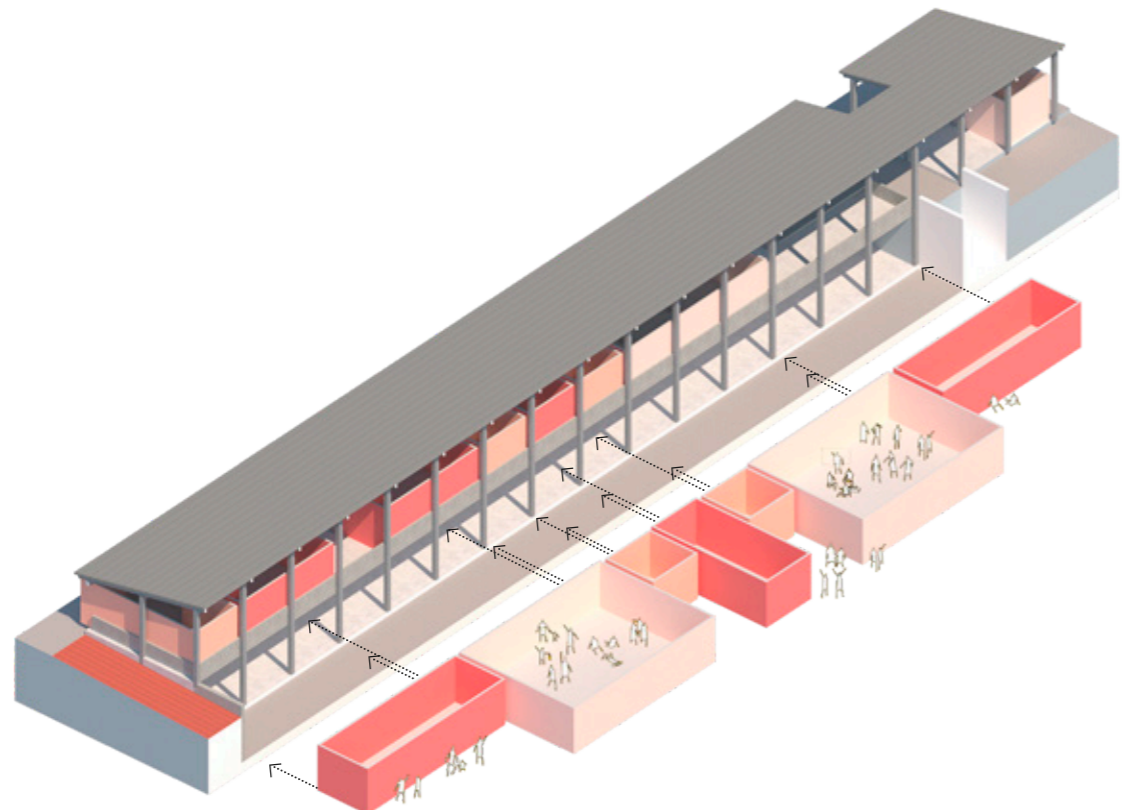
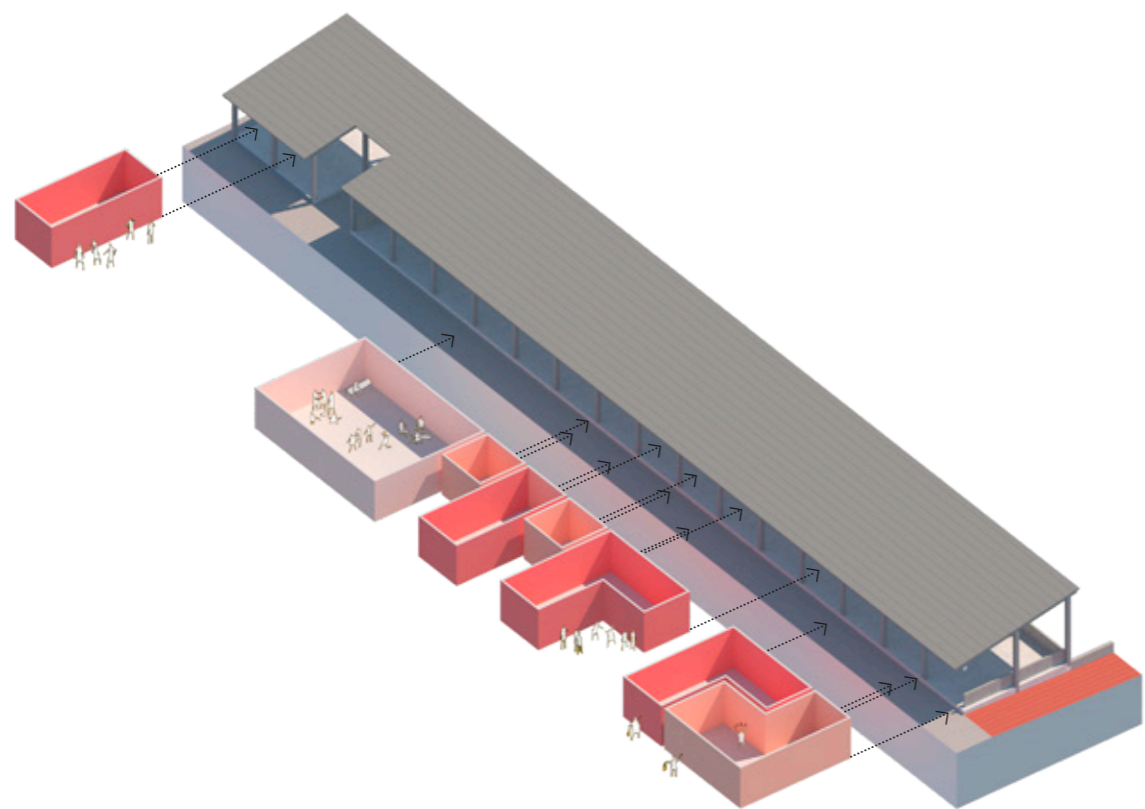


Possibilidades de apropriação / Alçado poente - Escala 1:200



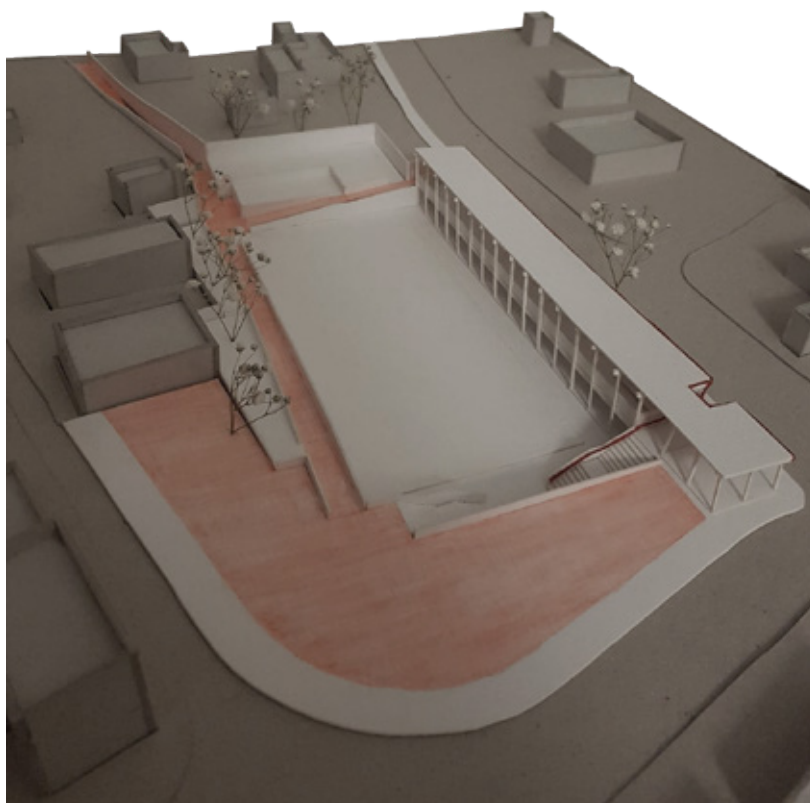
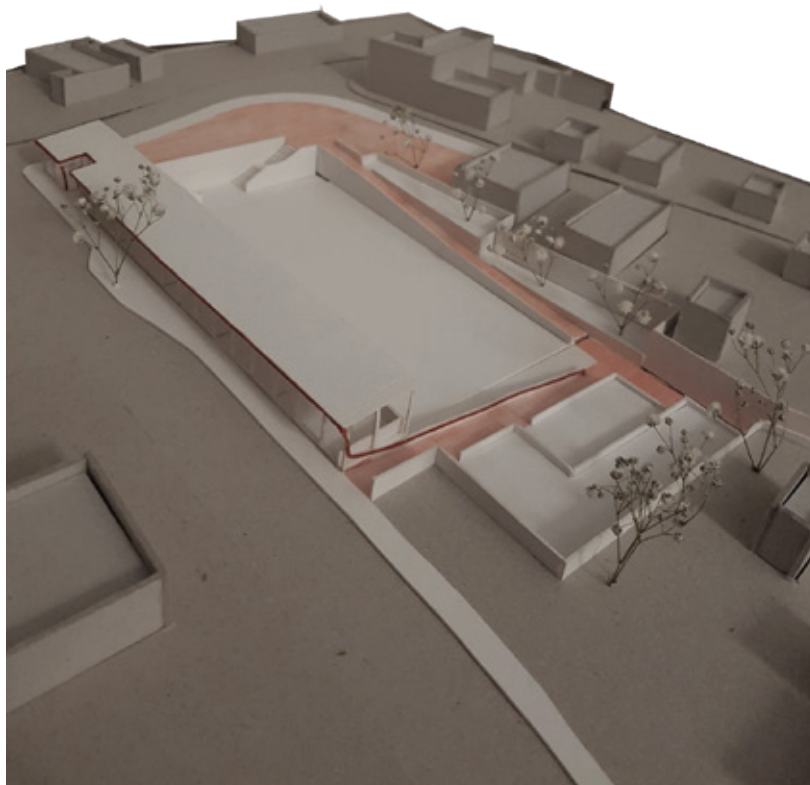
Possibilidades de apropriação / Alçado nascente - Escala 1:200





- sala comunitária/
• sala de reuniões/
• sala de aulas/
• sala multiusos
- WC público
- cozinha comunitária com espaço de arrumação
- balneários
- Outras possibilidades:
• áreas de apoio
• células comerciais

Estrutura original piso térreo e possibilidades de apropriação
Escala 1:200







CONSIDERAÇÕES FINAIS



224



225



226

224. Cidade da Praia: Habitação precária no Alto da Glória; *Mundo é tristi* (O mundo é triste), 2018.

225. Cidade Aberta: Montagem de andaimes, 2017.

226. Madrid: Estudantes participam numa atividade de requalificação de um pátio escolar, organizada pelo coletivo *Basurama*, 2017.

O percurso eleito apoiou-se num trabalho entre a discussão teórica e a pesquisa empírica que visou esclarecer quatro afirmações lançadas no início da discussão: *o arquiteto tem um dever social; a urbanização informal é um fenómeno de escala global; o processo participativo pode ser uma resposta eficiente no combate ao fenómeno, quando aplicado corretamente; e o conceito de comunidade ultrapassa valores abstratos, encarando diferentes formas de materialização*. A culminação destas ideias é representada num exercício de investigação, procura e proposta de intervenção, com os bairros informais da Cidade da Praia como pano de fundo. Aceitando o processo de abordagem e concretização como o ponto fulcral da investigação, traduziu-se essa ideia para a estruturação dos temas, categorizando-os como diferentes fases do processo arquitetónico: *a exposição de um problema, o reconhecimento de uma estratégia, a identificação de um objeto e a tradução de uma ideia*. O trabalho procurou manter um forte carácter pessoal, cruzando investigações teóricas com conhecimentos pessoais. Esse fator traduziu-se essencialmente na eleição do caso de estudo e no apoio nas experiências concretas de Valparaíso e Madrid.



227 - Empower Shack / Urban Think Tank (Cidade do Cabo, África do Sul).

(...) tremenda responsabilidade de uma profissão cuja presença é dia a dia mais evidente, embora também dia a dia menos isolada, menos egocêntrica, mais participante e mais exigente em matéria de estabelecimento de relações com outras atividades e com o fenómeno humano em geral.¹⁶⁴

No início desta investigação introduziu-se a ideia da arquitetura como uma prática independente da personagem exclusiva do arquiteto, baseando-se, essencialmente, em fenómenos de apropriação territorial espontânea resultantes da **incapacidade de vinculação entre crescimento demográfico e crescimento urbano**. Consequentemente, a lacuna gerada entre estes processos é colmatada através do desenvolvimento descontrolado do habitat informal. Com registos de uma atenção crescente direcionada para a problemática da precariedade urbana, o trabalho apresentado procurou aprofundar os conceitos inicialmente aceites como fundamentais para o **desenvolvimento de estratégias de intervenção em contextos de instabilidade económica e social**, contribuindo para a fundamentação teórica de novas metodologias de aproximação.

Cidade e sociedade estão em constante transformação. As alterações territoriais registadas à escala global foram a materialização das consequências de uma evolução social, posteriormente geradora de alterações no modelo tradicional de encomenda no campo da arquitetura. Face a este cenário, foi exigido aos arquitetos uma capacidade de adaptação às normativas da sociedade contemporânea. A sensibilidade do arquiteto como um pensador ativo no desenho do habitat humano permitiu **delinear novos contornos** e contribuir progressivamente com ferramentas para a criação de respostas que, tal como as problemáticas que estas tencionam solucionar, têm um carácter multidisciplinar.

164 Fernando Távora in PORTAS, Nuno (2007). *A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica*. 2ª edição fac-símile. Lisboa: Livros Horizonte, prefácio.

Assim, foram identificados mecanismos de produção espacial apoiados em processos de informalidade, autoconstrução e entreatajuda que contribuem para o desenvolvimento de políticas e estratégias de intervenção mais adequadas às carências de cada cenário e evitam frequentes erros de diagnóstico. Defendendo a necessidade de diálogo, essencialmente quando referindo à comunicação entre arquiteto e utilizador, o estudo dedicou-se em **traçar um processo de procura e identificação de uma oportunidade concreta de intervenção**, apoiando-se num objeto de estudo específico.

A Cidade da Praia vive uma realidade dupla: é o principal motor de desenvolvimento de Cabo Verde, ocupando uma posição exemplar no panorama geral de metrópoles do continente africano, no entanto, enfrenta um conjunto de problemas que carecem de soluções permanentes, relacionados com a incapacidade de planeamento do desenvolvimento urbano e gestão do crescimento demográfico. Esse carácter de realidade dupla, gerou um ambiente favorável para a dissimulação dos seus problemas, através de investimentos direcionados ao embelezamento da imagem geral da cidade. Assim, enquanto são desenvolvidos planos de reurbanização do setor sul da cidade, o setor norte cresce espontânea e irregularmente, aumentando as taxas de precariedade urbana e inviabilizando, cada vez mais, a resolução do problema.

Face a estas adversidades, a cidade abraçou o fenómeno da informalidade, negando ações agressivas de erradicação e reconhecendo a **potencialidade dos assentamentos precários como uma forma viável de produção urbana** à qual posteriormente podem ser associadas ações de regularização. A emergência habitacional e a limitação de recursos de grande parte da população justificaram, de certo modo, o domínio da autoconstrução em toda a paisagem periférica da cidade. Assim, reconheceu-se na elevada escala do problema, a constituição de um novo paradoxo. A complexidade do fenómeno da informalidade torna-se limitadora, do ponto de vista da incapacidade de criar programas e projetos capazes de eliminar, simultaneamente, o défice habitacional e os momentos de precariedade que rodeiam a cidade; no entanto, é essa mesma dimensão que permite expandir as áreas de intervenção e criar um leque de novas respostas e experiências. No trabalho apresentado, a experiência proposta parte do reconhecimento do **campo de futebol como um investimento corrente e diretamente relacionado com a cultura local**.

A dissertação esteve em fase de desenvolvimento durante o período da Copa do Mundo de Futebol de 2018, o que contribuiu para a investigação que procurava justificar o desporto e, neste caso em específico, **o futebol, como um agente influente na formação da identidade coletiva e sentimento de pertença**. A intensidade da competição motivou o desenvolvimento do tema, provando-se atual e relevante. Simultaneamente, foi possível associar este fenómeno à realidade do território da Cidade da Praia, onde vários campos de futebol de relvado sintético são distribuídos pelos bairros mais pobres da cidade, justificados pelas elevadas taxas de população jovem destas áreas. Reconhece-se assim uma **política urbana diretamente direcionada ao desporto**, onde os campos apontados desempenham uma função de **estruturadores sociais e espaciais**.

O campo de futebol disponibilizou o elemento comum necessário para a formação de uma estratégia de intervenção que pudesse ser aplicável específica e generalizadamente a cada bairro-alvo. Lançando as linhas-base de desenho, pretende-se que a proposta apresentada possa servir como um **modelo de protótipo de infraestruturização dos centros dos bairros precários da cidade**, associando-se e complementando os equipamentos que já estão construídos. Apesar de tudo, o objetivo principal da solução é o **acompanhamento analítico das novas dinâmicas sociais e espaciais geradas** pela integração do equipamento no tecido pré-existente do bairro apresentado, de forma a manter um diálogo com a população local e **aumentar a eficiência na formação de respostas ao combate do fenómeno da precariedade urbana**.

A designação escolhida de *Casa do Bairro*, procura ilustrar o carácter de abrigo comunitário pretendido para a nova construção. O projeto foi planeado para abrigar atividades que, tradicionalmente, são desempenhadas no interior do espaço habitacional, como o conviver, o cozinhar, o estudar, mas que, devido ao contexto de precariedade em que as habitações envolventes se inserem, tornaram-se negligenciadas. Considerando irrealista um projeto de requalificação urbana geral da área no âmbito de conceder a dignidade individual de cada habitação, o objetivo do projeto foi **fornecer o abrigo necessário para o resgate dessas atividades à escala comunitária**.

Do mesmo modo, apesar das constantes referências a ações de requalificação urbana, a proposta final não se atreve a um projeto de planeamento urbano completo do bairro que, sem a participação ativa de outros agentes e, essencialmente, dos seus moradores, durante todo o processo, certamente não corresponderia às expectativas e necessidades locais. Por se defender uma orientação a favor do processo participativo, não no sentido de uma condição imposta, mas, e fundamentalmente, como uma ferramenta de diálogo e mediação, mantém-se o projeto em aberto, sendo encarado sobretudo, como uma estratégia de intervenção, e não como uma proposta final. Procura-se, portanto, incentivar o diálogo e gerar atuações de apropriação progressiva, apostando numa articulação de esforços, capazes de desenvolver a *continuidade* necessária para a validação da estrutura como um agente potencializador das condições de vida do bairro.

No final, acredita-se que o percurso traçado lança as **bases para um processo de desenho coletivo dos espaços públicos do Alto da Glória**, assim como fornece uma nova abordagem geral no desenvolvimento de soluções referentes a situações de precariedade urbana na Cidade da Praia.

A ênfase posta nas possibilidades do urbano como conceito integrador não significa que os problemas fiquem magicamente resolvidos; apenas permitirá não esquecer os complexos sistemas de relações entre as escalas de intervenção e, sobretudo, não intervir sem uma clara estratégia referida a um conceito forte e a um projeto de imagem global que possa exprimir a dinâmica da sociedade e cultura urbanas.¹⁶⁵

165 PORTAS, Nuno (2007). *A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica*. 2ª edição fac-símile. Lisboa: Livros Horizonte, p.201.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMS, Charles (1966). *Housing in the Modern World. Man's struggle for shelter in an urbanizing world*. London: Faber and Faber.

ALLEGRETTI, Giovani, FORNUTO, Mariangela, LUCCHI, Gian Paolo (2010). *Campo de Forças – experiências para integração da praia informal*. Praia: Movimento África 70.

Architecture & participation (2005). 1ª edição. Londres: Spon Press.

BARROS, Victor (2010). *Cabo Verde, a Imaginação dos Espaços de Pertença: Atlântico, África e Europa*. In: RIBEIRO, Maria Manuela (2009): (Re) pensar a Europa. Coimbra: Almedina.

CARIA, Maria Emília (1969). *Urbanização da Cidade da Praia – Plano Diretor Básico*. Lisboa: Ministério do Ultramar.

DAVIS, Mike (2007). *Planet of slums*. Nova Iorque: Verso.

FATHY, Hassan (1973). *Architecture for the poor: an experiment in rural Egypt*. Chicago: University of Chicago Press.

FERNANDES, José Manuel (1996). *Cidades e Casas da Macaronésia: Série I. Ensaios*. Porto: FAUP Publicações.

FILGUEIRAS, Óctávio Lixa (1985). *Da Função Social do Arquitecto: para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*. Porto: E.S.B.A.P. – Arquitetura.

FRIEDMAN, Yona (2006). *Pro Domo*. Barcelona: Actar.

DE CARLO, Giancarlo (2013). *L'Architettura della partecipazione*. Macerata: Quodlibet.

HABRAKEN, N. J. (2005). *Palladio's Children*. Londres: Taylor & Francis.

HABRAKEN, N. J. (1998). *The Structure of The Ordinary: Form and Control in Built Environment*. Cambridge: The MIT Press.

HABRAKEN, N. J. (2000). *Housing for the millions*. Rotterdam: NAI Publishers.

HARVEY, David (1973). *Social Justice and the City*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.

HILL, Jonathan (2001). *Architecture: the subject is matter*. London: Routledge

HILL, Jonathan (1999). *Occupying architecture: between the architect and the user*. London: Routledge

- LEFEBVRE, Henri (1991). *The production of Space*. Cambridge: Basil Blackwell
- LERUP, Lars (1977). *Building the Unfinished*. Londres: SAGE Publications.
- MCGUIRK, Justin (2014). *Radical Cities: Across Latin America in search of a New Architecture*. Londres: Verso.
- MIESSEN, Markus (2011). *The Nightmare of Participation*. Berlim: Sternberg Press,
- MOTA, Nelson (2014). *An archaeology of the ordinary: rethinking the architecture of dwelling from CIAM to Siza*. Delft: University of Techonoly
- MUMFORD, Lewis (2004). *A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes
- NELSON, Carlos (1985). *Quando a rua vira casa: apropriação de espaços de uso colectivo em um centro de bairro*. 3ª ed. São Paulo: Projecto
- PALLASMAA, Juhani (2005). *The eyes of the skin*. Sussex: John Wiley & Sons
- PDM da Cidade da Praia, 2016.
- PDM da Cidade da Praia, 2013.
- PINTO, José Madureira (1985). *Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos: elementos de teoria e de pesquisa empírica*. Porto: Edições Afrontamento.
- PORTAS, Nuno (2007). *A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica*. 2ª edição fac-símile. Lisboa: Livros Horizonte
- PUENTES, Mauricio (2013). *La Observación Arquitectónica de Valparaíso: Su Periferia Efímera*. Viña del Mar: Ediciones E[ad].
- RÉMY, Jean, VOYÉ, Liliane (1994). *A cidade: rumo a uma nova definição?* Porto: Edições Afrontamento.
- RODNEY, Walter (1973). *How Europe Underdeveloped Africa*. Londres: Bogle-L'Ouverture Publications.
- ROGERS, Richard (2001). *Cidades para um pequeno planeta*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- RUDOFISKY, Bernard (1995) *Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture*. 3rd. ed. Albuquerque: University of New Mexico
- SERAGELDIN, Ismail (1997). *The Architecture of Empowerment: People, shelter and livable cities*. Londres: Academy Editions.

SOLA MORALES, Ignasi (1996). *Presente y futuros. La arquitectura en las ciudades*. Barcelona: Actar.

TURNER, John (1977). *Housing by People*. Nova Iorque: Pantheon Books

VAN LENGEN, Manuel (2010). *Manual do Arquitecto descalço*. Lisboa: Dinalivro

UN-HABITAT (2013). *Perfil Urbano da Cidade da Praia, Ilha de Santiago, República de Cabo Verde*. Praia: ONU-HABITAT

UN-HABITAT (2015). *Rumo ao Desenvolvimento Urbano Sustentável em Cabo Verde: Uma visão integrada*. Praia: ONU-HABITAT

UN-HABITAT (2003). *The Challenge of Slums: Global report on human settlements*. Londres: Earthscan Publications.

ZEVI, Bruno (1996). *Saber ver a arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes

PROVAS ACADÉMICAS:

ALVES, Andreia Filipa Monteiro (2017). *Agir, é preciso! Intervenções de arquitectura participativa e social*. Porto: Faup, 2017.

ALVES, João Carlos Teixeira (2014). *Arquitetura de intervenção: repensando o papel social do arquiteto através de modelos alternativos de prática*. Porto: FAUP.

BANDEIRINHA, José António (2007). *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Tese de Doutoramento em Arquitectura da Universidade de Coimbra.

CANOTILHO, Pedro (2008). *Habit: Arquitectura e a Problemática da Habitação*. Coimbra: Darq/FCTUC.

CENTEIO, Rider Amadeu Gonçales (2015). *A Construção e a Arquitectura Sustentável em Cabo Verde: Habitação unifamiliar em Santiago*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

FERNANDES, Ana Luísa da Silva (2015). *Entre remediar e solucionar: a estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza: São Tomé e Príncipe como laboratório*. Porto: Faup.

LEITE, Vítorio Ribeiro Tavares de Vasconcelos (2010). *Arquitetura da participação: o debate sobre o habitat participado entre o primeiro e o terceiro mundo, 1960-2010*. Porto: Faup.

LIMA, Kesia Mascarenhas de Oliveira (2015). *Do quarto de casa ao bairro: requalificação dos bairros precários da Cidade da Praia*. Porto: Faup.

LOPES, Paloma Estrela Cardo e Silva Monteiro (2016). *Sede do atelier Mar : projecto de reabilitação*. Porto: Faup.

PINHEIRO, Carolina Rosa (2012). *Musseques: processos de urbanização da pobreza*. Porto: Faup.

RODRIGUES, Fátima Cristina Cavaco da Palma (2014). *Uma casa para todos e à imagem de cada um*. Porto: FAUP.

PUBLICAÇÕES ONLINE:

MOASSAB, Andreia (2013). *Território e identidade em Cabo Verde: debate sobre a (frágil) construção identitária em contextos recém independentes no mundo globalizado*. Disponível em http://www.buala.org/pt/cidade/territorio-e-identidade-em-cabo-verde-debate-sobre-a-fragil-construcao-identitaria-em-context#footnoteref9_wjjdakx

Next City (2018). *Embracing the Paradox of Planning for Informality*. Disponível em <https://nextcity.org/features/view/embracing-the-paradox-of-planning-for-informality>

PALLASMAA, Juhani (2005). *Identity, Intimacy and Domicile* (Online). Disponível em http://www.uiah.fi/studies/history2/e_ident.htm

ThoughtEconomics (2012). *The Role of Architecture in Humanity's story*. Disponível em <https://thoughteconomics.com/the-role-of-architecture-in-humanitys-story/>

UN-HABITAT (2014), WHD – *Voices from slums: Background Paper: Nairobi*. Disponível em <https://unhabitat.org/wp-content/uploads/2014/07/World-Habitat-Day-2014-Backgrounder.pdf>

UN-HABITAT (2016). *The fate of housing – World Cities Report 2016*. Disponível em: <http://wcr.unhabitat.org/wp-content/uploads/2017/03/Chapter3-WCR-2016.pdf>

Vitruvius (2013). *A dinâmica do espaço na habitação mínima*. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.157/4804>

ARTIGOS E REVISTAS:

Advocacy and Pluralism in Planning by DAVIDOFF, Paul in *Journal of the American Institute of Planners*, 1965.

Lotus, Milão, v.143, 2010.

Lotus, Milão, v.145, 2011.

Space and Community: The Spatial Foundations of Urban Neighborhoods, by ROFE, Yodan in *Berkeley Planning Journal*, California, 1995.

DOCUMENTÁRIOS:

Siza Vieira, o Arquiteto e a Cidade Velha (2003) direção de Catarina Alves Costa. Portugal: RTP.

Urbanized (2011). Direção de Gary Hustwit. Estados Unidos: Documentário da série Design Trilogy.

CRÉDITOS DE IMAGENS

1. <https://www.lars-mueller-publishers.com/futebol>
2. Arquivo pessoal da autora (2016).
3. Compilação de fotos disponíveis online em: <http://basurama.org/>
4. <https://www.fastcompany.com/3068587/look-down-on-one-of-the-worlds-most-densely-populated-slums-in-these-aerial-shots>
5. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>
6. <https://www.archdaily.com.br/br/806798/classicos-da-arquitetura-acropole-de-atenas-ictinus-callicrates-mnesikles-e-phidias/58bee8b8e58eceb4af000213-classicos-da-arquitetura-acropole-de-atenas-ictinus-callicrates-mnesikles-e-phidias-imagem>
7. <http://visitaalange.es/las-termas-romanas/>
8. http://www.artinthepicture.com/paintings/Pieter_Brueghel_the_Younger/Battle-of-Carnival-and-Lent/
9. http://3.bp.blogspot.com/-FqCTAXIfJdU/T3sMSpkjvsI/AAAAAAAAANY/gObZnRen_A/s1600/INGLATERRA+REVOLU%C3%87%C3%83O+INDUSTRIAL+3.jpg
10. <https://senacatal.wordpress.com/2016/03/06/tony-garnier-from-an-industrial-city/>
11. <https://senacatal.wordpress.com/2016/03/06/tony-garnier-from-an-industrial-city/>
12. <https://www.flickr.com/photos/quadralectics/4371092204>
13. <http://utopiascommunity-story.blogspot.com/2010/04/familisterio-guisa.html>
14. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Id%C3%A9_d%27un_phalanst%C3%A8re.jpg
15. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637>
16. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637>
17. <https://www.moma.org/calendar/exhibitions/1410>
18. <https://99percentinvisible.org/article/ville-radieuse-le-corbusiers-functional-plan-utopian-radiant-city/>
19. <http://www.fondationlecorbusier.fr>
20. LERUP, Lars (1977). *Building the Unfinished*. Londres: SAGE Publications, p.87.
21. ROGERS, Richard (2001). *Cidades para um pequeno planeta*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 149.
22. HABRAKEN, N. J. (2000). *Housing for the millions*. Rotterdam: NAI Publishers, p.111.
23. <http://www.fondationlecorbusier.fr>

24. <http://www.fondationlecorbusier.fr>
25. Centro de Documentação 25 de Abril. Coleção de Alexandre Alves Costa.
26. Centro de Documentação 25 de Abril.
27. FRIEDMAN, Yona (2006). *Pro Domo*. Barcelona: Actar, p.145.
28. <http://www.archidatum.com/articles/focus-hassan-fathy/>
29. <https://www.publico.pt/2014/04/17/politica/noticia/arquitectos-que-protagonizaram-saal-vaio-debater-projecto-em-serralves-1632695>
30. https://www.archdaily.com/791639/surface-magazine-examines-alejandro-aravenas-architecture-of-improvement?ad_medium=gallery
31. ROGERS, Richard (2001). *Cidades para um pequeno planeta*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p.42.
32. DAVIS, Mike (2007). *Planet of slums*. Nova Iorque: Verso, p.3.
33. Google Maps.
34. <https://www.thedailystar.net/frontpage/dhaka-high-quake-risk-1252849>
35. Google Maps.
36. <http://www.fides.org/pt/news/60784->
37. Google Maps.
38. <https://imgur.com/r/UrbanHell/TBHLYer>
39. Google Maps.
40. https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo
41. Google Maps.
42. http://webluxo.com.br/menu/turismo/cidade_do_mexico.htm
43. UN-HABITAT (2003). *The Challenge of Slums: Global report on human settlements*. Londres: Earthscan Publications, p.15.
44. <http://wikimapia.org/78283/Dharavi>
45. https://www.tripadvisor.com/LocationPhotoDirectLink-g304554-d10239231-i184933848-Magical_Mumbai_Tours-Mumbai_Maharashtra.html
46. <https://kuni.photoshelter.com/image/I000016kkz4ltCYI>
47. <http://www.africaranking.com/20-worst-slums-in-africa/>
48. <http://ugandansatheart.blogspot.com/2015/02/uah-kibera-largest-urban-slum-in-africa.html>
49. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2514439/American-photographers-touching-pictures-worlds-largest-slum.html>

- 50 e 51.** https://forum.hardware.fr/hfr/Discussions/Loisirs/images-etonnantes-cons-sujet_78667_3998.htm
- 52.** SERAGELDIN, Ismail (1997). *The Architecture of Empowerment: People, shelter and livable cities*. Londres: Academy Editions, p.95.
- 53.** <https://unhabitat.org/urban-initiatives/initiatives-programmes/participatory-slum-upgrading/>
- 54.** <https://www.canadianarchitect.com/features/learning-balkrishna-doshi/attachment/isaranya/>
- 55.** *Architecture & participation* (2005). 1ª edição. Londres: Spon Press.
- 56.** DE CARLO, Giancarlo (2013). *L'Architettura della partecipazione*. Macerata: Quodlibet.
- 57.** TURNER, John (1977). *Housing by People*. Nova Iorque: Pantheon Books
- 58.** MIESSEN, Markus (2011). *The Nightmare of Participation*. Berlim: Sternberg Press,
- 59.** Produção da autora.
- 60.** TURNER, John (1977). *Housing by People*. Nova Iorque: Pantheon Books, p.144, 158 e 180.
- 61.** <http://www.citizenshandbook.org/arnsteinsladder.html>
- 62 e 63.** https://www.archdaily.com/775060/radical-pedagogies-reconstructing-architectural-education?ad_medium=gallery
- 64.** https://www.archdaily.com/789384/architecture-as-agent-of-change-remembering-charles-correa-india?ad_medium=gallery
- 65.** SERAGELDIN, Ismail (1997). *The Architecture of Empowerment: People, shelter and livable cities*. Londres: Academy Editions, p.108.
- 66.** http://www.pureviagem.com.br/noticia/turismo-em-sao-francisco-o-que-fazer-na-cidade_a4595/1
- 67.** <https://viagens.sapo.pt/planejar/noticias/artigos/sunrise-experience-assistir-ao-nascer-do-sol-no-topo-do-empire-state-building>
- 68.** <http://lusitanie.info/2010/04/coupe-du-monde-de-football-nationalisme-patriotisme-et-dechirements/>
- 69.** FRIEDMAN, Yona (2006). *Pro Domo*. Barcelona: Actar, p.20.
- 70 a 73.** SERAGELDIN, Ismail (1997). *The Architecture of Empowerment: People, shelter and livable cities*. Londres: Academy Editions, p.44.
- 74.** Google Maps.

75. <https://www.viagensecaminhos.com/2016/09/brasil-ia-quando-ir-onde-ficar-o-que-fazer.html>
76. Google Maps.
77. <https://voyages.michelin.fr/europe/grece/iles-de-la-mer-egee-meridionale/les-cyclades/mykonos/mykonos-hora>
78. LERUP, Lars (1977). *Building the Unfinished*. Londres: SAGE Publications, p.70.
79. FATHY, Hassan (1973). *Architecture for the poor: an experiment in rural Egypt*. Chicago: University of Chicago Press.
80. SERAGELDIN, Ismail (1997). *The Architecture of Empowerment: People, shelter and livable cities*. Londres: Academy Editions.
81. Google Earth.
82. <https://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliernob-plus-projecto-warehouse>
- 83 a 86. <http://warehouse.pt/c011-pt.html>
87. <http://tantomar.pt/noticias/>
88. Produção da autora.
89. Google earth.
90. <https://www.archdaily.com/8319/womens-health-centre-fare>
- 91 a 94. <http://www.archidatum.com/projects/centre-pour-le-bien-%C3%AAtre-des-femmes-fare-studio/>
- 95 a 98. <https://www.archdaily.com/8319/womens-health-centre-fare>
99. <http://www.archidatum.com/projects/centre-pour-le-bien-%C3%AAtre-des-femmes-fare-studio/>
100. Google earth.
- 101 e 102. <https://www.archdaily.com.br/br/761355/escola-em-chuquibambilla-ama-plus-bosch-arquitectos>
- 103 a 109. <https://habitar-arq.blogspot.com/2014/06/escuela-en-chuquibambilla.html>
110. Produção da autora.
111. <https://www.ih.pt/alugueres-casa-calheta-do-maio/2IH8/>
112. Produção da autora com base no original apresentado em LOPES, Paloma Estrela Cardo e Silva Monteiro (2016). *Sede do atelier Mar : projecto de reabilitação*. Porto: Faup, p.18.
113. https://www.riu.com/pt/binaris/new-slide-clubhotel-riu-karamboa_tcm73-179803.jpg

114. http://www.yogonet.com/uploads/imagenes/repositorio/latam/7378/20160217032335e72b81bd778d5ba8c4f33f21e8ca1bd5_min.jpg
115. Arquivo pessoal da autora (2018).
116. Produção da autora.
117. SILVEIRA, Luís. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, volume 2, p.135.
118. Produção da autora com base no original disponível em <http://amantedarosa.blogspot.com/>
119. Christiano José de Senna Barcelos (1902). *Plano Hydrographico do Porto da Praia*. In IICT (Centro de Documentação e Informação).
120. Produção da autora com base no original disponível em SILVEIRA, Luís. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, volume 2, p.137.
- 121 e 122. LIMA, Kesia Mascarenhas de Oliveira (2015). *Do quarto de casa ao bairro: requalificação dos bairros precários da Cidade da Praia*. Porto: Faup, p.73 e 74.
- 123 a 125. Produção da autora.
126. <http://www.apdr.pt/siterper/numeros/RPER24/24.7.pdf>
- 127 a 136. Produção da autora.
- 137 a 148. Arquivo pessoal da autora (2018).
149. Produção da autora.
- 150 e 151. Arquivo pessoal da autora (2018).
152. Praia, C. M. (2011). *Relatório de Caracterização e Diagnóstico-Dimensão do Uso e Ocupação do Solo*. Praia: PDM do Município da Praia, p.65-67.
- 153 e 154. Produção da autora.
- 155 e 156. Arquivo pessoal da autora (2018).
157. SEMEDO, Adriana Xavier (2016). *Qualidade Habitacional em Sustentabilidade: Área Habitacional Clandestina na Praia – Cabo Verde*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, p.78.
158. https://www.asemana.publ.cv/spip.php?page=article&id_article=101076
159. NEVES, Claudete Simone Cabral (2014). *Materiais e Técnicas Construtivas de baixo custo para a Construção em Cabo Verde*. Coimbra: Faculdade de Ciências de Tecnologia, p.66.
160. Arquivo pessoal da autora (2018).
161. Produção da autora.

- 162.** ALLEGRETTI, Giovani, FORNUTO, Mariangela, LUCCHI, Gian Paolo (2010). *Campo de Forças – experiências para integração da praia informal*. Praia: Movimento África 70, p.32 e 33.
- 163.** ALLEGRETTI, Giovani, FORNUTO, Mariangela, LUCCHI, Gian Paolo (2010). *Campo de Forças – experiências para integração da praia informal*. Praia: Movimento África 70, p.42.
- 164 e 165.** Produção da autora.
- 166 e 167.** Movimento África 70, Câmara Municipal da Praia (2005). *Melhoramento das condições de vida nos bairros espontâneos da Cidade da Praia - Intervenção Piloto no bairro da Bela Vista*. Praia: Alfa Comunicações.
- 168.** ALLEGRETTI, Giovani, FORNUTO, Mariangela, LUCCHI, Gian Paolo (2010). *Campo de Forças – experiências para integração da praia informal*. Praia: Movimento África 70, p. 80 e 81.
- 169.** ALLEGRETTI, Giovani, FORNUTO, Mariangela, LUCCHI, Gian Paolo (2010). *Campo de Forças – experiências para integração da praia informal*. Praia: Movimento África 70, p. 82 e 83.
- 170.** Foto publicada por *teresapintoribeiroarquitectura* (Instagram, 11 de Agosto de 2018).
- 171.** Google Maps.
- 172.** <https://www.casaesol.cv/imovel/moradia-isolada/arrendamento/novo/praiasantiago/?id=3883891>
- 173 a 178.** Arquivo pessoal da autora (2018).
- 179.** <http://executivtour.cv/img/p/52-356-thickbox.jpg>
- 180.** Produção da autora.
- 181.** <http://www.cruzamundos.com/wp-content/uploads/2015/12/cv-04-05.jpg>
- 182 e 183.** Arquivo pessoal da autora (2018).
- 184.** *Siza Vieira, o Arquiteto e a Cidade Velha* (2003) direção de Catarina Alves Costa. Portugal: RTP.
- 185.** Exposição *Álvaro Siza em Roveretto*, 2015. Cedida por Ailton Correia.
- 186.** <http://www.arquipelagos.pt/arquipelagos/imagePopUp.php?id=39560>
- 187.** Google earth.
- 188.** NEVES, Claudete Simone Cabral (2014). *Materiais e Técnicas Construtivas de baixo custo para a Construção em Cabo Verde*. Coimbra: Faculdade de Ciências de Tecnologia, p.24.

189 a 192. Google Maps.

193. Arquivo pessoal da autora (2018).

194 a 196. Produção da autora.

197 e 198. FERREIRA, Vladimir (2016). *Agricultura e Futebol: Resistências e ajustamentos no uso do território na aldeia de Renque Purga, Ilha de Santiago, Cabo Verde*. Disponível em: <file:///C:/Users/saraa/Downloads/64558-265223-1-PB.pdf>

199 e 200. Produção da autora.

201. PDM da Cidade da Praia, 2016, p. 28.

202. Produção da autora.

203 a 206. Arquivo pessoal da autora (2018).

207 e 208. Produção da autora.

209. Produção da autora com base em documentos cedidos pelo arquiteto Nuno Lobo.

210 e 211. Produção da autora.

212 e 213. Arquivo pessoal da autora (2017).

214 a 2017. Produção da autora.

218. <https://www.ead.pucv.cl/>

219. <http://www.archidatum.com/projects/gando-primary-school-k%C3%A9r%C3%A9-architecture/>

220. <https://www.archdaily.com/213222/steilneset-memorial-peter-zumthor-and-louise-bourgeois-photographed-by-andrew-meredith>

221. <https://www.dezeen.com/2017/06/02/peter-zumthor-stilted-zinc-mine-museum-buildings-aldo-amoretti-photography-norway/>

222 e 223. Produção da autora.

224. Arquivo pessoal da autora (2018).

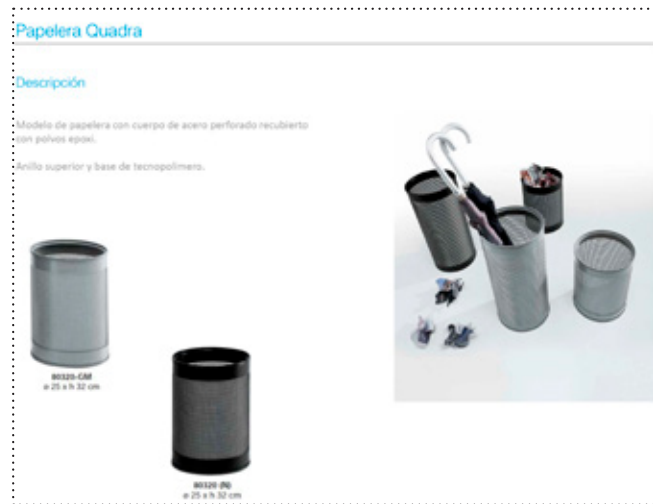
225. Arquivo pessoal da autora (2017).

226. Arquivo pessoal da autora (2017).

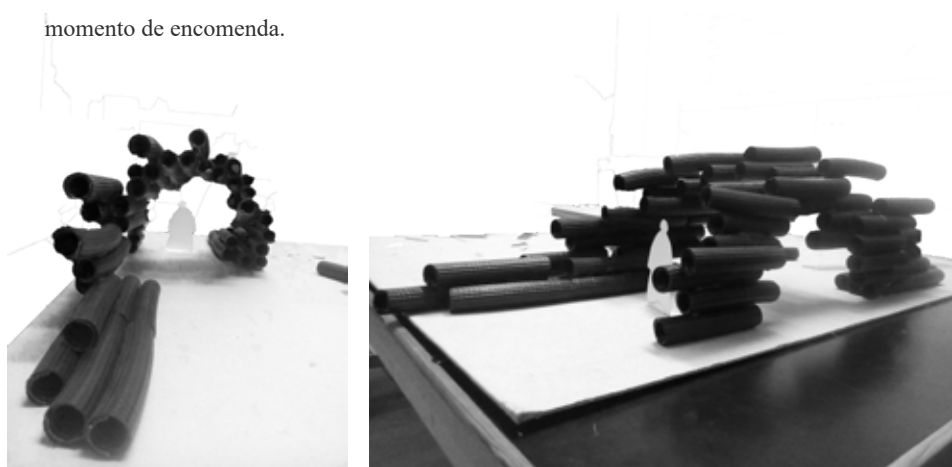
227. <http://www.archidatum.com/projects/empower-shack-urban-think-tank/>

APÊNDICES

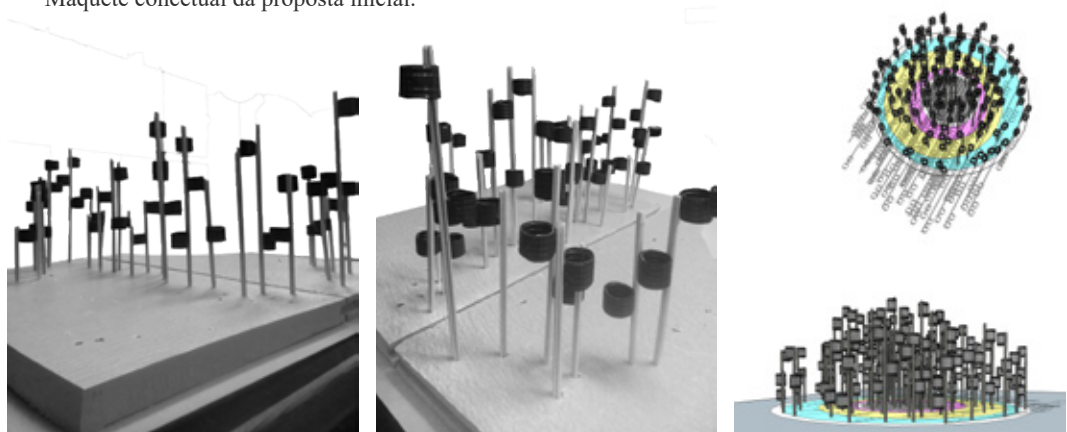
APÊNDICE I: Projeto *Bershka, Basurama*.



Ficha de descrição do objeto enviada no momento de encomenda.



Maquete concetual da proposta inicial.



Maquete concetual da proposta final.

Primeira proposta de grafismo.



Planta de Território - escala 1:5000

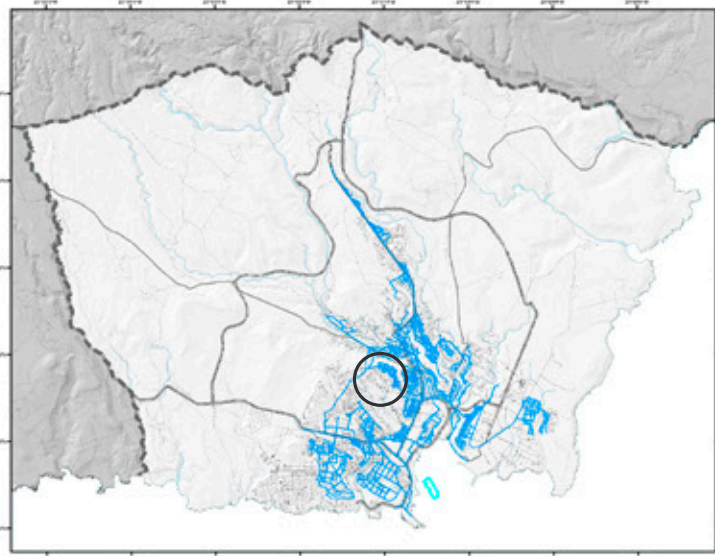


APÊNDICE II: Ficha de bairro de classe C (Achada Eugénio Lima).

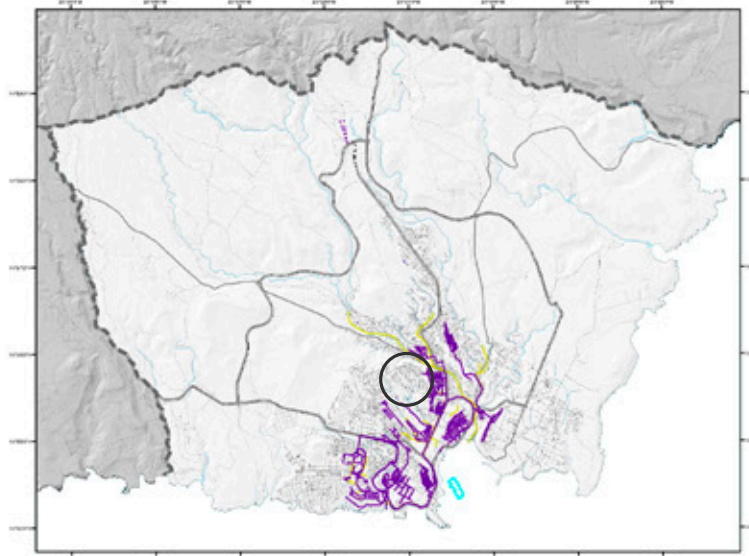


Imagens ©2018 DigitalGlobe, Dados do mapa ©2018 Google 200 m

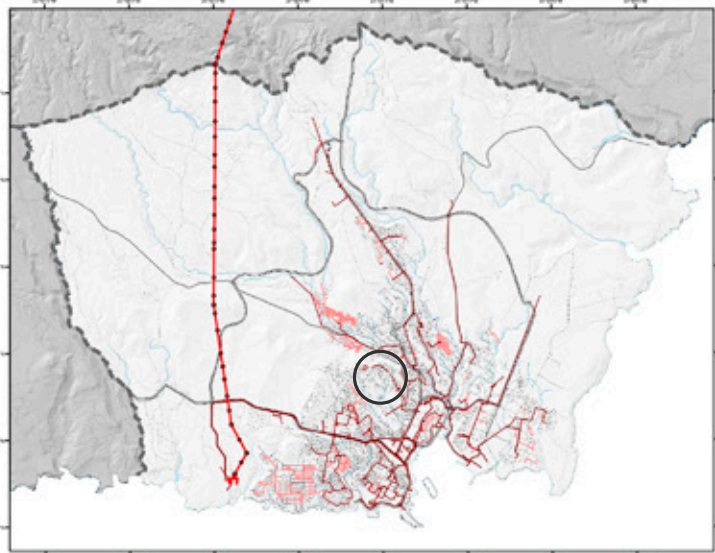
Redes de Infraestruturas



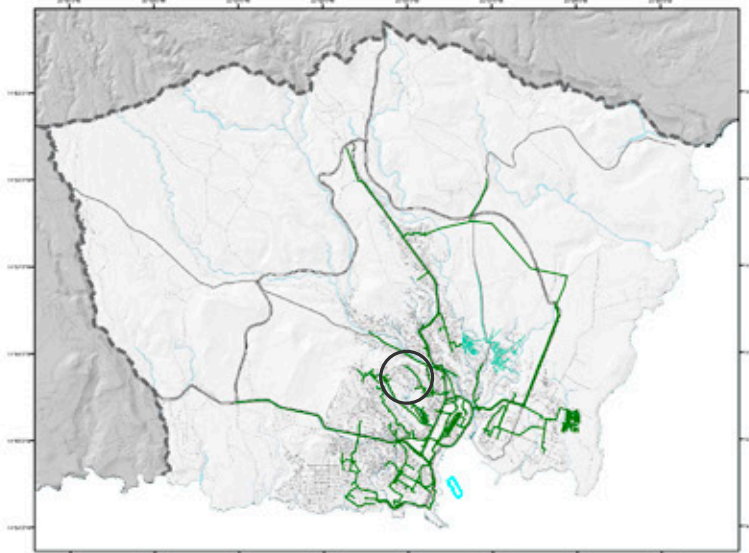
Rede de água



Rede de esgotos e drenagem pluvial



Rede de eletricidade



Rede de telecomunicações

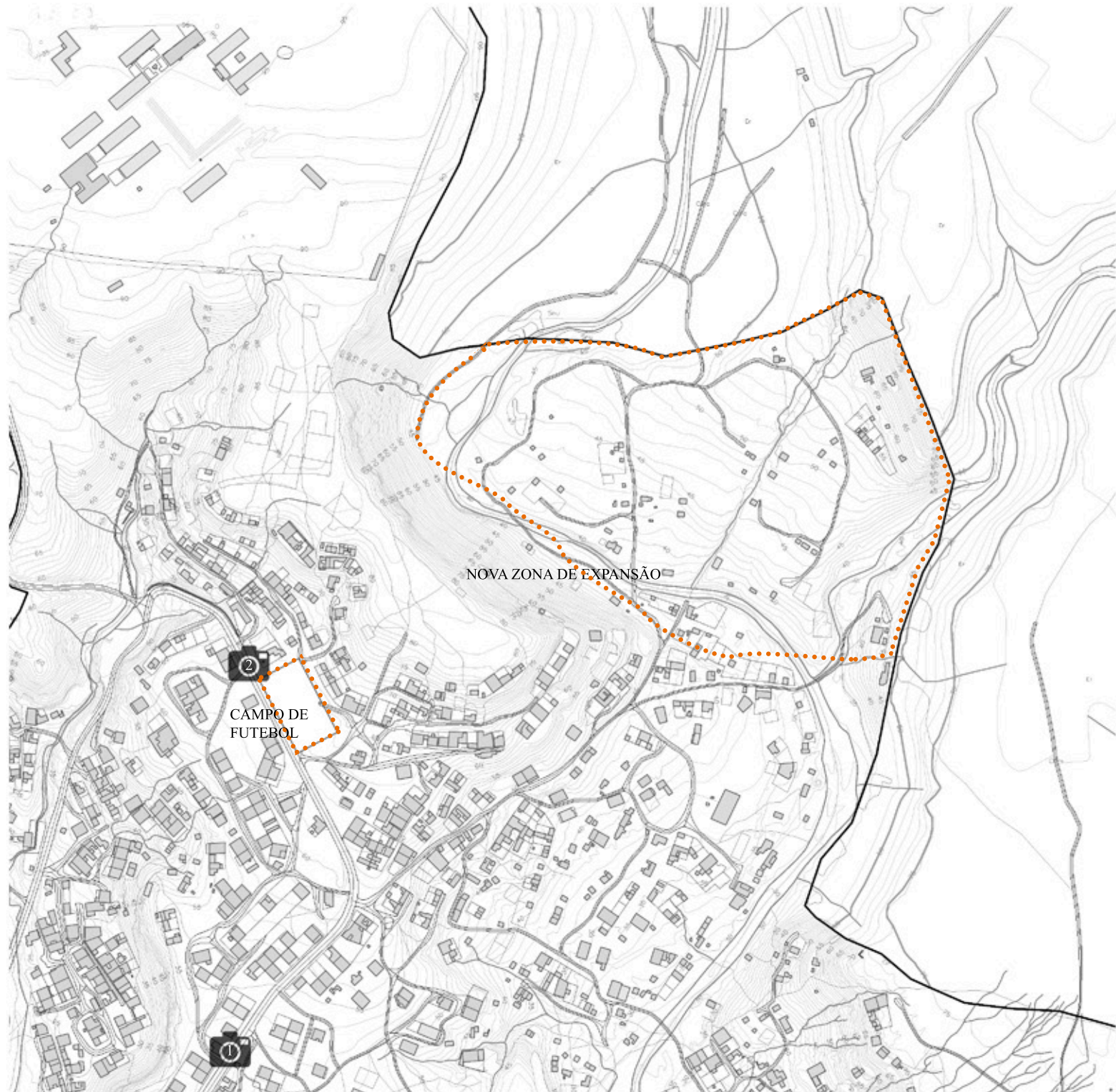


1



2

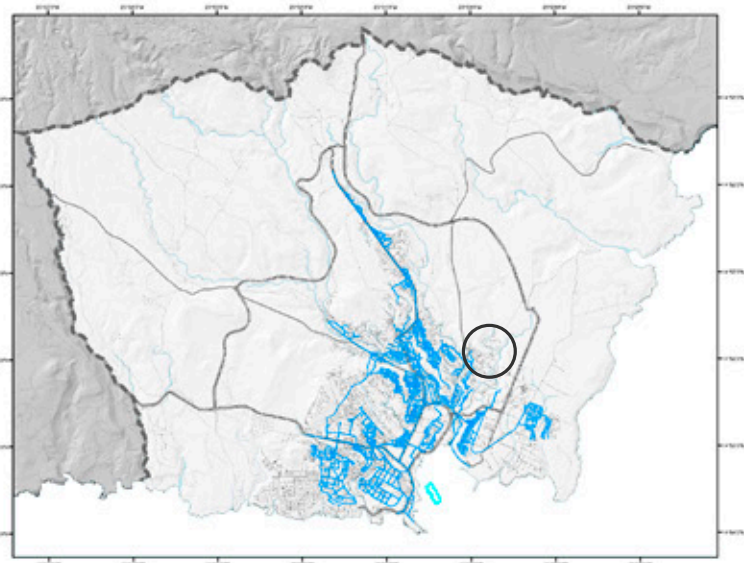
Planta de Território - escala 1:5000



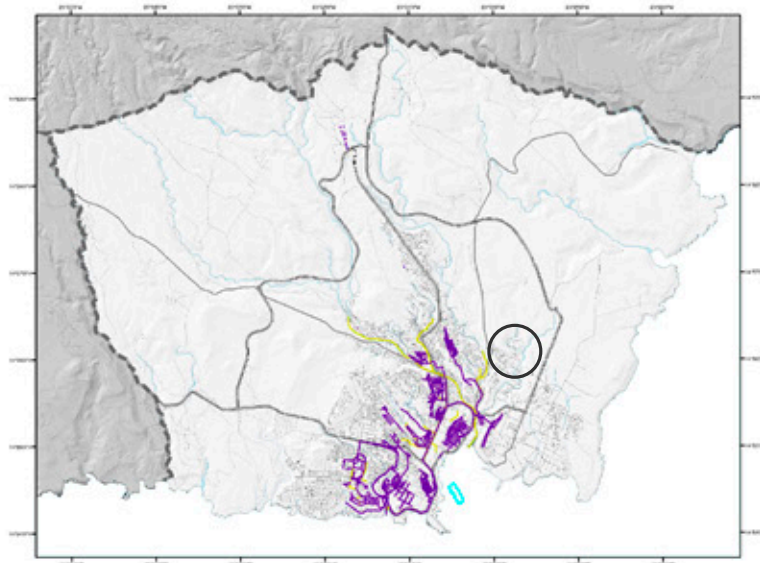
APÊNDICE III: Ficha de bairro de classe C (Achada Mato).



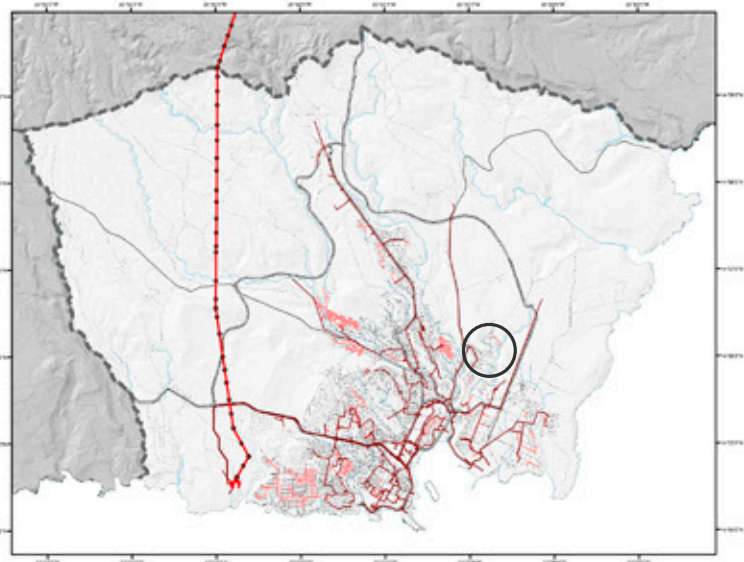
Redes de Infraestruturas



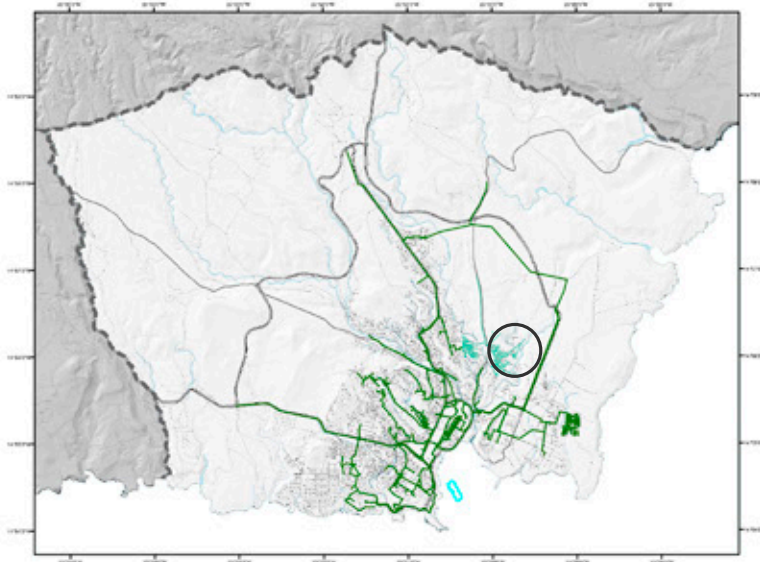
Rede de água



Rede de esgotos e drenagem pluvial



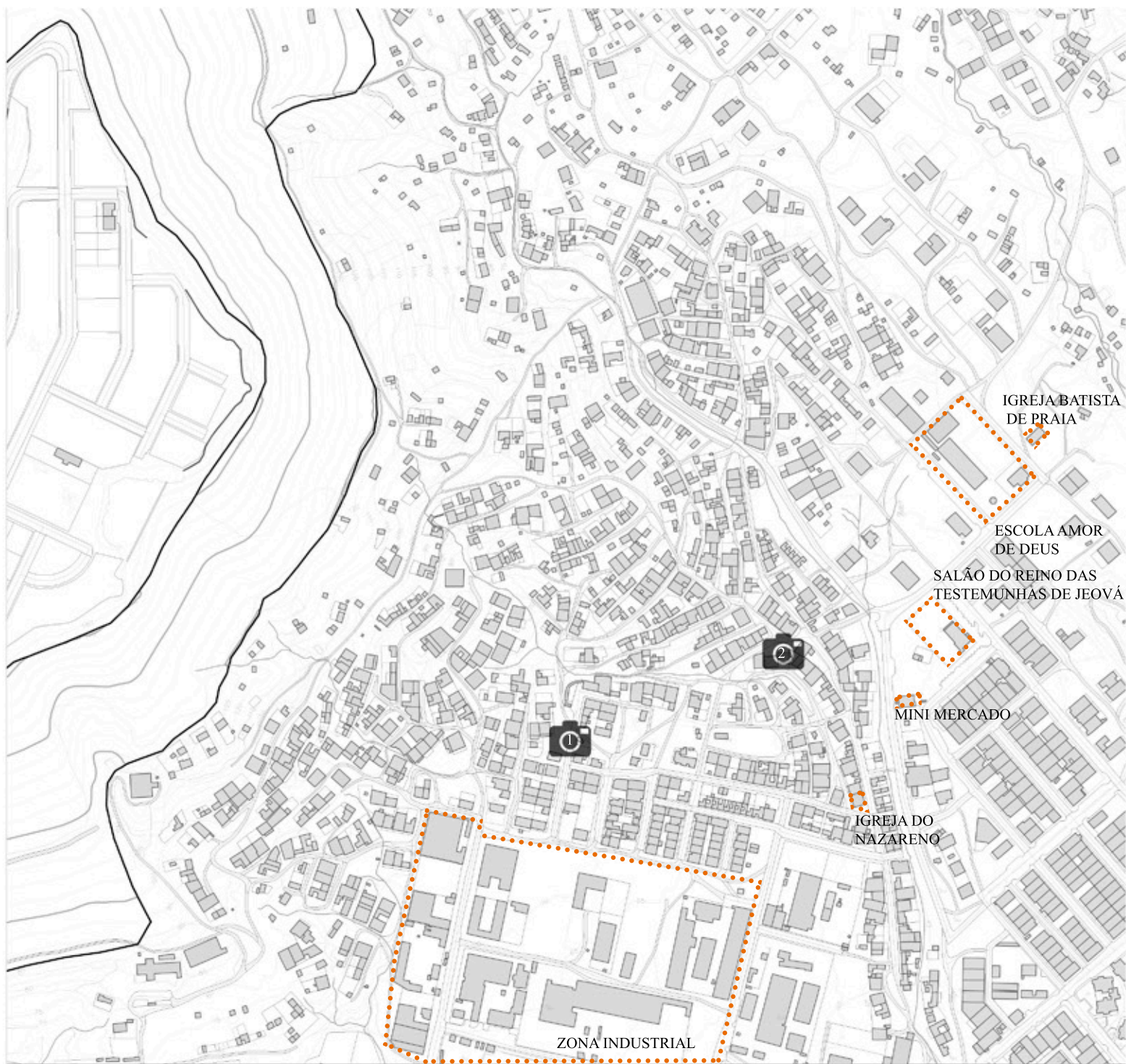
Rede de eletricidade



Rede de telecomunicações



Planta de Território - escala 1:5000

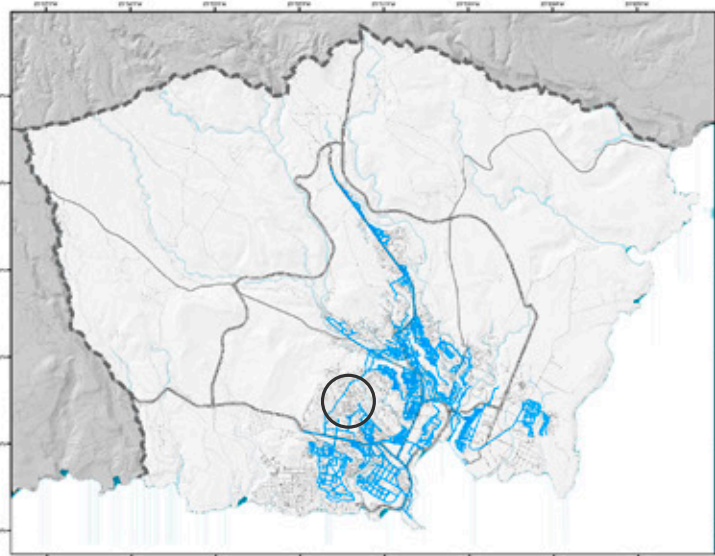


APÊNDICE IV: Ficha de bairro de classe C (Belavista).

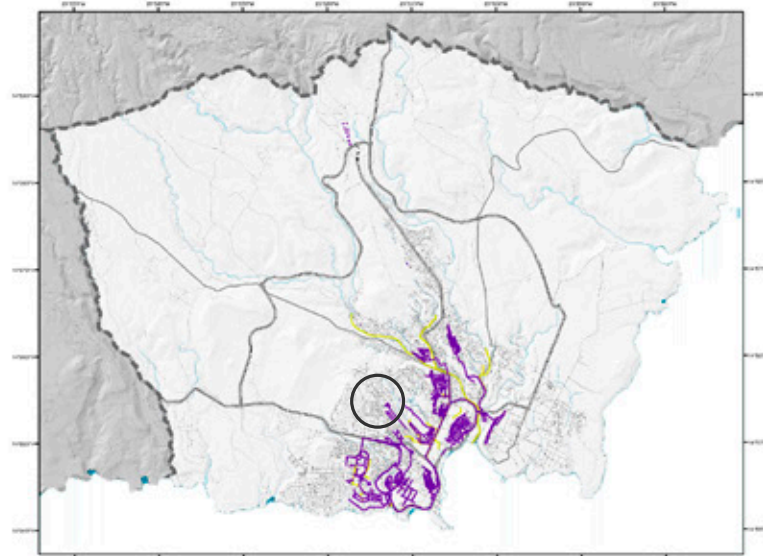


Imagens ©2018 DigitalGlobe, Dados do mapa ©2018 Google 200 m

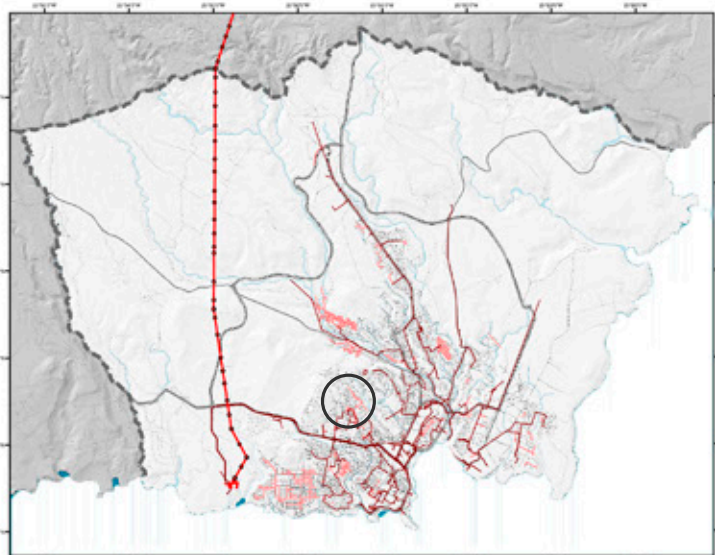
Redes de Infraestruturas



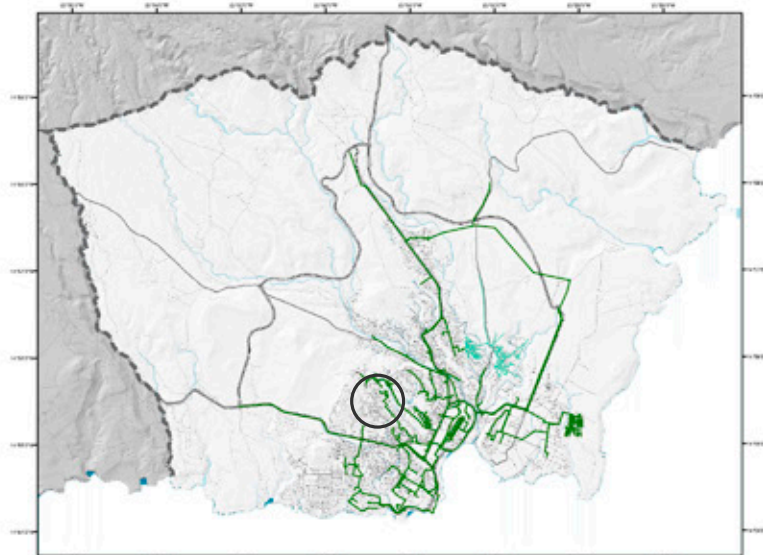
Rede de água



Rede de esgotos e drenagem pluvial



Rede de eletricidade



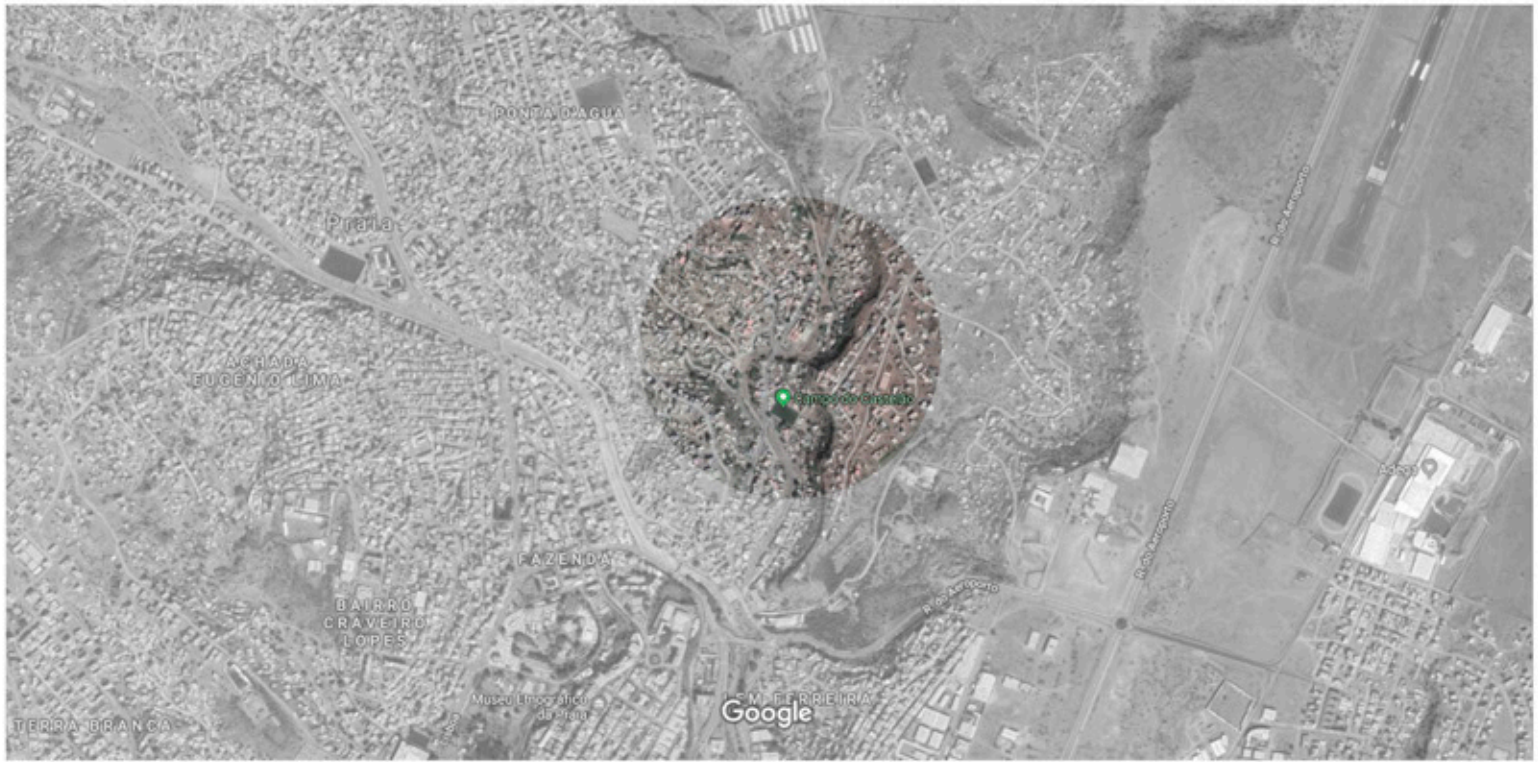
Rede de telecomunicações



Planta de Território - escala 1:5000

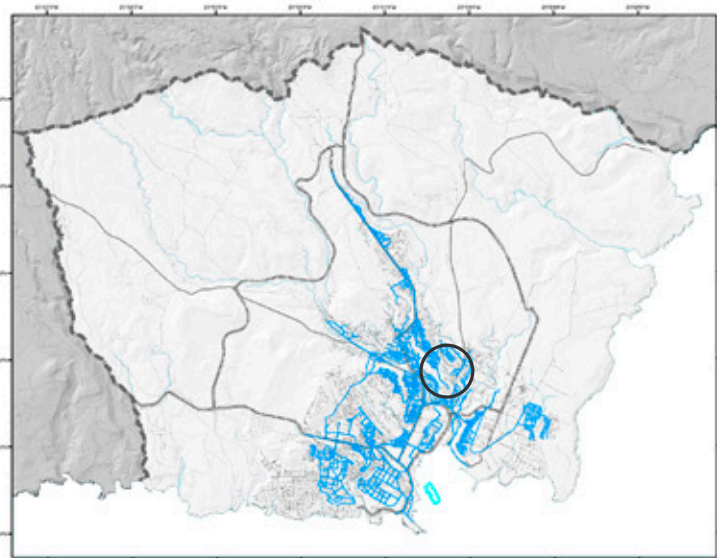


APÊNDICE V: Ficha de bairro de classe C (Coqueiro/Castelão).

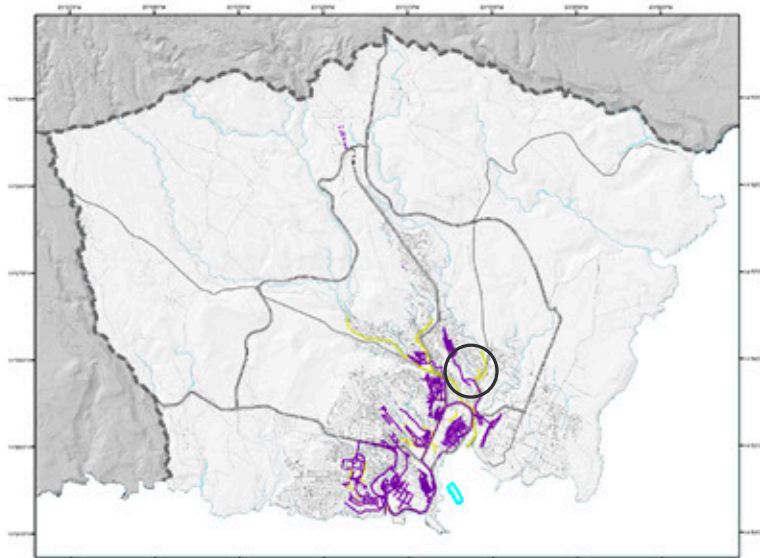


Imagens ©2018 DigitalGlobe, Dados do mapa ©2018 Google 200 m

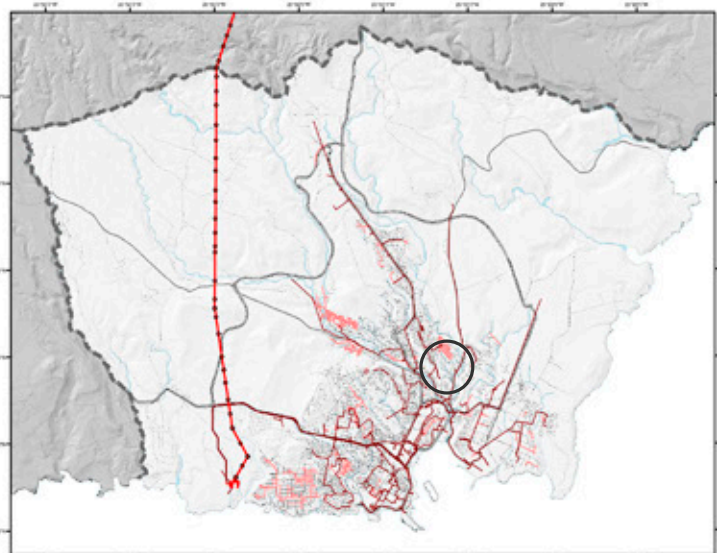
Redes de Infraestruturas



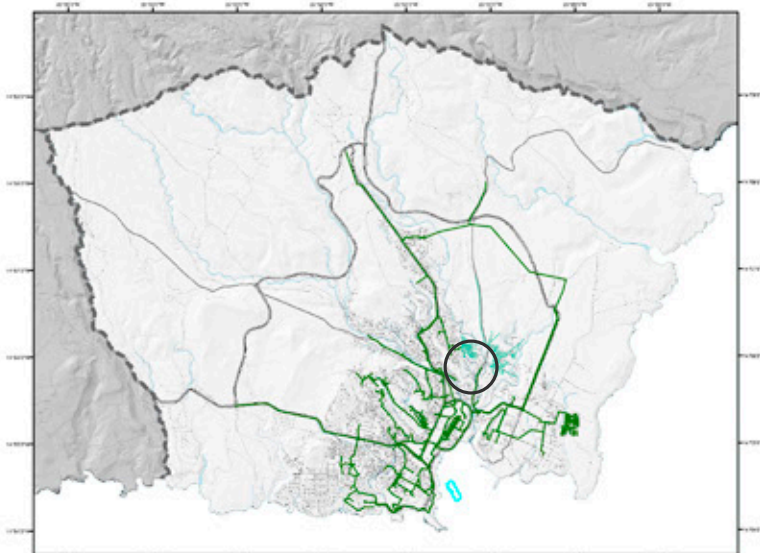
Rede de água



Rede de esgotos e drenagem pluvial



Rede de eletricidade



Rede de telecomunicações



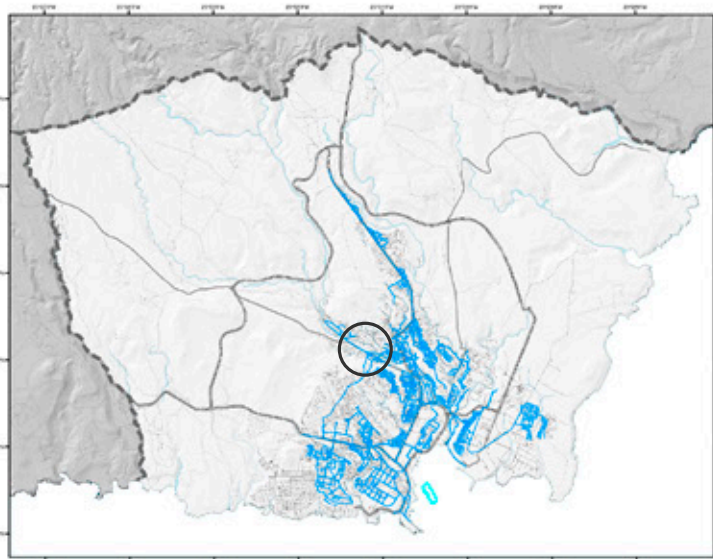
Planta de Território - escala 1:5000



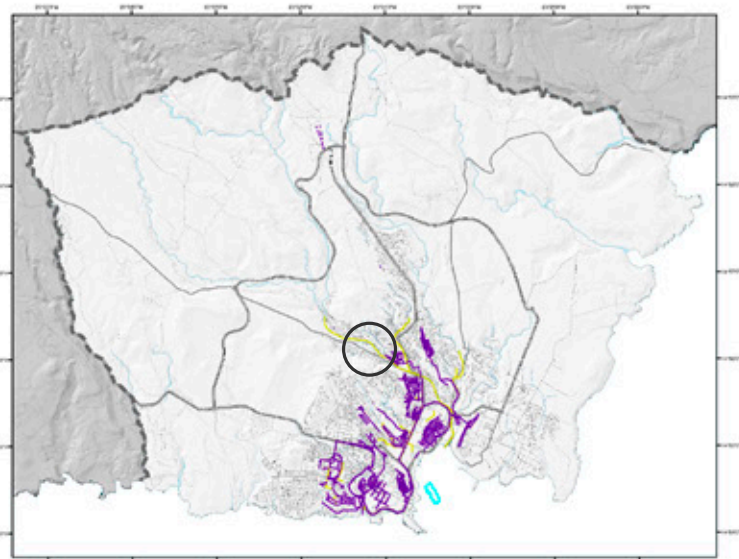
APÊNDICE VI: Ficha de bairro de classe C (Pensamento).



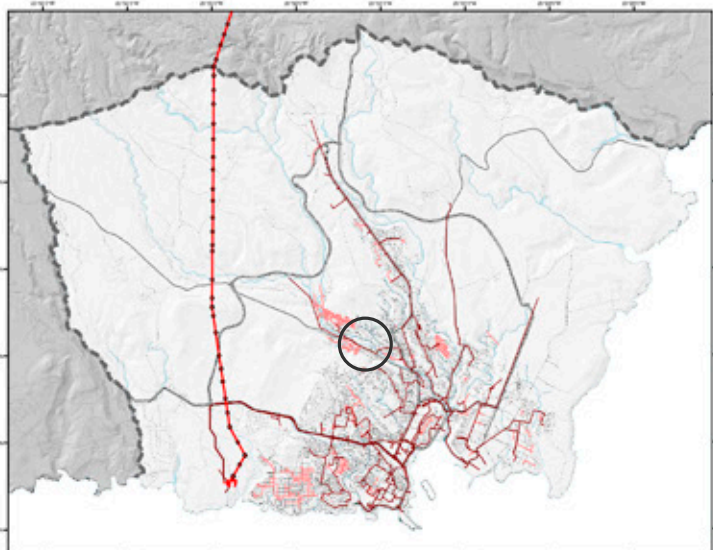
Redes de Infraestruturas



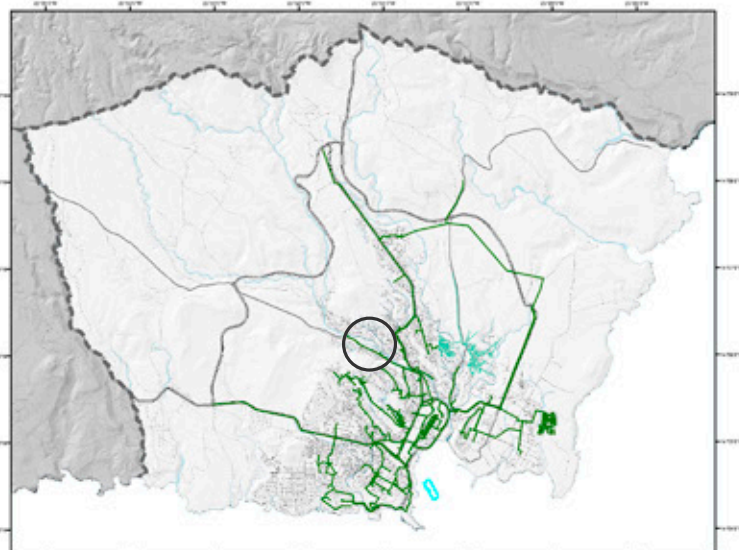
Rede de água



Rede de esgotos e drenagem pluvial



Rede de eletricidade



Rede de telecomunicações



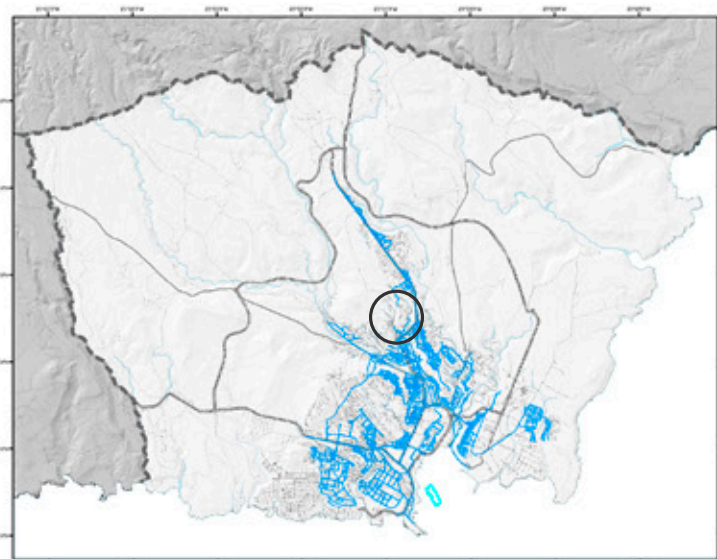
Planta de Território - escala 1:5000



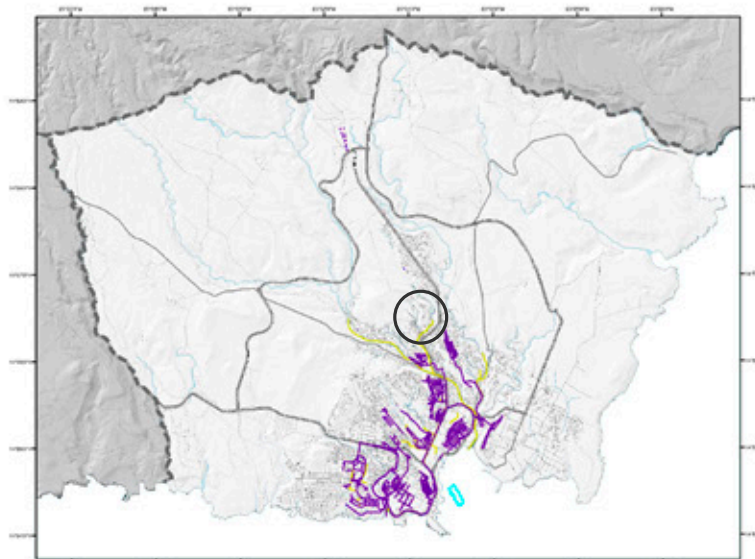
APÊNDICE VII: Ficha de bairro de classe C (Safende).



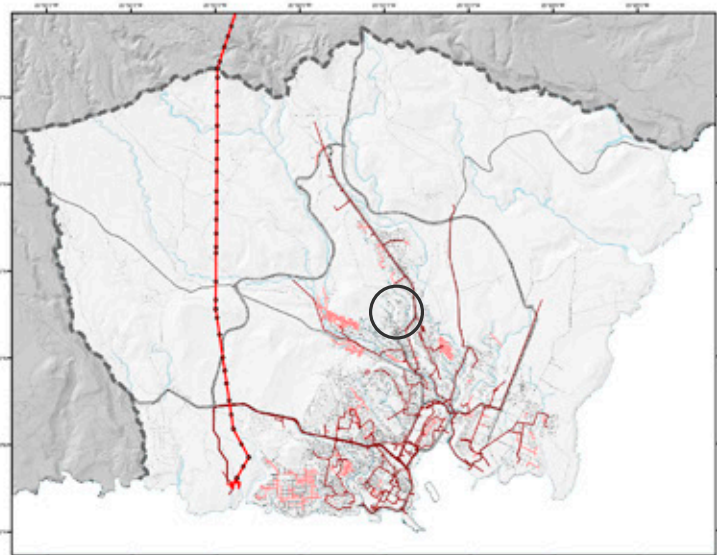
Redes de Infraestruturas



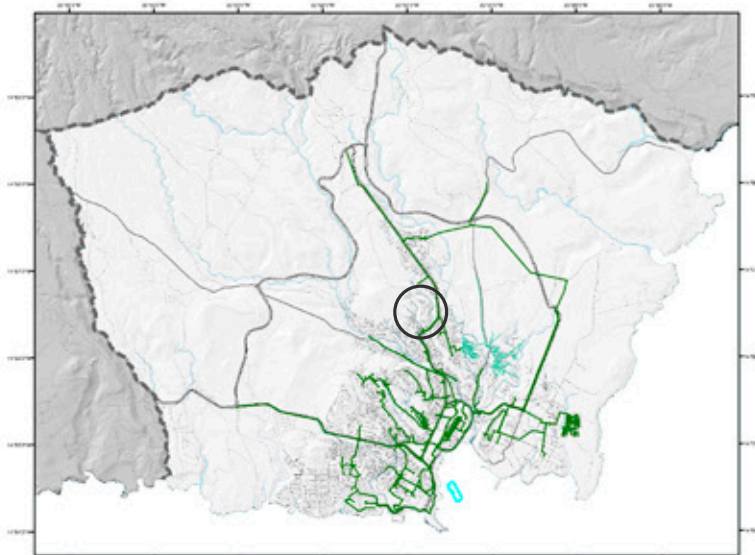
Rede de água



Rede de esgotos e drenagem pluvial



Rede de eletricidade



Rede de telecomunicações



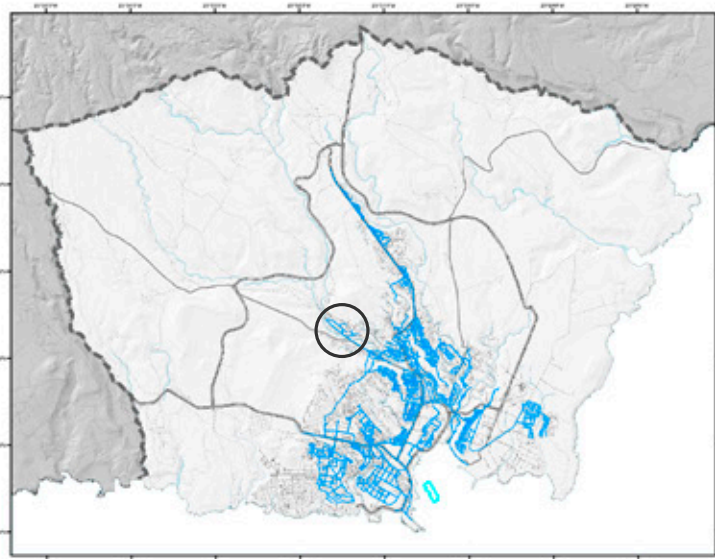
Planta de Território - escala 1:5000



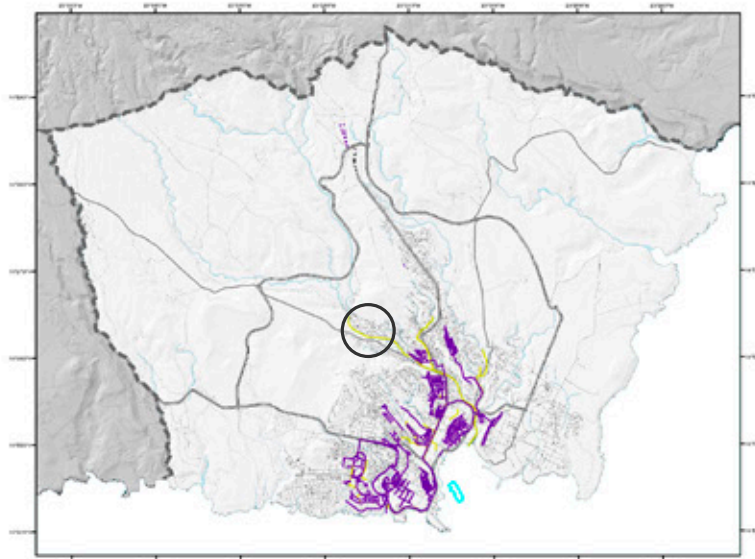
APÊNDICE VIII: Ficha de bairro de classe C (São Pedro Latada).



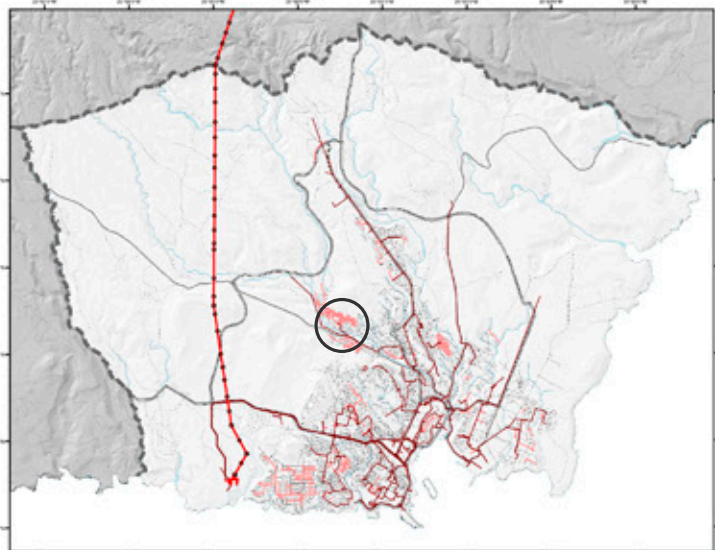
Redes de Infraestruturas



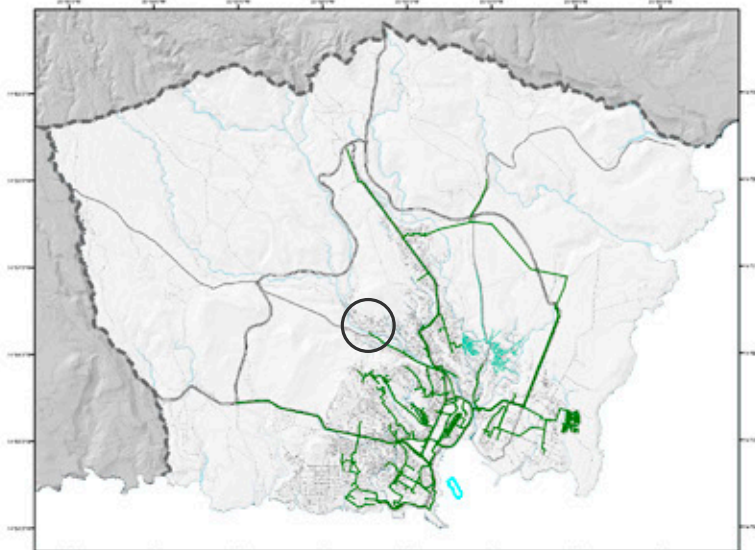
Rede de água



Rede de esgotos e drenagem pluvial



Rede de eletricidade



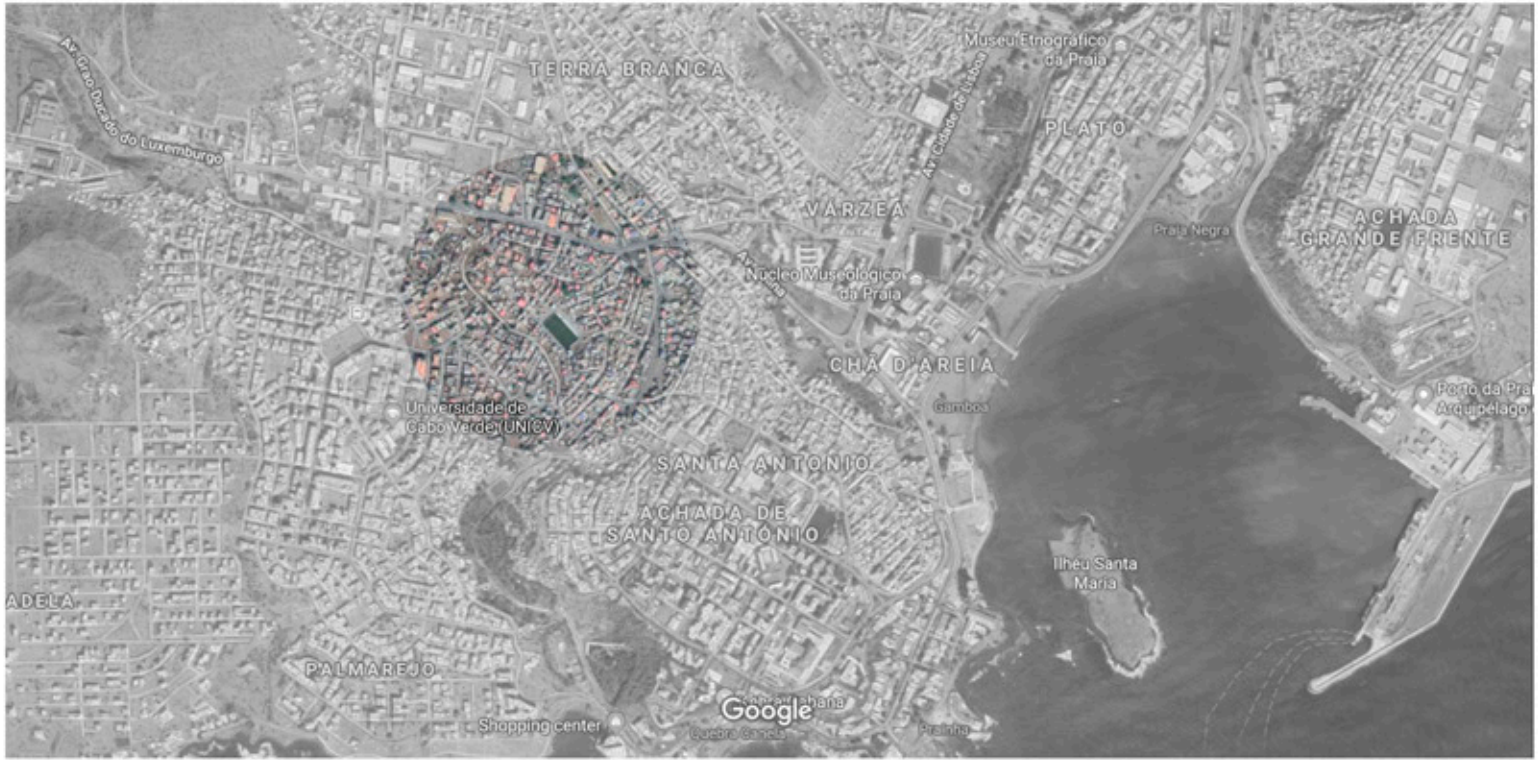
Rede de telecomunicações



Planta de Território - escala 1:5000

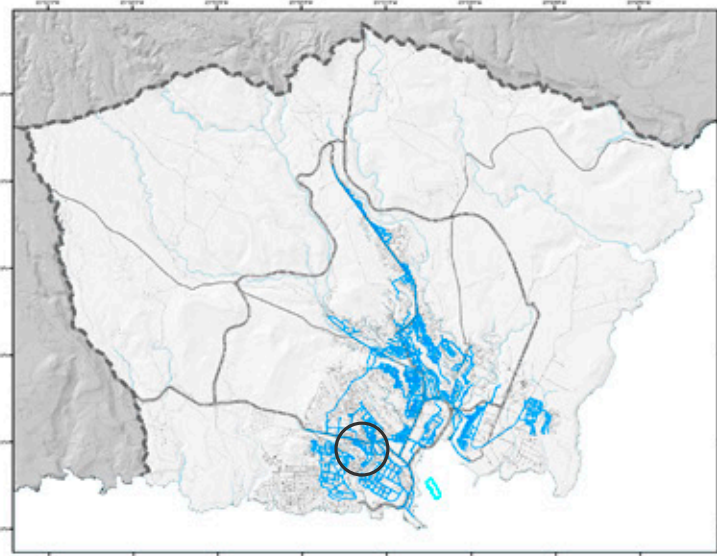


APÊNDICE IX: Ficha de bairro de classe C (Tira Chapéu).

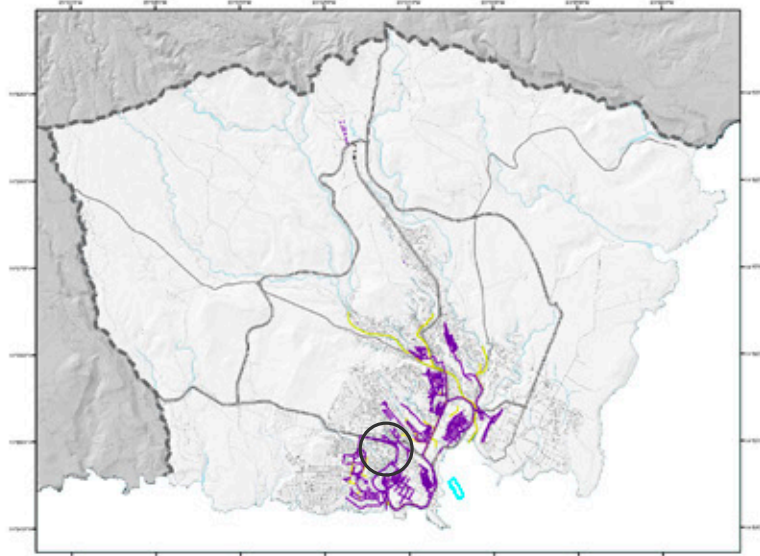


Imagens ©2018 DigitalGlobe, Dados do mapa ©2018 Google 200 m

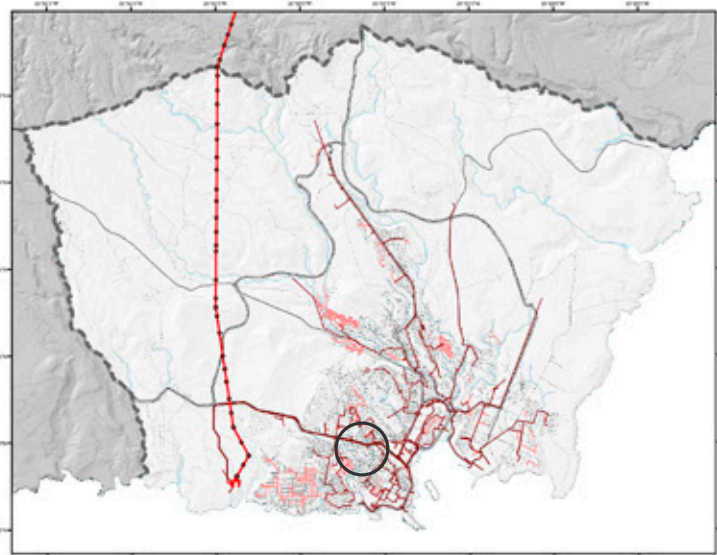
Redes de Infraestruturas



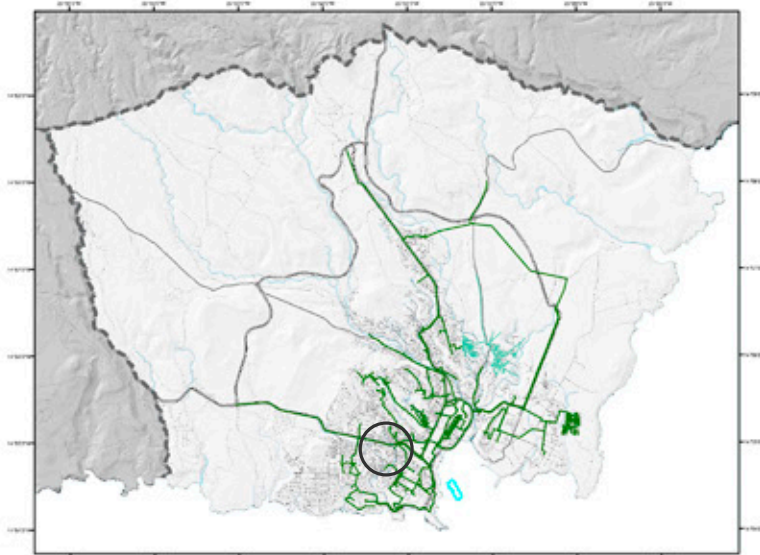
Rede de água



Rede de esgotos e drenagem pluvial



Rede de eletricidade



Rede de telecomunicações



1



2

APÊNDICE X: Visita à Cidade da Praia, Março de 2018

O objetivo da visita foi fazer um reconhecimento do território periférico da Cidade da Praia, focando em intervenções pontuais de revitalização social e comunitária, neste caso em específico, os campos de futebol de relvado sintético doados pela Câmara Municipal da Praia. A visita teve início pela manhã e teve uma duração de aproximadamente três horas.

*

O primeiro bairro visitado foi o de Calabaceira (1) que, apesar da sua relativa centralidade em mapa, reconhece-se como um bairro de periferia, devido à separação formada por uma das principais linhas de água que atravessam a cidade em direção ao mar. A visita ocorre durante o horário de aulas, mas, neste caso, o campo encontra-se cheio de crianças, o que sugere que esteja associado à escola secundária que anuncia a entrada no bairro. Aqui identificam-se as características principais que se irão multiplicar por todos os outros campos: uma vedação a todo o redor, relvado sintético verde e muros azuis representativos da cor da equipa de Cabo Verde. Nota-se também que não existem bancadas ou zonas de descanso, o que se interpreta como que as atividades praticadas sejam mais atrativas a jogadores do que a espetadores. Outra observação quase imediata é que não são identificadas estruturas complementares ao campo, como balneários, zonas de arrumo ou outros espaços de apoio convencionais. No entanto, e neste caso em específico, acredita-se que as instalações da escola possam desempenhar essas funções. A escola e o campo criam uma zona de grande dinâmica e movimento, atraindo comércio ambulante informal na área que antecede a entrada a estes espaços. Cria-se assim um espaço de preparação, sob a forma de um descampado, que serve como um filtro entre a via pública onde passam os carros, e os dois equipamentos, maioritariamente utilizados por crianças.

O percurso continua até ao bairro de Safende, onde a entrada é feita através de uma estrada calçadada, de onde se podem observar várias construções informais implantadas em encosta. Aqui o ambiente muda em relação ao bairro de Calabaceira, a paisagem é mais árida e o estado de urbanização é menos avançado. Seguindo pela estrada principal, a única em fase de acabamento, revela-se ao fundo um muro azul, anunciando o próximo campo de futebol. Igualmente ao campo de Calabaceira (2) encontra-se um terreno vazio entre a entrada e



3



4



5



6

a via pública, neste caso limitado por um lado por uma linha de água que enche quando chove, que faz a filtragem da transição entre espaços e garante a segurança das crianças que frequentam o campo; há uma inexistência de bancadas e áreas de sombra; e há uma necessidade de infraestruturas de apoio a balneários, áreas comerciais e áreas de arrumo. No entanto, aponta-se como principal diferença, o trabalho de iluminação pública, onde o campo ganha os seus próprios holofotes, servindo como reforço de iluminação da área que, anteriormente, seria entre fraca a inexistente. Este campo encontrava-se vazio e de porta fechada (3), sugerindo um responsável pelo horário de funcionamento e pela distribuição das atividades.

A chegada a uma cota superior permite observar o terreno acidentado da cidade e seus arredores, e o pontuado cinzento que caracteriza o panorama da capital do arquipélago (4). O sentimento neste ponto é de distância e exclusão, enquanto observa-se ao longe a grande mancha densa que é a Cidade da Praia. As coberturas das construções são muitas vezes coloridas, de chapa metálica, contrastantes com o cinzento das fachadas inacabadas, e em procura de novas soluções de sombreamento. Outros elementos marcantes na paisagem, são os caminhos serpenteantes que envolvem as construções, na sua maioria identificados apenas pela sua marcação na terra, e a vegetação pontual espontânea, que parece servir como o único elemento regulador na determinação de onde implantar e onde não construir. O bairro está consolidado, mas as suas construções encontram-se quase todas a meio de um processo de evolução. As fachadas têm o mesmo tratamento que as empenas, com a exceção de construções pontuais avançadas no processo de regularização, facilmente identificáveis através das suas fachadas frontais terminadas e pelo número de pisos que, em geral, é entre dois e três.

Saindo do bairro, chega-se a uma estrada principal alcatroada que faz a ligação entre a capital e o resto da ilha, avançando até à próxima paragem no mapa, o bairro de Ponta d'Água. Este bairro apresenta um nível de urbanização mais avançado: as construções são mais altas, as empenas foram rebocadas, os espaços entre as construções são menores e em menor número e a estrada principal é alcatroada, propriamente iluminada e com uma transição progressiva entre a via pública e o espaço privado de entrada das casas (5 e 6). Em geral, a vida do bairro tem outro dinamismo, existem vários comércio locais e a moral é mais elevada. O campo de futebol de Ponta d'Água está rodeado de construções e, ao

7



8

9



10



11

12



contrário dos dois anteriores, não tem um átrio de entrada. No entanto, está implantado numa área mais residencial e distante da estrada principal.

Encontram-se aqui os primeiros blocos habitacionais do programa *Casa para Todos* que definem um pequeno condomínio numa das laterais do campo (7). Este conjunto de apartamentos é inverso à lógica que se verifica no resto do bairro, maioritariamente constituído de unidades habitacionais unifamiliares. Observa-se aqui que, apesar de o carácter de condomínio remeter para um sentimento de comunidade maior entre os seus moradores, este também cria um sentimento de exclusão em relação ao resto da vizinhança. Apesar de não ser um condomínio fechado, há uma barreira moral que impede o resto do bairro de usufruir do pátio existente, ficando reduzido a um espaço interior reservado (8). Assim, a função de praça pública é assumida pelo campo de futebol que, na hora da visita, encontrava-se ocupado e cheio de vida. Este campo apresenta características que sugerem uma sensibilidade maior no processo de desenho: as suas dimensões são maiores e os seus lados estão alinhados com os limites dos blocos habitacionais sociais. Além disso, regista-se aqui, pela primeira vez, uma intenção de implementação de mobiliário público, e a organização das equipas por cores e por bancos sugerem um sentido de responsabilidade maior (9).

Contornando o campo por caminhos de terra, chega-se a uma parte da Ribeira de São Filipe. Entre construções inacabadas, é possível observar ao fundo um dos mais recentes projetos do programa *Casa para Todos*, em Achada Limpo (10). A ribeira separa as duas realidades, opostas e adversárias, como se viria a sentir mais tarde, do outro lado. Ao longo do caminho, parou-se na zona de Castelão, dando especial atenção ao centro comunitário encontrado, e à placa desportiva adjacente (11). Observando o interior, identifica-se a existência de bancadas que, juntamente com a associação ao centro comunitário, sugerem que aqui, as atividades praticadas, têm um carácter mais público e polivalente (12).

A viagem continua até ao campo de Achada Mato, localizado na entrada do bairro com o mesmo nome. É facilmente identificável na paisagem cinzenta e árida, com as suas cores contrastantes: o verde do relvado e o azul dos muros. As construções envolventes são dispersas e inacabadas, espalhadas ao longo do caminho principal calcetado. Como os outros campos visitados anteriormente, este campo encontra-se completamente vedado e de

13



14



15



16



porta fechada (13). Finalmente, uma interpretação livre permite perceber a dupla realidade destas construções: são produzidas como um meio de disponibilizar espaços públicos úteis e agradáveis, estética e infraestruturalmente acabados, às populações carenciadas, no entanto, a sensibilidade do material e a exigência de manutenção periódica, obrigam a um controlo que acaba por limitar o carácter público da intervenção. Em soma, a inexistência de estruturas complementares já mencionadas, faz com que não haja um aproveitamento total do potencial do equipamento como um revitalizador urbano.

A regularização de espaços informais destinados à prática do desporto é uma experiência comum. Encontra-se, neste mesmo bairro, um exemplo curioso: uns metros depois do campo de futebol, onde a estrada forma uma ramificação, forma-se um gaveto triangular, agora ocupado por um pequeno e irregular campo de basquetebol (14). A mesma lógica está por trás dos campos de futebol. Na maioria dos casos, começam como áreas não edificadas que, devido à sua amplitude, vão sendo ocupadas como espaços para atividades em grupo. Sendo o futebol o desporto rei em Cabo Verde, estes espaços eventualmente acabam por ser estabelecidos como áreas destinadas à prática deste desporto por parte da população local. O último passo é dado pelas entidades responsáveis de regularização, que reconhecem oficialmente, o que já teria sido decidido intuitivamente pela comunidade.

O bairro de Achada Mato já passou por uma primeira fase de requalificação, estando mais desenvolvido que, por exemplo, o bairro de Safende. Regista-se uma tentativa de desenho da via pública, com passeios e postes de iluminação, no entanto, continua-se a reconhecer a falta de tampas de saneamento (15). As construções são maioritariamente de um piso e continuam separadas entre si por lotes vazios, apesar de já haver uma regra mais clara na distribuição dos terrenos. De um dos extremos do planalto a visão é direta até à antiga cidade colonial, batizada de Plateau. Percebe-se aqui, como as construções tornam-se cada vez mais dispersas à medida que nos afastamos do centro da cidade, sendo difícil reconhecer uma lógica ocupação e expansão. Outra observação feita, é o aproveitamento das coberturas das construções como terraços (16). O terraço funciona como uma expansão do pátio da casa, que muitas vezes só existe numa fase inicial em que o terreno ainda não foi ocupado na sua totalidade. Sendo importante conservar um espaço exterior, seja de lazer ou auxiliar a outras atividades que, devido às dimensões e condições dos alojamentos, não podem ser praticadas no interior, a cobertura da casa, muitas vezes, funciona como mais

17



18



19



20



uma divisão. Na mesma linha de pensamento, identifica-se assim que, a inexistência de um espaço exterior privado adjacente à unidade de habitação mínima, é um dos primeiros fatores na justificação da impopularidade dos fogos do programa *Casa Para Todos*, como as próximas paragens, em Achada Limpo e Achada Palha de Sé, viriam a confirmar.

Chegando a Achada Limpo, encontra-se um dos últimos projetos construídos no âmbito do programa (17, 18 e 19). Há uma implantação em grande escala de blocos habitacionais, numa zona completamente periférica e isolada, o que se interpreta como uma tentativa de criar áreas de expansão planeadas, que imponham novas centralidades capazes de aliviar a densidade do centro da cidade. No entanto, esta intenção não foi bem-sucedida. Os fogos encontram-se vazios e, as dívidas levantadas ao longo do processo de construção, obrigaram à alteração do caráter dos bairros, passando de uma ajuda social, para a venda de habitações destinadas à classe média. No entanto, não houve o envolvimento de nenhum dos dois lados. Enquanto que, para a classe mais baixa, o realojamento a estas novas áreas significa permutar a possibilidade de um investimento a longo prazo, por um apartamento mínimo estático, tudo num longo processo burocrático que origina novas dívidas vitalícias; para a classe média, não há nenhum fator preferencial que motive a compra de um apartamento isolado, num bairro-dormitório à saída da cidade, destinado inicialmente, para ajuda social. Assim, o investimento feito na construção dos blocos e na infraestruturização das áreas que os envolvem, encontra-se atualmente injustificado. Identifica-se aqui que, para uma eficiente consolidação de um novo bairro habitacional, é necessário considerar as estruturas públicas auxiliares a uma área residencial. O primeiro passo tomado como tentativa de reverter este fenómeno, foi a transformação de um espaço destinado a salas de condomínio, para a formação de um novo liceu, juntamente com a transferência de estudantes inscritos em escolas fora dos limites do bairro, tornando a nova área mais apelativa a famílias jovens.

Deste lado pode-se observar o bairro de Ponta d'Água, separado no território pela Ribeira de São Filipe (20). Sente-se uma tensão na paisagem enquanto as duas realidades encaram-se de frente. Os limites do condomínio estão protegidos por muros de pedra, encimados por arame farpado. Os espaços públicos de lazer, uma pequena praça e um parque infantil, estão num confronto visual direto com as construções informais que pontuam o outro lado da ribeira. Assim, assume-se um diálogo quase poético, entre os dois momentos de expansão da cidade: o primeiro, informal, caótico e movimentado; e o segundo, planeado,

21



22



23



24

25



26



27



geométrico e abandonado.

Para concluir a visita, atravessou-se a cidade, seguindo até poente. Neste lado da cidade encontram-se bairros menos problemáticos e com um nível de urbanização mais avançado, no entanto, é também no limite de alguns destes bairros, onde ocorrem os assentamentos mais precários da cidade. O maior exemplo, é o caso do bairro do Alto da Glória, localizado nas imediações do bairro de Terra Branca (21). Uma curiosidade sobre este bairro é que, até há alguns anos atrás, era chamado pelos moradores locais de *Bairro do Inferno*. Este nome servia tanto para justificar as condições da área, como para intimidar personagens exteriores. Posteriormente, como uma das medidas para ajudar a subir a moral da comunidade, este nome foi substituído por Alto da Glória. Este ponto era uma paragem obrigatória da visita, por reunir os critérios pretendidos na escolha da área de estudo em específico: é um bairro informal jovem, em fase de consolidação e que ainda não sofreu nenhum processo profundo de requalificação, o que permite estudar as possibilidades de elevação do perfil geral do bairro, através de momentos de revitalização urbana e social, tornando-o num candidato viável a intervenções e investimentos no futuro. No terreno, são identificados novos fatores não representados em mapa, referentes a intenções locais: vazios que sugeriam possíveis áreas públicas, vêm-se limitados por duas estruturas metálicas frágeis opostas, paralelas, que rematam os lados como balizas num campo de futebol (22). Regista-se então, a primeira fase de um processo que nos outros bairros reconhece-se como mais avançado, sugerindo uma primeira intenção de ocupação e implementação de programa.

O bairro do Alto da Glória é um dos exemplos mais precários da Cidade da Praia. Todas as habitações são autoconstruídas e encontram-se em processo de consolidação, e os serviços que aqui se podem encontrar são muito limitados. A principal ação identificada é a abertura de um caminho principal, marcado em terra, que tenta estabelecer a ordem no caos. Apesar de tudo, sente-se a perseverança da população local e um certo sentimento de comunidade, materializado em intervenções frágeis reconhecíveis, como é o caso de uma pequena capela, uma barbearia e o campo de futebol (23 e 24). Nesta área também é possível estudar vários exemplos do primeiro momento do *quarto de casa*, numa fase em que as construções encontram-se isoladas de forma a reservar as suas áreas para futura expansão (25, 26 e 27).

No fim, o reconhecimento territorial permitiu compreender, não só as dinâmicas de apropriação espacial, mas também as motivações por detrás de cada ação. Num contexto onde a regra é a inexistência de regras, as decisões tomadas apoiam-se num sistema de lógicas associativas que elevam a informalidade a um parceiro desejável no desenvolvimento. No entanto, é importante não romantizar a situação. A espontaneidade e o crescimento descontrolado da cidade criam uma rede de situações que impossibilitam um planeamento prévio e uma prevenção da multiplicação do problema. Acredita-se, portanto, que a Cidade da Praia continuará a crescer livremente e que as tentativas de eliminação deste fenómeno são irrealistas. É necessário reconhecer os problemas como oportunidades e apostar nas especificidades que caracterizam a realidade cabo-verdiana.

